romance policial

(Im)Perfeição



Descobri que o processo de criação de livro é como o preparo para uma maratona e a corrida nela. Você começa com muita animação, mas algum tempo depois aquilo começa a te desgastar. Mas te faz tão bem! Então, quando você finalmente termina, fica tão contente que mal espera para a próxima vez. Obrigada Barbara Herdy, Sofia Sampaio e Jorge Castro por serem meus “personal trainers”.

Para as empresas campo-grandenses: Auto Posto Vilaça, Moda Brasil Baby, Ótica Okulares, Colchão.com e FVV Locadora de Veículos LTDA, meu mais sincero agradecimento por ter investido em mim. Sem essa ajuda, seria quase impossível realizar meu sonho. Obrigada!



CAPÍTULO 1

O dia em que tudo começou não era ruim, na verdade era meu último dia de trabalho na padaria antes das férias. Não que isso signifique que estaria longe da minha chefe, seria impossível já que é a minha mãe. Durante meus últimos meses na universidade, recebi muitos conselhos de professores para fazer mestrado ou aceitar alguma proposta de emprego, e claro, muitas reações negativas quando falei que precisava voltar para minha cidade a fim de ajudar minha família.

Foi uma decisão muito difícil, queria muito levar as duas vidas ao mesmo tempo, você até mesmo pode falar que quero abraçar o mundo com as pernas, e eu entendo, sei que meus braços são curtos demais. Mas gosto muito da minha vida em Forest Hill, foi essa rotina que escolhi para mim; mas isso não me impede de ficar imaginando como ela seria se eu estivesse trabalhando em algum grande ateliê, fazendo jus aos meus anos na Universidade do Estado da Flórida e ao meu diploma em Artes Visuais. Acordar às oito da manhã em vez das cinco não faria mal para minha pele – nem para meu humor.

Trabalhava na padaria da minha mãe desde a inauguração, dez anos atrás. Antes de ir para a faculdade aos vinte, as vendas no balcão eram minha responsabilidade e, quatro anos depois, as entregas passaram a ser. Minha mãe, Bonnie Fields, carrega a fama de ser carrancuda, mas isso é culpa de sua feição séria que nem mesmo seus cabelos longos e cacheados, um castanho-claro quase loiro, são capazes de disfarçar. Mas confie em mim quando digo que ela ri por qualquer motivo, inclusive se você falar "*não ria!*". Chloe e eu já fizemos esse teste e ela realmente ri com a frase, sério.

O sol ainda não tinha nascido, apesar de alguns raios já começarem a aparecer. A rua estava parada e não era possível escutar nada além de uma ou duas buzinas bem ao longe. Forest Hill não era uma cidade pequena e

nem mesmo grande, mas sim o equilíbrio entre esses dois extremos. O falatório dentro da minha cabeça quase me fez perder o horário; entre colocar a calça e uma camiseta, debatia em pensamento se era uma boa ideia tomar café da manhã ou não – ser pontual nunca foi o meu forte.

Para não ser fonte de reclamações, decidi que iria pegar a primeira fruta que estivesse no balcão da cozinha e ir o mais rápido que pudesse para a padaria, onde certamente as primeiras fornadas de pães já começavam a ficar prontas. Assim que desci as escadas, pronta para colocar meu plano em prática, vi que Chloe já estava em pé; bom, mais ou menos, já que ela estava esparramada no sofá com os cabelos ainda desgrenhados. Ela é minha irmã mais nova, tem dezesseis anos e é a perfeita junção de toda a família: tem o maxilar quadrado de meu pai, minhas bochechas grandes e o cabelo de minha mãe, mas o dela é completamente loiro.

— Não perde o horário hoje, não tem como você continuar a ser barrada nas aulas por causa de atrasos — falei enquanto pegava uma maçã e ignorava o fato de que eu era exatamente como ela.

A rainha dos atrasos alertando a irmã para não os cometer. Chloe não disse uma palavra, somente a vi levantando o polegar lentamente. Para ser honesta, minha irmã se atrasava porque queria, visto que se o compromisso fosse do interesse dela, era capaz de chegar primeiro do que todo mundo.

Por saber que não existiria qualquer outro tipo de interação ou reação da parte dela, não perdi mais tempo e andei a passos largos até o quintal, subi na minha bicicleta e fui para a padaria. Minha mãe costuma chegar às quatro horas da manhã, assim consegue um tempo sozinha para refletir e agradecer. Dentro da cozinha, ela fecha os olhos e visualiza todas as coisas boas que aconteceram na vida até momento. De certa forma consigo entender isso, ela já passou por muitas dificuldades na vida. Meu avô trabalhou em uma fábrica e se aposentou por invalidez devido a um problema na coluna que surgiu devido ao trabalho, minha avó nunca teve uma profissão, sempre foi dona de casa. Então, para eles e os quatro filhos terem condições básicas para viver, minha mãe e seus irmãos começaram a trabalhar cedo na vida.

E ainda tinha a história de meu pai... mas essa eu sempre escolho por não relembrar sem motivo, quanto eu menos pensasse nela, melhor.

Passei por alguns rostos conhecidos na rua e dei bom dia, morar na mesma cidade em que nasceu e todos os dias fazer o mesmo roteiro fora do horário de pico rendem momentos assim. Eram quase seis da manhã e o

canto dos pássaros preenchia o silêncio da ausência dos veículos – esse poderia ser um dos motivos para acrescentar na lista de “Motivos pelos quais Sophie Fields voltou para Forest Hill”, afinal, era bem provável que eu não presenciaria coisas assim se eu ainda vivesse em Tallahassee.

Deixei minha bicicleta no beco que ficava entre a padaria e uma loja de sapatos, eu sempre entrava pelo acesso lateral que ia direto para a cozinha. Era o caminho mais curto para pegar um pão. Eu tinha que aproveitar a vantagem de ter uma mãe dona de um negócio de alimentos. Entre as opções, peguei um pão comprido coberto com queijo, era uma das especialidades da minha mãe, nenhum outro lugar da região, quiçá da cidade, fazia algo tão gostoso quanto ele. Modéstia à parte, claro.

— Já estava cogitando fazer outra leva de pães — ouvi a voz tão conhecida por mim e meus olhos foram diretos para a porta que separava a área comercial da cozinha, minha mãe estava escorada na parede e com os braços cruzados.

Eu, que estava mastigando, parei na hora e sorri de maneira sem-graça. Coloquei o pão na mesa, limpei minhas mãos em um pano de prato que estava perto e terminei de engolir o pedaço que ainda estava na boca.

— Não precisa, já cheguei — falei com minha típica cara de pau. A primeira entrega era para daqui meia hora, ainda conseguiria chegar a tempo — Bom dia! — completei com um sorriso e o peito estufado, reunindo um bom humor que até o momento não sabia se já estava pronto para ser usado, mas eu tinha certeza de que minha mãe estava se perguntando onde eu guardava tanto óleo de peroba.

Passei por ela para ir até o balcão pegar todas as encomendas, Louise já estava trabalhando e parecia estar em um bom dia. Algo que, aos poucos, tem se tornado frequente. Há seis meses surgiu na porta da padaria pedindo emprego, após contar sua história que envolvia passado complicado e ser recente na cidade, minha mãe sentiu pena e decidiu dar uma oportunidade. Apesar de sua aparência atípica para os moradores conservadores da região, ela conseguiu se adaptar bem.

Louise tem um modo de se vestir agressivo que se contrasta com seu rosto de boneca. O cabelo loiro cortado no estilo *joãozinho* com uma franja lateral cortada na altura da orelha dividia atenção com as bochechas naturalmente rosadas, nariz delicado e o batom vermelho que destacava seus lábios carnudos. Diferentes tatuagens chamavam atenção para seu

corpo, mas todas com data marcada para sair – apesar da pose, ela tinha pavor de agulhas.

— Bom dia, Louise — acenei de longe e caminhei até a cesta que já estava pronta com os produtos que seriam entregues.

— Bom dia, Sophie. Perdeu o sr. McBrian hoje — me respondeu sorrindo.

McBrian eram um senhor que frequentava todos os dias a padaria, andava de um lado para o outro, olhava fileira por fileira, tipo por tipo para decidir o que levaria, como se em um passe de mágica surgisse uma nova opção. Louise e eu costumávamos a fazer apostas sobre o que ele iria comprar no dia.

— E como foi hoje? — perguntei, normalmente ela era quem dava os palpites certos.

— Ele quase bateu o recorde, ficou quase trinta minutos, mas a dona Martinez chegou e pediu pão árabe. Adivinha o que ele escolheu — Louise tentava conter uma risada, Rosa Martinez era a mulher por quem McBrian tinha uma queda, ele sempre aparecia nos mesmos horários que Martinez costumava ir e esperava pela chegada dela.

— Estou indo, até mais Louise — Falei em meio a um riso que não consegui segurar.

Talvez um dia ele finalmente consiga falar alguma coisa para ela.

— Boas férias! — escutei Louise gritar enquanto eu saía pela porta da frente.

Dentro do carro da padaria, coloquei a cesta no banco de trás. Não iria com a bicicleta por dois motivos: primeiro, a primeira parada era no limite da área urbana e segundo, não para uma pessoa que vez e outra está atrasada, se arriscar com apenas duas rodas que dependem de força e resistência para se movimentarem.

Antes de dar partida no veículo, mentalmente fiz o roteiro daquela manhã, primeiro iria no casal Rickenter, em seguida na mercearia perto da minha casa e, por último, no Departamento de Polícia.

O casal Rickenter era quase sexagenário, morava em uma casa que ficava entre a área urbana e rural da cidade – próxima ao pântano da região. A única coisa que sei sobre eles é que somente os dois residiam na casa, comecei a fazer entrega no endereço deles há pouco tempo.

Para chegar até eles, é preciso subir um caminho com pedras e, para uma pessoa que geralmente se confunde nas marchas do carro, ele era um

momento que eu considerava como de total superação pessoal. A senhora Rickenter já me esperava na varanda, ela costumava sentar na varanda em sua cadeira de balanço para tricotar; isso me lembrava as avós que assistimos em filmes, apesar das rugas estarem aparecendo somente agora.

Eu tinha uma forte impressão de que eles na verdade criavam a aparência de *casal idoso que mora afastado de todos e com uma vida tranquila*. Talvez o modo de vida que eles levavam quando mais novos fez com que esse desejo surgisse – apesar de ainda não saber qual era a profissão deles.

Parei o carro próximo da casa, mas não muito perto, tinha um sentimento de que isso poderia incomodá-los, como se eu estivesse invadindo a privacidade deles.

— Bom dia, senhora Rickenter — a cumprimentei ao me aproximar da varanda.

O sol começava a esquentar e senti gotículas de suor escorrendo na testa, apertei o passo para que chegasse em um tempo menos até a sombra.

— Bom dia, pequena. Como tem passado? — ela perguntou ao se levantar da cadeira.

Automaticamente, meu rosto começou a fazer uma careta, mas percebi a tempo suficiente para contê-la. Não me importo com apelidos fofos, mas me chamar de pequena acredito que não seja apropriado. Tenho 1,73m, isso não é ser pequena. Mas levei tranquilamente, a senhora Rickenter tinha essa mania de ficar me chamando de apelidos do tipo, como se eu fosse neta dela.

— Estou muito bem, e a senhora? Não vejo o sr. Rickenter hoje na varanda — comentei ao olhar por cima dos ombros dela, o marido costumava sentar em uma cadeira com almofadas ao lado da cadeira de balanço.

— Ele deu uma saída. Algum animal está se aventurando fora dali — ela apontou para a floresta. — Venha, entre. Você deve estar um pouco cansada por ficar mexendo com pedais, volante e câmbio — a senhora Rickenter apontou para o interior da casa e um sorriso sereno estampava seu rosto.

Arregalei os olhos com o convite inesperado e agradeci o gesto dela. Com a cesta no meu braço, a segui para dentro da casa, era a primeira vez que isso acontecia em uma entrega para o casal. A residência era pequena, mas caberia tudo o que o casal quisesse colocar. Para chegar na cozinha, era preciso passar por um corredor e uma estante, nela, várias fotos estavam

expostas, em uma rápida olhada, consegui ver um pedaço da história do casal.

Em uma das fotos, o casal estava acompanhado por policial em frente ao Departamento de Polícia, e em outra, uma criança vestida com um macacão jeans largo e boné virado para trás estava no meio dos dois, os três estavam sentados, parecia um piquenique.

— Vocês têm um filho? — perguntei para puxar algum assunto com a senhora.

Entramos na cozinha, os armários eram de madeira e uma grande mesa ocupada o centro do ambiente.

— Não, apenas uma filha — ela olhou para mim e sentou sem pressa em uma das cadeiras.

— É que vi uma foto de vocês com uma criança e ele logo supus isso, desculpa — falei enquanto pegava o pão dela o colocava na mesa, era um dos caseiros famosos de minha mãe.

Percebi que a senhora Rickenter forçou um sorriso, aqueles em que a pessoa curva os lábios e o olhar vai de um lado para o outro, inquieto, como se estivesse esperando para que nossa atenção se direcionasse para outro lugar. Achei estranho, mas não insisti, já foi um grande passo ter sido convidada pra entrar na casa. A senhora foi até a pia, pegou uma faca e algumas coisas para acompanhar o pão; permaneci no mesmo lugar apenas observando-a.

"*Será que já posso ir?*", pensei sem saber ao certo se ela falaria mais alguma coisa, eu ainda tinha mais encomendas para fazer. Antes que eu falasse alguma coisa, a senhora Rickenter fez um convite – percebi ser mais por educação do que vontade.

— Não quer ficar mais um pouco? Também tenho bolo e café, se preferir — ofereceu gentilmente.

Estranhei, mas como a vejo quase todos os dias, em algum momento nos aproximaríamos, seja para uma amizade, coleguismo ou qualquer outro nome que se possa dar para uma relação de camaradagem entre entregadora e cliente, é natural. Assim que abri a boca para agradecer e recusar, escutamos a porta da cozinha ser aberta de maneira violenta, ela dava para os fundos da casa. Nossa atenção foi imediatamente na direção do barulho e vimos um sr. Rickenter bravo, com a respiração pesada e uma espingarda na mão.

Imediatamente dei um passo para trás, o ver naquele estado foi como estar em um filme de terror onde jovens fogem de algum psicopata. Talvez eu esteja exagerando um pouco, mas eu tinha levado um enorme susto.

— Santo Cristo, Margareth! — ele exclamou ferozmente olhando para a esposa.

Ela, por sua vez, lançou um olhar desentendido, assim como eu, só então o sr. Rickenter notou minha presença na cozinha. Por alguns segundos ele não disse uma palavra, apenar intercalava o olhar entre nós duas, como se ele pudesse conversar telepaticamente com a esposa e perguntava o que eu estava fazendo ali. Decidiu continuar com seu esbravejo em seguida.

— Esse animal está me deixando louco! Não encontrei uma pata incomum sequer! Mas se ele está rondando nosso terreno nesses últimos dois dias achando que vai comer minhas galinhas, está muito enganado! — desabafou andando de um lado para o outro enquanto sua esposa balançava negativamente a cabeça.

— Você tem que fazer uma armadilha para ele, Roberto! Deve ser algum animal grande, o barulho que ele faz com as folhas não é o mesmo que animal pequeno faz — ela estava mesmo preocupada.

Eu conseguia ver a tensão do rosto do casal, o animal provocava medo neles, principalmente na senhora Rickenter. Estava tão absorta no assunto dos que quase esqueci meu horário, o apito de um alarme me trouxe de volta para a realidade e também serviu para que Margareth tomasse algum remédio.

— Gosh! Preciso ir! – falei surpresa com o horário, sete horas, já era para ter feito a entrega da mercearia. — Muito obrigada e boa sorte com esse animal, espero que o encontrem logo — me despedi, peguei a cesta e, a passos rápidos voltei para o carro.

Não escutei a despedida deles, minha cabeça não parava de repetir "*Como pude? Como pude? Como pude?*". Não me preocupava com Joe achar ruim o atraso, ele nunca notava isso, mas sim com os lapsos que costumava ter. O lado negativo de usar o carro para entrega é não poder fazer alguma imprudência como fazia de bicicleta quando estava atrasada. Sempre tinha que equilibrar a atenção no trânsito com a necessidade de chegar o mais rápido possível.

Estacionei o carro na frente da mercearia, o fluxo de pessoas nas ruas estava maior. Dei bom dia para as que encontrei fazendo compras, algumas delas já eram conhecidas de vista. Joe estava apoiado atrás no balcão do

caixa folheando uma revista automotiva. Ele era estranho, apesar da aparência agradável: alto, magro, cabelos pretos e um nariz que, bom, tinha certo tamanho avantajado. Joe não demonstrava má vontade ou mau humor, mas era bem reservado, não sabíamos muita coisa sobre ele, apenas que já foi casado, está na casa dos quarenta anos e tem alguma ligação com estado do Colorado – ninguém sabe ao certo qual é, apenas que algumas cartas foram encontradas e o remetente era de lá. Ele tinha uma imagem misteriosa que nos faz sentir medo e curiosidade.

— Bom dia, Joe — cumprimentei forçando um sorriso, mas a vergonha pelo meu super atraso falhava com a minha intenção.

Joe fechou a revista e a colocou embaixo do balcão, aproveitou para pegar algumas cédulas.

— Bom dia, Sophie, quer sentar? Tomar água? — perguntou ao confundir meu semblante envergonhado com o de cansado.

— Agradeceria imensamente se me desse um copo de água, aqueles bem grandes, sabe? Falei com humor e exagerando o tamanho do copo com as mãos para que ele continuasse com a mesma impressão.

Se ele não se importava com o meu atraso, eu que não iria importuná-lo com isso.

Joe fez um sinal de *ok* com uma das mãos e sumiu no fundo da mercearia, mas em pouco tempo voltou com dois copos cheios, meus olhos saltaram com a surpresa.

— Muito obrigada, Joe, vou adicionar você na minha lista de pessoas bondosas — brinquei, não demorando a tomar em grandes goles aquela água.

— Será? — respondeu entrando na brincadeira. — Vou ter que ver isso depois.

Ri com o que escutei, apesar de Joe ser reservado, quando conversava comigo ou Chloe parecia se soltar um pouco. A não ser quando tentávamos descobrir alguma coisa sobre seu passado, então ele voltava a manter uma distância figurativa da gente. Minha irmã e eu já conversamos sobre isso e nossa teoria é de que ele estaria interessado em nossa mãe.

Coloquei o segundo copo em cima do balcão e me despedi de Joe. A cesta já estava bem mais leve e meu dia ficaria livre depois que finalizasse a rota no Departamento de Polícia. Meu plano era ir para o trabalho de Emily e atormentá-la até ela decidir pegar folga durante a tarde. Nós duas sempre

funcionamos dessa maneira: ela a certinha e eu a que ficava enchendo a cabeça dela de ideias.

Minha casa fica entre a mercearia e a polícia, sempre dou uma rápida passada pela manhã antes de terminar meu trajeto, já era quase oito da manhã, Chloe provavelmente já estava na escola, então aproveitaria para me recompor, trocar a blusa, ajeitar o cabelo, enfim, ficar apresentável. Existia um motivo especial para toda minha preocupação e ele tinha nome e sobrenome: Josh Sanders.

Desci do carro e enquanto atravessa o quintal, brinquei de ficar jogando a chave no ar, porém, mesmo distraída, notei algo estranho. Algo muito estranho. Não era comum ter uma bicicleta ao lado de casa, ainda mais uma que nunca vi. Fui até ela para encontrar algo que identificasse o dono ou o motivo dela estar ali, mas foi em vão. E se alguém invadiu minha casa? Se neste exato momento jogavam minhas coisas em uma mochila grande e preta? Não poderia deixar que levassem coisa alguma.

Paralisei e considerei por alguns segundos o que eu deveria fazer. Decidi pegar um rastelo que estava escorado na cerca que dividia as propriedades, o segurei firmemente na altura dos meus ombros, como se fosse um bastão de *baseball*, a parte de ferro estava pronta para acertar o invasor caso o encontrasse. Abri cuidadosamente a porta, meus dedos se mexiam com o intuito de disfarçar o nervosismo e, ao mesmo tempo, garantir que não existia possibilidade de ele cair das minhas mãos.

Tudo estava intocável na sala, assim como na cozinha. Escutei passos apressados no piso de madeira do andar de cima, respirei fundo e subi as escadas. O que decidi fazer é arriscado, mas é impensável deixar um estranho entrar na minha casa e roubar as minhas coisas. No andar de cima, ainda decidindo qual porta entraria primeiro, uma corrente de ar fechou a porta da entrada.

— Merda! — reclamei em um sussurro ao lembrar que a esqueci aberta, eu estava tão preocupada com o intruso que nem mesmo deixei encostada.

Com o barulho da porta fechando, outro surgiu no quarto de Chloe, presumi que o intruso estava nele e fugiu assustado, para não perder tempo, corri até o cômodo e abri a porta de supetão. Gritei com o rastelo mexendo de um lado para o outro, mas o que era para ser assustador, se tornou assustado: Chloe estava perto da janela em pé e gritou pior do que eu quando entrei pela porta com o rastelo nas mãos.

— Quer me matar, Sophie?! — me perguntou, levando uma mão em seu coração para conferir a rapidez de seus batimentos cardíacos.

— Acho que é você que quer me matar — abaixei os braços e deixei o rastelo de lado. — O que está fazendo aqui?

— O que você está fazendo com esse rastelo? Enlouqueceu? — Chloe me olhou assustada e sem entender o motivo de eu estar ali.

— Eu que faço as perguntas aqui — o susto já tinha passado e eu estava me recompondo aos poucos. — Você não deveria estar na escola? — Estreitei os olhos ao encará-la, minha irmã estava diferente nesses últimos dias, alguma coisa não estava certa.

— Deveria, mas não quis — me respondeu despreocupadamente e sentou na beira da cama, esticando as pernas.

Cruzei os braços e a encarei. Como assim “decidi não ir”? Na escola que Chloe estava aprendendo, eu já estava formada há tempos. Tanto literalmente e, como no caso de agora, figurativamente.

— Mas e você?

Eu não sabia o que responder, apenas que não falaria a verdade.

— Estava passando na frente e vi uma bicicleta desconhecida aqui. Ou você esqueceu que nossa casa está no caminho da minha rota?

Chloe lançou um sorriso amarelo e o silêncio pairou no ar. O olhar dela ia do chão ao teto, pensei em tentar descobrir mais alguma coisa, com ela devemos ser insistentes para conseguir algo, mas eu não tinha tempo para mais nada. A olhei de cima a baixo e me virei para retomar meu caminho.

— O rastelo! — a ouvi gritar e dei meia volta para pegar o objeto.

Antes de descer as escadas, passei no banheiro para arrumar meu cabelo e checar a aparência. Fiz o máximo que pude com tempo escasso que tinha e sem que levantasse suspeitas em Chloe, essa queda por Josh era algo que quase ninguém sabia e eu pretendia manter dessa maneira.

Já no quintal, coloquei o rastelo no lugar e notei que a bicicleta não estava mais no lugar. Minha irmã e eu teríamos uma longa conversa no final do dia. Agora eu iria para minha última parada – e a mais esperada.

Não demorou mais do que dez minutos o caminho entre minha casa e o Departamento de Polícia. Como sempre, várias viaturas chegavam e saíam de um lado e um grupo de policiais conversavam do outro. Cumprimentei com um movimento da cabeça ao passar por eles, sempre estavam no mesmo lugar todos os dias que realizava entrega. Entrei no prédio e me esquivei de alguns recém-detidos que eram levados pelo braço por policiais

carrancudos. Uma mulher mais velha estava sentada no banco, ela parecia triste e desacreditada, talvez fosse mãe ou esposa de alguém que passou a noite em uma das celas. Senti um pouco de pena.

Ryan estava no balcão, o novato que saiu há pouco tempo da academia de polícia, ele cuidava da parte de informações. Assim que me viu, já abriu um sorriso. É estranho quando as pessoas te associam com comida.

— Bom dia! — falei já colocando a cesta em cima do balcão, ela estava muito mais leve.

— Bom dia, Sophie — respondeu olhando para mim, mas logo sua atenção voltou para o trabalho no computador. — Pediram para deixar no lugar de sempre, a salinha da cozinha.

É, eu realmente era sinônimo de comida.

Até que entendo, qual outro motivo eu teria para aparecer por aqui com frequência? Tinha um específico que imaginava, mas não tinha muitas esperanças de se tornar real. Ou talvez aconteça, não é isso o que essas revistas femininas vivem dizendo? Que não é mais tabu a mulher chamar o cara para sair. Antes que eu enlouquecesse com meus pensamentos, respondi um *ok* qualquer para Ryan e fui até o local indicado.

Quanto mais me aproximava, mais o cheiro de café invadia o ar e causava uma resposta do meu estômago. Eu ainda estava com fome. Não conseguia escutar o barulho das pessoas indo e vindo, estavam por ali apenas poucos policiais em seu tempo de folga e os que chegavam para iniciar o turno. Passei na frente de algumas salas e dos vestiários, sempre que a entrega era para ser deixada na salinha, me perguntava o motivo de ser tão longe. Tenho certeza de que, se estivesse aqui, Chloe falaria que ela ficava em Nárnia.

Os dois policiais que estavam na salinha saíram assim que entrei, eles riam alto e com xícaras de café na mão. Coloquei a cesta na mesa e retirei os pães e as caixinhas de cookies. Escutei alguns passos e meu coração acelerou, não por medo de estar fazer algo errado ou por estar em um local errado, era diferente, exatamente o que estava sentindo ultimamente quando estou no Departamento de Polícia. Essa ansiedade, nervosismo, meus pensamentos todos voltados para Josh... coisas como “Será que vou encontrá-lo ao sair de alguma sala?”, “Será que é ele ali no fundo?”, “Hoje ele chega que horas?”. Eu estava mesmo apaixonada por ele. Que situação.

Minha vida nunca foi propícia para paixonites. Desde os quinze anos ajudo minha mãe na criação de Chloe e na padaria. Meu pai é um assunto

muito delicado que não gosto de ficar relembrando. Quando entrei na universidade e achei que finalmente estaria livre para aproveitar o lado despreocupado da vida, aconteceu a tragédia que deixou Forest Hill famosa na costa leste. As notícias rodaram rapidamente pela região. Esse é outro assunto que odeio trazer à tona, me lembra dos longos meses que não podia fazer nada a não ser me convencer todos os dias de que nada aconteceria com minha família. Era um sentimento horrível de inutilidade, a expressão *de mãos atadas* nunca fez tanto sentido para mim como naquela época.

Afastei os pensamentos desagradáveis e notei que os passos silenciaram, no primeiro momento hesitei em olhar para trás, mas finalmente cedi. E lá estava ele: alguns centímetros maior do que eu, cabelo castanho com o tamanho suficiente para saber que era ondulado e um sorriso incrivelmente bonito. Josh Sanders. Assim que o vi, foi como se me colocassem no tipo da mais alta montanha com o ar rarefeito, tentei balbuciar algumas palavras, mas sem sucesso. Eu até conseguia escutar as risadas de Emily se estivesse aqui, ouviria ela dizer “A garota cheia de coragem perdeu a fala? É?” – motivo que me fez decidir não contar todos os detalhes do encontro de hoje.

O semblante de Josh passou de sorridente para preocupado.

— Me desculpe, Sophie. Não era minha intenção te deixar assim — ele se aproximou de mim com as mãos balançando no ar. — Não quis assustar.

Pronto, agora ele acreditava que tinha me assustado e que era fácil fazer isso comigo. Movi minha cabeça negativamente e sorri sem-graça.

— Você não me assustou, Josh, é que...

Procurava alguma explicação racional-não-apaixonada para a minha reação ao vê-lo na porta, mas após alguns gaguejos, ele riu e me interrompeu.

— Não precisa se explicar, sei que às vezes tenho facilidade em pegar alguém de surpresa, mas nem todas elas são de propósito — falou ao caminhar até a cafeteira.

O acompanhei com o olhar e corpo, me virando conforme ele andava. Mas fiquei em dúvida com o que ele disse, foi de propósito ou não o susto de agora?

Josh encheu uma xícara com café e se virou, apoiando as costas no balcão e deu alguns goles na bebida.

— Estava saindo do vestiário e vi você passar, sabia que se não viesse logo, o pessoal que está chegando da ronda acabaria com todos esses cookies — o olhar dele foi para uma das caixinhas de biscoito.

Peguei uma delas, abri e ofereci.

— Não seja por isso — estendi o braço para que ele alcançasse o cookie.

— Obrigado — ele agradeceu.

Mantive meu olhar no dele por mais alguns segundos, mas que pareciam uma eternidade. Uma que não me preocuparia em passar dessa maneira. Foram nesses segundos que notei a real chance de Josh me olhar da mesma maneira que eu o olhava, uma voz dentro de mim crescia cada vez mais e repetia: pode ir garota, pegue ele para você. Mas isso poderia ser somente maquinação da minha cabeça.

A conversa animada de uma dupla de policiais interrompeu o momento e moveu nossa atenção para eles, ambos nos deram bom dia e os cumprimentamos de volta. Eu já deveria ter ido embora, me surpreendia que minha mãe ainda não tinha me ligado, ela sempre teve crises com atrasos. Peguei a cesta vazia e me encaminhei para a porta.

— Até qualquer esbarrão, então — me despedi.

— Quando é a próxima entrega? — ele perguntou assim que me virei para sair.

Parei na porta.

— Não sei, vou entrar de férias amanhã.

Eu poderia jurar que o canto dos lábios de Josh desceu por um pouco quando o respondi.

— Ah, então... — ele começou a dizer, mas logo parou. Fiquei curiosa e dei um passo na direção dele, arqueei as sobrancelhas para que ele terminasse a sentença. — Bom... — essa enrolação para falar fez com que os batimentos do meu coração ficassem assustadoramente rápidos.

— Continue, Josh — encorajei.

Funcionou. Confesso que não imaginei o que ele disse, apesar de anteriormente já ter idealizado esse momento de várias formas.

— É que... não sei se está sabendo, mas ontem um circo chegou na cidade. Não o de palhaços escrachados, mas os de piruetas e malabarismos — ele gesticulava para imitar rodopios e giros. — Está livre hoje à noite?

Ri da tentativa de descrição manual e aceitei o convite. Após me despedir, quando estava longe dos olhares de Josh, me segurei de uma maneira que nunca imaginei ser necessária para não sair pulando até o lado de fora. Um enorme sorriso estava estampado na minha cara quando Eve saiu de uma sala, suas mãos estavam cheias de papéis e ela os analisava

atentamente, por uma fração de segundo não nos esbarramos; ela franziu o cenho quando percebeu o que poderia ter acontecido.

Não gosto da Eve, por mais que sua beleza fosse estonteante e sombria – os cabelos eram bem pretos e contornavam seu rosto redondo e destacando os olhos tão azuis quanto o céu. A detetive nunca demonstrou simpatia ou falou mais do que duas frases.

— Olá, Eve — a cumprimentei em uma tentativa de socialização com a detetive esquisita.

— Bom dia — me respondeu secamente.

Sabendo que não teria mais interação alguma coisa ela, dei um passo considerável para o lado a fim de deixá-la passar. Eve continuou seu caminho e eu retomei o meu, acenei em despedida para Ryan e voltei para a padaria.



CAPÍTULO 2

O sorriso ainda estava estampado meu rosto, mesmo achando que já estava totalmente recuperada da alegria que o convite de Josh causou. E eu não estava insistindo muito para ele sair também. Entrei pela frente da padaria e vi Louise repondo os muffins no balcão, o cheiro adocicado no ar revelava que eles acabaram de sair do forno. Fechei os olhos e inspirei profundamente como se pudesse me deliciar apenas com o olfato. Louise me olhou com uma careta engraçada.

— O que te causa esse bom humor? Aposto que não são somente esses muffins.

E ela estava certa. Mas dizem que não podemos espalhar nossa felicidade, se fizermos isso, o perigo de algo dar errado é enorme, por isso dei de ombros e a respondi despreocupadamente.

— Cheguei atrasada, mas entreguei na hora quase todas, e não reclamaram nas que atrasei. Tem motivo maior para ficar feliz do que não ter a dona Bonnie encrencar com a gente? — perguntei retoricamente e mostrei a língua para ela.

Louise sabia tanto quanto eu como minha mãe era perfeccionista e sempre estava atrás de quem não cumpria suas tarefas corretamente, ela então apenas sorriu e balançou a cabeça enquanto passava um pano ao redor do prato com muffins. Olhei para o relógio e o ponteiro indicava que ainda era nove da manhã. Esse era o lado ruim do meu trabalho: o horário em que as pessoas normalmente estão começando a pegar no ritmo do serviço, já era quando eu estava finalizando o meu.

Geralmente passava o resto do dia ajudando um pouco ali, um pouco aqui, organizando o financeiro... ou seja, sendo braço extra para tudo. Fui para a cozinha e encontrei com minha mãe, ela explicava para um novato como se faz massa de pão italiano, decidi não atrapalhar e deixei a cesta no canto de sempre, mas minha mãe me viu e logo começou com as perguntas.

— Como foi? Chegou a tempo? — Sua voz não demonstrava emoções, apenas curiosidade.

Aproveitei que ela não estava se importando com horário e comecei a contar o que aconteceu durante a manhã.

— Bom, hoje a senhora Rickenter me convidou para entrar pela primeira vez — Belisquei um pão doce que ainda estava morno. — Fiquei sabendo que eles estão com problemas, um animal da região está rondando a propriedade deles, me disseram que há alguns dias escutam barulhos vindo da floresta...

— A do pântano? — me interrompeu com uma expressão séria, a primeiro momento não entendi, mas depois meu semblante ficou o mesmo que o dela.

— Sim, mas... não, mãe, claro que não. Deve ser algum animal perdido que um sem-noção matou a mãe ou o bando — tentei consertar, a ideia que minha mãe soltou sem falar uma palavra não era algo para considerar, não tinha a possibilidade de acontecer.

Para mim, é inconcebível aceitar isso como chance de ser real. O Maníaco do Pântano voltar? Não, ele sumiu. Deveria aproveitar que nunca fora encontrado e parar com isso, caso decidisse mudar para longe, melhor ainda. Era isso que todos de Forest Hill imaginava: o monstro vivendo em algum estado do outro lado do país e aproveitando sua maldita impunidade. Foi só depois de mentalizar isso que a cidade conseguiu retomar o ritmo.

Nem mesmo faz sentido o Maníaco rondar a propriedade dos Rickenter: Margareth não era jovem e nem loira. Além do que, toda a força policial se reuniu e revirou o pântano em busca de uma pista do serial killer, mas não encontraram o culpado. Me aproximei da minha mãe e coloquei minha mão em seu ombro,

— Não é isso que está pensando, fica tranquila, Chloe e eu não precisamos nos preocupar — falei com meus olhos fixos nos dela e de maneira firme para transmitir segurança.

Ela apoiou a mão em cima da minha e suspirou, comprimiu os lábios antes de me responder.

— Eu sei. Mas foram meses horríveis com notícias que só pioravam e eu, principalmente por ser mãe, ficava aterrorizada quando assista imagens das mulheres desoladas que perderam suas filhas. Não estava tão preocupada com Chloe na época, ela era muito nova, não se encaixava nos padrões que a polícia divulgou, nem com você que estava longe e segura.

Mas o pensamento de isso acontecer agora... me deixa com muito medo, triplamente dessa vez.

Olhei ternamente para ela e vi o desespero em seu rosto, sei que não há como tranquilizar ou dizer o contrário para uma mãe, ela sempre vai acreditar mais nela mesma, então apenas a abracei. Naquele abraço, queria que ela sentisse tranquilidade e que todo o grande mal já tinha ido embora, que Chloe e eu estávamos bem e continuaríamos assim.

Ela retribuiu o abraço de uma maneira que me fez ficar com falta de ar, e eu estava certa de que escutei estralar alguma parte das minhas costas. De canto de olho, vi o novato observar quieto a cena. Minha mãe se afastou de mim e me puxou para baixo a fim de dar um beijo na testa – virou uma cena engraçada já que sou quase quinze centímetros mais alta que ela.

— Acho que Louise está precisando de sua ajuda lá na frente — a ouvi dizer enquanto recebia leves tapas no ombro.

Fiz uma careta dramática, igual de alguém que é enxotado de algum lugar, por ter passado por um momento tão sensível e, de fato, pedirem para eu sair em seguida.

— Wow, mãe! Claro, estou a salva, então vou vender pães até cansar — brinquei ao sair da cozinha.

— Coitada, como se o nome da senhorita não estivesse na lista de pagamentos todo começo de mês — ouvi minha mãe gritar e gargalhei com a resposta.

Assim que Louise me viu, já apontou para o caixa, local que eu ocuparia enquanto ela limpava as mesas. Conferi a quantidade de dinheiro e as notas de vendas realizadas naquela manhã para ver se batiam.

— Anda, conta logo! — Ela se debruçou animada no balcão do caixa.

Lancei um olhar confuso, não sabia que minha ansiedade pelo encontro do Josh ainda estava tão visível.

— Contar o quê? — Optei por me fazer de desentendida, ainda estava na minha cabeça a regra das chances da felicidade dar errado caso contasse para as pessoas.

— O que está fazendo você olhar para essas notas de dinheiro como se fossem as coisas mais preciosas do mundo. Não que o dinheiro não seja algo para admirar — se corrigiu rapidamente. — O que está fazendo você dar esses suspiros involuntários e deixando esses olhos brilharem como se fossem lâmpadas de camarins? — sem dificuldade, Louise conseguiu

descrever o quão idiota eu estava parecendo naquele momento, sentia até mesmo certo prazer em seu tom de voz.

Guardei o dinheiro na caixa registradora e desci do banco, apoiei a cabeça em minhas mãos e decidi contar para ela, tinha certeza de que Louise não iria desistir enquanto eu não contasse.

— Finalmente aconteceu! — exclamei sem tentar controlar a felicidade. — Josh me chamou para sair! — apesar da alegria, senti um pouco de culpa por ter contado primeiro para ela, não para Emily.

Louise me olhou de boca aberta, parecia não acreditar no que tinha acabado de falar. De livre vontade eu nunca contei sobre esse assunto, mas ela era esperta e descobriu sozinha sobre os sentimentos que eu tinha com relação a Josh, e claro, me pressionou até saber de tudo – por isso sabia tão bem o quanto essa mulher conseguia ser insistente.

— Mentira! — exclamou ao sentar na cadeira que acabara de limpar.

— Sim, vamos ao circo! — tenho certeza que, no momento em que falei, estrelas se formaram nos meus olhos imaginando nós dois juntos. — Será hoje à noite.

Contei para ela tudo o que aconteceu naquela manhã. Louise não teve a mesma reação de minha mãe quando citei o caso do animal que rondava a casa dos Rickenter – ela chegou na cidade na época em que o Maníaco do Pântano estava fazendo vítimas e presenciou o pânico que se instalou na cidade, o que me levou a crer que a reação da minha mãe foi somente isso, uma *reação de mãe*.

O ritmo na padaria foi tranquilo no resto da manhã e ficaria assim até o final da tarde, o movimento de clientes aumentava quando eles voltavam do trabalho para casa procurando por algum lanche.

Às catorze horas o alarme do meu celular tocou, era hora de ir visitar Emily no trabalho. Se antes eu já queria vê-la, depois do acontecimento com Josh, fazer isso se tornou indispensável, até mesmo urgente. Até mesmo sei que, quando souber, Emily imediatamente irá pedir alguns minutos de folga para a mãe. Como o movimento estava fraco, minha mãe e Louise não se importaram com a minha saída. Era curta a distância entre os dois estabelecimentos, apenas quatro quadras separavam nós duas.

A família de Emily é conservadora e sua mãe tem uma loja de roupas modestas, digamos que nem todas as adolescentes costumam fazer suas compras de roupas lá. Emily foi aquela criança que facilmente seria encontrada sentada em uma cadeira e com as pernas cruzadas, junto com

um sorriso angelical, cabelo loiro com cachos feitos a dedo pela mãe e um vestido rodado na cor rosa bebê com um delicado bolero branco. Nós duas somos tão diferentes, até hoje não sei o motivo que nos aproximou, imagino que seja a história de pessoas que se completam, somos amigas desde o maternal, nossas vidas eram mesmo para se cruzarem.

Me deparei com a senhora Moore logo que entrei na loja. Ela não era o tipo de mãe que faz questão de criar laços com os amigos da filha, mesmo após todos esses anos de amizade com Emily, a única coisa que ela queria era que eu não me tornasse uma má influência para sua filha. Na minha infância e adolescência fui um tanto levada, mas nunca cheguei a ser uma *má influência*, porém, se há respeito entre nós duas, não ligo para o resto.

Nos cumprimentamos com um aceno de cabeça e ela me informou que Emily estava organizando o estoque no andar de cima. Agradeci e fui encontrar com a minha amiga. Entre caixas e plásticos, escutei o barulho de dedos baterem incessantemente em teclas de calculadora antiga, procurei com o olhar, mas não consegui encontrá-la.

— Emily? — perguntei na esperança de ser ela quem estava trabalhando com a calculadora.

— Sophie?

Assim que ela respondeu, fui na direção da voz. Encontrei Emily sentada no chão entre três pilhas de caixas, todas indicavam conter mais outras caixas de sapatos.

— Já estou terminando aqui. Recebemos essas mercadorias ontem e eu tenho que conferir tudo para incluir no estoque — ela respondeu a dúvida que até o momento eu não tinha externado.

— Ah sim, espero — falei despreocupadamente enquanto me dirigia até uma escada móvel para sentar em um dos degraus.

Era um pouco estranha a maneira que os Moore organizavam o estoque, eu não era uma especialista em comércio, mas tinha certeza de que computadores deveriam ser utilizados no processo. Provavelmente era uma das artimanhas que a mãe de Emily utilizava para fazer a filha ficar mais tempo trabalhando na loja.

Olhei de um lado para o outro e observei aquela parte da loja que passei tempo considerável com a minha amiga. Quando crianças, brincamos muito de esconde-esconde e até mesmo de loja de mentira, às vezes eu era a vendedora e em outras, a cliente. Hoje em dia, subimos aqui para trabalhar.

Não demorou muito tempo para Emily terminar o que estava fazendo, guardou os papéis e a calculadora que utilizou enquanto eu ainda a esperava sentada na escada.

— Não vai dizer que hoje eu tenho que sair com você porque mereço uma tarde de folga? — me perguntou com uma voz que eu conhecia muito bem, ela estava zombando de mim.

Fingi que fiquei ofendida.

— Não, Emily! — Tudo bem que meu plano inicial era esse, mas meu dia ficou diferente do que eu imaginava. — Quero dizer, eu ia fazer isso mesmo, mas... digamos que aconteceu algo surpreendente hoje — falei com um sorriso sapeca no canto dos lábios.

Ela arqueou as sobrancelhas, me pegou pelo pulso e puxou até o canto mais afastado da porta para que algum curioso não escutasse nossa conversa.

— O que aconteceu? — perguntou interessada.

Comprimi os lábios fazendo com que um sorriso não escapasse, Emily me deu um tapa no braço e disse, ou melhor, ordenou, para que eu falasse logo o que pretendia.

— Então, você não vai acreditar, mas Josh Sanders me chamou para sair hoje à noite — contei com uma animação que não cabia em mim.

Os olhos de Emily arregalaram e ela colocou as mãos na boca para evitar que um grito saísse.

— Sério? Tipo, sério mesmo? Sophie — pegou em meus braços e me olhou profundamente —, você não está brincando, certo?

Não contive uma risada ao assistir a reação e, quando o riso saiu, estava misturado com ansiedade e felicidade.

— Sério tipo sério. Ele me chamou hoje quando falei que iria entrar de férias amanhã.

Emily se afastou e começou a andar de um lado para o outro, sabia que sua mente já estava funcionando a todo vapor. Ela poderia ser quieta e tímida para os outros, mas eu era a única que conhecia quem realmente ela era, uma das poucas pessoas que Emily se permitiu abrir por completo.

— Se ele fez isso, é porque já estava pensando sobre o assunto nas outras vezes que você foi lá — seu semblante era de quem estava compenetrado nos próprios pensamentos.

— Pode ser, mas nunca percebi algo que indicasse isso — repliquei.

— Sophie, você mais do que ninguém sabe que algumas pessoas conseguem esconder seus verdadeiros pensamentos. Além do que, convenhamos, às vezes você é meio lerdinha.

Ao encarar Emily, não consegui saber se ela falava sobre mim ou sobre ela mesma.

— Ma...

— Mas nada — me interrompeu. — Vamos sair agora e procurar algo para vestir no encontro — Emily me puxou empolgada para fora do estoque.

Ao passar por sua mãe, que estava no caixa, Emily avisou que surgiu um assunto importante, a senhora Moore não falou palavra alguma, sabia que não iria adiantar, então apenas meneou a cabeça a observou nós duas sairmos com pressa da loja.

Nossa parada foi uma loja a duas quadras de distância, assim que entramos já vimos algumas jovens com pilhas de roupas nos braços – todas ansiosas esperando algum provador ficar disponível.

— Quero usar vestido — logo adiantei meu gosto, o visual perfeito para a ocasião deveria ser o tipo *me olhe*, mas longe de qualquer roupa vulgar, já que não fazia meu estilo.

— Por favor, Sophie, deixa comigo — minha amiga respondeu cheia de segurança, e eu confiava nas escolhas dela.

Com mãos habilidosas e uma rapidez considerável, ela passava de cabide em cabide à procura da roupa ideal enquanto eu andava em volta dela contando sobre como o convite de Josh aconteceu – como já planejado, não falei sobre o momento em que perdi a fala quando o vi. Falava sobre meu quase esbarrão em Eve quando fui interrompida:

— Achei!

Me calei ao ver o vestido que ela levantava como se fosse um tesouro encontrado.

— Emily... – meus olhos estavam vidrados no vestido. — Ele é lindo.

Peguei a peça para ver de perto, era acinturada e a saia rodada, a cor era um roxo puxado para vermelho e as mangas eram curtas.

— Experimente! — falou com um sorriso orgulhoso no rosto.

Procurei por um provador vazio, por sorte as meninas que estavam na loja quando cheguei já não estavam mais esperando em filas. Assim que o vesti, fiquei encantada, Emily acertou na primeira tentativa, ele era perfeito. Sai do provador para ela aprovar, com o dedo indicar pediu para que eu

desse uma volta, coloquei as mãos na cintura e a obedeci, me senti a garota mais bonita da loja.

Emily acenou positivamente em aprovação e em quinze minutos estávamos no caixa finalizando a compra.

Ainda faltavam quatro horas até o encontro e minha amiga ainda queria ir à inúmeros lugares comigo. Me senti em um filme onde a mulher encalhada finalmente conseguia um encontro e precisava fazer mil preparativos para lembrar a si mesma de que todo encontro é um ritual. A empolgação de Emily fazia com que me sentisse dividida: uma hora queria ficar como ela e na outra era como se eu fosse uma grande perdedora que conseguiu cinco minutos de alegria.

Depois de algumas lojas e de muita insistência da minha parte, finalizamos nossa tarde em uma sorveteria, compramos sorvete de chocolate em um pote de tamanho digno. Faltavam duas horas para Josh me buscar em casa, me sentia com quinze anos novamente, mas dessa vez eu era as protagonistas dos filmes que Chloe assiste. Poderia liberar esse meu lado, certo? Eu tinha um encontro marcado com o cara que sou apaixonada desde o momento que voltei de Tallahassee.

No ano anterior eu estava colocando meus pés em Forest Hills novamente e, assim que saí do ônibus, ainda na estação rodoviária, me apaixonei por Josh. Parecia estranho e irreal, mas era verdade. Ele e outro detetive conversavam com um cara qualquer que estava sentado em um banco perto do local de desembarque, o parceiro fazia as anotações enquanto Josh era o responsável pelas perguntas. E foi assim. Paixão à primeira vista. Meus olhos não desgrudaram dele nem quando o motorista retirava as minhas malas do ônibus e nem mesmo quando minha mãe fez um pequeno escândalo por eu finalmente ter voltado para casa.

O grito que minha mãe deu chamou a atenção de algumas pessoas, incluindo o cara sentado e Josh. Foi nesse momento que nossos olhares cruzaram pela primeira vez, sorri e ele sorriu de volta, senti borboletas em meu estômago. Foi algo assustadoramente novo e... tranquilizante. Mas não durou muito tempo, logo minha mãe estava me abraçando e beijando todo meu rosto e Josh voltou a falar com o homem sentado – se ele continuasse observando a cena, certamente não iria querer me ver tão cedo, mas era engraçado minha mãe ficar me apertando para ver se eu estava inteira enquanto tentava fazer com que Chloe demonstrasse alguma emoção.

Na época, minha irmã estava na fase de *adolescente estranha que não gosta de se envolver na família*. Não que a atual estivesse muito diferente.

Minha mãe fez questão de carregar metade das minhas malas até o carro, Chloe ficou com uma e eu com as poucas que sobraram. Passamos por Josh e seu parceiro, eles estavam conversando entre si e longe do outro homem, olhei discretamente para ele e o vi olhando para mim com um sorriso no canto dos lábios. Isso fez meu coração bateu mais rápido do que o normal.

Para ser honesta, achei que nunca mais o encontraria novamente, que aquele momento era somente um passageiro em que você se sente atraída por alguém que nunca viu antes e que não veria mais. Fiquei muito surpresa quando, no meu primeiro dia como entregadora, minha mãe informou que o Departamento de Polícia passou a fazer parte da rota de entregas – também quando percebi que Josh estava presente no horário em que eu chegava com as encomendas.

Emily entrou primeiro na minha casa, desta vez ela estava mesmo vazia. Subimos as escadas em uma velocidade equivalente à minha ansiedade. No meu quarto, retirei o vestido da sacola e joguei as etiquetas fora enquanto Emily desceu até a cozinha para buscar colheres. Prendi meu cabelo em um coque e abri as gavetas dos brincos, pulseiras e maquiagem, percebi que estava roendo as unhas e, para aliviar o nervosismo, coloquei o celular no *dock station* e dei *play* na música Now Is The Start da A Fine Frenzy.

Comecei a dançar pelo quarto e cantar a música em voz alta, não vi Emily chegar e nem quando começou a fazer a mesma coisa que eu, mas quando percebi sua presença, a peguei pelos braços e rodei com ela. Quando a música acabou, sentamos no chão de tão cansadas.

— Isso não é um bom sinal — Emily disse ao deitar no tapete.

— Isso o quê? — Não entendi o motivo dela ter dito aquilo.

— Sentarmos cansadas no chão após apenas uma música.

Ri e joguei um dos meus travesseiros nela.

— Ok, então vou levantar e começar a me arrumar — falei pomposa enquanto pegava algumas coisas para meu banho.

Meu banho demorou meia hora e depois sequei meu cabelo por mais dez minutos. Ao sair do banheiro, escutei Ellie Goulding tocando em volume alto, Emily era encantada pela cantora e descobriu minha *playlist* cheia de músicas dela. Não falei nada ao entrar no quarto, se alguém tentasse trocar o que estava tocando enquanto ela se divertida, seria testemunha de algo desastroso. Para a própria pessoa, claro.

— Me ajuda aqui — pedi apontando para o zíper do vestido, ele ia da cintura até perto da nuca.

— Prontinho — ela disse quando terminou de fechar.

Fui na frente do espelho e me encarei por alguns segundos, pensava coisas como: você conseguiu, finalmente, tenta não estragar. Comecei a imaginar como o encontro seria, voltei do devaneio assim que senti meu cabelo ser puxado.

— Ai! — reclamei com uma careta e olhei para Emily pelo espelho.

— Vamos arrumar esse cabelo e deixar perfeito — ela disse em um fôlego só, não deixando espaço para eu cortar suas palavras ou impedir suas mãos na minha cabeça.

— O que pretende fazer?

— Não sei, ainda estou pensando. Quero um penteado que faça você parecer romântica, delicada, mas que também chame atenção para o seu lado mulher — Emily estava toda cheia de si.

— Uma trança?

— Bom... — ela estava com o semblante pensativo. — Não pode ser qualquer trança... que tal espinha de peixe? Trago ela para a lateral e deixo alguns fios frouxos.

Assenti e em poucos minutos a trança já estava pronta. Levou algum tempo para me maquiar e escolher sapato e acessórios, quando finalmente fiquei pronta, faltavam apenas quinze minutos para o encontro com Josh. Saímos do quarto entre risos e conversas, passamos por Chloe que subia a escada, ela parecia desanimada e mal olhava para nós duas, Emily e eu trocamos olhares, mas não falamos nada. Ouvimos um barulho vindo da sala de visitas e não precisei pensar muito para saber quem estava nela: minha mãe e Margot.

Margot Stone é amiga da minha mãe desde quando me entendo por gente. Uma vez pedi para me contassem como se conheceram, me disseram que foi em um curso de jardinagem. Quando digo que são melhores amigas, é porque não se desgrudam. Margot sempre preferiu passar o tempo dela aqui em casa conversando e fofocando com minha mãe, estão sempre trocando mensagens e telefonemas. Sabe o estereótipo de mulher matraca? As duas se encaixam perfeitamente nele.

— Oi, filha — minha mãe disse quando atravessei na frente da sala.

Acenei para as duas.

— Oi, mãe. Oi, Margot. Desculpa, mas tenho que ir — falei de maneira rápida para evitar que nós quatro ficássemos muito tempo no mesmo ambiente.

Não que eu não gostasse de Margot, eu gosto. O problema era entre ela e Emily, minha amiga é quem não gosta dela. O motivo era que Margot vivia dando cutucadas e conselhos, dizia que ambas eram muito parecidas, a amiga da minha mãe nasceu em um lar muito reservado. Não sei muito sobre o passado dela, só que Margot já estudou em um internato só para garotas e fugiu de lá para seguir bandas de rock da época.

— Também vai sair com Sophie? — perguntou para Emily.

— Não, não tenho um encontro hoje.

— Ah bom, não seria certo sair assim nesse horário mesmo — comentou sarcástica.

Emily abaixou a cabeça e ficou em silêncio, por mais que eu tentasse justificar essas atitudes com o passado de Margot, dizendo que na verdade ela queria que Emily começasse a planejar o que queria para a vida, minha amiga sempre se abatia com as palavras que escutava.

— Vamos lá fora? — sugeri para Emily ao mesmo tempo que a conduzia pelo ombro para a porta. — Até mais tarde — me despedi.

Sentamos no degrau da varanda e minha amiga apoiou o rosto na mão, olhando para mim, percebeu minha preocupação em como ela estaria no momento.

— Não se preocupe, eu venho na sua casa há mais tempo do que consigo lembrar — um sorriso fraco estava no canto do rosto.

— Mesmo assim, por mais que ela tenha razões próprias para agir dessa maneira, sei lá... não é certo.

— Sabe de uma coisa? — perguntou com um suspiro. — Talvez ela esteja certa mesmo. Eu tenho que viver da maneira que desejo, não é? Já que é o sentido de a vida ser *minha*.

Lancei um olhar confuso, Emily nunca tinha dito nada parecido para mim, ela sempre parecia passiva a como era tratada por todo em sua volta. Por mais que existisse muito amor entre a família Moore, sempre a consideraram como alguém que não tinha opinião do que queria ou não para a própria vida. Sempre soube que existia uma grande personalidade dentro da Emily que eles apenas pensam que conhecem. Por mais que tenha me pegado de surpresa, fiquei feliz ao escutar o que ela disse. Coloquei a mão em seu joelho e afirmei:

— Você tem que encontrar o seu caminho. Não pode ficar trabalhando para sempre na loja da sua família se não é o que quer. Não se sinta presa mesmo quando estiver andando livre na rua, não se limite no que os outros te impõem. Você é especial e sabe disso.

O sorriso que ela deu provocou outro em mim, mas o momento foi interrompido quando senti alguém parar ao meu lado. E, por um milésimo de segundo, senti meu coração parar de bater.

Posso ser curiosa, teimosa e o que mais os outros desejarem me rotular, por isso, o que senti desde quando Josh me buscou em casa foi estranho. Muito. Emily disse para que eu fosse logo, ele estava com a mão estendida em minha direção. A partir desse momento, minha memória virou um punhado de flashes, não lembro nem em qual estação ele sintonizou o rádio – eu que liguei?

A sensação de irrealidade me apagou até mesmo como foi nossa conversa, não consegui decidir se isso era bom ou ruim. Mesmo gostando de momentos inteiros e memórias completas, não queria carregar o fardo de saber que soltei alguma besteira por causa do nervosismo. A multidão na entrada do circo me deixou um pouco tonta, mas me esforcei para não demonstrar isso, não queria correr o risco de o deixar preocupado.

Durante a apresentação, comentávamos sobre os acrobatas e a respeito do medo de palhaços que ele sentiu durante a infância. Entre gestos que apontavam os pulos e saltos que assistíamos e nossa surpresa ao achar que algum movimento daria errado, nossas mãos se tocaram – e se afastaram rapidamente, como se tivessem levado algum choque. Mas após algum tempo, elas passaram a se encostar de propósito até que nós dois entendêssemos que ambos queríamos entrelaçá-las. Quando, enfim, demos as mãos, trocamos um sorriso bobo.

Na saída, assustamos ao ver como o estacionamento do circo estava lotado, não gravamos o local em que o carro foi deixado.

— Acho que está para lá — apontei confiante para o meu lado esquerdo, meu senso de direção era impecável.

— Não, não — ele estava com o dedo na frente dos lábios enquanto apoiava um braço no outro. — Eu o deixei daquele lado — apontou para frente. — Quer ver? — Ergueu o braço e acionou a trava do carro, mas nada aconteceu. — Merda.

— Acho que estamos longe para o controle funcionar.

— Não... esqueci que ele não está funcionando direito há dois dias, fiquei de levar amanhã para arrumar. Mas ainda acho que o carro está para lá — voltou a apontar para o mesmo lugar de antes.

— Olha, meu senso de direção não me engana.

— Então vamos fazer assim: cada um procura na direção que acha certa, o perdedor...

— O perdedor paga o resto da noite — interrompi e falei na maior velocidade que consegui fazer as palavras saírem da minha boca.

Além de ter arriscado ao propor que o encontro durasse por mais algum tempo.

— Feito — ele concordou e ainda disse em um tom provocador —, espero que você tenha trazido dinheiro — suas palavras foram acompanhadas por um olhar desafiador que mexia com o meu lado competitivo.

— Começando agora!

Contive meu ânimo para não demonstrar o quanto fiquei contente por ele ter aceitado minha proposta.

— Não se esqueça que o detetive aqui sou eu.

— Detetive que perdeu o carro no estacionamento de um circo — provoquei.

Ele disse a placa do carro e cada um seguiu o caminho que pensava ser o certo. Passei fileira por fileira analisando os carros e eliminando as opções pelo modelo e cor, procurava por um Accord preto, por último verificava a placa, três carros foram alarme falso para mim. Andei tanto que decidi tirar os sapatos, estava começando a ficar chato andar com eles na grama.

Algumas pessoas começaram a ir embora e isso facilitou visualizar os carros que sobravam, a busca estava difícil, não tinha ideia de que horas todos eles chegaram. Minutos depois, Josh veio até a mim com uma feição desanimada, não resisti e brinquei:

— Já desistiu, detetive?

— Não está para lá, revirei cada fileira e não encontrei.

Olhei por cima do ombro e, por coincidência, encontrei o Accord preto que procurávamos.

— Espere um momento — era o carro dele e eu o encontrei. — Bom, acho que as contas da noite ficarão com você.

— Me diga para onde quer ir — ele disse com uma mistura de falsa tristeza e expectativa mal disfarçada.

— Tem o parque de diversão... — o volume da minha voz diminuiu gradualmente.

— O parque de diversão... — repetiu.

— É...

Nossos olhares eram atraídos como imãs, impossível desviá-los. Não senti que estava me aproximando até o momento em que minha mãe encostou na dele. O momento perfeito para que nos beijássemos. E isso teria acontecido se não fosse o alarme de algum carro começar a soar no momento em que estávamos tão próximos a ponto de sentir a respiração de Josh tocar meu rosto. Nos afastamos imediatamente ao ouvir o barulho, esfreguei uma das mãos em minha nuca e Josh pigarreou, tentamos conter o descontentamento com o maldito alarme.

— É melhor irmos agora.

— É... claro...

Respondi sem dizer o que eu realmente queria, que era algo do tipo: não, vamos tentar novamente o beijo em 3, 2...

Entramos no carro e aquele nervosismo que senti no começo, de repente não estava mais lá. Agora me sentia por completo dentro do carro e a sensação de irrealidade desapareceu. Sintonizei o rádio em uma estação pop e cantava mentalmente A Thousand Miles da Vanessa Carlton, fazendo um e outro movimento com as mãos. Perto do refrão, escutei um *nananã* no ritmo da música, olhei para o lado e Josh cantou o que sabia

— *And now I wonder*...

— *If I could fall, into the sky, do you think time would pass me by...* — continuei ao perceber que ele não sabia mais a letra.

Ele sabia a parte seguinte, então cantamos juntos, mas perto da música acabar, ele desligou o rádio. Lancei um olhar de protesto, queria escutar ela inteira, Josh disse jocoso:

— Gostei do nosso dueto, mas já estava imaginando nós dois em uma cena de As Branquelas — ele estremeceu como se um arrepio estivesse passado pelo seu corpo ao pensar em algo assustador.

— Não se preocupe, estamos longe de parecer com o filme — rimos juntos.

Em poucos minutos chegamos ao parque de diversão. Quando Josh estacionou, me certifiquei de gravar o local que estacionamos o carro e ainda o provoquei:

— Espero que o detetive não perca o carro novamente.

— Não vou, descobri que tenho uma companhia com um ótimo senso de localização — disse me olhando de soslaio.

Arqueei uma das sobrancelhas com o que escutei e caminhamos até a entrada do parque. A fila da bilheteria não iria demorar, apenas dois casais e três famílias estavam na nossa frente.

— O perdedor paga, então começamos aqui na bilheteria — comentei quando chegou nossa vez, ele fez uma careta como resposta, me fazendo rir.

Entramos e logo fiquei encantada com todas as luzes. Pode parecer bobo, mas acho lindo o parque de diversões durante a noite. Fica mais romântico.

— Por onde quer começar? — Josh perguntou e interrompeu meus pensamentos.

— Hm... — olhei para os lados e uma barraca de jogos me chamou atenção. — Tiro ao alvo, pode ser?

— Minha especialidade — respondeu com um ar sabichão.

Na barraca de tiro alvo, Josh comprou cinco tiros e eu estava de olho em um pinguim de pelúcia. Ele seria meu se eu acertasse pelo menos três das cinco latas. Meu primeiro tiro foi horrível, mirei na lata e acertei o pano que ficava ao fundo, nem mesmo passei perto dela, foi uns vinte centímetros acima. Respirei fundo e tentei novamente, Josh, apenas observava meu "dom" em atirar nas coisas.

O resultado da segunda tentativa? Errei. Bufei ao ver a rolha passar longe da lata novamente. Josh balançou a cabeça e foi até mim, se inclinou para ficar um pouco mais baixo que eu e seus braços passaram pelos meus.

— Assim você nunca vai conseguir — ele sussurrou no meu ouvido, isso fez um arrepio passar por todo meu corpo. — Você não pode atirar confiando na sua arma. Não aqui no parque, pelo menos.

Nossas cabeças estavam muito próximas, afastei um pouco a minha para e olhei para ele.

— Então como farei? Tenho que acertar os próximos três tiros.

Ele continuou com os sussurros.

— Percebe que ao mirar na lata, acaba acerto muito acima dela? Não confie na mira da arma, use a própria — ele apoiou a mão em cima da minha e abaixou a arma em alguns centímetros. — A lata que você está tentando acertar é ligeiramente maior do que as do lado. Isso é para que você a escolha de maneira inconsciente, então não é um bom sinal, ela pode estar presa em algo, então você nunca conseguirá derrubar — ele moveu a

arma para a esquerda, mudando o alvo, eu obedecia em silêncio, sentia seu cabelo roçar em meu ombro a cada movimento que ele fazia com a cabeça e isso era o suficiente para me fazer calar. — Agora vamos tentar de novo.

Ele permaneceu na mesma posição e movimentou o dedo acima do meu. E acertamos.

— Obrigada, detetive — sorri agradecida.

— Ainda temos mais dois tiros.

Refizemos todos os passos e acertamos os que faltavam. O rapaz da barraca não escondeu o descontamento ao me entregar o pinguim, parecia que entregar os prêmios não era algo que ele fazia com frequência. Agarrei o bicho de pelúcia enquanto procurávamos por outro brinquedo.

— E essa sua experiência em barracas de tiro ao alvo?

— Meu pai e eu costumávamos vir muito aqui, aquela barraca era quase uma obrigação para mim. Meu pai era da polícia e eu queria ser também, na cabeça de um garoto de onze anos isso faz muito sentido. Com o tempo peguei as manhas e conhecendo os recursos que as barracas utilizavam para não ter ganhadores a todo momento. Para onde vamos agora?

— Roda-Gigante, claro! — respondi como se fosse algo óbvio.

Assim como a barraca de tiro ao alvo era uma obrigação para Josh, a roda-gigante era para mim. Não demorou para entrarmos no brinquedo e nem para que todos se acomodassem nele, lentamente ele começou a funcionar. Pouco a pouco nos distanciávamos do chão e o céu ficava mais perto, a vista da cidade era linda. Apoiei os braços na barra de proteção enquanto ainda segurava o pinguim.

— Forest Hill parece tão tranquila, não é? — Olhei para ele.

— Parece mesmo — me respondeu pensativo.

Ficamos em silêncio durante a primeira volta, a vista nos hipnotizou. Na segunda volta, Josh falou:

— Vai fazer alguma coisa nessas férias?

— Não sei ainda. Queria ir para Tallahasse, visitar alguns amigos, mas nada está certo ainda.

— Amigos... — ele disse vagamente ao olhar os prédios e avenidas.

— Não acho que passo mais do que uma semana fora — ignorei minha curiosidade em saber por qual motivo ele falou daquela maneira, não queria teorizar coisas.

A roda-gigante parou quando estávamos quase no topo. Ao olhar para baixo, vimos uma criança com medo do brinquedo e que não queria de

maneira alguma se mover para sair dele, tive o pressentimento de que a mãe iria demorar para convencer a filha de que era seguro ela se mexer para sair dali.

— Crianças... — disse com um sorriso de canto.

— Crianças... — Josh repetiu, mas ele parecia diferente, como se estivesse evitando alguma coisa... ou seria medo de altura? Afinal, naquele momento estávamos parados perto do ponto mais alto do brinquedo.

— Está tudo bem, Josh? — Fiquei preocupada. — Daqui a pouco a criança sai e nós descemos — tentei tranquilizá-lo.

— Não... não é isso...

— O que é, então?

— Lembra do seu primeiro dia de entrega no Departamento?

— Lembro...

— Você tentou disfarçar a surpresa que teve ao me ver — minhas bochechas ruborizaram no mesmo instante em que o escutei, saber que tinha falhado na minha tentativa de esconder minha paixonite foi constrangedor. — Mas a verdade é que também fiquei surpreso ao te ver, eu lembrava de você. Foi na rodoviária que nos vimos, não é? — Ele olhou para o horizonte — Estava com a senhora Fields e a menina mais nova dela. Na época pensei que você fosse alguma prima, sobrinha... mas no dia seguinte descobri que era filha. Alguns dias depois, apareceu fazendo entregas. Eu tive que me aproximar de você, foi como se eu sentisse que mais cedo ou mais tarde algo aconteceria. Não sabia como me enxergava, mas eu sempre soube muito bem como *eu* te enxergava.

Josh olhou para mim com um sorriso bobo no rosto e eu permaneci estática, sem conseguir mover um músculo do meu corpo.

— Quando você disse que entraria de férias e agora quando disse sobre *amigos*, senti algo estranho. Bom, não acho que tenho que esconder alguma coisa — ele colocou a mão em cima da minha e, ainda com o sorriso no rosto, continuou a falar —, eu não consigo parar de pensar em você. Um dos meus horários preferidos do dia é quando você aparece na porta com sua cesta e com um sorriso de quem sente que o mundo é um lugar seguro, fazendo com que o meu fique tranquilo.

Eu não consegui acreditar no que escutei de Josh Sanders. Nunca imaginei que algo assim aconteceria na minha vida. Uma declaração inesperada em uma roda-gigante? Não existe gesto mais romântico.

Devo ter ficado com alguma expressão estranha ou demorado para responder, pois ouvi um “Não me deixe no vácuo” saindo quase sem som dos lábios dele. Sorri ainda sem saber como reagir, era como se eu ganhasse um presente que deseja muito e travasse de felicidade.

— Eu também não consigo parar de pensar em você — foi o que consegui balbuciar.

— Ótimo, porque eu queria muito fazer isso.

E me beijou.

Coloquei o pinguim de pelúcia preso entre minhas pernas para me aproximar de Josh, as pontas dos dedos dele passavam pelas minhas costas e me arrepiavam, eu estava suscetível a qualquer coisa. O brinquedo começou a funcionar, mas eu o pararia novamente só para que o momento não acabasse. Nos demos as mãos e apoiei minha cabeça em seu ombro na última volta da roda-gigante. Eu ainda tentava processar tudo o que aconteceu.

Antes de finalizarmos a noite, passamos em mais alguns brinquedos e barracas, na saída ele ainda comprou um algodão-doce para mim. Seu braço estava em volta dos meus ombros e segurava o pinguim.

— Casa?

— Estou morta de cansaço.

Ele me deu um beijo na testa como resposta. Conversamos sobre vários assuntos durante a volta, não senti o tempo passar. Com Josh, todos os assuntos eram interessantes. Falamos um pouco sobre nossa vida, trabalho e família, fiquei triste quando me contou que sua mãe morreu há poucos anos, vítima de câncer, mas ele não deixou o clima pesar, trocou de assunto ao mencionar que ficou muito unido ao seu pai, e também contou boas histórias que ambos tiveram juntos.

Ele estacionou, todas as luzes da minha casa já estavam apagadas, só o quarto de Chloe estava um pouco iluminado pelo abajur que ficava perto da cama. Fitei Josh por alguns segundos antes de falar alguma coisa.

— Obrigada pela noite.

— Eu que agradeço por ter aceitado o convite.

Sorri e abaixei a cabeça.

— Então... tchau — voltei a olhar para ele.

— Até mais — ele pegou minha mão e nossos olhares permaneceram um no outro.

Nos aproximamos e beijamos novamente. Um pouco antes de sair do carro, nossos olhos pareciam concordar com uma coisa: queríamos nos ver de novo.

— Vamos sair no domingo? — perguntou com o rosto ainda quase colado ao meu.

— Claro, me mande uma mensagem amanhã.

Nos despedimos e desci do carro.

— Você esqueceu o Frederick!

— Frederick? — Me virei e vi Josh balançado o pinguim que ganhei. — Ah sim! — Fui até o carro e me abaixei até ficar na altura da janela: — mas... Frederick?

— E por que não?

— Por que não, não é? — Soltei uma risada mais alta do que achei que seria. — Frederick, então — confirmei o nome.

Peguei o pinguim de pelúcia e, dando alguns passos para trás, acenei para me despedir de Josh e observei ele ligar o carro e desaparecer ao virar na rua seguinte.



CAPÍTULO 3

A casa estava em silêncio, provavelmente minha mãe estava em seu décimo sono e Chloe com seu tablet na mão e fone de ouvido no máximo. Evitei fazer barulho ao entrar, não queria chamar atenção das duas. Fui direto para meu quarto, tomei banho e vesti um camisão para dormir, era muito confortável. O sono não surgia de jeito algum, nem mesmo conseguia fechar os olhos, os momentos da noite estavam em *loop* na minha mente enquanto eu abraçava Frederick. Foi um encontro perfeito, o espetáculo do circo, o parque, o beijo... conheci quem era Josh Sanders muito além do detetive.

Mesmo sonhando acordada, assim que percebi que estava mais sonolenta, tentei dormir. Fechei os olhos e deixei a mente vagar com calmaria até onde ela quisesse para que, enfim, descansasse. Estava no sono leve, prestes a entrar no profundo quando um barulho me acordou. Ele aconteceu na lateral da casa, levantei rapidamente e fui até a janela, consegui ver um cara correndo com uma bicicleta para fora do nosso quintal. Bufei de raiva. Andei a passos duros até o quarto de Chloe, pela fresta da porta, vi o momento em que ela apagou as luzes. Hesitei em entrar no quarto dela, não sabia como lidar com a minha irmã. O que estava acontecendo?

Ela definitivamente estava querendo testar minha mãe e eu. Começa faltando aula para namorar escondido e agora isso? Precisava conversar sério com ela. Não quero acabar com qualquer coisa que ela esteja vivendo no momento, mas aqui em casa temos uma única regra: sinceridade. Nossa mãe não proibia as coisas, ela nos escutava e procurava entender o que queríamos, por isso não consigo entender o motivo desse teatro de Chloe.

Por duas vezes tentei bater na porta do quarto, tentei montar meu discurso exigindo explicações, mas isso serviria só para acordar nossa mãe. O que não era a melhor opção no momento. Dei meia volta e decidi voltar

para o quarto, conversaria com ela no dia seguinte e, dessa vez, a história não iria se prolongar.

Tentei dormir novamente, limpando meus pensamentos de qualquer coisa que envolvia minha irmã e meu encontro com Josh – até que finalmente adormeci.

E se tem uma coisa que me incomoda, é quando não consigo lembrar sobre o que sonhei, nem uma única pista, aí somente me resta uma sensação de o sonho foi algo muito bom. E foi isso o que aconteceu comigo. Ao acordar, sentei na cama e esfreguei os olhos com as mãos enquanto tentava lembrar o que aconteceu no sonho, mas não consegui. Coloquei um roupão e prendi meu cabelo em um coque que não recebeu esforço algum para ficar bem feito.

Desci as escadas parecendo um zumbi, tanto minha cara quanto minha disposição estavam dignas de um episódio de *The Walking Dead*. Me permiti sair do quarto nesse estado somente por ser sábado, o dia da semana que podemos liberar nosso lado grotesco sem ter que lidar com muitos julgamentos – porque a pessoa ao lado provavelmente estará no mesmo estado.

— Mamãe foi na casa da Margot, disse que volta para o almoço — ouvi Chloe falar.

Eu ainda não estava em seu campo de visão, então soube que o barulho do meu caminhar rastejado me entregou.

— Bom dia para você também — minha voz ainda estava preguiçosa.

— Bom dia — me respondeu segundos antes de morder um pedaço generoso de torrada.

Fui até a cafeteira e enchi a xícara com o líquido pouco escuro que, como foi Chloe quem fez, estava mais para chá do que café. O *chafé*. De todos os dotes que uma pessoa poderia ter, ela dominava apenas os musicais.

— Patty vai vir hoje? — perguntei em fiz uma careta ao mesmo tempo, o café estava horrível.

— Não sei, acho que sim — a resposta foi dada com um tom vago.

Patty era instrutora de violão de Chloe, ela estava na casa dos quarenta anos, tinha um cabelo preto e ondulado que caía graciosamente nos ombros, os olhos eram tão azuis quanto os de Eve e seu rosto já entregava a personalidade forte que carregava. Era conhecida na cidade inteira, ficou famosa ao liderar protestos na época do Massacre do Pântano.

De maneira discreta, coloquei a xícara no balcão perto da pia para que Chloe não percebesse que não iria terminar de beber o café feito por ela. Sentei em um banco na ilha da cozinha para ficar na frente da minha irmã. Peguei um pão e o dividi em pedaços.

— Chloe, nós precisamos conversar — olhei diretamente para ela.

Minha irmã rolou os olhos e entortou os lábios.

— Sobre o quê? — perguntou em um tom de desinteresse.

— Você sabe sobre o que é — falei enquanto comia os pedaços de pão. — O que está acontecendo?

— Nada, Sophie. Para de ficar procurando coisa.

Eu não estava procurando coisas, eu sabia que algo estava acontecendo e ela tinha consciência disso, eu apenas precisava saber o que era antes de alguém ter problemas. Ela era a típica garota que facilmente entraria em algo que se arrependeria, caso não tomasse cuidado – ainda mais agora nessa fase conturbada de se desfazer de sua meninice e ter que encarar o mundo como uma mulher.

Balancei negativamente a cabeça antes de falar algo.

— Não — fui enfática, mas sem parecer grossa. — Não é a primeira vez que você mata aula, Chloe, mas é a primeira vez que entro em casa e penso que ela está sendo invadida, mas que logo em seguida vejo um cara saindo de bicicleta do nosso quintal. É a primeira vez que escuto um barulho durante a noite e vejo esse mesmo cara fazendo essa mesma coisa novamente.

Despejei verbalmente de uma só vez tudo o que presenciei nessas últimas horas, não iria enrolar, não chegaria em lugar algum dessa maneira. Permaneci meu olhar nela e a assisti ficar em silêncio ao terminar de tomar seu café. Sou uma das responsáveis por ela e deveria fazer isso, ela tinha que me dar explicações, afinal, cuido de Chloe desde que meu pai nos abandonou, me sinto como uma segunda mãe e sei que ela também me vê dessa maneira. Talvez seja por isso que ela age dessa maneira comigo.

— Ontem vieram me entregar a corda do meu violão, pedi para deixarem perto da garagem. Peguei hoje de manhã — ela foi na sala e pegou a corda nova no sofá, a balançou e voltou para a cozinha. — E daí? — Sua feição era de tédio.

— *E daí*, Chloe? Você sabe que não precisa esconder coisas de nós. Se você arranjou algum namorado, sabe que é livre para nos apresentar. Eu não quero que você se torne uma adolescente que faz tudo escondido,

principalmente porque não há motivos para isso — coloquei minha mão em seu braço de maneira leve para demonstrar compreensão e confiabilidade.

— Terminou? — ela perguntou seca.

Pisquei algumas vezes, fui pega de surpresa com essa reação. Antes de responder, endireitei minha postura.

— Ach-acho que sim.

— Ok, agora vou para a casa da Jéssica — ela mal terminou a frase e já saiu para o quarto.

Afundei o rosto nas mãos e grunhi de raiva. Chloe estava dificultando algo que não precisava, eu apenas queria nome e apresentação. Era só isso o que pedia. Ou mamãe e eu éramos as ruins da história? Não... logo descartei a última pergunta, nós não éramos uma família de propaganda de margarina, mas entendemos e apoiamos umas as outras.

Enquanto terminava de comer, escutei alguns barulhos vindo de cima e logo vi Chloe parada na cozinha, não falei nada, apenas a olhei e esperei por algo.

— Paul. O nome dele é Paul. E ele veio mesmo só me entregar a corda do violão, mas como mamãe já estava dormindo e eu distraída, ele teve a ideia louca de jogar pedrinhas na janela enquanto me chamava, como se estivesse em algum filme dos anos oitenta ou noventa — ela disse com uma leve careta. — E se arrume de maneira decente, temos um novo vizinho — Chloe deu as costas e foi embora.

Eu esperava por algo, mas pela reação anterior dela, não tinha ideia de que minha irmã falaria o nome do garoto e nem que iria me contar o que aconteceu na noite passada, achei que precisaria insistir mais. Acenei com a cabeça por tempo suficiente para parar só quando estivesse sozinha, minha irmã era imprevisível.

Terminei de arrumar a cozinha, subi e tomei um banho para *ficar decente*, como Chloe tinha pedido. Peguei meu celular e vi que Emily mandou mensagem.

Me conte tudo. Não pule nenhum detalhe!
Te vejo na minha casa.
Beijinhos ♥

Sorri com o que ela escreveu, foi como se abrisse novamente um portal para que o filme em *loop* da noite anterior voltasse a passar em minha cabeça. O barulho de um caminhão estacionando na frente de casa me fez

voltar para a realidade, fui até a porta em poucos segundos para ver – e realmente era um caminhão de mudança. Três homens retiravam os móveis e os carregavam até o interior da casa ao lado, um homem que não aparentava ter mais do que trinta anos estava parado com os braços cruzados perto da cerca que dividia nossos terrenos. O maxilar dele era quadrado e os olhos pequenos e estreitos.

Seguindo as maneiras da boa vizinhança, aproximei dele para me apresentar.

— Bom dia! — cumprimentei empolgada, mas recebi como resposta um olhar seguindo de leve aceno de cabeça, mas continuei mesmo assim. — Me chamo Sophie Fields e sou sua vizinha — continuei sem ouvir qualquer resposta do homem. — Você é parente do casal Hashimoto? — Pela idade, poderia ser neto deles.

Eles eram os moradores mais antigos da rua, imigrantes japoneses, se mudaram para cá na época da Segunda Guerra Mundial e nunca mais saíram de Forest Hill. Apesar de serem reservados, eles eram educados e sempre estavam disponíveis para ajudar qualquer vizinho, era uma troca entre todos nós. Infelizmente, pouco tempo depois que voltei de Tallahassee a senhora Hashimoto faleceu de causa natural e seu marido não durou mais do que algumas semanas.

— Sou Sean Lee — ele acenou positivamente a cabeça para responder minha pergunta.

O inglês dele não era nativo, havia um forte sotaque japonês no que ele falou.

Percebi que não iria conseguir mais palavras de Sean, então me despedi:

— Bom, moro aqui — apontei com o dedão para minha casa. — Qualquer coisa que precisar, pode falar com a gente.

Me afastei e murmurei *estranho* sem que ele escutasse. Julguei ele pela primeira impressão sem peso na consciência, o cara mal olhou para mim e ainda respondeu de modo curto. O que mais eu poderia achar?

Sem muito o que fazer até dar o horário para ir na casa de Emily a tarde, decidi passar a manhã na padaria. Durante as duas últimas semanas, Louise foi encarregada pela minha mãe para ser a responsável pelo negócio durante os fins de semana, isso significava que ela era de confiança e também que Bonnie Fields estava cansando da rotina corrida da padaria. Eu entendo, foram dez anos sozinha no comando.

Louise estava lendo uma revista atrás do balcão, parecia que nada a preocupava. Pigarreei ao entrar e ela fechou a revista de maneira rápida e sorriu educadamente, acredito que pensou ser algum cliente ou até mesmo minha mãe. Mas ao me ver, mudou sua postura e sorriu de maneira sincera, me pegou pelo braço e sentados em uma mesa no meio da padaria.

— Me conte tudo, Sophie! Como foi ontem?

Sorri como uma menina levada ao fazer alguma arte, mesmo eu não tendo feito arte alguma. Contei para ela, mas não com todos os detalhes, somente sobre o circo, o carro perdido e nosso primeiro beijo. Beijo que não sai do meu pensamento nem por um segundo sequer, que me faz ficar com sorriso bobo e com uma sensação boa no peito.

Louise parecia encantada ao escutar minha história. Ela era a única que sabia quantos suspiros e olhares sonhadores já dei ao contar sobre a entrega do dia. Conversamos durante a manhã inteira, falamos sobre nada e sobre tudo. Me contou sobre quando fugiu de casa, aos quinze anos, sobre um cara que conheceu em seus tempos de nômade e como eles se separaram. Falou também sobre a vez que invadiu o apartamento de um ex-namorado enquanto estava sob efeito de substâncias que hoje deixou no passado. A conversa saiu do rumo inicial, mas não me importava, as histórias de Louise sempre prendiam minha atenção e eu sempre esquecia como elas tinham iniciado.

Me despedi ainda pisando em nuvens, Emily já tinha me enviado três mensagens perguntando em qual lugar que eu estava que não era na frente dela contando tudo o que aconteceu no dia anterior. Ela estava sozinha em casa, os pais estavam trabalhando. Mal bati na porta e já fui puxada pelo braço e levada até o quarto da minha amiga por ela mesma. Emily me jogou na cama e fechou a porta, seus olhos pareciam famintos por novidades.

— Me conte tudo, não esconda nada! — ordenou com uma postura que, seria intimidadora se fosse feita por outra pessoa, mas que nela ainda parecia como um ser angelical.

E para ela, eu contei tudo. Todos os detalhes. Tudo.

Os gestos feitos pelas minhas mãos não cessavam e minha boca pronunciava mais palavras do que conseguia falar. Sabia que Emily me acompanhava perfeitamente: seus olhos diziam tudo. Contei até mesmo sobre o vento que batia em nós e trazia até a mim o perfume dele, fazendo com que eu me encantasse ainda mais. O sorriso largo, branco e genuinamente feliz montava o combo perfeito. Falei sobre minha vontade

de encher de beijos de agradecimento aquela criança que fez com que a roda-gigante parasse por alguns minutos e também o dono da barraca de tiros que, devido a sua vontade de trapacear, fez com que eu ficasse fisicamente próxima de Josh.

Queria agradecer até mesmo ao mundaréu de pessoas que foram ao circo com seus carros, fazendo com que perdêssemos de vista o dele. Comparei nosso encontro com os que são escritos em romances, onde todos os acontecimentos fazem com que os protagonistas saibam que existe química entre eles e que o certo é ficarem juntos – ou pelo menos tentarem. Emily é grande fã de livros, sua autora favorita é Meg Cabot, então a cada pausa que eu dava, ela dizia sobre minha história com Josh ser a cara de algum um livro escrito pela autora. Essa era uma das coisas que gostava em sua personalidade, por mais que Emily crescesse, ela sempre manteria o lado sonhador e juvenil guardado dentro de si.

Parei meu *blábláblá* quando ela disse que tinha deixado um bolo no forno e que, se demorasse para desligar, iria queimar. Sempre que posso, gosto de afirmar o quanto a admiro, ela é aquela garota que toda mãe sonha em ter como filha e que todo mundo deseja ter ao lado. Por mais que eu concorde quando Margot diz que Emily deveria ser quem ela é e que ninguém deveria defini-la, foi a criação que minha amiga recebeu que a ajudou a desenvolver essa personalidade que, ao meu ver, é linda.

Senti o cheiro de laranja quando Emily entrou no quarto com um prato enorme e cheio de fatias do bolo, comemos e conversamos até o sol começar a se pôr. Chloe começou a me enviar mensagens para que eu voltasse logo para casa, nossa mãe já estava preparando o jantar. Passei pela sala e cumprimentei os pais de Emily, me despedi dela e, antes de fechar a porta, me fez prometer contar tudo o que acontecesse.

Não tive pressa para chegar em casa, mesmo com Chloe me apressando a todo momento, mas isso também me fez estranhar, não era o costume dela. Deixei minha bicicleta na frente de casa e notei que a porta estava entreaberta, por isso entrei com um cuidado extra, mesmo escutando a voz contente de minha mãe e a de um homem que eu não conhecia, mas que de certa forma era familiar. Senti um puxão me levanto para perto do armário de casacos.

— Meu deus, Sophie! — Chloe estava ranzinza. — Estou mandando mensagens há séculos para você vir logo!

— O que aconteceu? — Não estava entendendo coisa alguma.

— Mamãe chamou o vizinho novo para o jantar como um ato de boas-vindas.

— Ok, e? — Sabia que ela faria algo do tipo, é a cara dela, por isso continuava sem entender o motivo do desespero.

— E? E que Joe também foi convidado para o jantar e agora nossa mãe está sem saber para quem dar atenção.

— Ah sim, vejo o problema — não fiquei espantada com a presença de Joe, durante essas últimas semanas ele apareceu aqui em casa com a desculpa de trazer algo da mercearia como presente para minha mãe e, para agradecer, ela o convidava para jantar.

Encontrar um homem desconhecido jantando na casa de quem você está interessado? Certamente Joe estava em cima da minha mãe para ter a maior parte da atenção. Mas então a voz que escutei ao chegar era de Sean? Ele conseguia pronunciar mais palavras do que o próprio nome?

— Para de ficar remoendo pensamentos e vai logo na mesa de jantar fazer algo a respeito — Chloe me empurrou até que eu aparecesse para eles.

Os olhares dos três foram para mim. Me senti constrangida e apenas acenei. Minha mãe me olhou aliviada e isso me deu a certeza de que Chloe não estava ajudando-a antes.

— Sophie, que bom que chegou! — Ela levantou e me conduziu até a cozinha. — Que bom que está aqui, Chloe apenas remexia a comida no prato e tentava disfarçar risadas — sussurrou.

Eu imaginava que era uma situação estranha, mas comecei a pensar que elas também estavam exagerando.

— Por que estão dessa maneira? Me surpreende que o vizinho tenha aceitado o convite.

— Bom... tive que insistir muito — admitiu em voz baixa, era típico dela. — Mas ao contrário do que pensa, o problema não é todos falando, pelo contrário, o assunto não está rendendo.

Estranhei, normalmente o assunto não acabava com Bonnie Fields e eu tinha escutado a voz de Sean, mas talvez tenha sido ele só respondendo alguma pergunta.

— Tudo bem, vou lá e penso em algo — peguei a primeira colher que vi na frente como desculpa da ida para a cozinha.

Minha mãe concordou e voltou para a sala de jantar, Chloe estava em um canto mexendo na comida do prato e os dois homens trocavam olhares embaraçados.

— Que bom que aceitou o convite da minha mãe, Sean — sentei ao lado de Joe.

— É, ela insistiu muito.

— Sim, conheço dona Bonnie, ela pode ser muito persistente.

Ela arqueou uma das sobrancelhas para mim e dei de ombros, se queria que eu arrumasse assunto, falaria o que viesse à mente. Servi comida no meu prato e continuei:

— Já deu uma olhada na vizinhança? E você Joe, o que te traz aqui hoje? — alternei meu olhar para cada um segundo as perguntas.

— *Olho* sim, já.

Percebi que não consegui evitar uma careta quando o ouvi falar errado ao ver Sean desviando o olhar rapidamente para o prato e dar duas garfadas seguidas.

— Trouxe para sua mãe algumas mercadorias extras do mês — Joe respondeu ao notar o silêncio.

— Ultimamente tem tido muitas mercadorias extras, não é? — provoquei para ver qual seria a reação dele.

— Pois é, problemas de comunicação com o distribuidor — deu uma resposta qualquer e também começou a dar garfadas no prato.

Segurei uma risada e olhei para Chloe que estava na mesma condição que a minha, ela nem mesmo olhava para os outros na mesa, sabia que iria deixar escapar o riso. Nossa mãe olhou feio para ela, Chloe decidiu que iria para o quarto, então se despediu de todos e sumiu. Minha vontade era de a ter acompanhado, aquela noite foi entediante. Um fiasco.

Sean apenas respondia o que lhe era perguntado e Joe tentava interagir, mas era evasivo nas respostas quando questionávamos sobre a vida dele. Logo desistimos de tentar manter um assunto. Mal chegamos na vez do vinho, quando sentamos na sala com a bebida e a conversa fluía por tanto tempo que as horas não eram sentidas. O primeiro a ir embora foi Sean, disse que teria que acordar cedo para resolver alguns assuntos, nem nos atrevemos a perguntar, ele não responderia.

Joe ficou mais alguns minutos, não sei o que ele e minha mãe conversaram, me preocupei em arrumar a cozinha para dar privacidade a eles. Escutei apenas ela despedindo e fechando a porta aliviada.

— Por que tão complicados? — perguntou retoricamente ao me ajudar a secar os pratos.

Sorri e terminei de arrumar o que faltava. Essa não foi uma noite comum para minha mãe, os jantares que ela costumava convidar pessoas geralmente iam até de madrugada com conversas, risadas e elas iam embora já combinando algo para uma próxima vez. Imagino o desapontamento que ela estava sentindo.

— Isso não teria acontecido se não tivesse convidado Joe para entrar. Você sabe que, do jeito particular dele, ele está tentando se aproximar da gente, ou melhor, de você — falei com sinceridade. — E Sean, bom, tentei conversar com ele hoje ela manhã e não me pareceu alguém que costuma conversar muito com outros.

Ela balançou negativamente a cabeça e disse que estava morta de cansaço, por isso já subiria. Dei boa noite e a segui para o andar de cima, eu também queria mais do que tudo uma cama e travesseiros. Sim, no plural. Em questão de minutos eu tomei banho, coloquei um pijama e caí na cama.

Um *Hotel California* muito mal executado invadia meu sonho enquanto vagarosamente as imagens dele ficavam embaraçadas. Até que percebi que não estava mais sonhando, pior, já estava acordada. Chloe achava que era expert no violão e tentava tocar a introdução da musica em plena nove horas da manhã. O som só não era pior porque ela estava na sala.

Me revirei na cama quatro vezes tentando ignorar o barulho, mas era impossível. Chloe estava tendo aulas há quatro meses, uma vez por semana, com Patty Williams. Reconheço que ela era uma aluna esforçada, estava empenhada para aprender todos os truques do violão.

Desci para a sala e dei bom dia para as duas, minha mãe estava preparando alguns biscoitos para Sean que, claro, não tinha ideia da gentileza que seria oferecida em sua porta dentro de alguns minutos.

— Por que tanto esforço com Sean? — Estava curiosa quanto as atitudes dela.

Perto de mim, sussurrou:

— Ontem à tarde conversei com algumas amigas do salão de beleza e elas comentaram que o motivo dele vir para cá é o casal Hashimoto, ele tem alguma herança para receber. Parece que ele era casado e, não sei se você notou, mas ele está sem a esposa.

— Ela pode ter ficado no lugar em que moravam antes e ele usa aliança ainda, não sei se notou — usando algumas palavras que ela mesmo disse, tentei rebater as fofocas que minha mãe sempre gostou de receber.

— Sean pode não ter aceitado muito bem a separação. Ninguém sabe.

Levei uma das mãos até a cabeça e a balancei negativamente, nunca fui a favor das especulações que minha mãe tanto gostava. No final das contas, Sean demorou para aceitar os biscoitos, somente fez isso quando percebeu que não adiantaria negar, minha mãe não voltaria para casa com eles.

Chloe mudou sua lição para uma música que não identifiquei, e pelos elogios de Patty, eu é que não a conhecia. Confesso que minha implicância com a performance da minha irmã era uma desculpa para outra coisa: eu estava incomodada por Josh não ter me enviado uma única mensagem após nosso encontro. Não me importei com isso no dia anterior, mas já começava a ficar chateada, a todo segundo me perguntava se somente eu que fiquei encantada com o que aconteceu, se Josh não gostou tanto assim, se mesmo com interesse claro por mim, somente se comportou daquela maneira devido ao clima de romance que os encontros costumam ter.

Enquanto digladiava mentalmente sobre o que realmente aconteceu com Josh Sanders, a aula de Patty acabou e ela começou a conversar com minha mãe, minha atenção acabou indo para elas.

— Já é a terceira vez que me cobram isso — Patty dizia com a voz cheia de pesados suspiros.

— E você vai dar algum jeito? — Minha mãe estava interessada no assunto que até o momento não consegui saber qual era.

— Vou ter que dar, eles esperam isso de mim.

— Vai conseguir. Patty William sempre consegue estremecer Fores Hill.

Imaginei que era sobre algum protesto liderado por Patty. Minha mãe era admiradora da instrutura, gostava de ver alguém a favor da voz ativa e que tinha uma dentro da comunidade.

— Melhor já ir embora para fazer os preparativos — Patty começou a arrumar suas coisas.

— O que vai acontecer? — perguntei para saber o que ela planejava.

— Assista o jornal amanhã — respondeu sem dar mais detalhes e foi embora em seguida.

Olhei de maneira questionadora para minha mãe.

— Nem me pergunte — fez um sinal de *zip* com o dedo por cima da boca.

Revirei os olhos com o mistério que estavam fazendo.



CAPÍTULO 4

Era a terceira vez em menos de cinco minutos que eu pegava o celular começava a digitar algo, apagava e o guardava novamente. Não sabia direito o que escrever e, quanto mais o tempo passava, mais achava que as palavras deveriam ser escolhidas com mais cuidado. Quando você ainda está no calor do momento, é fácil escrever um “Gostei do nosso encontro” ou então “Topa outro?”, mas a cada hora que passa, o que você viveu fica mais perto da memória do que da realidade, parece que se mandar qualquer palavra a mais, tudo pode dar errado.

Já se passaram dois dias desde o encontro com Sophie. Dois dias inteiros que tentei mandar algo para ela, mas não consegui. Não sei o motivo que me fez enrolar tanto, sempre tive facilidade em falar com outros, mandar mensagens... me relacionar. Mas Sophie era diferente. Ela não é uma garota comum que vejo em qualquer outro lugar, ela tem uma ingenuidade, uma inocência que nem a universidade e os problemas de sua vida conseguiram tirar. É como se fosse uma bonequinha que deveria ser cuidada, eu não deveria deixar que nada de mal acontecesse. Esse é um sentimento novo que ainda estou tentando entender.

Mandar flores, então?

Isso. Mandar flores soa como algo ótimo.

— Fala, bro!

Senti um soco amigável no meu ombro e a voz logo indicou quem era. Me virei e retribui o cumprimento:

— Thomas!

Thomas Santiago está ao meu lado desde o colegial. Fomos parceiros no time de basquete durante a época da escola e agora trabalhamos no Departamento como detetives. Ele tem o famoso sangue latino e puxou todos os traços de sua mãe mexicana.

— Chamado! Chamado! — um dos policiais gritou e outros saíram correndo para suas viaturas.

— O que aconteceu? — Não entendi o motivo de tanta agitação.

— Duas palavras: Patty — Thomas fez o final de *um* com o dedo — Williams — mudou o sinal para o número *dois*.

Detetives não são chamados para conter e vigiar manifestações, é o trabalho dos oficiais acalmar os ânimos dos presentes, evitar violência e que algo saia do controle. Mas esse era liderado por Patty Williams. A mulher era famosa na polícia e prefeitura, sempre fico por perto para saber o que ela faz, por isso chamei Thomas para me acompanhar até a prefeitura, local em que ela estava com mais alguns cidadãos.

Seguindo as viaturas, chegamos rapidamente. Umas trinta pessoas faziam panelaço com Patty, eles andavam de um lado para o outro com panelas nas mãos e fazendo barulho. Alguns estavam mais revoltados que outros.

— Vou descobrir sobre o que é — Thomas anunciou e logo sumiu.

Observei as tentativas deles de roubar a atenção de curiosos que passavam perto. O barulho estava alto demais e alguns chegaram com apitos, que rapidamente foram espalhados entre os manifestantes. Não muito tempo depois, Thomas voltou.

— O policial Hanks disse que são moradores de um bairro que semana sim, semana não, fica sem luz por algumas horas. Há duas semanas fizeram um acordo com a companhia de luz e a prefeitura, deram o prazo de sete dias para tudo normalizar, mas semana passada faltou luz novamente.

— Então Patty tomou as dores deles — cruzei os braços e olhei para Thomas.

— Desta vez, não. Os moradores que ficaram atrás dela até que concordasse. Patty virou uma heroína para a população, a mulher que resolve tudo.

Franzi no cenho com a informação. Isso não era o costumeiro dela. A vi pegar um megafone, subir as escadas da prefeitura e falar para os presentes:

— Não vamos mais tolerar essa falta de respeito! Você — apontou para alguém entre eles —, você —mudou de pessoa —, nós! — Fez um gesto geral. Essa mulher sabia mesmo como tocar as pessoas. — Nós não vamos mais tolerar nenhum desrespeito, nem conosco e nem com os acordos que são feitos! — Sua voz era autoritária e as pessoas a ovacionavam. — Prefeito! — gritou no megafone ao se virar para a prefeitura. — Nós

estamos aqui e queremos seu pronunciamento! Existem falhas nessa companhia de luz que são imperdoáveis! Porque apenas o bairro deles é que sofre com isso? Nada disso deveria acontecer!

Algumas pessoas começaram a gritar coisas como: “é isso mesmo”, “desce, prefeito!” e “queremos explicações”. Patty continuou:

— Chega de irresponsabilidade! Temos comércio! Temos geladeira com perecíveis! Tudo isso está causando danos nos bolsos dos moradores!

Aos poucos, o número de pessoas aumentava. O que antes foi considerado apenas uma junção de alguns moradores, agora era uma pequena multidão formada. Patty deu o megafone para o líder no bairro a fim de que ele acrescentasse informações, mal desceu as escadas e uma moradora colocou um copo de água em sua mão e um círculo de pessoas se formou em volta.

Olhei para o lado e Thomas tinha desaparecido novamente, não percebi em que parte do discurso ele saiu. Estava me preparando para ir embora também quando vi Patty saindo da multidão, ela parecia dar desculpas para ir embora. Logo que se virou, seu semblante ficou sério, ela queria mesmo sair logo dali. Esse era o preço de ser tão acessível. Quero dizer, não sou contra isso, mas essa é uma das consequências que existia por ser considerada uma salvadora pelas pessoas.

Não muito passos depois, um grupo de quatro jornalistas a cercou. Vi Patty comprimir os lábios e tentar sair das perguntas com respostas rápidas. Antes dela conseguir se livrar deles, resolvi ir embora, ainda tinha um longo dia de trabalho.

Mas antes decidi passar em uma floricultura.



CAPÍTULO 5

Me preparei muito antes do combinado, não queria chegar atrasada no encontro. Antes de sair, olhei mais uma vez para o buquê de rosas vermelhas que ganhei duas semanas atrás. Elas já não estavam como no dia que Josh apareceu na porta da minha casa: o vermelho tinha ido embora, assim como o aroma, mas era impossível jogar fora aquelas flores. Parecia errado. Seria como se eu estivesse me desfazendo do afeto dele. Decidi que o buquê ficaria em cima da cômoda até o dia em que ele se desmanchasse por completo. Dessa maneira minha consciência não pesaria.

Duas semanas antes eu estava sentada na cama imaginando que nunca mais teria alguma oportunidade com Josh, me perguntando se eu tinha feito ou falado algo desagradável sem perceber. Mas, quando menos esperava, ele apareceu na minha porta com flores e pedindo desculpas por não ter dado qualquer sinal de vida. Conversamos todos os dias desde então. Acho que já estávamos namorando. Ele ainda não tinha feito a proposta oficial, mas sabia que isso não iria demorar.

Nossos encontros passaram a ser em um local diferente. Para que não tenha chamados inconvenientes para ele, decidimos nos ver no pântano, é um dos poucos lugares onde não tem rede no celular. Ou seja: é o lugar perfeito para quem busca um pouco de paz. Não fazemos isso na parte tenebrosa e selvagem do lugar, que fica em volta do rio, mas sim na trilha, a caminhada que fazemos é bem tranquila. Me sentia aventureira, apesar de vez e outra encontrar alguém que também tirou um tempo para andar por ali.

Essa era a segunda vez que nos encontramos no pântano.

E estava mais preparada. Na primeira vez fui com uma sandália rasteira e vestido, percebi que era muito pior do que eu imaginava, então decidi usar jeans e bota. Isso significava que não voltaria com os pés sujos e picadas de mosquitos pelo corpo. Enquanto caminhava até o ponto de encontro, pensei

em Chloe. Ela estava cada dia pior, começou a chegar tarde em casa. Minha mãe já não sabia o que fazer, fingia que não ligava, mas já a vi andar preocupada pelo quarto. E eu? Cansei de tentar ter uma conversa com Chloe, ela sempre desconversava ou respondia de maneira curta e grossa.

Josh aos poucos se integra como minha base. Ele faz com que meus pensamentos se aquietem, minha ansiedade se dissipe e a pensar que tudo está tranquilo, mesmo momentaneamente. Agora estou livre para alimentar esse sentimento. Muitos acham que não devemos nos entregar tanto em um relacionamento, que devemos manter um pé trás para que um dia, caso tudo acabar, o sofrimento não seja avassalador. Eu tenho pensado muito sobre isso ultimamente. Conclui que se sempre pensarmos dessa maneira, nunca aproveitaremos tudo.

E se esse for o relacionamento que vai durar? Isso significa que eu nunca vou vive-lo plenamente. E sinceramente? Não quero isso para mim. Quero criar expectativas agora que sou permitida.

Estacionei o carro perto da entrada de uma das trilhas, entrei e caminhei até sentir a umidade no ar, o pequeno rio da região já não estava tão longe, mas ainda não tão perto. Mesmo assim, pequenas lagoas e poças formadas pela chuva e formação do terreno molhavam a região, alguns sapos que viviam por ali coaxavam. Há quem diga que a região guarda muitos perigos, e eu concordo, crocodilos e serpentes faziam daquele ambiente seu lar, mas eles preferiam o rio e a cada ano que passava mais difícil era encontrar esses animais. Isso me tranquilizava, mas não deixava de tomar cuidados redobrados. Sentei em uma pedra e esperei por Josh.

Mexia com minhas unhas quando escutei passos por cima de folhas secas, levantei o olhar e o vi com as mãos no bolso na jaqueta marrom e a barra do jeans suja de barro. Eu estava tão feliz por o ver que nem liguei para a sujeira, mas mesmo assim ele explicou o que aconteceu:

— Quando voltar, toma cuidado. Tem uma pequena poça de lama ali atrás — Josh estava sem jeito e apontava o dedão para trás, sem se virar.

Levantei da pedra e sorri, o bom humor dele era algo que eu prezava. Passei meus braços pelo seu pescoço e o beijei.

— Ok, terei cuidado — falei entre um beijo e outro.

Andamos de mãos dadas por alguns metros até encontrar um banco de madeira que foi improvisado por alguma pessoa que frequentava a trilha. Josh sentou virado para o lado e, quando sentei, me puxou de maneira que seus braços passaram como em um abraço pelos meus ombros e minha

cabeça apoiou em seu peito. Ele contou sobre coisas que aconteceram no trabalho e como o casal Rickenter a cada dia que passava ficava mais paranoico no rancho, por isso sempre chamavam Eve para verificar as redondezas, já que as armadilhas não capturaram animal algum até o momento.

Olhei curiosa para Josh e perguntei:

— Por que chamam especificamente ela?

Ele me olhou sem entender o motivo da pergunta.

— Eve é filha deles. Você não sabia?

Fiquei em silêncio por um instante e lembrei da última vez que estive com o casal, vi uma foto deles com uma criança de macacão e boné. Em meu julgamento precipitado, achei que seria algum menino. Como se somente garotos pudessem usar macacões e bonés. Agora me sentia uma tola. Todo aquele jeito grosseiro e fechado dela começava a fazer sentido na minha cabeça.

— Como ela foi criada? — perguntei curiosa.

— O pai dela sempre foi muito rígido, mas podemos conversar outra hora sobre isso.

Acenei com a cabeça de maneira que ele entendesse que estava tudo bem comentar sobre a vida dela em outro momento. Uma fase da minha vida também não foi boa e eu odiaria que alguém contasse para outros o que era minha privacidade, por isso não o forcei a contar uma vírgula sequer.

— E Chloe? Como está?

Ao ouvir a pergunta, segurei um longo suspiro.

— Está do mesmo jeito, não a vejo pela manhã e a noite, muito menos sei se ela realmente está indo para a escola — falei desanimada.

— Sem esse assunto também, então — Josh segurou uma das minhas mãos e a apertou.

— É... — disse em um sussurro.

— Ontem passei o dia pensando em você — senti o queixo dele repousar no topo da minha cabeça e um gelo tomou conta do meu estômago.

— Passou? — perguntei tentando mascarar a felicidade com curiosidade.

— Na verdade, percebi que você trouxe um lado que eu não sabia que tinha. Sempre achei que ser detetive era a maior paixão que eu poderia

sentir, mas você mostrou o quão apaixonante é uma tarde de cinema seguida de sorvete, uma madrugada de insônia com trocas de mensagens, um dia chuvoso com escritas no vidro embaçado, uma sessão de *selfies* no meio da trilha, um dia inteiro andando sem destino e cheio de conversas bobas...

Virei para ele e meus olhos marejaram, nunca ninguém me falou algo do tipo. Apesar de esperar por um pedido de namoro, não tinha ideia de que ouviria algo do tipo. Passei minha mão no contorno do seu rosto e ele colocou a dele sobre a minha.

— Posso ter mais de uma paixão na vida e descobri que você é a maior delas.

Meus olhos estavam inquietos, tentado evitar que lágrimas caíssem. Me aproximei de seu rosto e o beijei. Lentamente ele terminou aquele momento, mas não se afastou de mim. Ainda sentia como sendo atraída por ele com um imã quando ele disse:

— Preciso fazer isso de maneira formal, mesmo sentindo que já chegamos de maneira calada nesse ponto — fiquei em silêncio escutando cada palavra dita por Josh, o fitava de maneira ansiosa. Ele pegou minha mão que estava em seu rosto e a segurou. — Sophie Fields, aceita namorar comigo? — moveu minha mão até seus lábios e deu um leve beijo nela.

Não contive minha alegra quando não tive minhas expectativas frustradas.

— Mas é claro! Claro, claro que aceito! — repeti as palavras e distribui beijos pelo rosto de Josh, ele apenas riu com minha reação.

— E quando vou falar com sua mãe? — perguntou quando finalmente aquietei.

— Vai conversar com ela?

— Vou sim, ou você pensa que sou qualquer um que sai namorando sem fazer do jeito certo? — falou em tom de brincadeira, mas eu sabia que tinha um fundo de verdade.

— Desculpa sr. Das Antigas.

— Hmm... não desculpo — Josh virou a cabeça e fechou os olhos ao fazer um bico que eu achei ser a coisa mais linda.

Me virei completamente para o lado dele e o abracei pela cintura, com uma voz manhosa, falei:

— Desculpa, detetive Sanders. Não era minha intenção magoar — passei meus dedos entre os fios de cabelo de Josh e pousei a mão em seu ombro.

Ele virou o rosto para mim e desfez a pose.

— Não consigo competir com isso! Pare de ser fofa! — Pegou meu maxilar e me deu um beijo.

Não vimos a hora passar, era sempre assim, independente do assunto que conversávamos.

O sol estava descendo no horizonte quando Josh me levou até o carro. Conversamos por mais uns cinco ou dez minutos quando seu telefone tocou. O sinal na trilha era falho, mas as chances de aparecer em algum ponto da estrada eram maiores. Seu semblante mudou, o sorriso deu lugar para uma expressão séria, ele dizia frases curtas, algumas vezes respondendo apenas um “ok” e um “entendo”.

Quando finalmente desligou o celular, perguntei o que era e ele somente respondeu:

— Era do trabalho.

E se despediu, disse que ligaria mais tarde para ver se estava tudo bem. Foi muito rápido, em um segundo ele estava dando um beijo na minha testa o no outro já estava dentro do carro para ir embora. Ele estava de folga, então algo muito sério deveria ter acontecido. Ao entrar na cidade, passei por uma viatura da polícia, ela estava em alta velocidade e na direção contrária que eu.

Já em casa, vi a famosa bicicleta na lateral do quintal. Era de Paul. Hoje eu o flagaria e tirava essa história a limpo. Não estacionei o carro em casa, fiz isso duas casas a frente. Abri a porta sem fazer barulho e subi em silêncio até o quarto de Chloe. Minha mãe estava trabalhando e minha irmã deveria estar na escolha, apesar de ser quase hora dela voltar. Parei na frente do quarto dela e me perguntei, novamente, qual era o motivo para que ela preferisse essa infantilidade do que nos apresentar formalmente.



CAPÍTULO 6

Minha cabeça estava a mil. Finalmente tinha pedido Sophie em namoro e confessado a mudança que nossa paixão causou em mim. Meu profissional e pessoal estavam indo bem, era incrível a calmaria que sentia. Até o momento em que recebi uma notícia terrível.

Thomas me avisou que receberam uma denúncia anônima sobre uma invasão o rancho Rickenter e Eve foi a primeira a chegar no local. Eu tinha que correr para ver o que aconteceu e como ela estava. Pelo retrovisor vi duas viaturas atrás de mim, parecia algo muito sério.

Parei meu carro próximo a casa do rancho, outras duas viaturas já estavam ali, assim como uma ambulância e o carro de Eve. Dois policiais seguravam pranchetas enquanto outros dois vasculhavam as redondezas. Me aproximei dos que estavam parados e perguntei para quem me respondesse primeiro:

— O que aconteceu? — Eles trocaram olhares como se um entregasse para o outro a responsabilidade de me responder. — O que aconteceu? — repeti a pergunta, mas com a voz mais imponente.

— Recebemos um alerta...

— Isso eu já sei! — o interrompi. — Agora quero que me respondam o que aconteceu! — Fiquei impaciente.

— Encontramos a senhora Rickenter desacordada no chão da sala e com uma ferida na cabeça. A base do abajur ao lado dela continha sangue, acreditamos que ele foi o objeto utilizado para deixá-la inconsciente. Os peritos não encontraram digitais.

— E Robert? — Novamente eles trocaram olhares. — Mas que merda! Vocês são policiais ou não? — me exaltei com a falta de culhões para responder uma pergunta.

— Ele foi encontrado gravemente ferido no chão da cozinha, seu pulso estava muito fraco. Foi somente o tempo de Eve chegar que... que ele veio a

óbito.

Fiquei paralisado com o que escutei, balancei negativamente a cabeça e repeti por várias vezes a palavra *não*. Não era possível que isso estava acontecendo, não dava para acreditar. Nunca trabalhei com o casal, eles se aposentaram logo que entrei para a policial, mas meu pai, Zachary, era muito próximo deles, foram colegas de profissão durante vinte anos. E, claro, o Rickenter era pai de Eve, minha parceira de trabalho há dois anos, quando chegou transferida de Tallahassee, e minha amiga desde criança.

Andei apressado até o interior da casa para procurar por ela, ouvi uma intensa movimentação na sala, Margareth estava sentada em uma cadeira de madeira, envolta por um cobertor, olhando para o vazio sem expressão alguma no rosto enquanto os paramédicos realizavam os procedimentos para verificar seu estado. Eve andava de um lado para o outro, foi até a cozinha quando me viu e eu a segui.

— Como você está? — perguntei mesmo sabendo que a resposta não viria fácil se tratando Eve Rickenter.

— Robert foi atacado pela frente e de baixo para cima com a faca — parecia que não notava minha presença, ela encenava como tudo teria acontecido, mas se referia ao pai pelo nome para a intimidade não interferir na análise.

— Não precisa fazer isso, temos um pessoal especialista — insisti.

— Talvez a pessoa quisesse olhar nos olhos dele para o ver agonizar ao morrer, por isso se aproximou tanto — andou de uma ponta a outra e girou várias vezes a maçaneta da porta que dava para os fundos da casa. — A porta não foi arrombada, então ou a pessoa teve a sorte de a encontrar destrancada ou a vítima a conhecia.

Eve demonstrava muita frieza, ela era uma mulher forte e durona, mas sua reação era inacreditável: a mãe estava na sala sendo preparada para ser levada ao hospital e o pai tinha morrido. Ou a ficha não caiu ou ainda estava no estado da negação.

— Deixe com a perícia, Eve. Eles vão analisar cada centímetro desse lugar. Dois policiais já estão fazendo buscas por pistas na região, se o assassino deixou algo para trás, nós vamos encontrar. O que podemos fazer neste momento é companhia para Margareth e esperar pelos resultados forenses.

— Cala boca, Josh! — Eve gritou. — Eles acabaram de sair, não encontraram mais do que uma única digital na faca que foi utilizada e ela

nem estava completa! Não tinha sangue, fios de cabelo, pegadas ou sequer Roberto tentou lutar contra seu assassino, então sem DNA sob as unhas também. Estamos zerados de evidências!

Ouvimos a ambulância soar e o barulho ficava cada vez mais longe, era sinal de que Margareth já estava a caminho de um hospital.

— Agora temos que esperar Margareth ficar estável para a interrogarmos — ficou em silêncio por alguns segundos. — Não há casas ou sinal de vida humana em raio de dois mil metros, quem o matou deve ter pegado a estrada e sumido.

Um dos policiais entrou na cozinha e avisou que nenhum canto da casa foi vasculhado e furtado pelo intruso. Passei a mão na nuca, já começava a ficar exausto.

— Pedi prioridade na análise da digital, por isso vamos ter o resultado em breve, e então juntamos com o que for encontrado pelos que estão lá fora procurando. Vou pedir que três viaturas sejam liberadas hoje à noite para uma ronda na cidade a fim de procurar por qualquer um que seja suspeito. Enquanto isso, verei outras coisas — Eve disse sem olhar para nós e saiu sem maiores explicações.

Fiquei por mais um tempo conversando com o policial sobre detalhes do que aconteceu, mas Eve não saía do meu pensamento, eu precisava ver para onde tinha ido e como estava. Sai do rancho com pressa e tentei alcançar Eve. Pensava nos possíveis lugares que ela poderia ter ido quando seu carro passou pelo cruzamento que eu estava parado, não me importei em furar o semáforo para segui-la.

Eve entrou no estacionamento do hospital e, a uma distância segura, continuei acompanhando seus passos. Ela decidiu visitar sua mãe. Senti alívio ao ver que não era tão fria quanto aparentava. Na recepção, pedi o número do quarto de Margareth ao mostrar meu distintivo da polícia, subi pelas escadas até o terceiro andar e procurei pelo quarto.

Pelo vidro do quarto, assisti o ato mais sensível de Eve que já vi.

Ela estava em pé, grudada na beira da cama. Margareth estava sedada. Eve segurava a mão da mãe como se nunca mais quisesse soltar e, apesar de estar de costas para mim, imaginei aqueles olhos azuis tentando penetrar nos da mãe para que abrissem logo. Uma enfermeira passou por mim e a segurei pelo braço:

— Como está o quadro desta paciente?

A enfermeira olhou quem era e respondeu:

— Ah, a que acabou de chegar. Ela está estável, mas vai ficar em observação para verificarmos qual a gravidade da lesão causada pelo impacto, a paciente chegou com sintomas de traumatismo craniano moderado, quem a acertou tem força e conhecimento. A paciente teve um ataque de pânico quando a filha entrou, então tivemos que sedá-la. Amnésia. Só o tempo dirá se será permanente ou não — a enfermeira olhava Margareth com um semblante pesaroso.

— Quais são outras possíveis sequelas?

— Depende... temos que esperar para ver, mas ela pode se recuperar totalmente, mas também existe a chance de ter que lidar com limitações motoras, tonturas e dores de cabeça além da amnésia.

Agradeci a enfermeira e voltei a observar Eve com a mãe. Me vi no lugar dela, três anos atrás eu que estava nessa mesma posição em um hospital, mas diferente de Margareth, minha mãe dava seus últimos suspiros. Lembro que naquela hora, o que eu mais queria era um abraço amigo me dizendo que tudo ficaria bem. Essa memória foi o que me moveu para entrar no quarto e passar meus braços em Eve.

De início ela resistiu e tentou se desfazer do abraço com alguns socos, beijei o topo de sua cabeça e a abracei mais forte, não falei uma palavra, o momento não precisa disso. Eve finalmente se entregou e tirou a armadura emocional que usava e me abraçou de volta.

Foi assim que, pela primeira vez, vi Eve Rickenter chorar.



CAPÍTULO 7

— CHLOE FIELDS! — esbravejei ao entrar no quarto.

Não estava acontecendo coisa alguma, mas por ser a primeira vez que via Paul, fiquei brava. Os dois estavam deitados de barriga na cama, cada um com um lado do fone de ouvido. Minha irmã mexia no notebook e, pelo que vi, estavam escutando bandas.

— Calce isso agora! — Apontei para o sapato no chão e encarei o garoto como se eu tivesse o poder de expulsá-lo apenas com o olhar.

Parece que ele entendeu meu desejo ao colocar o sapato: saiu do quarto com um olhar desafiador e sorriso cínico. Respirei fundo por cinco vezes na tentativa de me acalmar. Senti Chloe me fulminando com o olhar.

— O que foi, Chloe? Você realmente acha que está no direito? — perguntei lutando para manter o controle.

— Sai da frente — me empurrou e desceu atrás de do garoto.

Chloe gritava frases sobre ligar para ele mais tarde.

— Apresentar ele para nós nem pensar, mas tudo bem trazer para cá sem avisar?

— Cai fora, Sophie! Você não tem um namorado para cuidar? Uma amiga para fofocar? Você acabou de estragar tudo! — minha irmã disse exaltada e com os gritos muito próximos do meu rosto.

— Está na hora de crescer e criar consciência! — falei enquanto ela entrava no quarto, a segui, mas a porta bateu na minha cara. Dei três batidas e continuei: — Abre aqui, Chloe! Vamos conversar — eu batia na porta e girava a maçaneta como se fosse funcionar a qualquer momento. — Chloe? Chloe?

Não escutei mais nada, revirei os olhos e suspirei agressivamente. Não iria falar para nossa mãe, se Chloe quisesse falar algo, ela mesma que faria isso.

Esse encontro me desestabilizou a ponto de me fazer esquecer o que aconteceu no encontro com Josh, com o que eu estava preocupada e até mesmo em contar para Emily. Somente a noite, quando peguei meu notebook, procurei ver se ela estava online.

FEE-FEE: Ems, está por aí?

FEE-FEE: Ems?

FEE-FEE: ...

EMSMOORE: Ah, desculpa Sophie, eu estava ajudando minha mãe aqui em casa e deixei isso aqui aberto :x demorei muito?

FEE-FEE: Não, só 40 minutos, rs

EMSMOORE: OH GOD, desculpa hehe

EMSMOORE: Pela milésima vez, acho legal que você ainda esteja usando Fee-Fee, mas ainda prefiro seu nome inteiro Sophie ☺

FEE-FEE: Lembranças do ensino médio, melhor deixar assim

EMSMOORE: Mas porque você estava com todo aquele desespero me chamando?

FEE-FEE: Aconteceram tantas coisas...

EMSMOORE: Tipo...

FEE-FEE: Josh me pediu em namoro

EMSMOORE: COMO ASSIM? E VOCÊ NÃO ME LIGA PRA CONTAR ISSO? E AINDA ME FALA NESSE TOM SEM ALGUM EMOTICON FESTEIRO?

FEE-FEE: Wooooooooooooooooow! Calma senhorita!

EMSMOORE: Calma nada! Se você não me contar agora T-U-D-O o que aconteceu, vou fazer greve de amizade!

FEE-FEE: Não ouse!

EMSMOORE: Experimente u.u

FEE-FEE: Não vou correr esse risco haha

Então contei para Emily como foi o encontro e o pedido de namoro, inclusive, falei sobre a saída inesperada e urgente dele.

EMSMOORE: E ainda não ligou para ele?

FEE-FEE: Não sei se ele já desocupou...

EMSMOORE: Ué, tenta pelo menos uma vez

FEE-FEE: Ok, vou fazer isso agora, estou saindo

EMSMOORE: Beijos

FEE-FEE: Beijos

FEE-FEE se desconectou

Peguei meu celular e liguei para Josh. Duas vezes. A ligação caía pela falta de resposta. Digitei uma mensagem de texto perguntando se ele estava bem e se aconteceu algo sério. Esperei tempo o suficiente para perceber que não iria conseguir falar com ele naquele dia.

Escutei minha mãe chegar e contei para ela somente as coisas positivas que aconteceram. Ela perguntou por Chloe, respondi não sabia, já que me sentia muito cansada ao chegar, por isso tomei banho e fui direto para cama. Eu não estava com disposição para falar sobre a irmã-mais-nova-que-está-se-comportando-de-maneira-estranha.

Apenas para não passar batido, mandei uma última mensagem para Josh antes do dia terminar. Novamente, sem resposta.



CAPÍTULO 8

O grito de um garoto e o choro de uma mulher me acordaram repentinamente. Olhei para os lados esfregando os olhos para me situar e então, como uma avalanche, todos os acontecimentos das últimas doze horas voltaram para meus pensamentos. Virei a cabeça levemente para o lado direito e vi Eve dormindo sobre meu ombro e sua mãe segurando a de Margareth, tentei pegar meu celular que estava no bolso da calça, de maneira que não acordasse a detetive. Pelo horário, o sol nasceria em pouco tempo.

O aparelho também mostrava duas ligações perdidas de Sophie e nenhuma mensagem na caixa-postal. Ela enviou duas mensagens também. Minha boca se encheu para soltar algum palavrão aleatório por não ter visto essas notificações antes, mas não falei nada.

Com cuidado, afastei a cabeça de Eve do meu ombro, ela naturalmente se mexeu e virou para o outro lado do sofá. Levantei, peguei o casaco e saí do quarto. Digitei rapidamente uma mensagem de desculpa para Sophie. No balcão de informações daquele andar do hospital, solicitei:

— Por favor, se tiver qualquer novidade, mesmo que mínima, no quadro daquela paciente — falei para a mesma enfermeira que conversei na noite anterior e apontei para o quarto de Margareth —, me avise — e entreguei meu cartão.

Antes de ir para o trabalho, passei na casa do meu pai.

— Josh, Josh — ouvi aquela voz grossa e antiga enquanto caminhava até a sala de estar.

— Bom dia, pai — disse um pouco incerto quando vi o semblante triste que ele carregava.

— Sente aqui — apontou para a poltrona em frente da que ele estava.

Notei que ele estava com o jornal na mão e, quando sentei, ele colocou o papel ao lado. Olhou para o chão, parecia procurar por palavras e esconder

o que realmente sentia. Meu pai sempre foi assim. Após a morte de minha mãe, ele tentava não transparecer sua tristeza, mas para mim não fazia diferença, de alguma forma eu sempre sentia o que ele cuidava para disfarçar.

Deve ser isso que as pessoas costumam falar que existe de mais intrínseco e instintivo na relação entre pai e filho. Eu sabia que ele estava arrasado, não precisei das palavras “Detetive aposentado” que li na manchete antes dele colocar o jornal ao lado.

— Você precisa prometer uma coisa para mim, filho.

— O que?

— Vai fazer de tudo para prender o filho da mãe que matou Robert — seus olhos estavam fixos nos meus, o dedo indicador apontava para o jornal com veemência e sua voz era autoritária. Isso era raiva reprimida.

— Não preciso prometer. Ele matou um de nós. O caçarei até o fim do mundo.

Eu precisava encontrar o assassino, era questão de honra. E principalmente: deveria fazer com que meu pai, Margareth e Eve ficassem em paz sabendo que quem praticou esse crime hediondo recebeu o que merecia.

Ao avisar que já estava na minha hora de ir embora, meu pai se levantou da poltrona e pediu para que eu esperasse. Fiquei parado e o vi se levantar e caminhar até a mim. Ele me abraçou e eu retribui o gesto, seja por qualquer motivo que o fez ter essa atitude, senti apoio e encorajamento vindo da parte dele.

O clima na delegacia estava pesado, mais do que o normal. Alguns policiais me pararam perguntando sobre Eve e como ela estava lidando com a perda, evitei dar detalhes, ela era uma pessoa reservada, não gostaria de ver todos do Departamento sabendo como ela se sentia. Pelo que a conheço, se sentiria super exposta.

— Resultado da impressão digital — Thomas interrompeu uma conversa entre mim e um policial, me puxando em seguida para dentro de uma sala.

— Olá, Josh — Tom me cumprimentou com uma expressão séria, ele era o responsável pelas análises forenses.

— Bom dia — respondi seco, mas ansioso para saber o que ele tinha para falar.

— Como Eve pediu, fiz da impressão digital minha prioridade, mas o resultado não bate com nenhuma outra que está em nossos bancos de dados.

— Então o criminoso nunca foi fichado... — pensei alto.

— Não há registros dele em nenhuma prisão do país.

Fechei os olhos para conter meu desgosto, a única coisa que poderia ajudar a identificar não iria ajudar em coisa alguma. No local não tinha pegadas e nem outro tipo de material genético para exame de DNA... nada.

A situação era de escuro total.

A não ser que Margareth tenha visto o assassino.

Mas só seria possível saber se ela recuperasse a memória.

E o mais breve possível, de preferência.

— Conversei com o médico legista hoje.

— Ele disse alguma coisa que pode nos ajudar? — Senti uma pequena esperança.

— É melhor você ir até ele, Archibald poderá explicar melhor.

Agradeci a Tom e fui com Thomas direto para a sala de necropsia, ela ficava na parte subterrânea do Departamento. O local tinha temperatura mais baixa, mas o arrepio que senti no braço não era somente por causa dela, ver o corpo de Robert sem vida me causou rebuliços no estômago.

— Archibald?

— Detetive Sanders! Detetive Santiago! — ele saiu de uma sala e colocou luvas de silicone ao nos cumprimentar. — Por aqui — ele nos encaminhou até a mesa que estava Robert.

— O que descobriu?

— Passei horas estudando os golpes e pensei em algumas hipóteses... Está vendo este corte? — Archibald apontou para um corte grande e inclinado na lateral do corpo, localizado dois dedos abaixo da última costela. — Apesar de não saber exatamente qual a sequência de todos os golpes, esse foi o primeiro.

— Por quê?

— Está vendo que todos os outros cortes estão retos? Somente este está com uma leve curvatura que começa neste ponto e sobe cerca de dois centímetros. A vítima estava de costas e, quando sentiu o primeiro golpe, se virou, fazendo com que a faca se movesse para cima.

— Para o objeto ter essa facilidade em cortar, deveria estar extremamente afiado. Então quem fez isso com Robert tinha a missão de matá-lo. Talvez liquidar até Margareth — conclui.

— O assassino era maior que a vítima, Roberto tinha 1,67 metro e quem você está procurando tem pelo menos 1,70.

Não era muita coisa, mas ao menos já poderíamos excluir ou incluir suspeitos com base na altura.

— E qual foi o golpe fatal?

— Este aqui na carótida. Ele sangrou até morrer.

Somos treinados para sempre que estivermos a serviço, separarmos nossa vida pessoal da profissional. Na teoria é simples. Quando lidamos com estranhos é um pouco mais fácil, afinal, eles são meros desconhecidos que foram vítimas das injustiças da vida ou da "justiça" das ruas.

Ver corpos inertes, sem vida, é comum, ainda mais para nós que temos como principal função encontrar quem comete essas atrocidades. Mas quando se trata de alguém que conhecemos e que até mesmo trabalhamos juntos (ainda há um ou dois oficiais ativos na polícia que eram da época dos Rickenter), a situação muda junto com nossa visão.

Soube que estava encarando demais o corpo quando escutei Archibald pigarrear.

— Se quiser, posso mandar o relatório para Thomas.

Eu estava tão tenso que não percebi quando meu parceiro sumiu. Pensando bem, só senti sua presença quando Archibald nos cumprimentou, mas não notei se ele entrou junto comigo ou não. Thomas deve ter ido para algum chamado.

— Claro, mande sim. Vou preencher uma papelada que deixei para depois e em seguida irei ver como Margareth está.

— Detetive Sanders... — o legista disse quando eu estava para sair. — O corpo vai ser liberado no período da tarde, todos os exames já foram feitos.

Encarei Archibald por um momento, no fundo me fazia a promessa de que a identidade do assassino não seria levada para o túmulo junto com Robert. Só então me retirei.

Entre uma papelada e outra, escutei passos se aproximando da minha mesa de trabalho. Uma chave foi jogada em cima de uma pequena pilha de documentos, olhei para cima e vi Thomas com um brilhante sorriso no rosto.

— Lembra daquele "te devo uma" que disse há algumas semanas quando você recebeu de última hora a ordem de fazer os relatórios para serem entregues no mesmo dia em que teria seu primeiro encontro com uma tal garota chamada Sophie?

Segurei uma risada e me aproximei da mesa com o braço cruzado e uma das mãos no queixo, gesto para encorajar Thomas a terminar logo o que

queria dizer, mesmo já desconfiando do que ele queria.

— E seu grande parceiro aceitou o pedido de um babaca apaixonado e ficou até uma hora da manhã escrevendo e revisando relatórios no lugar dele?

— Me lembro vagamente... — respondi pensativo, brincando com a situação.

— Pois bem, é melhor você lembrar muito bem agora. Preciso que você fique no meu lugar, não tenho muito serviço, não demorará quarenta minutos, mas eu realmente preciso sair mais cedo hoje. Essa é a chave da minha mesa, caso precise de algo.

— E eu posso saber o motivo dessa pressa?

— Vamos apenas dizer que o acaso nos traz surpresas.

— Ok, senhor-todo-misterioso. Faço isso por você.

— Obrigado, bro!

Assim como eu, Thomas era um cara muito focado no trabalho, raramente o via com alguma companhia. Ele conversava sobre taxa de homicídio, futebol, baseball e tipos de cerveja, mas nunca sobre alguém que conheceu. Como está longe de ser uma pessoa retraída, se ele fosse em encontros, sei que falaria tranquilamente, assim como fez ao me pedir que terminasse seu trabalho.

Então supus que ele não fazia isso há algum tempo. Eu não iria impedir esse grande acontecimento. Uns minutos a mais no trabalho durante a noite não faria tanta diferença.



CAPÍTULO 9

Estava sem falar com Josh há dois dias. Depois que recebi a mensagem de desculpas, não fui atrás dele, sabia que estava muito ocupado. Se eu aparecesse querendo atenção, poderia acabar atrapalhando, então quando ele estivesse com tempo livre, eu estaria esperando.

Mas nosso encontro será mais cedo do que imaginei. Não por aparecer um tempo livre na agenda dela, mas sim pela trágica morte de Robert. Descobri ao assistir os noticiários, Josh não me contou, talvez por não saber como fazer isso ou por estar muito ocupado. Até hoje não acredito que isso aconteceu, sempre que tinha entregas no rancho do casal, ele me passava a impressão de ser tão forte e astuto... parecia irreal essa morte. Logo quando descobri que ele era pai de Eve...

Eve...

Iria ao enterro para conversar com ela também. Eve tem um jeito fechado e grosso, mas estava em sofrimento. Me considerava órfã de pai, para mim ele estava morto, é péssimo perder um pai de uma hora para outra sem avisos e nem nada, mas não tenho ideia do que é ter a mãe hospitalizada. Quando visitei Margareth, ela parecia melhor, a enfermeira disse que aos poucos a memória estava voltando, já reconhecia a filha e acontecimentos recentes, mas não de todos. Ainda não se lembrava exatamente do que aconteceu no fatídico dia, mas provavelmente mais cedo ou mais tarde iria.

Infelizmente, Margareth não estava em condições de sair do hospital, muito menos para dar o último adeus ao marido. Apesar da enfermeira garantir que Eve sempre estava por lá fazendo companhia para a mãe, não a vi em nenhum momento. Talvez não era a hora certa para nos encontrar.

Ao chegar no cemitério, vi o quanto meu vestido de cor preta se contrastava com a grama surpreendentemente verde, meu sapato fazia o mesmo. Minhas mãos estavam envoltas por uma luva delicada e um óculos

escondia os olhos. As leves ondas do meu cabelo se destacavam perto da minha roupa completamente escura. Odiava usar preto. Odiava o luto. É muita dor, o sentimento de perda é imensurável.

Avistei Eve, Josh e alguns policial e detetives que encontrava ao fazer as entregas. Ela estava de calça social e terninho, Josh vestia uma camisa de manga longa e calça social. Todos vestiam preto. Meu coração estava apertado, a sensação piorou quando vi o caixão. A vontade de chorar me atingiu ao imaginar o sr. Rickenter ali dentro.

Horrível.

Fiquei ao lado de Josh, apenas acenamos com a cabeça no lugar do *oi*, segurei a mão dele em apoio e escutamos o tenente terminar o discurso. Após isso, a força policial realizou uma homenagem ao cantar o hino extraoficial do Departamento de Polícia de Forest Hill, o DPFH:

Um irmão é um irmão,
Com ou sem razão.
Nosso objetivo é prender ladrão
E não deixar assassinatos sem solução.
Um irmão é um irmão,
Sendo de sangue ou não,
Parceria e proteção.
Nós do DPFH nunca nos deixamos na mão!
UNI-ÃO! UNI-ÃO! UNI-ÃO!

Conhecia o hino de trás para frente, por duas vezes Josh me levou para o bar que eles costumam frequentar após o expediente. Em vários momentos eles cantaram, sem motivo algum, apenas para celebrar suas relações. Não conhecia grupo mais unido do que policiais. Mas pela primeira vez o escutei ser cantado tristemente, dez policiais estavam em posição de sentido e olhavam para o caixão enquanto cantavam. Os olhos de cada um deles estavam cheios de pesar. Mudei minha atenção para Josh e seus lábios movimentavam como se estivesse cantando, mas não saiu som entre eles.

O caixão foi colocado dentro da cova e, um por um, os presentes depositaram uma flor em cima. A filha foi uma das últimas, ela parecia querer adiar o inevitável. Logo depois joguei a minha, como Josh estava conversando com o tenente, decidi procurar por Eve, era algo justo e lógico.

Não andei por muito tempo no cemitério, foi fácil reconhecer aquele rosto que estava mais branco que o normal devido a coloração da roupa.

Eve e eu nunca tivemos uma conversa, ela era sempre tão curta e direta comigo que, por um tempo, cheguei a duvidar que ela tivesse sentimentos. Ao vê-la limpando uma lágrima quando me aproximei, tive a certeza de que ela tinha tanto quanto eu.

— Oi, Eve — falei retraída e recebi apenas um olhar como resposta. — Escuta, se quiser alguém para conversar, estou aqui, ok? Sei que não deve gostar muito de mim, mas qualquer apoio nessas horas é sempre bem-vindo.

— Conversar sobre o que? "*Ah, eu imagino como se sente, mas aos poucos essa dor vai aliviar*"? Se for, pode sair daqui. Não preciso de um desse para colocar em minha coleção. Você não sabe pelo que estou passando. Você e seu mundinho colorido.

Fiquei perplexa com a reação de Eve, eu estava com a intenção de ajuda-la e recebo essas palavras? Essa grosseria? Eu não tinha ideia do que é ficar sem um pai? A partir do momento em que um pai abandona você, sua família e nunca mais volta, você o considera morto.

— Realmente, Eve, não sei pelo que está passando, mas sei pelo que eu passei. Foram acontecimentos diferentes, mas o sentimento é parecido. Ou melhor, você pelo menos conviveu até os trinta anos com seu pai.

— Acredite em mim, Sophie Fields, minha vida teria sido bem melhor se eu não tivesse convivido nem cinco com ele!

Pelo seu tom, percebi que o maior problema no momento não era eu. Na verdade, tinha certeza de que não era nada relacionado a mim e minha vontade de ajudar. Esse comportamento estava inteiramente relacionado a eles dois. Somente.

— Agora que ele se foi — ela continuou —, não sei como me sentir. Nem sei o motivo para ficar conversando com você. Adeus.

E foi assim que sem mais nem menos, Eve Rickenter virou as costas para mim e foi embora. Não soube como agir, fiquei parada observando-a se afastar cada vez mais até a perder de vista.

— O que aconteceu? — Josh chegou e colocou a mão em minha cintura.

— Nada... não aconteceu nada — balbuciei tentando processar o acontecimento.

— Se Eve foi grossa com você, o que não duvido, não leve para o pessoal. Ela está muito estressada e, quando está assim, seu nível de sensibilidade se iguala a zero.

Não respondi, apenas senti ele me encaixar no meio de seu abraço e me dar um beijo no alto da minha cabeça.

— Estava com saudades — Josh disse com sinceridade explícita.

— Eu também — o abracei mais forte.

— Vem cá, quero te levar para um lugar — ele me pegou pelo braço e guiou até o carro.

Entrei sem fazer perguntas, aos poucos reconhecia o caminho que ele estava fazendo: nos encaminhávamos para a trilha do pântano, local de nossos encontros.

Descemos do carro e, me guiando pela cintura, fomos até o ponto em que nos encontramos da última vez. Se aproximando de mim, Josh disse:

— Em nosso último momento juntos, começamos algo especial que infelizmente foi finalizado com uma notícia terrível. Agora, em um dia pesado, quero terminar ele com nossa coisa especial.

Ele se aproximou e me beijou, passei meus braços pela nuca dele e a paixão melhorou um pouco o clima triste que nos rondava, ela era tão intensa que eu não acharia estranho caso se materializasse de uma hora para outra.

Sentamos no mesmo banco de sempre e conversamos sobre o futuro de Margareth. Josh contou que Eve planejava mudar a mãe para Tallahassee, dessa maneira, a senhora Rickenter não ficaria sozinha e teria um acompanhamento médico melhor do que em Forest Hill. Apesar de interagir na conversa e estar preocupada com o assunto, a breve conversa que tive com a detetive não saía da minha cabeça, queria perguntar para Josh sobre, mas não sabia como fazer isso. Então, decidi ser direta na primeira oportunidade que tive:

— Josh... Eve não tinha um bom relacionamento com o pai, né?

Ele parou por um segundo, talvez se perguntando onde eu queria chegar com isso.

— Eles não eram muito próximos — me respondeu vagamente, senti que pisava em ovos.

— Seja sincero, por favor...

— Ok — disfarçou sua hesitação com um afago em minha cabeça.

— Na última vez que fiz entregas no rancho dos Rickenter, vi fotos de Eve, até fiquei sem graça ao confundir por ver que ela usava macacão e boné...

Josh suspirou e olhou para a direção do singelo rio que passava a alguns metros.

— É, era ela... Robert sempre quis ter um filho homem, ele era *das antigas*. E aí nasceu uma menina...

Surpresa, arqueei as sobrancelhas.

— Ele a tratava como um garoto? Por isso ela é daquele jeito? Imagina o trauma que ela passou ao entrar na adolescência!

Percebi que comecei a falar demais e calei subitamente.

— Tudo bem, Sophie. Eve foi a única filha que Margareth conseguiu ter, mas Robert sempre a tratou como um garoto e exigia que sua esposa não contrariasse, já que não pôde dar a ele o filho sonhado — me assustei com o que Josh contou, mas permaneci quieta para continuar escutando. — Nós brincamos muito quando éramos crianças, mas naquela época, ser menino ou menina não importava. Fui entender direito a situação quando eles a mandaram para a capital, lá ela passou um tempo com outros parentes e viu alguns especialistas em comportamento.

Não sabia se Josh iria responder todas as dúvidas que rondavam minha cabeça, mas não custava tentar:

— E isso tudo só porque ela nasceu mulher e isso desagradou o pai?

Josh começou a falar alguma coisa, mas o interrompi:

— Por favor, eu preciso entender Eve, ela é sua amiga e quero me importar com ela — por mais que eu o estivesse fazendo falar, nenhuma das minhas palavras eram falsas.

Nunca fui uma grande fã da detetive, mas após descobrir um pouco mais de sua vida e saber que ela tinha grande importância para meu namorado (ainda estou tentando acreditar na nova designação para nós dois), percebi que talvez exista alguma pessoa bacana atrás da pose durona e grossa usada para apagar traumas do passado. As aulas de psicologia que participei quando era caloura me ajudaram a entender isso. E claro, meus anos de experiência lendo livros e assistindo filmes.

Josh pegou na minha mão, isso fez com que meu corpo virasse completamente em sua direção.

— O pai dela sempre quis *mesmo* um garoto, mas como disse, Margareth só conseguiu dar uma menina para ele. Sistemático do jeito que era, ele a criou como um. Quando digo criou, não estou falando apenas de roupas, mas sim de tudo. Eve acreditava que era aquilo que ele dizia que ela era, mas então chegou a puberdade e, junto com todos os hormônios, confusões e vontades, ela entrou em uma grande crise. Só então a mãe dela conseguiu mandá-la para Tallahassee para se tratar — ele suspirou. — Eve

coloca medo em todos da polícia, mas eu sei quem ela é por dentro daquela casca grossa, atrás desse jeito que ela inventou para se defender.

Gostava como Josh confiava em mim, mas não nego que senti ciúmes quando começou a falar daquela maneira sobre ela. Respirei fundo e mentalmente tentava me convencer: *ele está com você. Você. Então não precisa ter ciúme algum*. De modo sutil, balancei negativamente a cabeça.

— Você acha que um dia ela irá superar tudo isso?

Josh entornou levemente os lábios.

— Não sei, acho que ela se acostumou a viver dessa maneira, pensa que não precisa mudar... acha que está normal. Mas isso só o tempo vai dizer.

— É... — pigarreei antes de continuar a falar. — Você e ela...?

Pronto! Perguntei! Agora não tinha como voltar atrás. Esperei várias reações dele, algo como uma surpresa seguida de um "O que você está pensando?!" ou então que ele admitisse que já aconteceu algo. Eles são parceiros de trabalho e amigos há muito tempo, é compreensível até certo ponto. Mas eu definitivamente não esperava a reação que, de fato, recebi.

Josh riu.

— Sophie! Eve e eu? — perguntou antes de cair na risada novamente. — Não, não, somos amigos apenas.

— Mas algum dos dois já sentiu algo pelo outro alguma vez? — tentei não soar controladora, insegura ou algo parecido, mas essa curiosidade misturada com ciúmes era algo que eu não estava me saindo muito bem ao tentar controlar.

— Não acredito que fui namorar uma ciumenta! — Josh gargalhava.

Franzi o cenho e, brincando, mostrei a língua para ele.

Foi meio infantil, eu sei.

Ele deu um suspiro para parar as risadas e me respondeu:

— Não voltou mentir: quando Eve voltou da capital, senti certa atração por ela sim, mas absolutamente nada aconteceu.

Fiz um biquinho com o que ele disse. Não fiquei exatamente feliz, mas me contentei com a sinceridade dele.

— Ah... o que foi, Sophie? Não vai me dizer que...

— Não, está tudo bem, tudo certo...

— Vem aqui — ele me puxou para perto com um abraço e sussurrou no meu ouvido: — Só tem uma garota que ocupa meus pensamentos. Só uma que quero passar o resto dos meus dias junto.

Sorri e me aconcheguei em seus braços. Mesmo não sendo necessário continuar me tranquilizando, Josh completou:

— E é você, Sophie Fields.



CAPÍTULO 10

É assim: para a vida se manter em equilíbrio, sempre que algo estiver dando certo, outra coisa vai afundar. Sempre.

Se passaram três semanas desde o enterro de Robert Rickenter e novamente eu estava lidando com um funeral. Ou quase.

— Chloe! — Bati novamente na porta. — Chloe!

— Sophie, por favor, tente novamente — minha mãe estava ao meu lado, andando de um lado para o outro e roendo as unhas.

— Fique calma, Bonnie Fields!

Como se não bastasse meu nervosismo, ainda tinha que tentar controlar o dela.

— Você sabe que ela não que você aqui. É melhor descer e ficar com Margot e atender a Patty. As duas estão lá embaixo e tem apenas uma adolescente birrenta dentro do quarto — sussurrei.

Ela parou e pensou no que falei.

— Você acha que é melhor...

Arregalei os olhos e, com um gesto com as mãos, fiz com que ela finalmente descesse.

— Pronto, Chloe, mamãe desceu. Pode me atender ago...

Antes de terminar a palavra, a porta foi aberta e finalmente vi o estado que minha irmã estava: rosto inchado, olhos vermelhos e em suas bochechas tinha uma mistura de rímel, blush e lágrimas. Nada muito agradável.

Quando ela me deu um espaço e entrei no quarto. Descobri que o barulho que escutamos logo depois de ter chegado correndo e chorando eram dela quebrando os vasinhos decorativos e o abajur. Além de ter derrubado a mesinha de cabeceira.

— Chloe, você pode falar o que está acontecendo? — Minha atenção estava dividida entre o quarto bagunçado e assistir ela fechar a porta,

sentando na cama em seguida.

— Eu... eu estou muito envergonhada, Sophie — ela mal conseguia dizer as palavras, o choro a obrigava repetir mais de uma vez algumas delas.

Sentei ao seu lado e a abracei. Passei minha mão em sua cabeça e beijei o topo.

— Pode falar, não vou julgar.

A mão de Chloe apertou um de meus braços e ela chorou mais ainda. Ficamos daquela maneira por dez ou quinze minutos, tempo que levou para ela se recompor.

— Paul, aquele babaca! — Ela limpava as lágrimas e a meleca que virou a mistura de maquiagem em suas bochechas. — Ele não apareceu nesses últimos quinze dias na escola, não me respondeu e quando fui até a casa dela, descobri que o bonitinho decidiu viajar — Chloe se levantou e estava gesticulando muito.

— Mas isso foi só uma falha na comunicação.

Ela levantou e começou a gritar:

— Não foi, Sophie! — Colocou as mãos sobre o rosto e fiquei quieta esperando o que mais poderia vir. — Olha... — grunhiu de raiva. — Nem todo mundo tem um relacionamento que funciona, tá legal? Eu sei que ele está me evitando, sei que ele fugiu! O motivo? Não sei, Sophie, não sei!

— Aquele dia que o vi aqui... não se falaram depois?

— Meu deus, Sophie! Ele está estranho comigo desde aquele dia. Foi sua culpa? Minha? De quem?!

Chloe estava desesperada, as lágrimas ameaçaram voltar a cair. Me levantei rapidamente e a abracei bem forte, igual aos abraços que recebíamos de nossa mãe quando algum ruim acontecia.

— Se tem algum culpado nessa história, é ele, Chloe. Somente ele. Nada do que eu ou você possa ter feito dá o direito daquele garoto agir dessa maneira.

— Mas eu o amava e ele dizia que me amava também! — Ela voltou a chorar, dessa vez no meu ombro.

Pobre criança, isso não é amor. Amor não te faz sofrer dessa maneira, o amor não te abandona. Queria falar tantas coisas para ela, como por exemplo, que haverá outras chances na vida, que ninguém merece sofrer dessa maneira por alguém. Ainda mais quando esse alguém se mostrava um tremendo imbecil. Ela era mais do que essa miséria momentânea.

Mas esse era seu primeiro coração partido, é uma das piores dores que uma adolescente pensa que pode existir. Parece mesmo o fim do mundo. Vi várias amigas minhas com esse desespero quando estava na escola.

Fiquei em silêncio, murmurava um e outro *vai ficar bem* e *você é mais forte do que imagina*. A fiz deitar na cama e passei a mão em sua cabeça até que ela adormecesse.

O volume da conversa que acontecia na sala diminuía a cada passo que eu dava na escada. Mal apareci e minha mãe veio até a mim:

— Falou com ela? O que ela te contou? Como ela está? Ainda está chorando? Alguém na escola importunou? Aquele menino... Paul... Paulo é o nome dele, certo? Ele fez alguma coisa? Ou ele sabe de algo? Ele está vindo para cá? E se eu subir para checar como ela está? Ela est...

— Mãe! Mãe! — A peguei no ombro e fiz olhar para mim. — Calma. Ela está melhor, a coloquei para dormir. E quando a Paul, melhor nunca mais tocar no nome dele.

Ela arqueou as sobrancelhas e assentiu com a cabeça.

— Ok, ok. Então vamos para a sala conversar um pouco.

Concordei e a segui. Cumprimentei Margot e Patty, sentei ao lado da professora de música de Chloe.

— Então Sophie, vim hoje para ver se ela quer repor a aula da semana passada, mas parece que não.

— Hoje não, Patty. Volte daqui uns dois dias ou faça uma aula dupla na próxima vez. Mas hein, qual o motivo de ter sumido na semana passada?

Patty pegou a xícara de chá e tomou um bom gole antes de responder.

— Precisei viajar, sabe como é, apresentações de ex-alunos, essas coisas...

— Ah sim...

Não acho ruim fazer sala para elas, mas não são exatamente a faixa etária que costumo conversar. Na maior parte da conversa, falavam sobre os anos oitenta e noventa, eu sorria e comentava sobre o que sabia e lembrava da década em pauta.

Margot relembrava de quando seu tempo era gasto atrás de bandas como The Cure e Alice in Chains, suas preferidas. Era levada até mesmo atrás da grunge Nirvana. Patty não deixou de ser simpática, mesmo não falando muito sobre o assunto. Pouco tempo depois, a professora informou que precisava ir embora, mas antes perguntou:

— Posso subir para falar um pouco com Chloe?

— Claro, só não a acorde se ainda estiver dormindo — minha mãe pediu.

Patty subiu as escadas e foi para o quarto de Chloe. Mal ela saiu da sala e Margot já começou com suas fofocas:

— Sabe o que ouvi da sua vizinha daqui da frente?

— Cath?

— Essa mesma! Eu estava no mercado e ela conversava com outra mulher sobre seu vizinho novo, qual é mesmo o nome dele... é... Sean Lee! Isso, Sean! Ela disse que ele era casado e apesar da mudança, está aqui apenas para pegar a herança dos avós e sumir no mundo.

— E como ela soube isso? Sean é a pessoa mais reservada que conheço.

— Não sei, Bonnie, mas ela disse que ele veio escondido da mulher e que, quando colocar as mãos no dinheiro, vai embora até mesmo para longe da esposa.

Notei o rumo da conversa e, para segurar uma risada, recolhi as xícaras e colheres que estavam na mesa de centro. Antes de chegar na cozinha, escutei Margot falar:

— Esse Sean é muito estranho — e, com uma voz que simulou um sussurro, completou: — Desconfio e tenho medo dele.

Abanei a cabeça e sorri ao pensar na capacidade que as pessoas têm de cuidar da vida alheia. Enquanto ainda pensava sobre isso, escutei Patty descer rapidamente a escada e foi direto para a porta.

Deixei minha mãe e sua amiga fofocando e subi para meu quarto, mas antes passei pelo de Chloe. Bati levemente por duas vezes antes dela falar:

— Estou acordada.

Abri um pouco a porta e coloquei somente a cabeça para dentro do quarto.

— Está melhor?

— Um pouco — ela estava deitada na cama.

— Ok, qualquer coisa estou no meu quarto, tudo bem? — Estava fechando a porta quando Chloe me chamou. — Alguma coisa?

— O que Patty veio fazer aqui?

— Ela queria ver com você qual dia era melhor para repor a aula que não teve na semana passada.

— Ah sim... é porque quando acordei, a vi na porta me observando. E aí foi embora sem mais e nem menos.

— Deve ter achado que te acordou. Mamãe pediu para que não fizesse isso — respondi com humor na voz.

Fechei a porta do quarto e fui para o meu. Separei algumas roupas e mandei mensagem para Josh para confirmar nosso encontro no dia seguinte em nosso lugar de sempre. Eu gostava da sensação de um encontro escondido. Enquanto esperava a resposta, tomei um longo banho, ele logo me respondeu positivamente. Dormi ansiosa para chegar logo a hora.

Animada, minha ansiedade fez com que eu chegasse primeiro no nosso ponto de encontro. Fui até o local em que sempre sentamos e esperei por Josh. Queria contar para ele sobre Margot e suas fofocas que de tão loucas eram hilárias, e também sobre a ligação de tive com Chloe no dia anterior.

Mesmo que um pouco abafado, úmido e um pouco distante, ainda conseguia sentir o rio que passava perto dali. O local era tão silencioso que escutava a água correr. No meu campo de visão havia duas pequenas lagoas que se formaram com a água da chuva.

Fiquei esperando por Josh, ele provavelmente não iria demorar.

Estralava os dedos e andava de um lado para o outro. Ele estava meia hora atrasado e ainda não tinha respondido a mensagem que enviei perguntando o motivo dele não ter chegado. Estava começando a ficar nervosa. Não via problema em esperar por ele, mas meu nervosismo aumentava a cada minuto a mais que ficava sozinha.

O coaxar dos sapos, barulho dos insetos e de animais passando pela vegetação aumentavam minha ansiedade. Balancei meus ombros como se conseguisse me livrar de tudo isso. Andei pela região para procurar algum ponto em que conseguisse ver se ele já estava por aqui ou não, ia de um lado para o outro e não via nada. Meu coração acelerou e comecei a ficar brava com a situação.

Já tinha passado quarenta minutos.

Escutei meu celular tocar. Era uma mensagem de Josh:

Não vou poder ir, uma investigação se mostrou maior do que parecia.
Depois a gente se fala.

No momento que terminei de ler, joguei longe o celular e respirei fundo. *Ele demorou, e muito, mas te avisou. Polícia em primeiro lugar*, dizia para mim a fim de me acalmar. Depois de cinco minutos, quando estava mais calma, percebi a burrada que fiz ao jogar o celular.

— Merda! — exclamei ao perceber que teria que procurar o aparelho entre as folhas.

Passei meu pé pelo chão, não iria arriscar colocar as mãos no meio delas. Lembrei que, ao jogar, o celular parou perto de um pequeno lago, então fui até lá. Enquanto procurava, um reflexo no lago incomodou meus olhos. Achei estranho. Na natureza não há nada metálico que provoque isso, decidi me aproximar e vi um pedaço de fita azul. Franzi o cenho e segui com o olhar, ele ia para o mesmo lugar em que o reflexo começava.

Afastei a planta que tampava minha visão e gritei ao descobrir o que tinha ali.

E odiei a curiosidade humana. Serve para que? Sempre que você é curioso demais, alguma coisa dá errado. As consequências podem ir desde a uma festa surpresa arruinada, passar por um relacionamento desfeito e até mesmo chegar onde cheguei. Que, na minha opinião, é a pior coisa que ela pode causar.

Saí rapidamente dali. Voando, se posso dizer isso. Parei no meio do caminho apenas para vomitar. Aquela imagem não saía da cabeça, ficava passando e passando e passando...

Ela era loira e deveria ter por volta dos vinte e quatro anos. Estava com as mãos cruzadas, segurando seu pescoço. Não tinha pálpebras, então foi como se estivesse me encarando. Em sua barriga, a letra *X* estava pintada. Apenas duas faixas azuis cobriam suas partes.

Eu tinha acabado de encontrar um cadáver.



CAPÍTULO 11

— Sophie, Sophie — as mãos de Josh estavam no meu rosto, segurando-o, fazendo com que eu prestasse atenção no que queria me falar e não no local em que estávamos. — Precisamos que você nos diga novamente como encontrou o corpo.

— Não, Josh, não — repeti chorando.

Não aguentava mais ficar cercada por policias. Estava naquela sala de interrogatório há mais de uma hora e já tinha contado como aconteceu, tanto que após isso e antes me deixarem sozinha, vi o semblante sério de alguns policiais e escutei um detetive falando que precisavam chamar Zachary Sanders, pai de Josh.

Como estavam pedindo para eu repetir a história, provavelmente o detetive apontado chegou.

Eu sabia o que eles estavam imaginando. Sabia o motivo de terem chamado Zachary. Não tinha como não saber, era como um fantasma que assombrava cada habitante dessa cidade. É um medo que adormeceu, mas que tem sono leve. Sabia que todos estavam pensando no Maníaco do Pântano.

Estava desesperada não por apenas ter encontrado um corpo com partes retalhadas, o que já é apavorante por si só, mas também por ter em mente que o passado aterrorizante de Forest Hill pode ter voltado. Não estava exagerando ao pensar nisso, afinal, antes de sair de casa não imaginava que iria me deparar com uma jovem morta, e olha onde estou. Tudo se tornou possível. Infelizmente.

A porta da sala se abriu e Josh voltou sua atenção para ela, mudei a direção do meu olhar para o chão. Ele se levantou e o escutei falar:

— Não acho que ela vai repetir a história, está bem abalada.

— Deixe isso agora comigo — Zachary respondeu batendo no ombro do filho.

Ele sentou na cadeira que estava no outro lado da mesa, na minha frente.

— Oi, Sophie.

Cruzei os braços e levantei o olhar para ele.

— Oi — murmurei.

—Estou aqui para te ajudar, não quero forçar nada e nem pretendo, mas preciso que me conte tudo o que aconteceu. Cada detalhe que viu no pântano pode ser importante para encontrarmos quem fez aquilo.

Passei a língua nos lábios e suspirei. Contei até três e respondi um *ok*.

— Tudo bem, seu depoimento vai ser gravado por esta câmera, assim não vai mais ser preciso ficar revivendo isso, ok? — Ele apontou para a câmera que estava na mesa e virada para mim. — Vamos começar com a pergunta básica, ela precisa ser feita. O que você estava fazendo no local?

— Tinha um encontro com Josh — olhei para o vidro na parede em minha frente. Não conseguia ver quem estava no outro lado, mas sabia que Josh assistia. Ainda não tinha decidido se sentia raiva ou desgosto por ele não ter ido me encontrar. Se estivesse ido, eu não acharia o corpo e nada disso teria acontecido. Não era culpa dele, mas mesmo assim me afligia. — Ele não apareceu, me respondeu somente quarenta minutos depois. Fiquei muito brava e joguei meu celular para longe.

Percebendo que minha pausa demorava mais que o normal, Zachary incentivou para que eu continuasse:

— E?

— Depois de ter me acalmado, percebi que tinha feito besteira ao jogar meu celular no meio das folhas e raízes. Fui procurar e lembrei que ele estava perto de uma das pequenas lagoas que se formaram com a água da chuva. Cheguei perto e um reflexo incomodou meus olhos, achei estranho e me aproximei. Notei que tinha um pedaço de fita azul no chão e ela vinha da mesma direção que o reflexo.

— Então você se aproximou para saber o motivo do reflexo?

Tentei conter meu choro ao lembrar do corpo, minhas mãos tremiam. Nunca gostei de ver uma única cirurgia, sempre passava mal.

— Tinha um pequeno arbusto atrapalhando minha visão, então o retirei e... e... vi o corpo — meus olhos fixaram na mesa, naquele momento não conseguia mover ele, meu pescoço e qualquer outra parte do meu corpo. Minha voz mudava de tom, soava como o início de um desespero.

— Tudo bem, Sophie, não precisa se alterar — Zachary fez um sinal com a mão e em poucos segundos um policial surgiu com um copo de água,

colocou em minha frente. — Obrigado — agradeceu ao policial. — Aqui está um pouco de água se quiser. Estamos no seu tempo.

Tomei dois goles de água e continuei:

— Ela estava com as mãos no pescoço, como se estivesse se esganando — minhas mãos imitavam a cena que descrevi, o volume da minha voz abaixou um tom e voltei olhar para a mesa, não conseguia encarar Zachary. — Seus olhos estavam me encarando, ela não tinha pálpebras — um arrepio passou pela minha espinha. — Suas partes eram cobertas com fita azul, a barriga inteira estava ocupada com um *X* enorme. A boca aberta parecia pedir ajuda.

— Encontrou alguma outra coisa na área que não pertencia ao local? Ouviu algum som? Ou algo parecido.

Parei para pensar, analisei tudo o que lembrava, mas nada estava diferente, na verdade, fiquei tão absorta por ter encontrado o corpo que não reparei em coisa alguma.

Olhando para Zachary, balancei negativamente a cabeça.

— Muito obrigado por ter nos contado tudo, Sophie. Está liberada, sua mãe e irmã a esperam lá fora.

Antes de ir, fiz a pergunta que estava na cabeça de todos:

— Zachary, você acha que o Maníaco do Pântano voltou?

Ele respirou fundo e entornou levemente os lábios, sua expressão séria fez com que mais rugas aparecessem entre as sobrancelhas.

— Não sei, Sophie, não sei.



CAPÍTULO 12

Não aguentei o olhar que ela lançou pelo vidro, tentava manter a pose de detetive focado, cujo a única coisa que importava era ouvir o que a testemunha tinha a dizer e após isso iniciar a investigação do assassinato. Mas a culpa me derrubava por dentro.

Se eu estivesse com ela naquele momento, ela não encontraria o corpo, alguma outra pessoa iria. Isso soa egoísta, mas não posso mentir para mim mesmo, não queria que Sophie passasse por situações que envolvessem meu trabalho, mesmo se fosse algum pequeno furto. Só queria que viesse aqui para fazer as entregas da padaria, ou melhor: para me ver.

Assim que foi dispensada pelo meu pai, sai da sala de observação e fui até o local em que Bonnie e Chloe estavam esperando. A mãe dela veio correndo até mim quando apareci:

— Josh! Onde está Sophie? Ela está bem? Não está machucada? Vai demorar muito? Cadê ela?

— Calma, Bonnie — falei enquanto a guiava de volta para a cadeira e sentei ao lado. — Ela está relativamente bem, quero dizer, não está machucada, mas está abalada com o que viu.

— Ai meu coração! Coitada da minha filha... Josh, Josh, ela não deveria ter ficado lá sozinha...

Engoli seco.

— Me desculpa...

— Não, não, eu é que pelo desculpas. Não posso querer colocar culpa em alguém, nenhum de nós planejava isso.

Chloe não dizia palavra alguma, seu semblante estava mais carrancudo do que o usual. Provavelmente tentava disfarçar a preocupação com a irmã, nós não tínhamos uma relação muito achegada, a garota não costumava falar muito.

Ainda estava com as duas quando Sophie apareceu, ela mal olhava para mim.

— Por favor, mãe, me tire logo daqui. Não aguento mais.

Bonnie se levantou rapidamente e passou seu braço pelos ombros da filha.

— Vamos sim, minha querida.

Chloe levantou em seguida e andou atrás das duas. Surpreendentemente me deu um aceno de tchau enquanto eu observava em silêncio a partida das três. Perto da porta, Sophie se virou e olhou rapidamente para mim, não tive tempo de esboçar alguma reação.

Fui direto para a dispensa, onde ninguém poderia me ver. Era o lugar que eu poderia extravasar meu descontentamento, pelo menos um pouco. Chutei um balde e em seguida a garrafa de desinfetante que estava dentro dele. Derrubei a vassoura da estante e dei um soco na parede. Encostei a testa ali e tentei me acalmar. Escutei a porta abrindo, mas não me dei o trabalho de ver quem era. Não queria saber. Não queria companhia.

— Não adianta quebrar tudo aqui.

A voz feminina impediu que eu soltasse qualquer ofensa que estivesse na ponta da língua.

— O que você quer, Eve? — perguntei sem sair da posição em que estava.

Senti suas mãos em meus braços, ela me virou para ficar na sua frente.

— Quero que você pare de agir como um idiota-culpado-apaixonado e passe a agir como um detetive durão. A sua menina não morreu, ela só viu um corpo. E aí? Nós vemos isso todos os dias e estamos bem até hoje.

— Sophie não é como a gente, Eve. Ela não vive o nosso mundo, não está acostumada a encontrar cadáver!

— Tá, mas encontrou. Supera! Do que adianta ficar destruindo tudo quando você tem uma investigação inteira pela frente?

— Você não está entendendo, Eve. Ouviu o depoimento dela? Viu o corpo? Eve, é o mesmo *modus operandi* do Maníaco do Pântano!

— Nós não sabemos se é ele ou se é algum louco querendo aterrorizar a cidade apenas por diversão. Mais um motivo para focar na investigação — ela me olhava de maneira firme ao dar a bronca.

— Mas e se for? Não sei se notou, mas Sophie se encaixa perfeitamente no perfil de vítima.

— Se for, devemos detê-lo antes que ele faça com que ela ou qualquer outra garota inocente dessa cidade seja uma vítima. Além do mais, você não poderia impedir que ela encontrasse o corpo, lembra o que estava fazendo na hora?

Suspirei e concordei com a cabeça. Realmente, não conseguiria mesmo ter ido ao encontro e nem ter respondi Sophie mais cedo. Minutos antes de sair para vê-la, uma mulher de meia-idade entrou desesperada e chorando sem parar, ela exigia falar com algum Sanders. Lembrava vagamente de seu rosto, ela já tinha dado muito trabalho para o Departamento, era uma das que protestavam na época do Maníaco do Pântano, pela polícia não conseguir capturá-lo enquanto novos corpos apareciam.

Ela veio duas semanas antes também, sua filha tinha sumido. Como os responsáveis pelo caso não tinham encontrado pistas, diminuíram a velocidade da investigação. Eve e eu a levamos para a sala de interrogatório e perguntei por qual motivo procurava por mim e pelo meu pai. A mulher se apresentou, seu nome era Annabeth, disse que encontrou o diário da filha ao organizar o quarto dela naquela manhã. Eve perguntou se tinha algo que indicava o motivo do desaparecimento, então ela nos entregou o caderno para que lêssemos as últimas páginas escritas.

Elas eram dos últimos trinta dias, a diferença entre um registro e outro eram de cinco dias, mas todos falavam a mesma coisa.

Katherine sentia desconforto ao andar pela rua, a sensação era de que estava sendo observada. Várias vezes acordou no meio da noite por ter a impressão de que estavam jogando algo na janela de seu quarto. Por três vezes surgiu em seu armário escolar bilhetes escrito *BOOM!*, como a onomatopeia e cada vez com um *O* a mais, as letras eram recortadas de revistas. Todos os registros terminavam com ela dizendo que sentia muito medo.

Perguntei para Annabeth qual o motivo de Katherine não ter falado sobre isso para ela na época, a mulher disse que não estavam se relacionando muito bem nos últimos meses devido ao seu divórcio com o pai de Katherine. A menina focou na banda que tinha e, quando precisava de algum responsável, recorria ao irmão mais velho.

A mãe da vítima não parava de nos pergunta se isso nos remetia a alguém, algum criminoso. Nós não fazíamos ideia, então ela começou a se exaltar e a lembrar do Maníaco do Pântano. Deve ser por isso que ela pediu por algum Sanders. Eve me puxou para um canto e disse para não levarmos

a sério essa ideia, concordei com ela, afinal, trabalhamos no caso e sabíamos que o assassino não deixava bilhetes. Foi nesse momento que vi a mensagem de Sophie e a respondi.

Annabeth foi embora somente após a tranquilizarmos, quando fomos para a recepção do Departamento, Thomas veio correndo me contar que Sophie tinha encontrado um corpo. Foi quando comecei a me preocupar.

— Lembro. Mas e se tudo estiver conectado, Eve? A garota era loira, jovem, bonita, desapareceu há duas semanas e foi encontrada morta no pântano.

— Vamos esperar o legista terminar de analisar o corpo da vítima. Falando em Katherine, alguém já pediu para a mãe reconhecer o corpo?

— A investigação do desaparecimento era de Thomas, ele já deve ter entrado em contato.

Eve assentiu e abriu a boca para falar alguma coisa, mas a interrompi:

— Tem falado com sua mãe?

— Tenho — me respondeu seca e foi embora.

Ela me deixou encarando a porta da dispensa por alguns segundos, então decidi escutar tudo o que me disse e saí para saber a respeito de Annabeth.

— Filho — escutei meu pai e virei em sua direção —, Sophie se mostrou abalada com o que aconteceu, aconselho a não falar sobre o assunto com ela e nem mesmo perto dela.

— Falar sobre isso com ela definitivamente não está nos meus planos.

— Ela me perguntou se isso poderia ser o Maníaco do Pântano. Fiquei mais preocupado com isso vazar e deixar a cidade cheia de boatos e pânico do que pela possibilidade de realmente ser ele.

— O Departamento sabe lidar com discrição — afirmei.

Ele bateu no meu ombro e, antes de ir embora, falou com uma voz cansada:

— Se isso for a volta do Maníaco, só peço misericórdia para que ele não acabe com essa cidade.



CAPÍTULO 13

— Sophie, já passou. Estamos indo para casa.

Ouvia minha mãe falar comigo, mas a única coisa que conseguia fazer era olhar para fora da janela.

— Deixa ela por enquanto, mãe — Chloe disse no banco de trás enquanto fuçava no celular.

— Quer que te leve em algum psicólogo? — Sentia o quanto estava preocupada comigo, poderia até mesmo afirmar que por dentro minha mãe estava desesperada e chorando, mas ela era uma mulher incrível e tentava manter a calma para que eu não me perdesse. — Vou te levar em um.

— Sophie, a Emily e a Louise estão te esperando em casa — minha irmã disse.

O que mais me surpreendeu, fazendo até mesmo que me encolhesse, foi sentir a mão dela em meu ombro. Chloe não costumava fazer esse tipo de coisa, a não ser quando era mais nova.

Ninguém disse mais nada, mas nem precisava, logo viramos a esquina e já pude ver nossa casa. Emily estava com Louise, ambas esperando sentadas na frente. Mal desci do carro e minha amiga correu para me abraçar.

— Oh Sophie! Está tudo bem? Digo, está melhor?

— Estou sim — não era uma mentira, de certa maneira. Eu realmente estava melhor do que algumas horas atrás.

Louise, que até então estava na escada, se aproximou e arrumou a mecha de cabelo que estava em meu rosto.

— Nós estamos aqui para você se sentir melhor.

Ela se mostrava ser uma amiga incrível. Entramos em casa e ficamos na sala. Na tentativa de me distrair, elas me contaram o que estavam fazendo ultimamente e também histórias engraçadas – mesmo que a maioria das que Emily contava começava com *Hey Sophie, lembra daquela vez em que...*

As duas fizeram um bom trabalho, até Chloe estava com a gente e rindo da situação. Louise foi embora quando anoiteceu e Emily disse que iria dormir comigo naquela noite. Ninguém falou sobre o que aconteceu. Assistimos um pouco de televisão e nenhum noticiário falou sobre o corpo encontrado. A polícia conseguiu colocar panos quentes no assunto.



CAPÍTULO 14

Estava na sala de evidências encarando meu celular, esperando por algum sinal de vida de Sophie. Mandei um “*Ela está melhor?*” na noite anterior para Chloe e recebi apenas uma resposta curta falando que sim. Sei que a maneira que ela me respondeu foi exatamente como Sophie pediu. Queria saber se estava brava comigo ou se era apenas estresse pelo ocorrido.

— Caramba, Josh! Te procurei pelo prédio inteiro — Eve me assustou, sua voz estava brava. — O resultado da necropsia de Katherine está pronto, Archibald me avisou.

Olhei para a Rickenter e guardei o celular.

— Ok, já estou indo.

— Nós, você quis dizer, não é? Esse caso é nosso. E fique longe desse celular, você não precisa ter algo além da solução desse assassinato para se preocupar.

— Eve, Sophie é minha namorada e está em choque.

— Cala a boca, Josh! Quem está em choque é Annabeth. Sophie só encontrou o corpo. Estava todo arrebentado? Sim, mas é Annabeth que também vai ver o cadáver para o reconhecimento. Se quer ver como alguém está, veja a mãe de Katherine!

Eve foi dura em suas palavras e senti como se estivesse jogado água fria em mim. Querendo ou não, ela falava a verdade. Eu deveria focar mais no trabalho, cuidar para solucionar esse caso antes que, de alguma forma, ele vazasse para a imprensa.

— Odeio ter que admitir nesse momento, mas você está certa.

— E quando não estou, Sanders?

Saímos imediatamente e nos encaminhamos até a sala de necropsia. Archibald estava cobrindo um corpo e retirando as luvas quando entramos.

— Sanders, Rickenter, vocês não vão acreditar no que tenho aqui.

Troquei olhares com Eve e acompanhamos o legista até uma das gavetas onde são guardados os corpos, ele abriu e vimos Katherine.

— Há tempos não via esses mesmos cortes e machucados! — Existia certa animação em sua voz, não por ter gostado do que viu, mas por ter reconhecido. — Olhe — apontou para os tornozelos —, essas marcas significam que quem a matou, amarrou-a antes na horizontal, para ser mais exato, devido as outras torturas infligidas — ele subia os dedos conforme descrevia o que fizeram no corpo da garota. — Uma faca foi usada nesses cortes nas coxas da vítima, como alguns já estavam em processo de cura, ela ainda estava viva quando foram feitos. No corpo inteiro tem queimaduras de primeiro e segundo grau, causadas por uma faca esquentada no fogo.

Quanto mais Archibald falava, mais Eve e eu prendíamos a respiração com o pensamento que nos inundava.

— Os cortes feitos no colo da vítima também foram causados enquanto ela ainda estava viva — ele continuou a falar. — As mãos foram colocadas no pescoço para simular uma esganadura logo após a garota falecer, fazendo com que o processo em que o corpo entra em rigidez a mantivesse dessa maneira. Comecei a necropsia hoje de madrugada — agora estava explicado o motivo de Archibald estar tão ativo e gesticulando, deve ter tomado copos e copos de café e energético — e percebi que o *rigor mortis* estava entrando em processo de reversão, então inclui no relatório que a vítima foi assassinada na tarde do dia anterior ao que foi encontrada, provavelmente entre as 15h e 16h.

— E qual foi a causa da morte? — perguntei olhando para o rosto da vítima. Como forma de respeito, o legista colocou um tecido em cima dos olhos sem pálpebras.

— Justamente o que as mãos escondiam — ele apontou para as marcas no pescoço do cadáver. — A *causa mortis* foi asfixia por estrangulamento. Encontrei no pescoço, na parte que não entrou em contato com a água, fibras da corda utilizada no ato.

— A retirada das pálpebras não teve ligação com a morte?

— Não, detetive Rickenter, elas foram retiradas após a morte. Sabe outra coisa interessante? Ao contar quantos cortes e queimaduras na vítima, registrei vinte e cinco de cada.

Por dois segundos, nós três encaramos o corpo inerte. Cada um com seu pensamento, mas que de certa forma se ligavam.

— Vocês sabem quem tinha exatamente esse mesmo *modus operandi*, não sabem? — Archibald quebrou o silêncio.

— O Maníaco — respondi entre os lábios.

— Mas você tem certeza que foi isso mesmo que aconteceu? Nada te deixou em dúvida?

— Detetive, trabalho como legista há quatorze anos, sei muito bem como uma pessoa morreu e o que ela sofreu antes — respondeu a pergunta de Eve de maneira franca.

— Nós vamos ter que incluir na nossa lista de suspeitos — falei sem muita alternativa.

— O primeiro, você quis dizer.

Estávamos sem para onde ir nesse caso até o momento. Não tínhamos suspeitos, talvez alguns surgissem durante o dia, quando começaríamos a fazer perguntas. Agradeci o legista e, quando estávamos de saída, passei por uma mesa com alguns sacos plásticos transparentes, eram pertences.

— Qual é o da vítima?

— Esse que está na sua direita — Archibald respondeu.

A única coisa que estava guardada nele era um colar de coração, objeto responsável pelo reflexo visto por Sophie. Percebi que ele abria, dentro tinha uma foto de Annabeth com o ex-marido e do outro lado tinha uma foto de Katherine com um homem que aparentava ser um pouco mais de cinco anos mais velho que ela.

Me virei para Eve e disse:

— Pronto detetive, alguém para começarmos a interrogar.



CAPÍTULO 15

Jake Martin, 24 anos, vendedor em uma loja de roupas masculinas. Ex-namorado de Katherine. Annabeth foi bem solicita quando perguntamos sobre quem era o rapaz da foto, disse que ele e sua filha terminaram há oito meses e que Katherine não aceitava o rompimento.

O resto preferimos saber do próprio Jake.

Eve e eu entramos na loja que ele trabalhava e outro rapaz nos atendeu, a detetive mostrou seu distintivo:

— Polícia de Forest Hill. Queremos falar com Jake Martin.

— Ouch... — o homem respondeu surpreso. — Ele está no estoque pegando mercadoria para um cliente.

— Acho que você pode muito bem fazer isso e deixar ele conosco — ela foi curta e firme, fazendo o rapaz arregalar os olhos e sumir atrás de uma porta nos fundos da loja.

Não muito tempo depois, um rapaz alto, barba rala e cabelo escuro apareceu. Se identificou como sendo Jake e perguntou o motivo de estarmos atrás dele. Peguei uma foto de Katherine, da época do colegial, e mostrei:

— Conhece Katherine Rice?

Ele olhou desentendido e disse que sim.

— Precisamos que você nos acompanhe.

— O que? Por quê?

Eve o pegou pelo braço e falou:

— Algo sério aconteceu.

O rapaz não teimou e nem fez perguntas, apenas entrou no carro e ficou quieto, olhando pela janela. Lancei um olhar questionador para a detetive e ela me respondeu com uma careta e um aceno negativo da cabeça – ela também não tinha ideia do que estava acontecendo no momento.

Descemos e peguei Jake pelo braço, encaminhando-o até a sala de interrogatório.

— Ok Jake, vamos para o que interessa — falei enquanto sentava do outro lado da mesa, Eve sentou na ponta. — Katherine estava desaparecida há algumas semanas e...

— Sério?! Oh, é por isso que eu estava tão sossegado!

Franzi o cenho ao ouvir a declaração.

— Como assim?

— Aquela maluca me perseguia desde quando terminamos. Mandava cartas, escrevia e ficava em enchendo em todas as redes sociais antes de a bloquear. Ficava atrás dos meus amigos e sempre ia na loja. Vocês sabiam que quase fui despedido por causa dessa stalker?

— Então você começou a ficar irritado ao perceber que perderia seu emprego e sanidade, começou a devolver na mesma moeda ao persegui-la e mandando bilhetes e, não se controlando, a matou? — Eve disse com os olhos fixos em Jake, o intimidando de maneira forte.

— Eu matar Kate? Nunca! Ela poderia ser louca de pedra, mas não a mataria.

— Tem certeza disso? — perguntei. — Tem certeza de que não sentiu vontade de cortar a stalker que te aporrinhava? — coloquei na mesa uma fotografia da perna de Katherine. — Deixar seu lado obscuro mostrar para a louca quem é que mandava na situação? — por cima daquela foto, coloquei outra da vítima, a que mostrava a parte superior cheia de cortes e o encarei.

O semblante de Jake estava horrorizado, ele empurrou as fotos para longe, fazendo com que elas caíssem. Eve levantou da cadeira, mas sem sair do lugar, disse:

— Onde você estava sábado no período da tarde?

— E-eu estava na loja. Chegou mercadori-ria nova e tive que cadastrar no sistema — ele respondeu um pouco gago devido ao nervosismo. Olhei para a direção do vidro e fiz um gesto para que um dos policiais fosse confirmar o álibi. — Quero chamar um advogado!

— É seu direito — Eve falou e pegou um celular para que ele ligasse.

Enquanto esperávamos pela confirmação do álibi e pela chegada do advogado, Jake não disse uma palavra, ficou em silêncio, obedecendo o que disseram para ele. Em dez minutos o policial apareceu bateu no vidro, Eve foi até ele enquanto fiquei cuidado do, agora considerado, suspeito.

A porta abriu de supetão, um homem alto e consideravelmente acima do peso entrou na sala dizendo:

— Sem perguntas e sem respostas. Meu cliente não fez nada. Sem prova para incriminá-lo, ele não precisa mais perder tempo aqui. Venha comigo — ele estendeu a mão, sinalizando para que Jake levantasse.

— Ei, ei, ei, espera aí. Voc...

— Deixe-o ir, Josh — Eve apareceu na porta. — O álibi do cara confere.

Fechei meu semblante e observei os dois irem embora. O advogado estava rindo ao conduzir o caminho para Jake.

Quando a porta foi fechada, dei um soco na mesa e fiquei parado encarando o móvel.

— Agora não temos ninguém!

— Na verdade, Josh, agora temos que sair perguntando e procurando. É isso que fazemos.

Olhei para ela sobre meu ombro, começava a sentir o descontrole. Estava com ânsia de encontrar logo o assassino.

No Departamento, todos que tinham conhecimento do caso, pensavam no Maníaco. Eu pensava nele. Não queria essa volta, o medo de falhar com a cidade me rodeava, não queria decepcionar novamente. Odiaria ver manchetes do tipo “Maníaco no Pântano, em sua nova fase, faz sua 4ª vítima e polícia não avança”. Não aguentaria ver familiares chorando a perda precoce de suas filhas.

Meu mundo se tornaria um caos se Sophie entrasse na lista do Maníaco. Eu iria até mundos e fundos para encontrar o assassino.

Poderia estar me enganando nesse momento, mas queria acreditar que o culpado não era quem todos pensavam ser. Não poderia. Não aceito que seja o Maníaco do Pântano.

— Você tem que estar centrado e imparcial. Se desapegar de tudo que te impede de continuar com a cabeça na investigação. Sabe disso.

Eve não estava me julgando, manipulando e nem nada do tipo. Esse era um dos raros momentos em que mostrava a verdadeira pessoa que existia dentro de si, por isso levei a sério o que ouvi. Ela estava certa. Mais do que certa.

Minha preocupação pela segurança de Sophie me ajudava a ficar mais empenhado na investigação, mas se ela fosse excessiva... se me colocasse nessa situação, iria mais atrapalhar do que ajudar.

Tinha que manter distância dela, pelo menos até encontrarmos o verdadeiro criminoso. Quanto mais eu ficasse perto, mais sentiria vontade de protegê-la, deixá-la segura e isso me atrapalharia.

Mais calmo, fui até Eve.

— Tudo bem, estou bem agora.

No caminho até o carro, conversávamos enquanto Eve verificava o celular.

— Elizabeth foi ontem no local que o corpo da vítima foi encontrado e voltou hoje para reanalisar, já que estava anoitecendo e o pântano é um local perigoso se não tomar os devidos cuidados.

— Temos que ir para lá, então — respondi.

— Vamos sim.

Entramos no meu carro e fomos até o local que ainda estava interditado. Vimos poucos policiais junto com Elizabeth Mehra. Eu ainda não a tinha conhecido. Chegou recente em Forest Hill, era nossa nova *profiler*. Eve contou que Mehra trabalhava com isso há cinco anos e veio transferida não por sua própria vontade.

Logo notei o rosto com características indianas, olhos verdes, cabelos longos e vermelhos. Aparentava ter trinta e cinco, trinta e seis anos.

— Bom dia, detetives — mesmo que bem leve, um sotaque em sua voz se fazia presente.

— Bom dia — respondemos em uníssono.

— Vou ser direta com vocês e explicar meu modo de trabalho, já que não nos conhecemos pessoalmente. Eu, como *profiler*, preciso estar por dentro dos detalhes da investigação, mas não gosto de ficar presa dentro do Departamento. Então visito a cena do crime ou o local em que o corpo é encontrado, recolho informações e em casa monto o perfil do assassino.

— Isso quer dizer que mal a veremos? — perguntei.

— Basicamente — me respondeu com certeza. — Vi fotos do corpo e já analisei o local, agora falta saber de vocês tudo o que já descobriram sobre o crime.

Eve e eu sabíamos as mesmas coisas, então a deixei conversando com Mehra e fui até um dos policiais. Perguntei se encontraram algo e ele me respondeu negativamente.

— A equipe que subiu o rio já voltou? — me referi aos três policiais que tinha visto em um barco. Eles tentariam encontrar o local em que o assassinato aconteceu.

— Não, mas acabei de receber o aviso de que estão voltando. Aparentemente não encontraram nada que possa ajudar.

Assenti e procurei outros policiais para conversar. Anotava em meu bloco tudo o que diziam e o que eu observava também. Ao ler o que escrevi, uma ideia surgiu: a casa dos Rickenter ficava a poucos quilômetros daqui, será que os crimes tinham relação? Meu instinto policial ainda não estava completamente convencido, Robert não tinha o perfil de vítima do assassino, ele se desligou completamente da polícia e levava uma vida pacata com sua esposa. Deixei isso anotado em um canto com um asterisco ao lado para a observação de “não considero no momento, mas no futuro, quem sabe”.

O mesmo policial que perguntei sobre a equipe do rio me chamou para entregar um celular. Respondi que sabia a quem pertencia, era de Sophie. Guardei o aparelho.

— Josh — escutei Eve me chamar e fui até ela. — Encontraram alguma coisa?

Um pouco decepcionado, respondi:

— A não ser o celular de Sophie, não. Aqui está totalmente limpo. Os policiais que subiram o rio para procurar o local de origem voltaram sem pista alguma.

— Elizabeth ficou de enviar amanhã o perfil com as informações que temos até o momento.

— Ok. Precisamos conversar com as amigas de Katherine, com o pai dela e quem mais for necessário.



CAPÍTULO 16

— Mãe! Mãe! — Chloe gritava tão alto que conseguia escutar na varanda.

Meus dias se resumiam a ficar sentada em uma cadeira que um dia foi de minha avó, assistia o movimento da rua, conversava com Emily e Louise, também não desgrudei do meu celular. A última vez que vi Josh foi quando ele veio me entregar o aparelho, me enviou algumas mensagens depois disso, mas eu estava tão estressada que não conseguia conversar direito com ele – suas mensagens diminuíram conforme os dias passaram.

Por mais que já tivesse mais de uma semana desde tudo o que aconteceu, ainda me perguntava o que poderia ter acontecido com ele, mas suas respostas eram sempre: “estou muito ocupado, desculpa”, “se cuida” e “não posso, estou no meio da investigação”. Eu entendia sua dedicação, mas não era justo não o ver.

— Sophie! — minha mãe gritou. Suspirei e fui até a sala para ver o que estava acontecendo. Margot também estava lá.

— Vazou — ela disse com os olhos grudados na televisão e o dedo indicador apontando para a jornalista.

Na tela, a repórter estava na frente do Departamento, a legenda era: Corpo encontrado no pântano: por que o mistério?

E a mulher falava:

Nessa manhã recebemos a informação de que a polícia de Forest Hill está trabalhando em um misterioso caso. Ultimamente notamos a maior presença de viaturas e policiais nas ruas, o que pensamos ser uma decisão para que os moradores tenham maior segurança, é, na verdade, uma investigação policial.

Segundo moradores, há pouco mais de uma semana foi encontrado o corpo de uma jovem brutalmente assassinada. Fontes disseram que a

vítima se chamava Katherine Rice, tinha 18 anos. Uma coisa interessante: ela era loira e foi encontrada no pântano da cidade. Várias perguntas assolam os moradores da cidade: será que o Maníaco do Pântano voltou? Ou será algum fanático pelo caso que aterrorizou a cidade?

Nossa produção tentou entrar em contato com a polícia, mas ninguém do Departamento quis se pronunciar. Qual seria o motivo desse mistério?

Voltaremos a qualquer momento que surgir mais alguma novidade.

Rachel Rooney para o Forest Notícias.

Quando as câmeras voltaram para o âncora do jornal, minha mãe estava abraçando Chloe e Margot tampava a boca com uma das mãos. Estávamos surpresas pela notícia ter vazado. Agora, a cidade ficaria assustada a cada noticiário, pensando que irá ser anunciada alguma nova vítima, principalmente pela repórter ter tocado no assunto Maníaco do Pântano. *Definitivamente ela fez isso para mais audiência*, pensei. Margot saiu de trás do sofá e foi para o espaço vazio entre minha mãe e eu.

— Quem sabe agora a polícia seja pressionada pelos cidadãos e eles prendam quem fez esse absurdo. Eu ainda acho que o culpado é alguém da vida da menina.

Minha mãe suspirou.

— Eu espero que seja, Margot, espero que seja.

Dezenas de coisas passavam pela minha cabeça, inclusive como Josh estaria com todo mundo perguntando sobre o caso. Me balancei para tentar afastar esses pensamentos e mudei de assunto:

— Bom, não podemos fazer alguma coisa válida sobre isso, então acho que é hora de comermos aquele bolo que Margot acabou de tirar do forno — ela era praticamente uma moradora dessa casa.

Até mesmo eu estranhei meu nível de frieza ao mudar de assunto de maneira tão rápida, mão não pensei muito nisso, apenas fiquei grata por ter conseguido. A campainha tocou, mas estávamos ocupadas na cozinha com a *hora do bolo*, então pedi para Chloe atender. O humor dela melhorou muito nos últimos dias, até mesmo sorria, e sua companhia voltou a ser agradável. Parece que finalmente estava superando o babaca do Paul.

Era ela que agora fazia visitas no meu quarto durante a noite, às vezes conversamos sobre a vida, ela perguntava sobre nosso pai e eu era sincera ao dizer que o assunto não existia mais para mim. Contava sobre meus dias

em Tallahassee, falávamos bobeiras e dividíamos a cama para dormir. A qualidade da nossa relação deu um imenso salto positivo.

— Sophie, é a Emily — ela gritou da porta.

Não era necessário dizer que Emily poderia entrar, ela era outra quase moradora de casa. Em poucos segundos ela já estava na cozinha.

— Sophie! Vi o noticiário e corri para cá — apenas depois de soltar a frase é que ela olhou em volta e deu oi para todas. Ao chegar em Margot, cumprimentou um pouco hesitante.

— Eu não mordo, Emily, só falo a verdade. Já pensou no que eu te disse na última vez que nos vimos?

Há quatro dias, ela encorajou minha amiga a seguir seu sonho de ser uma cirurgiã-dentista, mesmo que isso significasse mudar de cidade por alguns anos e não seguir o que os pais dela tinham de a torná-la herdeira da loja. Emily realmente pensou. Em nossas trocas de mensagem, um dos assuntos mais comentados foi esse, eu não tinha como discordar de Margot, também achava que ela deveria fazer o que desejasse e se livrar do peso que carregava.

— Pensei.

— E?

— Ainda não cheguei em uma conclusão.

— Você está perdendo tempo.

— Ok gente, todos entendemos — interrompi a conversa das duas. Sabia que a qualquer momento, Emily poderia sair dali chorando por conta de sua sensibilidade.

E não deu outra, ela saiu. Não estava chorando, mas saiu. Foi direto para a sala, respirei fundo e fui atrás dela. A encontrei sentada, de pernas cruzadas e o braço apoiado no sofá, fiquei de frente para ela e, antes de falar qualquer coisa, Emily disse:

— Não aguento mais a Margot, mas sei que ela está certa — revirou os olhos. Sua mão, que antes estava apoiada no sofá, foi para a testa, demonstrando desapontamento.

— Olha Emily, se não quer falar o que realmente pensa, o que passa dentro dessa sua cabecinha, a situação vai ficar desse jeito pra sempre. Margot é amiga da minha mãe desde quando eu ainda usava fraldas, elas são iguais, não param de falar até que algo seja feito.

— Então vamos ser o contrário delas e parar logo de falar sobre isso? — sugeriu demonstrando um pouco de impaciência.

Assenti e fiquei calada.

— Vim aqui para falar com você sobre você. Realmente fiquei muito preocupada com o vazamento do assassinato. Você sabe que, se quem a matou quiser saber quem encontrou o corpo, essa pessoa pode achar rapidinho o nome Sophie Fields, certo?

Mordi o lábio inferior e olhei para baixo, sabia muito bem que isso poderia acontecer. Na verdade, sabia tanto que nem quis pensar sobre, ficava muito aflita.

— Sophie, estou falando sério. E se for mesmo o Maníaco? — Senti sua mão em cima da minha.

— Aí só me resta esperar e torcer para que a polícia chegue nele primeiro...

Emily não acreditou no que escutou e disse com uma voz determinada:

— Ah, claro! Você, garota na faixa dos vinte anos, loira e bonita, vai esperar a competência de uma polícia que falhou dois anos atrás?

Me senti ofendida e automaticamente retirei minhas mãos, ela tinha dado a entender que Josh era incompetente!

Percebendo o que eu tinha entendido, se desculpou:

— O que estou querendo dizer é: você se encaixa totalmente no padrão e tem uma polícia que não conseguiu prender um assassino completamente perigoso.

Minha respiração ficou ofegante ao começar a pensar da maneira que ela queria, eu estava correndo mais perigo do que imaginava caso o assassino fosse mesmo o Maníaco.

— Então devo ficar trancada em casa e colada na televisão esperando o dia em que Rachel Rooney falará que a polícia conseguiu capturar o serial killer?

— Não, Sophie. Apesar de isso não ser uma má ideia — tentou amenizar o clima pesado que causou. — Estou querendo dizer para você tomar mais cuidado, como por exemplo, não vá a esses encontros com o Josh em lugares tipo a *região do pântano* — ela frisou bem, como se já não fosse óbvio. — E fique mais atenta a tudo e todos ao seu redor.

Se pelo menos eu o visse..., pensei. Peguei meu celular e comecei a digitar o número de Josh.

— O que está fazendo?

— Vou ver com Josh como o Departamento está com o vazamento e como ficarei com relação a isso.

A ligação chamou uma vez... duas... três... quatro... cinco... até que:

Aqui é Josh Sanders, detetive do Departamento de Polícia de Forest Hill.
No momento não posso atender a sua ligação, mas deixe um recado e retornarei o mais breve possível.

Ignorei o peso que surgiu dentro de mim e desliguei o celular sem deixar recado. Emily me observou por alguns segundos antes de voltar a falar.

— Sabe que sempre te apoiei a ir atrás do Josh, em tentar algo com ele e, quando entrou no relacionamento, em momento algum disse algo contra. Eu quero sua felicidade, Sophie, e nada mais. Pelo que observei ultimamente, Josh, que costumava ser o motivo do seu bom humor, do seu sorriso, agora virou motivo da sua feição séria e cabisbaixa — doía escutar essas palavras. — Você não pode depender dele, Sophie, se ele está muito ocupado para você, se ocupe com outras coisas. As prioridades dele agora são outras, as suas também devem ser. Zele pela sua segurança, não espere que ele te traga o cobertor quando você mesma pode buscar. Entende?

Comprimi os lábios e pensei no que ela disse. Por mais que uma parte de mim não quisesse aceitar e sentia vontade de gritar com Emily, dizendo que ela estava errada, a parte racional me alertava com todas as forças que minha amiga estava certa.

Eu não deveria esperar que alguém fizesse algo por mim, nunca esperei, por qual motivo começaria depois de adulta? Se eu deveria me importar que o meu, suposto, namorado é detetive da polícia? Talvez, mas não poderia ficar parada esperando que ele resolva todos os meus problemas e preocupações.

Foi então que minha cabeça deu um estalo.

— E se eu começasse a procurar também?

Emily riu.

— Para! Estou falando sério.

Seu rosto se fechou imediatamente.

— Você está pensando direito? Você não é da polícia, é uma garota formada em Artes Visuais!

— E daí? Sempre fui boa em lógica e procurar pistas.

— Isso é verdade, mas mesmo assim não deixa de ser uma pessoa comum.

— Emily Moore, a senhorita plantou essa ideia na minha cabeça e agora me chama, mesmo que em pensamento, de louca?

— Eu não quis dar a entender isso...

— Tarde demais! Além do que, se eu não encontrar algo, pelo menos tentei. Muito melhor saber que estou fazendo algo que vai fazer a diferença do que ficar sentada na minha cama torcendo para que nenhum assassino venha atrás de mim.

Emily ficou quieta. Antes que eu falasse qualquer coisa que a fizesse se manifestas, ouvi passos correndo e em seguida Chloe subiu rapidamente a escada.

— Liga para a Patty e pergunte se ela pode adiantar a aula hoje, iremos ter um convidado no jantar — minha mãe, que ainda estava na cozinha, gritou para Chloe.

Emily e eu trocamos um olhar curioso. Quem viria jantar? Sean não era, ele andou desaparecido nessas últimas semanas... poderia ser Joe... ou qualquer outra amiga da minha mãe. Vai saber...

Logo em seguida, Margot apareceu na sala se despedindo, dei tchau e Emily apenas moveu a cabeça, as duas aparentavam acanhamento. Acho que minha mãe deu algum puxão de orelha na amiga enquanto comiam bolo. Quando a porta foi fechada, fomos até a cozinha, encostei a cadeira e, enquanto minha mãe retirava e limpava as coisas do lanche, a questionei sobre o jantar. Ela me respondeu com uma voz indiferente:

— Joe recebeu um presente de um dos clientes da mercearia e...

— O que? Um presente? — interrompi. — Mas por qual motivo? A senhora que me desculpe, mas o resquício de simpatia que ele tem é usado somente conosco.

Escutei a risada abafada de Emily ao meu lado, minha mãe olhou séria para a gente, como se repreendesse nossa atitude com relação a Joe.

— Enfim — continuou —, não importa o motivo, o que importa é que é um pedaço de um presunto caro.

Arregalei os olhos e não pude deixar de brincar:

— Então o Joe está te “presenteando” com esse presunto caro?

Emily colocou a mão em frente da boca para tampar um riso e, enquanto secava a mão em um pano de prato, minha mãe respondeu:

— Me respeite, menina! Joe é um amigo da família agora. Convidei para jantar somente para agradecer pelo presunto.

— Amigo... — impliquei.

Ela jogou o pano de prato em mim e balançou negativamente a cabeça enquanto passava pela gente para subir as escadas. Emily disse que eu não prestava e que precisava ir embora. Antes de ir, ela disse novamente para que eu tivesse cuidado, concordei e a levei até a porta.

Quando restou somente eu naquela parte da casa, peguei uma taça e coloquei um pouco de vinho, sentei no sofá e não liguei a televisão e nem o rádio, apenas deixei meu pensamento vagar no que aconteceu naquela tarde, meditei no que Emily disse e no que decidi fazer. Estranhei que o jantar iria acontecer no dia em que todos se preocuparam com a notícia que a imprensa divulgou, mas logo me convenci de que minha mãe queria a normalidade, mostrar para nós que tudo iria se resolver e que não deveríamos nos preocupar.

Eu queria muito acreditar nisso.

Mal terminei o vinho e ouvi batidas na porta, levantei e fui abri-la, já imaginando quem poderia ser. E era mesmo Patty. Minha mãe desceu, talvez para abrir a porta sem saber que eu ainda estava por perto. A professora de música me cumprimentou e puxou assunto:

— Bonnie, você viu o noticiário?

— Sim! Você acredita em uma coisa dessas? E se for esse tal de Maníaco? A cidade vai estar perdida novamente!

— Imagino como deve estar quem encontrou o corpo... eles não falaram quem foi.

— Quem encontrou foi Sophie, acredita? — minha mãe disse como se estivesse contando o maior segredo do mundo.

O que realmente era para aquela situação. Por mais que Patty tenha se aproximado da nossa família, não achei certo a minha mãe falar tão facilmente uma coisa dessa. Seja por querer desabafar com alguém ou sei lá o que. Olhei como uma cara que dizia perfeitamente “*você só pode estar brincando comigo! Fale menos da próxima vez, bem menos!*”, sem me preocupar com a possibilidade de Patty ver, até aquele momento ela estava de costas para mim e estática com o que escutou, mas após poucos segundos, voltou ao seu normal e olhou surpresa para mim.

— Foi você?

Respirei fundo e, sem conseguir encontrar um tom certo, respondi:

— Foi.

Quando Patty se virou para mim, minha mãe revirou os olhos e fez gestos no ar enquanto mexia os lábios sem que algum som saísse: *não vou*

contar para todos, só para quem é próximo. Até porque, claro que sua filha encontrar um cadáver é algo que seus amigos devem saber.

Mas o fato é que eu não queria que isso se espalhasse, nem a polícia. Se ficasse nessa de “só vou contar para essa pessoa”, não tem como saber em qual lugar a notícia vai parar. Nos ouvidos do serial killer, talvez?

Droga. Eu realmente estava tentando levar isso com naturalidade? Querendo disfarçar o pavor que sentia por dentro?

— E como foi? Encontrou algo? — Patty estava muito curiosa com o assunto, olhei esquisito para ela e fui salva pela minha irmã.

Chloe desceu as escadas e logo chegou com seu tom de gozo:

— Eu acho que você deveria começar uma de suas manifestações, hein Patty.

Minha mãe fez *shiu!* para Chloe e a menina sinalizou como se fechasse a boca. Patty tomou ar e não disse nada, apenas se virou para mim e falou:

— Se eu quiser fazer alguma manifestação, não posso ir como alguém que depende de noticiários.

Chloe começou a rir e nós três a olhamos sem entender.

— Sua camiseta está ao contrário, Patty. O que aconteceu? Estava tão ocupada que teve que sair correndo quando deu o horário de vir para cá?

Somente então é que vi a camiseta do avesso, pigarreei para evitar uma risada.

— Sai correndo mesmo, você me ligou em cima da hora, nem tive tempo de me olhar no espelho.

Chloe não perdoava nada, Patty mal chegou e minha irmã já se divertiu duas vezes com algo sobre ela. Minha mãe deveria pagar muito bem a instrutora para que ela conseguisse lidar com a mais nova das Fields.

— Vamos subir, você arruma sua camiseta e a gente começa a aula.

Patty pediu licença e subiu logo atrás de Chloe.

— Me passa o purê, por favor — minha mãe pediu.

Estávamos na mesa, jantando, Joe chegou com o pedaço de presunto e não conversamos nada relevante até o momento. Quero dizer, nada sobre o noticiário.

— Fiquei preocupado hoje, Bonnie.

Minha mãe fingiu que não entendeu e perguntou o motivo. Um pouco sem jeito, ele respondeu:

— Sobre essa história do assassinato. Se for o que a repórter disse, suas filhas devem tomar cuidado — percebi sinceridade no que ele disse, mas definitivamente não havia tato algum na hora de falar.

Tanto que minha mãe ficou claramente desconfortável com o que escutou, era óbvio que ela não queria pensar no assunto. Antes de saber o que ela responderia para ele, me levantei e informei que, como já tinha terminado de jantar, iria começar a arrumar a cozinha. Retirei meu prato e o coloquei na pia. Fiquei encostada lá, pensando como minha mãe estaria com essa situação.

Eu tinha certeza que, por dentro, ela estava mais apavorada do que eu. Escutei alguém parando na porta, olhei sobre o ombro e vi Chloe de braços cruzados, seu rosto estava sério.

— Você está com medo? — me perguntou com um misto de tristeza e ansiedade.

— Não — olhei para ela e respondi rápido demais, voltei minha atenção para a pia em seguida. Tentei fazer com que ela ficasse mais tranquila, mas não funcionou, qualquer que tenha sido o resultado, foi o que fez Chloe balançar a cabeça e sair.

Assim como sabia a respeito da minha mãe, sabia que Chloe também estava com medo. Para ser sincera, acho que todo mundo estava dessa maneira. A cidade inteira. Ninguém deseja que algo assim volte, ou sequer comece. Era apavorante.

Passei como um furacão pela sala de jantar e fui até a poltrona da sala de estar, peguei meu celular e liguei pela terceira vez para Josh. E pela terceira vez foi a mesma coisa, ninguém atendeu. Mordisquei meu lábio inferior.

Estou morrendo de medo, pensei.



CAPÍTULO 17

Dois dias se passaram desde a conversa com Emily que resultou na minha decisão em iniciar uma investigação por conta própria. Seria completamente amadora, mas era melhor usar meu tempo livre com isso do que ficar pensando no que poderia acontecer e acabar paranoica com a história e tudo mais o que minha cabeça inventar.

Em minhas mãos estava o papel que um policial me entregou pela manhã, ele informava que eu deveria ir até o Departamento. A minha suspeita era de que eles acreditavam que eu era responsável por espalhar a notícia do assassinato, mas também poderia ser algum tipo de programa de proteção à testemunha, já que eu era a única pessoa que encontrou o cadáver. Iria ao final no dia, estava apreensiva, mas antes de qualquer coisa, começaria minha investigação, então era melhor juntar tudo o que tinha antes de conversar com detetives e policiais.

Talvez eu também conseguisse ver Josh.

Coloquei o papel em cima da cômoda, fui até a parede lateral e afastei a cama, retirei os quadros e fotos que se acumularam conforme os anos. O que restou foi somente uma parede lilás lisa. Com as mãos na cintura, comecei a pensar com faria para organizar minha linda de raciocínio.

Com uma fita preta, dividi a parede em duas partes. Na primeira ficaria tudo o que eu tinha e já sabia a respeito do Maníaco do Pântano. Na segunda, as minhas descobertas. Se tudo der certo, cruzaria as informações e conseguiria retirar algo novo. Mas eu teria que ter muita sorte.

Decidi começar com o que estava fácil em minhas mãos: juntar tudo o que sei sobre o último assassinato. Era pouca coisa. Acessei o site da escola e imprimi a foto do anuário de Katherine, colei na parte mais alta da parede que consegui alcançar sem auxílio. Anotei em um papel o dia e a hora que encontrei o corpo, além dos detalhes de como ela estava – o que me causou um enjoo momentâneo. Lembrar da cena me dava arrepios.

Soube que os detetives interrogaram um ex-namorado dela. Para não ficar na dúvida, peguei a foto dele em uma rede social e coloquei ao lado da foto dela, ligando-os com uma fita rosa que encontrei em uma das minhas gavetas. Registrei em um caderno que essa cor significava que era uma informação incerta.

Infelizmente, era isso que sabia até o momento, então mudei para algo que não pode ser alterado: os assassinatos confirmados do Maníaco do Pântano de dois anos atrás. No tempo entre a conversa que tive com Emily e eu começar com a investigação, consegui reunir uma boa quantidade de notícias.

Com estava frequentando a universidade em Tallahassee na época, não tenho nada que seja relevante, então recortei as matérias e imprimi as fotos ampliadas dos corpos das vítimas, colando de cima para baixo na sequência em que foram encontrados.

Primeira vítima: Rebecca Collins, loira, 24 anos. Encontrada no dia 25 de fevereiro de 2013 embaixo de um banco que existia perto de uma das trilhas do pântano. Seus tornozelos estavam amarrados, suas mãos em seu pescoço, um “x” feito com tinta em sua barriga, cortes e queimaduras por todo o corpo, sem pálpebras e nua, apenas faixas coloridas escondendo suas partes. A princípio a polícia pensou ser algum crime de ódio, até encontrar o segundo corpo um mês depois.

Segunda vítima: Jess Reynolds, loira, 21 anos. Encontrada dia 22 de março de 2013 em cima de seu carro na entrada do pântano. Em seu corpo tinha as mesmas coisas que existia no de Rebecca. Um alerta começou a ser espalhado na polícia.

Terceira vítima: Dulce Díaz, loira, 28 anos. A única de origem estrangeira, nasceu no México, mas antes do primeiro ano de vida sua família se mudou para cá. Encontrada no dia 31 de julho de 2013 encostada em uma árvore no pântano. Novamente os mesmos cortes e posições de membros. O Departamento de Polícia se mobilizou para investir mais nas buscas do culpado, pois, de acordo com uma das declarações extraoficiais dada por um dos detetives: na primeira vez é um assassinato *comum*, na segunda é uma coincidência, mas na terceira há um padrão.

Quarta vítima: Savi Morgan, loira, 29 anos. Quando foi encontrada, em 01 de setembro de 2013, uma parte de seu corpo tinha sido consumida por animais locais, mas a necropsia verificou que nele continha o mesmo padrão que das três outras vítimas.

Quinta vítima: Henriquetta Jackson, loira, 26 anos. Encontrada em 14 de novembro de 2013. Mesmo padrão. Forest Hill já era assunto nacional, lembro que ficava colada na internet e na televisão antes e depois das aulas para saber de alguma notícia nova.

Sexta vítima: Samantha Moretti, loira, 25 anos. Encontrada em 25 de dezembro de 2013. Mesmo padrão, porém, algo extra a acompanhava: em sua cabeça estava um gorro natalino. Foi considerado nosso "*presente de natal*", já que foi o último corpo encontrado de autoria do Maníaco do Pântano.

Entre a parede e a cama não tinha espaço para dar um passo para trás, então sentei para observar as fotos e legendas que fiz para cada uma delas. Era impossível não ficar comovida com as vítimas. Todas eram mulheres com uma vida inteira pela frente, estavam no ápice. A beleza de cada uma delas poderia render coroações em concursos de beleza.

Elas tinham famílias, sonhos, uma vida. Algumas poderiam ser mais privilegiadas que outras, claro, mas tinham objetivos, queriam alcançar alguma meta na vida. Senti um bolo na garganta, levei uma das mãos até a boca para evitar qualquer reação indesejada do meu corpo quanto a esses fatos e pensamentos.

Respirei uma quantidade maior de ar e tentei encontrar algum outro padrão. *O que Sophie Fields iria encontrar que a polícia já não sabia? Nada*, pensei com uma risada sarcástica. Mas deveria ter algo. Por mínimo que seja. Alguma coisa que a polícia pensou que não tinha relevância ou que era coincidência. Levantei e colei lado a lado as fotos dos respectivos locais de trabalho delas, as liguei com uma fita branca. As vítimas tinham nada em comum a não ser características físicas.

Li e reli tudo o que escrevi e que recolhi da internet até perceber algo. Como não reparei antes? O primeiro assassinato aconteceu no dia 25 e o último também foi em um dia 25! Não me importava se a polícia já tinha percebido isso ou não, o importante era que eu tinha dado meu primeiro passo como detetive amadora. Peguei papel e caneta, anotei o número 25 e colei na parede, ligando nele a primeira e última foto com a fita branca.

Isso fez com que surgissem duas perguntas: qual o motivo do serial killer ter escolhido esse número? As outras quatro também tinham algo relacionado?

Um estalo surgiu em minha cabeça: se existe a teoria de que o Maníaco matou a última jovem, então era lógico ele voltar no dia 25. Corri até o

calendário atrás da porta do meu quarto e fiz as contas para saber o dia em que encontrei Katherine – sou péssima em guardar datas. O encontro que marquei com Josh foi no dia 26.

A possibilidade de a garota ter sido assassinada no dia 25 era grande.

Peguei outro pedaço de papel e escrevi “25?”, o colando perto da foto de Katherine. Tratar a vítima pelo nome realmente faz a situação ficar mais pessoal. Tentei ignorar o sentimento de medo e pena, não poderia ter minha atenção desviada. Teria que agir como uma detetive de verdade, então tratei logo de mentalizar como Josh se comportava e tentei lembrar dos episódios das séries policiais que vez e outra eu assistia. Por hora, a chamaria de primeira vítima, somente se existisse uma segunda é que, infelizmente, poderia arriscar chamá-la de sétima vítima.

Existia outra maneira para conseguir ligar, ou não, esse assassinato com o Maníaco, mas ele era muito mais difícil e, se eu realmente fizesse, abriria mão de um futuro com Artes Visuais e ganharia a vida como roteirista de alguma grande emissora ou trapaceando outras pessoas: precisaria comparar os relatórios da necropsia da vítima com qualquer uma das confirmadas do Maníaco. Mas para isso, teria que passar pela segurança de um Departamento de Polícia. Missão ~~quase~~ impossível.

Joguei o meu corpo para deitar na cama e encarei o teto por alguns segundos, descansei minha mente de tudo o que considerei até o momento. A tarde estava chegando e eu não percebi. Chloe estava trancada em seu quarto, mas isso não me incomodava mais, ela tinha melhorado e voltamos a ser as amigas que éramos antes de eu embarcar para Tallahassee. Aparentemente, superou a tristeza que Paul Withmore causou e seguiu com a vida. Isso me trazia uma alegria imensa.

Minha mãe também estava trancada no quarto, mas por uma diferente razão: iria viajar. Nos contou na noite anterior, disse que dias antes recebeu uma carta, mas não falou nada porque nossas vidas tinham recebido um chacoalhado, era impensável nos deixar naquele momento. A carta era um convite para um curso realizado pelos melhores confeiteiros e panificadores do país, minha mãe ganhou após de inscrever para concorrer. Mulher de muita sorte. Conseguia ver nos olhos dela o quanto estava dividida entre ir ou não. Seu lado materno dizia para ficar na cidade e cuidar das filhas, mas seu lado empreendedora insistia que era uma oportunidade que não deveria ser perdida, afinal, entre milhares de inscrições, somente dez foram sorteadas.

Claro que Chloe e eu insistimos para que ela fosse, era algo ótimo que não poderia ser perdido. Ela foi fazer as malas ainda um pouco contrariada.

Escutei a porta de seu quarto bater. Juntei tudo o que espalhei na cama e guardei em uma caixa de sapato, coloquei as coisas de volta no lugar e me ajeitei. Descia as escadas quando escutei:

— Ainda acho que devo ficar por aqui — minha mãe disse ao colocar as malas no chão e procurou alguma coisa dentro de sua bolsa.

Revirei os olhos.

— Já conversamos sobre isso, Fields — propositalmente soei mais velha do que ela, mas ao me apoiar no corrimão, tal ato desfez minha maturidade. — Você vai e aproveita o curso, enquanto Chloe e eu ficamos aqui cuidando uma da outra e enchendo seu celular de mensagens durante o dia.

Ela bufou.

— E se alguma coisa acontecer com vocês? — Aparentemente não achou o que procurava, já que a mão estava vazia quando parou de mexer na bolsa.

— Se alguma coisa acontecer, vai acontecer com você aqui ou não.

— Vai logo, mãe. Sophie tem tudo sobre controle — assustei com a voz de Chloe atrás de mim. Não tinha escutado ela se aproximar e nossa mãe percebeu.

— Tanto controle que nem sabia que você estava atrás dela!

Ri na tentativa de amenizar suas preocupações e escutamos uma buzina.

— Seu táxi chegou — Chloe disse o óbvio.

Corri para a porta e abri, como se mostrasse o caminho para ela.

— Aposto que Margot está te esperando na rodoviária — ouvi minha irmã falar com uma risada.

Minha mãe não achou graça, apenas balançou a cabeça e retirou as malas de dentro de casa, sinalizando para que o taxista fosse buscá-las.

— Olha, qualquer coisa chame a Louise, tudo bem? Conversei com ela e tive a garantia de que poderia contar com a ajuda tanto na padaria como em ficar de olho em vocês.

Espremi os olhos fingindo indignação por me tratar como uma criança.

— Não se preocupe, quando Sean voltar do lugar que ninguém sabe onde, estaremos mais seguras.

Ela suspirou e respondeu:

— Espero.

Nos beijou na testa e se despediu:

— Amo muito vocês duas. Por favor, eu imploro, tenham cuidado, ainda não se sabe o que se esconde em Forest Hill. Qualquer coisa me ligue, darei um jeito de aparecer o mais rápido possível.

— Amo você também — nós duas respondemos quase em uníssono.

A cada três passos que dava em direção ao carro, ela se virava para dar tchau. Chloe e eu ficamos na porta até o táxi virar a esquina.

— Vou para o meu quarto e de lá sairei apenas para as aulas.

Mal terminou de falar e virou as costas para entrar em casa. Fiquei em silêncio assentindo para o nada. Respirei longamente e também adentrei, fechei a porta e sentei no sofá. Planejava passar mais algum tempo encarando o painel improvisado da minha investigação, quem sabe algo surgiria na minha frente.

Encostei a porta do quarto e sentei no meio da cama com as pernas entrelaçadas, encarei a parede sem piscar. A pergunta que não saía da minha cabeça era: como o número 25 se encaixava nas outras vítimas?

Entre uma ideia sem sentido e outra nada a ver, ouvi meu celular tocar. Era *The Pretender* do Foo Fighters, o toque personalizado para chamadas de Josh, arrepiei ao ouvir a primeira estrofe, me sentia no escuro com o distanciamento dele. Peguei o aparelho que estava embaixo da cama, sem ter ideia de como ele foi parar lá, sem demora e com um estômago totalmente congelado, atendi:

— Josh?!

— Sophie!

Ah! Aquela voz! Senti tanta falta do meu nome nela...

— Josh! Josh! Por que você sumiu? — Sentia uma mistura de ansiedade, felicidade, confusão e um pouquinho de tristeza.

— Sophie, me desculpe! As investigações têm consumido meu tempo... sempre quando acho que vou ter um tempo livre, aparece algo que me faz voltar a trabalhar. Estou exausto.

Sabia que podia acreditar no que ele dizia, sua voz estava cansada e a respiração pesada. Facilmente dava para notar que ele não tinha dormido durante a noite.

— Tem como a gente se ver? — perguntei com um pouco de esperança.

— Olha... — a pausa que ele deu me fez querer chorar. — Eu queria muito, mas...

— Tudo bem, o trabalho vem primeiro — o interrompi e tentei não transparecer o choro travado em minha garganta.

— É verdade, Sophie... eu queria, mas no momento não vejo como. Estou dependendo da cafeína para conseguir falar agora com você.

Permaneci em silêncio.

— Sophie, ainda está aí?

Não pude responder, escutei um barulho no fundo da chamada. Alguém se aproximou de Josh e falou algo sobre profiler, não entendi direito.

— Ela trouxe apenas agora? — ele fez uma pausa, sua atenção estava direcionada a quem quer que estivesse falando com ele. — Ok, estou indo. Tente não se acostumar com esses seus atrasos, Thomas — percebi que ele tentou dizer em tom de brincadeira, mas estava muito cansado para isso. — Ainda está na linda? — Josh voltou sua atenção para mim. A minha vontade era desligar o telefone e mostrar para ele a resposta, mas em vez disso, respondi:

— Estou.

— Fiquei sabendo que você virá hoje. Espero conseguir te ver.

— Também — não controlei minhas respostas secas.

Ele ficou em silêncio até perceber que eu não falaria mais coisa alguma, então se despediu:

— Preciso ir agora, estou com saudades.

— Até depois, Josh.

E desliguei o celular.

Respirei fundo uma vez... duas... três. Ainda digeria a conversa e o motivo para que em pouco tempo eu passasse de ansiosa para seca. A verdade era que o distanciamento de Josh me machucava, ele escolheu focar no trabalho e me deixar de lado – seja por me querer segura ou não, ele deveria entender que se afastar só piorava as coisas, pelo menos para mim.

Deixei de lado minha vontade de desbravar minhas habilidades de detetive e decidi chorar as mágoas. Fui até a cozinha e peguei o primeiro pote de sorvete que vi na frente, procurei por um filme bem meloso na televisão e coloquei para assistir. Em meio ao choro, sorvete e muito romance, escutei baterem na porta.

Ignorei.

Tentaram de novo.

Ignorei.

As batidas ficaram mais fortes.

Bufei.

Tentei arrumar minha cara de choro e abri a porta.

Não acreditei quem era ali e fechei com força.

Respirei e tentei me manter no controle. Abri a porta de novo.

— O que você quer? — Não me importei em parecer grossa, ele não merecia minha simpatia.

Enquanto esperava pela resposta, me perguntei onde ele tirou a coragem de aparecer aqui. Se pudesse, sumia com ele em um piscar de olhos.

— Quero falar com a Chloe — Paul me respondeu cheio da pose *bad boy* mimado.

— Não. O que você quer é dar o fora daqui. Agora!

Tinha tanto problema na minha cabeça que eu realmente não precisava ver a cara desse garoto.

— Me deixa falar com ela — ele procurava por ela ao olhar por cima dos meus ombros. — Chloe! Chloe! — gritou.

— Cala a boca! Ela está muito bem sem você e, aparentemente, você também está muito bem sem ela.

— Chloe, por favor, quero falar com você! — seu olhar ficou fixo. Isso significava que ela desceu.

Olhei para trás e a vi parada no meio da escada, seus olhos estavam vagos e com um toque de tristeza, os lábios murchos deixaram escapar um suspiro de pesar.

— Deixa ele entrar — Chloe disse sem emoção na voz.

— Ma...

Não terminei de falar a palavra, Paul me empurrou para o lado e entrou em casa. Ele foi direto para minha irmã e a pegou pela cintura. A cena me causou nojo.

— Sabia que você iria me querer ainda — seu tom de voz mostrava o quanto estava confiante e cheio de si.

— Vamos subir.

— Vamos sim — ele lançou um olhar vitorioso para cima de mim e a seguiu até o quarto.

Esbravejei em silêncio. Não acreditava que Chloe faria a besteira de se reconciliar com Paul. Será que ela não percebeu o quanto ele a mudou? O quanto a fez mal? Não aguentaria ficar na sala apenas esperando, eu precisava saber o que estava acontecendo. Depois de relutar, subi até o quarto dela e, sem fazer barulho, escutei a conversa dos dois através da porta:

— Você não sabe o que está falando!

— Sei muito bem. Não sou qualquer garota, Paul! — ela estava decidida em sua fala. Um pequeno sorriso surgiu no meu rosto.

— Você é a minha garota!

— Não sou sua e nem de ninguém. Pertenço só a mim.

— Mas voltei por você!

— Me solta! Você voltou pelo simples fato de que, com certeza, ninguém te deu atenção. Você sumiu e eu fiquei perdida! Agora que estou melhor, você aparece? Some daqui, Paul, some!

— Para de falar besteira. Eu posso ter qualquer garota naquele lixo de escola.

— Então vá fazer outra de idiota, não eu! Some da minha vida!

Eles ficaram silêncio e percebi que era melhor descer o quanto antes, então assim fiz. Fiquei de braços cruzados com a porta da casa aberta. Não demorou para que Paul descesse correndo com uma feição carrancuda, ele me olhou cheio de raiva e não disfarcei meu sentimento de superioridade e orgulho por Chloe.

Meu ar pomposo não durou muito, minha irmã desceu as escadas aos prantos, constantemente levava a manga longa até os olhos para secar as lágrimas que caíam sem parar.

— Terminou tudo. De vez.

Corri até ela e a abracei sem dizer palavra alguma. Sabia o quanto estava doendo, nós duas estávamos passando pelas nossas primeiras desilusões amorosas. A conduzi de volta para o quarto e a coloquei sentada na cama, retirei seu chinelo e a deitei. Passei o tempo afagando sua cabeça e tentando distraí-la com o que nossa mãe estaria pensando dentro de um ônibus. Chloe adormeceu e eu fiquei até o sol começar a se pôr. Levantei da cama com cuidado, escrevi um bilhete dizendo onde estaria e o coloquei na cômoda – caso ela acordasse e eu ainda não estivesse em casa.

Me arrumei e fui para o Departamento de Polícia.

Alguns policiais me cumprimentaram quando entrei, outros me olharam desconfiados, esses eu imaginei que sabiam sobre mim e pensavam que eu era a responsável por vazar o caso para a imprensa. Não me importei e continuei na direção do balcão.

— Boa noite — entreguei a carta que recebi.

— Boa noite — o policial respondeu e pegou a carta. Enquanto esperava ele falar algo, notei uma pilha de papéis perto dele. — Oficial West, leve

Sophie para a sala de interrogatório e depois deixe esses papéis na mesa do Sanders.

Se essa pilha era para Josh, deveria ser algo sobre a investigação. Eu precisava ver sobre o que era.

O policial me levou até a sala e pediu para que eu esperasse por Rickenter. Assenti e sentei na cadeira. Tinha tanta coisa passando pela minha cabeça que não conseguia focar em uma só. Hora pensava em Josh, hora em Paul e Chloe. E ainda tinha o assassinato que eu tentava descobrir algo, por mínimo que fosse.

Coloquei minha cabeça entre as mãos, fechei os olhos e respirei fundo. Tinha que me manter tranquila. Escutei a porta abrir, Eve entrou e começou a falar sem cerimônia:

— Sophie Fields, testemunha do caso Katherine Rice e suspeita de vazar a informação para a imprensa.

— Só por não ser policial?

— Cuidado com a maneira que diz as coisas. Mas sim, poucos policiais sabiam o que tinha acontecido e você era a única civil. Pode não ter sido diretamente por você, talvez tenha contado para alguém e esse alguém vazou. Isso inclui sua mãe e irmã.

— Mas não fizeram — toda a simpatia que comecei a sentir por Eve desde a morte de seu pai, se desfez ao vê-la com um ar arrogante de quem acha que sabe tudo. — Não saí de casa desde quando tudo isso começou. Minha família não é fofoqueira, só comentou com amigos próximos depois que a mídia falou sobre. Antes disso ninguém que não mora na minha casa sabia de algo. Existe a chance de ter sido algum de vocês.

— Temos uma investigação interna para isso. Como o caso é sigiloso, vai existir uma consequência para o culpado — ela dizia de maneira enfática.

— Quero saber se terei alguma proteção da polícia — procurei ser tão consistente no tom de voz quanto Eve. — Se a informação vazou, não é impossível que o tal assassino saiba minha identidade. Eu também corro riscos, detetive.

— Estamos cientes disso — falou ao folhear os papéis que trouxe consigo.

— Mais uma prova de que não tenho a ver com esse vazamento: eu, em sã consciência, nunca colocaria minha vida em risco sem motivo!

— Estamos cientes sobre isso também — Eve parou de folhear e voltou a olhar para mim. — Mas também consideramos a hipótese de você ter espalhado para que mais pessoas soubessem e tomassem cuidado. Talvez não confie tanto assim na polícia.

Não evitei uma risada.

— Eu não confio na polícia? Cadê o Josh? Esqueceu que namoro — senti um aperto dentro de mim. Apesar de ainda namorar, não estávamos em uma situação boa — um detetive daqui? Que é seu parceiro?

— Isso não é relevante para a investigação — ela disse sem emoção, seu semblante estava sério.

Passei as mãos em meu rosto e respirei fundo. Isso era uma coisa que ultimamente eu estava fazendo muito.

— Olha, apenas quero saber da minha proteção — me sentia derrotada, não adiantava levantar argumento algum com Eve Rickenter.

— Estamos disponibilizando dois policias para fazer rondas na sua casa, eles irão alternar horários, então sempre terá um de olho em você. Também receberá um celular com rastreador, poderemos te localizar em qualquer parte que estiver.

Fiquei tranquila com o que escutei, não era algo perfeito que faria minha mãe ficar em paz, mas ela se contentaria.

— Está liberada — a detetive disse enquanto juntava os papéis e se levantava.

Esperei que ela saísse da sala para fazer o mesmo. Fui até a recepção e liguei para minha mãe, enquanto escutava os toques da chamada, pedi para Ryan ver se Josh estava por ali e ele pediu para um oficial fazer isso.

— Oi mãe, chegou bem de viagem? — quando ela atendeu o telefone, soei normal, não precisava dividir minha opinião sobre como o dia foi descartável e digno de esquecimento.

— Cheguei sim. Como vocês estão? Já foi na polícia?

— Estamos bem. Já sim, inclusive estou ainda, mas já conversei com eles e me garantiram que dois policiais fariam rondas em casa e me deram um telefone.

— Fico mais tranquila com isso, mas não deixe sem notícias, por favor.

— Claro — afirmei. O oficial que procurou por Josh voltou. — Preciso desligar agora, mãe.

— Mas já? — perguntou surpresa.

— Sim, ainda estou na polícia, esqueceu?

— Ah sim, verdade, tudo bem então. Boa noite, Sophie. Vou ligar para Chloe.

— Acho que ela está dormindo, liga amanhã. Boa noite, mãe.

Desliguei a chamada e prestei atenção no policial. Ele disse que Josh não estava por ali, mas que não demoraria chegar. Agradeci e perguntei se poderia esperar na mesa dele, obtive uma resposta positiva e fui levada para o andar de cima. O oficial apontou para uma mesa e pediu para que eu sentasse nela, agradeci novamente e fiz o que me foi orientado.

Quando o policial saiu da minha vista, me certifiquei de que ninguém estava prestando atenção em mim – o que não era difícil acontecer, muitos estavam preocupados com as próprias investigações e eu já era conhecida no Departamento. Notei que os papéis que antes estavam na recepção, agora repousavam na mesa de Josh. Peguei discretamente para dar uma olhada. Muitos eram correspondências e documentos não relacionados ao caso do Maníaco, então os ignorei, mas dois deles eram sobre o que eu buscava: um era uma cópia da necropsia e o outro, que não estava exatamente na pilha, era um perfil psicológico, ele se destacava dos demais por ter a folha na cor amarela.

Deve ter sido o que ele recebeu quando estava em ligação comigo. Eu tinha que ler os dois papéis de maneira rápida, então fiz uma leitura dinâmica. No relatório da necropsia constava: vinte e cinco cortes, vinte e cinco queimaduras. membros amarrados e pálpebras retiradas. Causa da morte: estrangulamento. Olhei em volta para me certificar de que ninguém percebeu que eu estava bisbilhotando, assim que tive a certeza de que não, peguei o outro papel para ler rapidamente.

Perfil psicológico: Como a vítima não sofreu abuso, o sexo do assassino ainda não pode ser definido. Odeia mulheres que representam o estereótipo de queridinha da América: bonita, rosto angelical, bem quista e loira. Mas também tem um fascínio por elas, isso é explícito na pose e cuidado que tem com os corpos. Cortes e machucados feitos representam uma grande raiva, a quantidade igual mostra que há um significado atrás do número. Nada é aleatório. A retirada das pálpebras pode significar que ele deseja que o mundo veja que as pessoas não são como aparentam ser, ele quer que busquem as verdades, abram seus olhos. O “X” na barriga pode significar que mais um alvo foi abatido. A falta de roupa mostra como as pessoas são desprotegidas.

Não deu tempo de terminar de ler, o barulho de passos indicava que alguém estava se aproximando. Coloquei o papel rapidamente na mesa e fingi que estava prestando atenção no meu celular. O mesmo policial que me trouxe é o que se aproximava:

— Josh não voltará tão cedo, ele está trabalhando em dois casos ao mesmo tempo.

Não evitei meu olhar triste, a situação estava ficando ruim.

— Tudo bem, talvez eu volte outra hora. Obrigada — falei ao me levantar.

Ao passar pela recepção, vi dois policiais conversando e pude escutar um pouco do que falavam:

— McGranth, chegou uma intimação para Joe Sherman, o endereço dele é esse aqui — o policial entregou para o outro.

Uma intimação? Para Joe? Um alarme tocou em minha cabeça e quase gritei perguntando para o universo o que mais poderia dar errado comigo e minha família. Minha mãe estava começando a se aproximar de Joe e, de repente, ele recebe uma intimação? Acho que as Fields não foram feitas para terem relacionamentos. Sempre alguma coisa dá errada.

Joe sempre foi um cara quieto, observador e com uma história que ninguém conhecia por completo. Será que essa intimação era relacionada com a vida que teve em Colorado? Ele nunca falava de seu passado, tanto que a única coisa que as pessoas mais próximas sabiam era que existia algo que o ligava ao estado.

Abanei minha cabeça e tentei ignorar o assunto. No momento, isso não era uma preocupação minha e somente falaria algo para minha mãe se fosse sério, coisa que descobriria se minhas visitas aqui voltassem a ser frequentes. E talvez seriam mesmo, visto que, como aqueles papéis praticamente caíram no meu colo, comecei a pensar seriamente procurar pelos relatórios das vítimas do Maníaco.

Parei por um momento para cogitar se perguntaria para Ryan quando Josh estaria por aqui. Visitá-lo era uma boa desculpa para tentar encontrar o local em que guardavam informações de casos antigos. Devo ter ficado no meio do caminho enquanto pensava, já que alguém esbarrou em mim, mas não liguei muito, balbuciei um pedido de desculpas e decidi ir até Ryan para fazer a pergunta.

Ao me aproximar, notei que o oficial não estava mais na recepção e vi que uma nova pilha de papéis foi colocada no balcão. Olhei rapidamente

para ver se não era algo do meu interesse e percebi um papel solto no meio dela. O puxei para ver o que era e arqueei as sobrancelhas ao ver a única palavra escrita. Era formada por letras garrafais cortadas de revistas:

BOOM!



CAPÍTULO 18

Há vinte minutos encarava o papel. Ele já tinha sido analisado para ver se encontravam marcas de digitais ou algum outro resquício que poderia levar até a pessoa que o criou. Mas nada que poderia solucionar as dúvidas foi achado.

Pensei em Sophie e no azar que ela carregava nos últimos dias. Primeiro encontrou um corpo e agora uma pista, duas coisas que nos faziam crer que era o Maníaco anunciando sua volta. Eu estava com um péssimo pressentimento sobre tudo. Desde o começo. Cada vez que Eve e eu nos envolvíamos mais na investigação do desaparecimento e morte de Katherine, mais aumentava a sensação de que algo ruim iria acontecer. E eu não queria isso.

Peguei o papel e o levantei até a altura do olhar. “BOOM!”. O coloquei de volta na mesa e peguei o diário de Katherine para ler:

Hoje aconteceu algo estranho. Quando saí de casa pela manhã, fiquei com a sensação de que estavam me seguindo. Olhava para trás e perguntava para Amy e Pauline se elas estavam com a mesma sensação, mas... mas não estavam, isso tudo era somente comigo. Eu estou ficando louca?

Até o intervalo do almoço achava que sim, mas quando fui pegar o material para a quinta aula, encontrei no meu armário um bilhete escrito BOOM! com recortes de revista. Fiquei extremamente brava e briguei com as meninas achando que era alguma piada de mau gosto para me assustar, mas elas disseram que não fizeram nada, eu sabia quando elas mentiam e, naquele momento, elas estavam falando a verdade.

Espero que isso passe rapidamente.

Terror psicológico antes do terror físico era coisa de doente. Psicopata. Pedi para que os policiais que cuidam das ocorrências ficassem atentos para familiares que derem queixa sobre o desaparecimento de garotas com as características físicas do padrão do assassino. Esses casos iríamos investigar com mais cautela. Eu tinha certeza de que o Maníaco voltou. Mas por quê? Depois de dois anos... Por qual motivo voltou na mesma cidade que começou? Poderia ser pelo gosto do perigo, pela sensação de impunidade e a de que em qualquer momento poderia ser pego. Mas dessa vez ele não iria escapar. Não mesmo.

Voltei a sentir minhas forças se esvaindo do corpo, era uma mistura de cansaço, preocupação e confusão. Afastei minha cadeira da mesa, inclinei minha cabeça para trás e, olhando para o teto, bufei. Pela minha experiência, sabia que esse emaranhado não seria desenrolado facilmente como geralmente eram os casos corriqueiros. De canto de olho, vi Eve se aproximar, então me endireitei na cadeira e a ouvi falar assim que chegou:

— Interroguei o carteiro que deixou as cartas que estavam no balcão. Eu não deveria te falar coisa alguma só de raiva por você não ter ido comigo, mas enfim, ele não tinha conhecimento de coisa alguma, somente entregou as cartas que mostrei para ele como favor para três policiais.

— E você falou com eles?

Ela me olhou como se fosse a pergunta mais idiota que alguém já fez para ela. Concordo que era óbvia, mas deveria ser feita.

— Eles disseram que estão com um empreendimento na Califórnia e que, no momento, não querem que suas esposas saibam. Procurei para saber se era verdade e confirmei. Uma dupla de oficiais está atrás da pessoa encapuzada que a câmera flagrou deixando o prédio. Mas você sabe quem deve ser questionada, não sabe?

Eu mexia com uma caneta, a fazendo passar entre meus dedos, mas quando Eve fez a pergunta, parei imediatamente e voltei meu olhar para sua direção:

— Sophie Fields — não havia emoção na minha voz.

— Ela mesma. A câmera gravou o esbarrão que a pessoa deu nela. Talvez a garota tenha visto o rosto.

Me causava desconforto escutar Eve chamar Sophie de garota, pedi inúmeras vezes para não falar dessa maneira, mas a detetive nunca me escutava. Chega uma hora que a alternativa é simplesmente só deixar passar.

— Vou falar com ela, só preciso terminar de fazer o relatório daquele homicídio do poço.

— Ouch! Esse estava feio... mas não, é melhor você falar com ela agora — Eve manteve seu tom decidido.

A encarei por alguns segundos, pensando como ela era forte. Não somente a física, mas a interior também. Não deve ser fácil ser criada de uma maneira tão rígida, passar a adolescência com terapeutas, ter o pai assassinado, a mãe levada para longe e ainda estar de pé todos os dias para seguir com sua vida sem nunca deixar esse ar de *nada me afeta*. A admirava demais. Por isso não discordei, apenas balancei positivamente a cabeça e levantei para ir para a casa de Sophie. Antes de me afastar, perguntei:

— Não vem comigo?

Ela arqueou as sobrancelhas e me respondeu com um humor camuflado:

— Vou terminar seu relatório. Definitivamente não quero assistir nenhuma cena desagradável.

Mas ela estava certa, eu não estava esperançoso. Não tinha ideia de qual ponto Sophie e eu estávamos. Começamos o relacionamento em uma hora errada. Se eu não a tivesse chamado para sair, não estaríamos namorando e ela não encontraria o corpo, outra pessoa iria e eu faria a investigação preocupado somente com a possibilidade de surgir novas vítimas. Sophie não estaria ligada cada vez mais aos acontecimentos e eu não precisaria correr contra o tempo para que não existisse a chance de ela ser um dos alvos.

O Maníaco já poderia saber que Sophie existe e que encontrou o corpo de Katherine. Ele pode ter visto seu rosto ao esbarrar nela. Quanto mais eu pensava nas possibilidades, mais intensa minha dor de cabeça ficava.

Ao chegar na casa de Sophie, hesitei em bater na porta. Quando finalmente decidi fazer, Chloe abriu. Ela me olhou e percebi que algo estava errado, mas eu não estava lá para assuntos pessoais.

— Josh está aqui! — gritou e mal olhou para mim antes de ir embora.

Pigarreei e assumi a pose profissional, o que foi difícil manter ao ver Sophie tão preguiçosamente linda. Seu semblante estava cansado e ela usava pijamas. Voltei minha atenção para ela:

— Sophie, tenho que fazer algumas perguntas.

Ela veio até a porta e se escorou, comprimiu os lábios e fiquei apreensivo. Esses sinais junto com o silêncio que mantinha, não significavam boa coisa.

— Pode fazer então, detetive Sanders.

— Não precisa me chamar dessa maneira, Sophie.

Ela permaneceu séria.

— De que maneira? Você é um detetive da polícia, correto? Nada mais normal do que eu te chamar dessa maneira.

— Sophie, sabe que nã...

— Sei que não o quê? Você aparece e me liga só por causa da investigação. Você é o detetive e eu sou a civil que infelizmente está envolvida com os dois mistérios que assombram a polícia de Forest Hill. É isso que somos.

— Eu ia encontrar com você ontem, mas não deu... — tentei diminuir a culpa que tinha na situação, minha vida estava um inferno de tão ocupada. Eu realmente queria a ter encontrado no DPFH.

— Isso mesmo! — ela apontou o dedo para mim e sua voz estava diferente. — Vamos falar sobre ontem. Se eu contar que a polícia estava me considerando suspeita de ter vazado informação, você acredita? Espera, espera — fez o sinal de *pare* com as mãos. — Se eu ainda acrescentar na história que namorava um detetive *do caso*, ela se tornaria surreal, não é mesmo? Meu namorado deixou que as suspeitas caíssem sobre mim. Chocante.

Não deixei meu profissionalismo de lado em momento algum, a encarava seriamente com a pose de quem tem controle sobre tudo. Mas eu não estava no controle, o perdi por completo. Me sentia culpado e arrependido. Porém, Sophie não estava totalmente correta, eu tinha tentado tirar a culpa dela, mas Eve, Thomas e outros insistiram em interrogá-la. Disseram que se ela não tivesse culpa, não teria problema em contar o que aconteceu.

Eu deveria ter insistido mais, ter arrumado algum tempo para fazer companhia para ela. Mas não, naturalmente segui o caminho da razão em vez do coração. Agora o erro já tinha sido cometido e eu colhia as consequências.

— Se você quer saber se vi quem era a pessoa que esbarrou em mim, não, não vi. O capuz cobria o rosto todo. Na verdade, nem sei como a pessoa conseguiu enxergar algo. Só sei que o esbarrão machucou e...

Escutei um celular tocar, Sophie também. Era o dela.

— Um momento — ela se virou e foi atender. Escutei um pouco da conversa e percebi que era com a mãe.

Parecia que ia demorar, Sophie se distanciou da porta. Aproveitei para ir embora, acenei um tchau e recebi um balançar de cabeça como resposta. Entrei no carro e virei na esquina. Desliguei o motor. Não conseguia parar de pensar nela. Não depois de ver o quanto a tinha magoado.

Um filme passou pela minha cabeça. As pessoas costumam dizer que isso acontece quando não há mais esperanças de alguém sobreviver quando está à beira da morte. Será que isso se aplicava ao nosso relacionamento?

Não sei.

Só sei que reparei nela antes mesmo de ela descer daquele ônibus. Sophie nem imaginava me ver, mas eu a vi. Enquanto fazia perguntas para um homem sobre um caso da época, tentava não demonstrar o quanto estava impressionado com aquela garota.

Conhecia Bonnie apenas por nome, não sabia que ela tinha outra filha além de Chloe. Não era surpresa alguma eu admitir que fui atrás para saber quem era a mulher que foi direto até elas. Usei o grito de Bonnie como desculpa para desviar minha atenção, e foi quando nossos olhares cruzaram. Sophie sorriu espontaneamente para mim e o meu sorriso saiu sem que eu percebesse.

Fiquei encantado muito fácil por ela. Depois de muito tempo de espera, finalmente tive a coragem e oportunidade de chamá-la para sair. E o encontro foi perfeito. Sophie era alegre, inteligente, divertida e doce. Percebi que tinha encontrado a pessoa certa e que estava disposto a assumir um compromisso que durasse.

Ficamos juntos de maneira muito rápida, mas eu sabia o que sentia. Sabia muito bem.

— Frederick — sussurrei achando um pouco de graça ao lembrar do pinguim.

Senti um nó na garganta e me recusei a demonstrar qualquer emoção, mesmo sozinho no carro. Eu ainda tinha o impulso de proteger e cuidar, Sophie era minha joia. Estar apaixonado era ridiculamente maravilhoso. Meu medo era de que ela não sentisse mais o mesmo por mim, Sophie estava brava, tinha esse direito, mas o que eu mais desejava era que logo tudo fosse resolvido para voltarmos ao normal.

Eu queria proporcionar a ela uma vida digna, cheia de felicidade e total segurança.

Fechei os olhos e pensei em nossas conversas e encontros... fazer isso me trazia tranquilidade, mas também desconforto – ultimamente não

estávamos bem. A história de se afastar para proteger quem a gente ama funciona apenas na ficção, a realidade é bem diferente. Porém, foi a única forma que encontrei para acelerar a investigação e livrar a cidade dessa porcaria de Maníaco. Pelo menos é o que eu repetia inúmeras vezes para mim na tentativa de me fazer focar no caso.

O toque do celular me fez despertar dos pensamentos. Imaginei que seria Eve perguntando como foi com Sophie, não somente por causa da investigação, mas também para me provocar. Bufei. Não estava com humor para isso.

— Olha, se for para fazer graça, não me perturbe. Daqui a pouco estou aí e repasso a informação do caso — falei sério e firme para cortar qualquer coisa que poderia vir dela.

— O que? Você está bem? — Thomas perguntou sem entender o motivo de ter escutado aquelas coisas.

Eu deveria ter olhado quem estava ligando. Erro meu.

— Thomas? Cara, foi mal. Pensei que fosse Eve.

— As letras das palavras Thomas e Eve são um pouco diferentes. Mas só um pouco. Além do mais, não entendo como Eve pode ter algum humor, aquela mulher parece que chupou dez limões.

Por mais que eu estivesse mal, não contive minha risada.

— Se você a conhecer por uns vinte anos, talvez consiga enxergar.

— Não, obrigado, passo. Mas então, estou indo no Yanknuts, vamos?

Eu tinha uma lista enorme de coisas para fazer, mas... acabei de passar por uma demonstração do inferno e precisava da alegria de Thomas para me animar, então resolvi chutar o balde:

— Chego em cinco minutos.

Yanknuts se tornou nosso lugar preferido para dar uma pausa no trabalho. Era uma cafeteria especializada em donuts. Tinha o nome estranho por causa do esporte preferido do proprietário, um nova-iorquino apaixonado pelos Yankees. Ao juntar o time do coração e sua especialidade, nasceu o Yanknuts. Prefiro manter em sigilo o que penso sobre isso.

Demorei exatamente o tempo que disse para Thomas. Ele já estava no local e, pelo quanto o conhecia, sabia que ele já estava na cafeteria quando me ligou. Thomas estava usando uma camisa social e terno, não era do tipo que usava gravata e nem andava para cima e para baixo com a pose de autoridade.

Apesar de ter um ar descontraído, ele sabia separar quando estava a trabalhando de quando estava a lazer. Inclusive, nunca o deixamos sozinho ao interrogar um suspeito, Thomas perde a cabeça quando não colaboram de maneira satisfatória.

Sentei ao lado dele e fizemos um cumprimento particular com as mãos. Ele já tinha pedido café para nós dois.

— Muito estresse com o possível caso do Maníaco?

— Possível? Definitivamente é o Maníaco. O capitão não quer confirmar, fala que deve aparecer outro corpo para ter certeza, mas... trabalhei com o caso no passado, sempre senti uma sensação assustadora. Eu sei que é.

— Cara, não acho que o capitão vai conseguir manter os grandões fora daqui se isso explodir e for para a imprensa nacional.

Encarei a xícara de café e concordei mentalmente com ele. O capitão odiava a interferência de outras polícias em seus casos, na época do Maníaco ele cobrou favores, tentou abafar e dar respostas para todos, e de uma maneira que até hoje não entendo, ele conseguiu. Falaram sobre o serial killer por pouco tempo na rede nacional e o assunto acabou quando as mortes pararam. Ninguém nunca mais cobrou coisa alguma da divisão de homicídios.

— Não estou preocupado com o capitão — falei sério e olhando fixamente para meu café.

De soslaio, percebi que Thomas fez uma careta e logo em seguida senti sua mão bater em minhas costas.

— Problemas no paraíso?

A carranca que lancei deixava explícito meu pedido para que ele não falasse dessa maneira. Thomas entendeu o recado e levantou uma das mãos na altura do ombro:

— Não está mais aqui quem falou dessa maneira. Mas me diga, bro, o que aconteceu?

Respirei fundo.

— Minha relação com Sophie esfriou. Me distanciei dela por causa da investigação e o pior é que essa decisão não foi tão inconsciente como gostaria...

— Você sabe que vai ser difícil conseguir recuperar agora, né?

Entristeci com a verdade dita.

— Mas calma, um dia vocês conseguirão resolver. Ambos estão estressados com o que está acontecendo.

— E desde quando você é expert em relacionamentos? — perguntei em uma tentativa de fazer graça na situação.

Thomas riu.

— Depois que ficamos com alguém, aprendemos algumas coisas.

Arqueei as sobrancelhas, isso era uma novidade para mim: Thomas em um relacionamento sério?

— E quem é a mulher que conseguiu conquistar esse coração indomável? Espera... não vai me dizer que é a mesma do dia que você me pediu para ficar até mais tarde fazendo suas coisas?

Ele não me respondeu com palavras, mas sua risada foi de felicidade. Mas não como quando o Miami Dolphins, o time de futebol americano que tinha sua torcida, ganhava uma partida. Era diferente.

— Quem é ela?

— Não vou falar. Nós queremos manter a discrição por enquanto.

Revirei os olhos e terminei meu café.

— Bom, se você não vai falar, vou embora. Tenho que voltar para o Departamento, Eve já deve ter me ligado milhares de vezes — peguei meu celular e o liguei.

Thomas pediu uma caixa com donuts variados para levar à divisão. Esse era o melhor clichê na vida policial.

A uma quadra de distância já consegui ver a multidão na frente do Departamento, fechei os olhos e tentei imaginar os motivos que poderiam justificar isso. Me aproximei e desci do carro, Thomas apareceu logo atrás de mim e trocamos olhares que significavam basicamente: *o que aconteceu dessa vez?*

Soubemos do que se tratava quando Patty Williams tomou a frente na multidão. Escutei uma risada de Thomas.

— Isso com certeza é assunto para você responder.

O encarei e cruzei os braços, ele riu mais uma vez e foi embora. A multidão tinha entre sessenta e setenta pessoas, elas carregavam cartazes pedindo justiça e reclamando da falta de competência de quem deveria proteger os cidadãos. Me senti ofendido, eles não tinham noção do quanto buscar pistas e procurar pelo assassino causava exaustão. Mas os entendia. A situação era aterrorizante, eles tinham famílias e amigos que poderiam correr perigo.

Eu tinha Sophie. Em outra realidade, eu seria um deles: também transformaria meu medo em revolta.

A polícia cercou o grupo, não para acabar com a manifestação, mas para evitar que saísse do controle. Assim que entrei no Departamento, Eve apareceu me pegando pelo braço e me carregou para um canto.

— Preciso que me fale o que Sophie disse, cansei de ligar para você.

Ela estava intimidadora como sempre.

— Espera. Primeiro me explique o que está acontecendo aqui.

Eve revirou os olhos e me soltou.

— Estão falando sobre Katherine e pedindo agilidade. Como se nós estivéssemos parados o dia inteiro — existia uma raiva reprimida em sua voz.

— Eles só estão com medo, Eve.

— Medo? Precisam sempre vir aqui encher o saco? Acham que fazendo esse barulho vai fazer alguma pista aparecer magicamente? Ou que o assassino vai se sensibilizar e se entregar?

— Eles têm o direito de se manifestar, desde que isso não atrapalhe nosso serviço. Essa é a voz deles.

Ela abriu e fechou a boca por várias vezes, mas desistiu de falar qualquer coisa. Eu tinha certeza de que sairia uma palavra de baixo calão ou ofensa.

— Ok, tudo bem. Você está certo — se virou para sair, mas parou no meio do caminho e disse: — Não esqueça de me passar o que a Sophie disse.

— Já vou.

Olhei a multidão pela janela, o número de pessoas parecia menor, mas não muito, eles eram persistentes. Alguns oficiais começaram a se incomodar e outros, como eu, tentavam permanecer calmos.

O tempo fechou com o cair da noite. Sophie sequer deu sinal de vida, mas para ser sincero, não sabia se tinha algum motivo para isso, ela estava muito chateada. Eve ficou louca quando contei que ela não viu algo que ajudaria na investigação.

A chuva que começou fina, de uma hora para outra contou com relâmpagos e trovões. As pessoas começaram a se movimentar para procurar abrigo, provavelmente voltaria quando o clima voltasse a ser favorável. Eve e eu desenvolvemos teorias a partir de informações coletadas de amigos da vítima, mas não eram muito aprofundadas – tínhamos pouco

material. Quem quer que fosse o assassino, sabia muito bem o que estava fazendo. Ainda mais se fosse o Maníaco do Pântano.

Quando a chuva diminuiu, pude ir para casa. Peguei minha jaqueta e me despedi de quem passava por mim até a porta. Parei na frente do DPFH para colocar a peça de roupa, um vendo gelado surgiu com a chuva. Notei que um policial segurava uma lanterna acesa no lado esquerdo do prédio, ele estava analisando a parede, achei estranho e fui até ele para perguntar se tinha algo de errado.

Ainda a uma certa distância, o oficial apontou a luz no meu rosto e disse para que me apressasse. Quando cheguei, ele somente apontou o dedo para a parede que tanto olhava.

BOOM!

Dessa vez foi feito com recortes de cartolina colorida. Corri de volta e emiti um alerta para os policiais presentes. Aquelas letras não foram coladas há muito tempo, então o responsável ainda poderia estar nas redondezas. Chamei um policial que mais cedo conversou com os líderes da manifestação e pedi para que ele fizesse uma lista com o nome de todos que estavam presentes.

Eve se aproximou alarmada, perguntou sobre o que era a movimentação e eu, em uma mistura de ansiedade e ânimo, respondi:

— O Maníaco estava aqui entre os manifestantes. Agora temos que descobrir quem era.



CAPÍTULO 19

— Muito bem, Joe. Você está na lista das pessoas que estavam na multidão — joguei uma cópia da sequência de nomes na mesa, o nome dele estava circulado.

Ele alternou o olhar entre o papel e eu, e o afastou com a mão.

— Já estava por aqui, fui intimado. Vi a multidão e fiquei por curiosidade — respondeu sem alteração na voz e nem no semblante.

— Joe, sabemos muito bem o que você fez em Colorado. Sabe que em questão de segundos podemos o colocar sob custódia devido aos seus antecedentes criminais, certo?

Ele falou incisivo:

— Olha aqui detetive, cumpri minha pena, ok? Essa porcaria de intimação veio porque estou há dois meses sem pagar pensão. Já expliquei milhares de vezes para a minha ex que estou com problemas na mercearia, mas irei pagar tudo o que devo quando der a volta por cima. Não quero que meu filho passe necessidade.

— Você sabe que bater na então esposa pode causar danos psicológicos no seu filho, não é mesmo? — Eve disse sem cerimônia ao entrar na sala, era característico dela.

A detetive colocou fotos do corpo de delito da ex-esposa de Joe. Ele suspirou profundamente.

— Eu não sou assim e me arrependo todos os dias por ter feito isso. Na época eu estava sob influência do álcool. Hoje em dia estou melhor, sei meu limite e consigo me controlar.

Eve se aproximou do suspeito e olhou fixamente para ele.

— Escute, não temos evidências contra você, mas não tolero violência, principalmente contra mulher. Vamos te liberar, mas isso não quer dizer que está livre de mim. Oficial Gardiner! — Eve chamou pelo policial que estava na porta da sala de interrogação. — Leve-o para quem está cuidando dessa

intimação — ela fez um sinal com as mãos para que o policial tirasse rapidamente Joe do seu campo de visão.

Ela se aproximou de mim e perguntou:

— E agora, o que faremos?

— Não temos mais com quem falar e nem pistas para analisar, e o corpo de Katherine já nos contou tudo o que conseguia. Estamos em um beco sem saída.

Eve passou a mão no rosto e seu olhar estava impaciente. A detetive balançou a cabeça e saiu da sala. Fiz o mesmo, mas tomei um caminho diferente.

Bati duas vezes na porta. Não precisei da terceira.

— Josh — foi o que escutei quando ela foi aberta, a fala foi acompanhada de uma expressão de surpresa seguida por um pequeno sorriso.

Parece que não estava vindo aqui com frequência.

— Oi, pai — respondi.

— Venha, entre — convidou e se afastou para dar espaço para minha passagem.

Fui direto para a sala, o cheiro de madeira me remetia a lembranças de quando eu era apenas uma criança que brincava de investigar casos. Nostalgia.

— Mas então, o que tem para me contar? — meu pai disse em um tom de quem já estava velho e cansado.

Sentou na poltrona e colocou o jornal no colo. Fui até o sofá em sua frente e neguei com a cabeça ao me encostar.

— O caso de Katherine estagnou, não temos mais o que fazer até surgir novas pistas. Não quero ver a reação da senhora Rice quando souber que no momento não é possível descobrir a identidade do assassino de sua filha — falei tudo de uma vez, minha voz mostrava o desconforto com a situação.

Ele levantou as sobrancelhas e seu semblante continuava calma. O encarei.

— Você sabe que a vida de um detetive é assim. Não somos deuses, Josh. Não temos a capacidade de descobrir e adivinhar tudo o que nos cerca. Enfrentamos batalhas e algumas vezes perdemos. Durante a minha carreira, não consegui resolver alguns homicídios. Os que mais me assombram são os últimos que peguei, os do Maníaco — meu pai parou de falar por um instante. — Acha que até hoje não penso no sofrimento das

famílias daquelas garotas? Da sensação de injustiça que é enterrar um parente em saber quem foi o causados do sofrimento? Você nunca deve se conformar com as respostas que nunca chegam ou que demoram a surgir, mas deve entender que isso pode acontecer.

Comprimi os lábios e olhei fixamente para ele, minha respiração ficou mais curta e minha perna começou a balançar. Tudo o que foi dito era verdade, mas mesmo assim me deixou nervoso – não queria ser assombrado por casos não resolvidos e nem saber que algum assassino está andando pela cidade com o peito estufado de felicidade por estar impune.

— Mas... é difícil... — falei com a voz mais baixa que o usual.

Meu pai moveu o jornal de seu colo para a mesa de centro e, ainda sentado na poltrona, inclinou o tronco para minha direção.

— Nunca falei que nossa profissão era fácil, mas você quis mesmo assim, e isso é uma das coisas que mais admiro em você. Desafios não te abalam e mistérios não te deixam para baixo. Se for ou não o Maníaco, o futuro dirá. O que não entendo é essa sua maneira de agir que não é típica. O que está acontecendo?

Pensei antes de responder. Qual seria a reação dele se eu soltasse algo como "*é por causa de uma garota. Uma não, 'A' garota. Então, ela não quer saber mais de mim porque fiquei loucamente fixado na investigação, pois meu medo pela segurança dela falou mais alto*"?

Ótimo profissional eu mostraria que era.

— Você sabe que pode ser sincero comigo — sua voz antiga e grossa interrompeu meus pensamentos. E, como os estivesse lendo, perguntou: — É por causa daquela garota? Como é mesmo o nome...

— Sophie.

— Isso mesmo, Sophie. É por causa dela? Se for, fique tranquilo. Não é o primeiro profissional a ter a cabeça virada por causa de uma mulher.

— Não consigo. Ela não quer mais saber de mim. Fiquei obcecado pela investigação, queria dar resposta para Annabeth e remover qualquer indício de perigo na vida de Sophie. Mas acabei estragando tudo.

Ele riu. Se eu pudesse traduzir a risada, seria algo como: sou sábio e essa pobre pessoa é tola. Fiquei um pouco ofendido.

— Fale com ela, Josh. Aproveita que encontrou uma folga no caso da menina e tente conversar, se reconciliar.

As minhas duas pernas passaram a balançar e minhas mãos se entrelaçaram. Eu deveria fazer o que ele me aconselhou?

— Escute quem já viveu muito nessa vida. Nunca deixe que as oportunidades passem, elas podem não encontrar o caminho de volta.

— Você acha mesmo?

— Com toda a certeza que existe nesse mundo.

Meu pai estava certo, sempre está. Agradeço todos os dias por ele ser quem é e por ter me criado dentro de seus padrões. Levantei do sofá e o abracei.

— Obrigado.

Ele riu e se despediu de mim. Eu deveria encontrar Sophie e resolver nossa situação de uma vez por todas.

O batuque constante e sem ritmo invadia meu cérebro e não permitia que eu me concentrasse no trabalho. Olhei pela terceira vez para a mesa de Eve e notei que seus olhos emanavam raiva e o alvo era a pequena lata de lixo perto de sua mesa. Não ouvi sua voz desde o interrogatório de Joe, ela se fechou por completo.

— Pressionar o lixo para ele confessar algum crime não vai adiantar muita coisa — fiz a piada na tentativa de melhorar sua feição.

Mas me tornei vítima de seu olhar.

— Não estou legal, Josh. Me deixa.

— Nós vamos solucionar. Paciência.

Ela se levantou e foi até a minha mesa e se apoiou nela com uma das mãos.

— Paciência? O corpo de Katherine está apodrecendo mais a cada dia. Não quero esperar ela virar apenas ossos para descobrir quem a matou!

Sabia que a urgência que sentia para encontrar o responsável não era somente pela dor da família da menina, mas sim porque, ao encontrar o assassino, talvez também descubra quem foi o de seu pai e qual motivo impulsionou o crime.

O caso de Robert Rickenter não ficou conosco devido ao parentesco de Eve, mas os detetives responsáveis disseram que era mais um para a pilha de casos não resolvidos, mesmo a vítima sendo um detetive aposentado. Eu tinha a sensação de que essa pilha iria aumentar.

— Espero que quem fez isso seja apenas um fanático pelo Maníaco. Não quero ver novamente o caos instalado na cidade e a mídia em cima do nosso trabalho.

— Mas e as mensagens que recebemos? Até a que foi feita na parede do Departamento?

Ele suspirou indo até sua mesa e encostando nela, ainda virado para minha direção, teorizou:

— Pode ser somente um louco. Alguém que ficou envolvido na história e quer recriar em detalhes para assustar a polícia. Lembra o que Mehra disse sobre seriais killers?

— Raramente alteram seus padrões — respondi com as exatas palavras ditas pela profiler. — Ok, a polícia não recebeu esses avisos na outra vez, mas e se por algum motivo especial, ele passou a mandar essas mensagens das vítimas para nós?

Eve revirou os olhos e ficou irritada.

— Você quer que seja o Maníaco do Pântano, Sanders?

— Não, não quero — olhei sério para ela. — Sei que o caso é menos preocupante se não for ele o responsável, mas nem por isso vou descartar a possibilidade.

— *Grr*! Odeio quando você está certo — cruzou os braços resmungando.

— Só assim para você saber quando me sinto quando você é quem está certa, Rickenter — meu tom era debochado, o que a fez franzir o cenho. — Mas agora é sério, aproveita que estamos menos acelerados e pede uns dias de folga para visitar sua mãe.

— Uau, devo parabenizar sua incrível capacidade de mudar de assunto — Eve destilou sarcasmo.

— Estou falando sério. Sei que você não era muito próxima dela, mas depois do que as duas passaram, ela precisa da sua companhia.

Não obtive nenhuma resposta de imediato, o que não era um bom sinal.

—E você deve ir ver Sophie.

Qual o motivo de todos tirarem o dia para me falarem isso?

— Não fique com essa cara estranha aí. Falei para você se afastar dela somente durante a investigação porque não queria que seu foco fosse desviado. O que quase ocorreu — Eve lançou um olhar julgador.

Cerrei os olhos e balancei negativamente a cabeça.

— Vou apenas se você for ver sua mãe.

— Você tem consciência de que isso não altera qualquer decisão minha, né?

— Tenho, mas não custa tentar.

Ela jogou a cabeça para trás e sentou em sua cadeira. Eu sabia que as chances de ela visitar a mãe eram as mesmas de eu procurar Sophie para

conversar. Ou seja, 100%.



CAPÍTULO 20

Se Sean não se divorciou da esposa, quem era aquela moça loira que apareceu com ele entrando na casa? Talvez tenha divorciado mesmo... me flagrei pensando na vida alheia. Seja por ser fofoqueira ou curiosa, eu tinha achado a cena estranha. Era a primeira vez em semanas que eu o via – ninguém entrava ou saía daquela casa. O único movimento era do carteiro, aí de repente ele aparece com uma mulher?

Sophie, pare de cuidar da vida dos outros. Com quem Sean sai ou deixa de sair não é da sua conta. Repetia para mim mesma. *Será que ele é do tipo de homem que sai com uma mulher mesmo casado? Não parece ser assim, mas...* o assunto voltava para meus pensamentos. Estava tão focada no meu falatório mental que não percebi que estava escovando os dentes no mesmo lugar há um bom tempo – nem quando Chloe apareceu na porta do banheiro.

— Sophie! Corre *agora* para a janela do seu quarto!

— Que susto, menina! — disse com as palavras todas emboladas na boca cheia de espuma e pasta de dente, quase impossível de entender.

Chloe ignorou o que eu tentei falar e continuou:

— Enfim. Enxágue logo a boca e venha ver! — tão rápida como apareceu, minha irmã sumiu.

Minha curiosidade foi atiçada com o que causou essa reação nela, não deu nem mesmo dez segundos entre eu tirar a pasta de dente da boca e ir para a minha janela.

E se meu queixo pudesse alcançar o chão, tenho certeza que era o local em que ele estaria nesse momento. Não acreditei no que vi. Me aproximei da janela para ter uma visão melhor. Fiquei muda. Eu estava explodindo por dentro, mas estranhamente não consegui demonstrar.

Josh estava em meu jardim.

E não era somente ele.

Em sua volta estavam várias flores de diferentes tipos, ele segurava Frederick, o pinguim que ficou comigo em nosso primeiro encontro. *Chloe*, pensei ao me perguntar quem poderia ter dado a pelúcia para ele. Senti meu corpo esquentar, o sentimento de surpresa passou para o de raiva e, quando percebi, já estava com a respiração curta e frenética, quase uma cima da outra.

Virei as costas e vi minha irmã parada na porta com um sorriso cheio de expectativas estampado no rosto. Franzi o cenho e passei por ela, desci rapidamente a escada e em poucos segundos cheguei até ele. Mal dei a oportunidade de um *oi* sequer, me aproximei já o empurrando no peito.

— Você acha que isso vai resolver algo, Josh? Realmente acredita que algumas flores irão apagar o que aconteceu?

O sorriso doce que estava em seu rosto desapareceu por completo. Senti algo estranho dentro de mim, sabia que ele estava se esforçando, mas deixei a raiva reprimida ter a voz mais alta entre todas as minhas emoções. Josh disse ao ver meu semblante fechado e a respiração profunda:

— Não quero apagar, Sophie, mas sim me desculpar. Não tem como desaparecer com algo que aconteceu, foi uma falha minha e aprendi com ela. Me desculpe por não atender suas ligações, por não responder suas mensagens e, principalmente, te colocar no meio disso tudo sem querer.

Minha expressão fácil relaxou ao escutar suas palavras. Sim, ele me ignorou – de propósito ou não. Sim, o acaso fez com que eu me envolvesse nesse caso. Sim, eu ainda era apaixonada por aquele cara.

Droga, Sophie!

Não o respondi, apenas cruzei os braços e o encarei. Sentia os olhos de Chloe em cima de mim e percebi o movimento de alguns vizinhos que saíram de suas casas para observar o que estava acontecendo no meu quintal. Josh esperava alguma resposta minha, mas ao perceber que não a teria, voltou a falar:

— Te entendo, Sophie. Não quero ser o cara que coloca a culpa nas circunstâncias, assumo que fiz escolhas desnecessárias e erradas, mas na hora elas me pareciam ser as melhores. Eu queria te proteger, só isso. Queria solucionar o caso logo para que minha mente se aquietasse. Assim, a maior suspeita que havia, não teria chance de ser a realidade — ele não precisou explicar qual era essa suspeita, a essa altura, a cidade inteira já pensava a mesma coisa.

A voz de Josh começou a ficar trêmula e eu senti um caroço na garganta, nós dois estávamos prestes a chorar. Ele se aproximou de mim e tocou meu rosto:

— Agora que as coisas começaram a se acalmar, vejo o quanto errei em não explicar o que estava acontecendo. Eu sempre soube separar o trabalho da vida pessoal, mas você chegou e bagunçou tudo. E foi a melhor bagunça que poderia acontecer na minha vida.

Engoli seco. Ele me beijou. Um turbilhão de coisas passou dentro de mim. Josh pisou na bola, mas percebeu o erro e fez um grande gesto para se desculpar. Um bem romântico, diga-se de passagem. Ele parecia realmente arrependido. Uma parte de mim começou a entendê-lo, afinal, ele também mexeu comigo como ninguém antes. Mas ainda existia um pedaço meu que estava bravo, era o lado ligado ao orgulho – o que me fez afastar e falar:

— Você acha que um beijo ajuda em alguma coisa?

Seu olhar sério estava fixo em mim, eu não conseguia ler seus pensamentos. Uma de suas mãos passava em meu rosto, ele não falou uma única palavra. Em protesto, bati em seu peito.

— Hein?! — reforcei.

Após um suspiro, me respondeu:

— Não acho que o beijo vai fazer você me perdoar, mas ele mostrou que você ainda se importa. Sophie, não quero seu mal, não gosto de brincar com os sentimentos das pessoas. Se errei, foi porque no momento pensei que estava fazendo o melhor para você. Não quero te colocar em perigo, mesmo de longe eu nunca te abandonei. Você sabe o que pode estar nos rondando e quero te manter longe disso. Eu...

— Você o quê? — ao sentir a hesitação, perguntei segurando sua mão em meu rosto.

— Eu te amo, Sophie.

Frase mágica. Não desculpei por completo as coisas que ele fez, mas com certeza ela foi mais uma razão para que eu repensasse em nós dois. Percebi que o amava, mas decidi não retribuir as palavras, sentia que não era a hora.

— Me apaixonei por você enquanto ainda estava dentro daquele ônibus e o sentimento aumentou a cada entrega que fazia no Departamento. Mas quando nossos encontros passaram a ser mais longos e nossas conversas mais profundas, percebi o quanto preciso de você na minha vida. E quando achei que tinha te perdido, caiu a ficha de que te amo.

Mordi meus lábios e me contive para não chorar. Os olhos de Josh estavam marejados, mas as lágrimas não caíram, sabia que ele também não as deixaria cair. O puxei para mais perto de mim e nos beijamos.

Um mês passou desde quando Josh e eu decidimos tentar novamente. Seria diferente: limitamos namoro e trabalho. Ele prometeu que iria parar de me excluir para me proteger e eu saberia delimitar os momentos que ele estaria disponível para mim. Apenas da minha investigação, e da polícia também, ter estagnado, algumas coisas aconteceram nesse período.

Minha mãe voltou animada para reinventar a padaria, isso inclui a notícia de que meus serviços foram dispensados, comprar um carro exclusivo para o negócio e contratar um rapaz para as entregas. Não me incomodei, a situação serviu para me impulsionar a procurar oportunidades na minha formação acadêmica – enviei currículos para museus e agências de publicidade, ainda esperava pelos retornos. Com a otimização, os lucros da padaria aumentaram e isso distraiu minha mãe de qualquer pensamento relacionado a Joe.

Com o aumento de salário e a ajuda de um empréstimo, Louise adiantou os planos de entrar em uma faculdade, agora era caloura de direito em uma universidade local. Imaginá-la com uma roupa formal em um tribunal era estranho para mim, queria muito ver para enfim acreditar. Emily começou a estudar para também conseguir entrar em alguma universidade na próxima temporada. Torcia muito por ela.

Chloe entrou em uma banda, queria mudar sua vida, por isso intensificou as aulas de música com Patty. Virou rotina ver a professora em nossa casa de três a quatro vezes por semana.

Uma mão em minha cintura interrompeu meus pensamentos. Olhei para trás e vi Josh. O esperava no balcão da recepção do Departamento para comer algo juntos em uma lanchonete nos seus minutos de folga.

— Apenas mais cinco minutos — ele sussurrou no meu ouvido.

Assenti com um sorriso.

— Josh, precisamos de você e de Eve! — um policial interrompeu nosso momento.

Sua urgência na voz desfez meu sorriso e nós dois olhamos para ele.

— Acabaram de encontrar outro corpo no pântano.



CAPÍTULO 21

Os sons das sirenes pararam pouco tempo depois que cheguei. Eram três viaturas. Uma para conter possíveis curiosos que acompanharam a movimentação, uma para auxiliar a perícia no local e outra para recolher o depoimento de quem encontrou o corpo. Escutei Eve soltar um riso debochado quando descobrimos a identidade do civil.

— Só podia ser! — ela falou diretamente para a pessoa. Segurei seu braço na tentativa de evitar qualquer ação inapropriada da parte dela. Nós estávamos ali a trabalho.

— Não tenho nada a ver com isso, detetive — Joe respondeu tentando manter a calma.

— Dizem os criminosos — Eve retrucou em um volume que somente eu escutei.

— Controle-se, nós vamos por partes, ok? — sussurrei para ela.

Talvez a escolha de palavras não foi inteligente, mas a detetive entendeu e deixou Joe terminar de conversar com um policial. Nos direcionamos para o cadáver a fim de obter a análise inicial.

— Impressionante... — Archibald disse deslumbrado um pouco antes de notar minha presença. Pigarreei e ele levantou de imediato. — Detetive, sei que devemos levar a sério e somente focar em descobrir o assassino, mas para legistas como eu, testemunhar tais atos de psicopatas seriais killers é um marco na vida. Fazer a necropsia em vítimas diferentes em vários aspectos de vida, mas que passaram pelos mesmos métodos é algo intrigante e...

— Ok Archibald, entendemos. Agora nos fale o que conseguiu descobrir até agora.

O legista piscou duas vezes na tentativa de voltar para a realidade onde ele deveria deixar de lado seu fascínio e começou a falar:

— Verificando o *algor mortis*, isto é, o esfriamento do cadáver...

— Sim, sim, nós sabemos o que — Eve o interrompeu de maneira apressada.

— Bom, verificando isso, pude perceber que o corpo ainda não está em temperatura ambiente, apesar de estar longe da que temos. Juntando com o fato de que no momento será impossível retirar o corpo sem afetar possíveis evidências devido a sua rigidez estar quase no ponto máximo...

— *Rigor mortis* — sussurrei sem atrapalhar.

— Isso mesmo. Bom, a vítima morreu por volta de onze horas atrás.

— Existe a chance de algo em volta dela conter o DNA do assassino?

O legista suspirou e disse:

— Não muito, retiramos uma amostra que estava sob as unhas e apenas isso. Não há marcas de agressão, a não ser de tortura que também existe nas outras mulheres. Coletamos as digitais para descobrir a identidade da vítima. Boa sorte no caso, detetives.

Archibald recolheu seus pertences e foi embora, existiam coisas para analisar antes do corpo ser levado para seu ambiente de trabalho. Antes de sair do meu lado, Eve falou alguma coisa que não consegui escutar, mas sabia que eram palavras que eu não precisaria repetir.

De soslaio, a vi se aproximar do oficial que conversava com Joe e saiu em seguida. Pelo que a conheço, sei que o homem iria direto para a sala de interrogatório. Fiquei alguns minutos analisando a mulher encontrada.

Aparentava ter entre 24 e 26 anos. Loira. Olhos tão azuis que parecia a manhã com um céu sem nuvens. Quando viva, foi muito bonita. Ela estava sentada com as mãos no pescoço e um fio de nylon a amarrava na árvore, faixas verdes cobriam suas partes, o desenho na barriga e as marcas no corpo eram como as da primeira vítima. Suas pálpebras também tinham sido retiradas, por isso a minha facilidade em notar a cor dos olhos. Uma perna foi colocada em cima da outra, como se estivessem cruzadas, e uma faixa amarrava seus tornozelos.

Balancei negativamente a cabeça, teríamos que dar o alerta para os cidadãos. As chances de ser o Maníaco do Pântano aumentavam cada vez mais. Na verdade, era uma certeza que ainda relutávamos em aceitar.

— Josh, venha aqui! — Eve gritou perto de uma árvore, cerca de dez metros de distância do local em que eu estava.

Me levantei e parei perto do oficial que estava junto com ela, sua voz estava cheia de raiva:

— É ele.

O que nós três encarávamos era algo que nunca desejamos ver. Um pedaço de papel com letras garrafais recortadas de revistas, assim como os outros recados, deixou a mensagem:

BOOOOMMM!
EU VOLTEI

— Se vasculharmos seu lixo, será que encontraremos todas as revistas utilizadas para os avisos? — Eve pressionou Joe na sala de interrogatório. Era nítida a raiva em seus olhos, até mesmo me assustava.

— Pode procurar, detetive. Não vai encontrar nada, eu não fiz isso.

— Você sabe que evidências do seu envolvimento podem surgir a qualquer momento, certo?

Joe rolou os olhos e claramente se esforçava para manter a calma e não ser acusado de desacato.

— Detetive, não é porque encontrei o corpo, que sou o culpado! Você não gostar de mim não me torna o causador dos males dessa cidade.

O homem calmo e quieto da mercearia passou a mostrar seu lado instável e bravo.

— Ou talvez, você mesmo quis "encontrar" — Eve fez aspas com os dedos — o corpo para as suspeitas não caírem justamente em você.

Joe fez uma careta e ficou em silêncio.

— O que você estava fazendo sozinho na trilha do pântano?

Antes do homem responder, uma mulher na faixa dos quarenta anos e de cabelos grisalhos, entrou na sala e pegou Joe pelo braço.

— Sou Sandy Hayes, advogada de Joe Sherman e como ele veio de vontade própria e não há evidências suspeitas, não existe a necessidade de ser tratado como culpado. Nem mesmo por causa da raiva de uma detetive. Até encontrarem algo, Joe permanecerá longe do quadro de suspeitos.

Ela não deu tempo para ninguém retrucar: tão rápido como apareceu, foi embora levando seu cliente. Eve grunhiu ao puxar a cadeira e a jogou para longe.

— Odeio advogados! Eles sempre entram assim e se acham os donos do pedaço!

Toquei em seu ombro e tentei acalmá-la, mas isso só funcionou quando a chamei para ir até o legista e ouvir o que ele tinha a dizer. Ao chegarmos na sala de necropsia, vimos Archibald finalizar a sutura e evitei pensar nisso.

Ele dizia enquanto nos aproximávamos:

— Mesmos cortes, queimaduras e quantidade, 25 de cada. Machucados... tudo, tudo! Definitivamente a pessoa que matou a primeira vítima, matou essa também.

— Identidade? — perguntei.

— Ahn... deixa eu ver — ele se dirigiu ao balcão e pegou uma pasta para retirar um papel de dentro dela. — Daniella Enos, 26 anos. Aqui tem uma cópia do registro policial do desaparecimento da vítima.

Peguei o papel e li em voz alta:

— Foi dada como desaparecida pela mãe há nove dias. O caso não foi resolvido.

— Quem estava cuidando? — Eve perguntou e se aproximou do papel que eu segurava.

— Thomas.

Ela revirou os olhos.

— Acho que está na hora de passar para outro detetive os desaparecimentos das garotas com essas características.

Lancei um olhar para Eve que a fez dar de ombros. Teríamos que começar tudo novamente: conversar com os pais, amigos, vizinhos, parentes e qualquer outra pessoa que a tenha visto nos dias antes do desaparecimento. Também deveríamos verificar se ela estava sendo *avisada* pelo assassino, assim como a vítima anterior e até mesmo a polícia, e qualquer outro mínimo detalhe que poderia conduzir para a conclusão do caso.

Ter esperança é uma coisa meio idiota, não é mesmo? Um detetive esperançoso também. Mas o que nos moveria se ela não existisse? A esperança de encontrar quem comete barbáries, de fazer justiça e ver a ordem?

Fiz Eve passar como um furacão até meu carro, evitando que ela soltasse alguma frase sarcástica para Thomas, mas realmente, teríamos de ficar de olho aberto para os casos que fossem repassados para ele. O caminho até a casa dos pais da jovem assassinada foi silencioso, Eve estava com o semblante fechado mexia sem parar no celular, eu esperava que ela estivesse verificando como a mãe estava – ela não falou muita coisa sobre como foi sua breve visita.

Toquei a campainha, uma mulher de meia-idade, com o rosto inchado e nas mãos um lenço sujo de maquiagem, nos atendeu:

— Senhora Enos? — perguntei.

— Sim... — ela nos respondeu sem conseguir conter uma nova onda de choro.

Eve e eu mostramos nossos distintivos.

— Somos os detetives responsáveis pelo caso e gostaríamos de fazer algumas perguntas.

Ela limpou as lágrimas com o lenço e nos deu espaço para entrar. Fomos guiados até a sala, sentamos em um sofá de couro e a mãe da vítima se acomodou em uma poltrona em nossa frente.

— Não sei quem poderia fazer isso com a minha filha, detetives — ela voltou a chorar, era quase impossível entender as palavras que saíam de sua boca.

— Ela não falou nada para a senhora? Algo que a incomodava, alguma ameaça ou pessoas que não gostavam dela? — Eve perguntou com o semblante sério.

— Não... quero dizer, ela tinha algumas inimizades no trabalho, mas é porque minha filha se destacava e isso atraía inveja, mas nada além disso. Daniella tinha seus defeitos, mas era uma boa pessoa, não acredito que alguém fosse capaz de matá-la, a não ser que... — o choro da mãe parou imediatamente seus olhos arregalaram. — Vocês acham que foi a mesma pessoa que matou a outra garota? Quero dizer... a cidade está falando sobre isso e...

— Calma, senhora Enos — a interrompi antes que a teoria fosse formulada em sua cabeça e o pânico se instalasse definitivamente na mulher. — Nós estamos investigando e encontraremos o culpado.

— Como era a relação entre vocês duas? — Eve perguntou antes que a mãe de Daniella falasse algo.

— Ah... não nos víamos há algumas semanas, mas fiquei sabendo que ela estava saindo com um cara... não quis me dizer quem era e não insisti, ela era adulta, eu sabia que faria isso quando percebesse que as coisas estavam sérias.

— Você não tem ideia de quem pode ser?

A senhora Enos fez uma careta, provavelmente tentando recordar algum detalhe que deixou passar desapercebido, mas a tentativa foi em vão.

— Não tenho ideia. Mas talvez a amiga dela, Nina, saiba.

— Sabe como podemos encontrá-la?

— Ela está viajando a trabalho, mas falei com ela hoje mais cedo pelo telefone e seu voo de volta vai chegar amanhã de manhã. Consigo ajudar

em mais alguma coisa?

Eve e eu trocamos olhares e pensamos a mesma coisa: a mãe não teria informações que nos ajudaria no caso, ela estava desconectada da vida da filha. Uma pena ver isso acontecer.

— Só mais uma coisa: faça uma lista de amigos e pessoas que conviviam com Daniella e, se possível, onde podemos encontrar elas também.

A mãe concordou e imediatamente pegou caneta e papel para escrever. Entregou a lista e nos despedimos. Na porta da casa, ela pediu para que nós fizéssemos o máximo para encontrar o culpado de ter tirado *sua garotinha*. Nos comprometemos e ela agradeceu antes de darmos partida no carro. Ainda existia uma lista de pessoas para fazermos perguntas.



CAPÍTULO 22

A polícia de Forest Hill confirmou que mais um corpo foi encontrado no pântano da região. Até o momento, poucos detalhes foram divulgados para a imprensa, um deles é a identidade da vítima: Daniella Enos, era jovem, tinha vinte e seis anos e estava desaparecida há três semanas.

O que mais intriga é que a mulher tinha as mesmas características físicas da vítima anterior, encontrada mês passado no mesmo local por uma moradora da cidade. O que a polícia não está falando para nós? Isso é algo que só o tempo poderá responder.

A qualquer momento que surgir mais alguma novidade, voltarei.
Rachel Rooney para o Forest Notícias.

Logo após a saída da repórter, uma foto da vítima, tirada em vida, foi colocada na tela pelo jornal e eu não acreditei no que vi. Encolhi no sofá e sabia que conhecia a mulher. Me senti mal. Mesmo que eu nunca tenha trocado uma palavra com ela, já a vi sorrindo, conversando... respirando. Ainda não sabia lidar com a morte, mesmo após ter encontrado um cadáver e estudado as seis vítimas confirmadas do Maníaco do Pântano nesse último mês.

Sem acreditar no que vi, fui para o lado de fora sem fazer barulho algum, mais precisamente para frente da casa de Sean. Eu estava no automático, como se precisasse resolver isso de uma vez por todas. Observei se não tinha ninguém dentro da residência, olhei para um lado e para outro, quando tive a certeza de que ninguém estava de olho em mim, entrei no quintal do meu vizinho misterioso.

Fui até a porta atrás da casa e peguei a chave que os avós de Sean costumavam esconder. Apesar de ser reservado, o casal Hashimoto sempre recebia Chloe e eu de braços abertos quando éramos menores, nós éramos travessas e descobrimos rapidamente o esconderijo das coisas. Abri a porta

e entrei na ponta dos pés. Dei de cara com a cozinha e sua organização impecável. Na sala e no escritório estranhei, não tinha muitos pertences pessoais, apenas um e outro porta-retrato. Subi para os quartos e era a mesma coisa: muita organização e poucos objetos pessoais. O banheiro cheirava lavanda. Sean era extremamente organizado e pouco ligado ao mundo que existia ao seu redor.

Será que...

Balancei minha cabeça e corri para fora da casa. A ideia que passou pela minha cabeça não era nada legal. A mulher que vi no noticiário era a mesma que vi entrar com Sean na casa dele dias atrás.

Droga. Deveria falar com Josh sobre isso.

Tranquei a porta, coloquei a chave no lugar e corri para minha casa. Como se não bastassem minhas dúvidas quanto a Sean, ao abrir a porta de casa, vi minha mãe parada com o celular na mão e olhando fixamente para o chão.

— O que foi? — me aproximei preocupada.

Ela voltou a si e respondeu na tentativa de manter um ar leve:

— Nada.

Cruzei os braços e a encarei, ela estava enganada se pensava que eu acreditaria na mentira.

— Joe ligou — falou um pouco sem-graça.

Abri minha boca, mas decidi não falar o que veio inicialmente na minha cabeça. Apenas suspirei e perguntei:

— Para falar o que?

— Que não era para eu acreditar no que diziam sobre ele.

— Fique longe desse cara — falei quase na mesma hora que ela terminou a frase. — Você está em uma ótima fase da vida e não precisa prestar atenção em alguém que só tem problemas.

— Mas ele era tão tranquilo no começo, é uma pessoa educada, reservada...

— Sim, sim, enquanto ninguém sabia o que ele tinha feito no Colorado, era um cara reservado e tudo mais, mas agora está na hora de esquecer dele e cuidar da sua vida, ok? Pelo menos até toda a história ser esclarecida.

Minha mãe concordou de maneira relutante com o que falei, por isso a abracei e beijei o topo de sua cabeça. Ela disse que tinha alguns problemas da padaria para resolver, então a soltei. Fiquei parada naquele lugar até ela ir embora, pensei em Joe, Josh, Sean, na vítima...

Tinha que falar com Josh urgentemente.

Meia hora depois eu já estava no Departamento procurando por ele. Quanto antes souberem sobre Sean, melhor para o caso. Por favor, que esta não seja a oitava vítima do Maníaco do Pântano. Ri de maneira idiota quando me toquei que não resolvia coisa alguma desejar internamente algo. Me aproximei do balcão e perguntei sobre Josh, a resposta foi a mesma de quase sempre: ele estava fora. Não achei ruim. Perguntei se poderia esperar na mesa dele – apesar de saber que sim, fazia isso por educação.

Sentei na cadeira e observei o movimento de detetives e oficiais, me acalmei um pouco e um pensamento aleatório surgiu, o disfarcei com uma risada. Pensei na conversa que tive com minha mãe alguns dias atrás, quando ela disse para que eu não voltasse a trabalhar na padaria, mas sim procurar lugares onde eu poderia exercer minha profissão. Na hora relutei, não queria deixá-la sem minha ajuda, mas ela me fez entender que era melhor eu seguir meu caminho. Como sempre, minha mãe estava certa. Não passei anos em uma universidade sofrendo com provas e semestres para não trabalhar na área que dei duro para aprender.

O barulho de um grampeador caindo no chão me tirou dos pensamentos, olhei em volta e vi Thomas preocupado e discutindo com seu parceiro. Me encolhi na cadeira, o amigo de Josh é conhecido por ser intenso em suas opiniões, então uma discussão comum não é a mesma coisa para ele do que é para os outros. Voltei minha atenção para a mesa de Josh, eu não estava interessada no motivo da discussão que acontecia, mesmo escutando um *você está sendo negligente*, vindo de um dos dois.

Notei um envelope amarelo na mesa e certifiquei de que não estavam me notando, me aproximei para pegá-lo ao ver que era o relatório completo da necropsia da vítima noticiada mais cedo na televisão. As anotações eram idênticas as da primeira vítima. Senti meu coração palpitar, não da maneira doce de quando estava com Josh, mas sim de uma maneira sombria. Eu sentia medo, e muito.

Iria ser dado como certo? Dois assassinatos idênticos um ao outro e iguais aos que aconteceram dois anos atrás indicam somente uma coisa, certo? Eu não queria acreditar no que li. Apesar de fazer uma investigação privada, nunca quis que ela realmente fosse para frente, era algo mais do tipo: *hey, estou investigando, mas somente para constatar que não é nada do que suspeitamos, e... olha que legal! Vocês pegaram esse cara louco que*

estava imitando o Maníaco do Pântano, agora podemos todos voltar para nossas vidas pacatas.

Seu eu desistiria da investigação? Claro que não. Se comecei algo, terminaria. Sempre fui assim.

Guardei o papel no exato local que o encontrei e voltei para posição que eu estava. Thomas já tinha saído, aparentemente sozinho, já que seu parceiro analisava alguns papéis na própria mesa. Uma mulher ruiva, que eu nunca tinha visto no Departamento, se aproximou da mesa de Josh. Ela vestia um terninho cinza e uma blusa branca por baixo, nenhuma palavra precisou sair de sua boca para que eu me sentisse intimidada, ela tinha uma presença forte.

— Procurando por Josh?

Ela me olhou e em seguida moveu sua direção para a mesa de Josh e de Eve.

— Por Eve também.

— O que é isso? — perguntei sobre o papel que ela carregava.

A mulher fixou seus olhos em mim, como se me analisasse nos mínimos detalhes e disse com um sotaque que imediatamente identifiquei como indiano:

— Para você, nada — e saiu andando.

Pisquei várias vezes seguidas tentando entender o comportamento dela. Observei seus passos e a vi se encontrando com Josh, ela entregou o papel para ele e disse algo que fez com que ambos olhassem para mim. Josh coçou o topo da cabeça quando a mulher foi embora e veio ao meu encontro. Deu um sorriso de lado, do tipo fechado, e meu coração voltou a palpitar pelos motivos que eu estava acostumada.

Ele sentou na cadeira e comecei a falar:

— Josh, vim aqui como uma provável testemunha — *novamente*, completei em pensamento —, não como sua namorada.

Ele arqueou as sobrancelhas e se aproximou da mesa, cruzando seus braços em cima dela.

— Sobre o quê?

— Sobre a mulher que recentemente foi encontrada no pântano — que sina a minha!

Ele ficou esperando em silêncio que eu continuasse, percebi e continuei a falar:

— Já vi a vítima, foi um pouco antes de ela desaparecer. Posso ajudar no caso.

— Sim, me repasse onde a viu, com quem ela estava, que dia foi e todos os detalhes que tiver — ele disse de maneira sistemática.

— Não, Josh, eu posso *ajudar* no caso — me aproximei e olhei fixamente em seus olhos para que ele entendesse minha vontade.

E assim aconteceu, por poucos segundos batucou a mesa com os dedos.

— Você está querendo que eu te inclua como "investigadora"? — ele riu e seu tom de voz indicava total descrença na sugestão.

Me senti ofendida e franzi o cenho com sua reação.

— Sim!

— Sophie, isso não é algum filme ou seriado de televisão que você pode se enfiar no meio de um caso policial e resolvê-lo magicamente. Você não é detetive e não tem preparo para isso. Estamos lidando com um serial killer, isso é muito sério.

— Mas... mas você sabia que eu... — me interrompi, quase contei sobre minha própria investigação e que queria cruzar informações, mas decidi que era melhor manter em segredo. Sabia que era provável que ele aparecesse em casa para retirar meu painel.

— Você o quê?

— Nada — respondi emburrada.

— Sophie... — Josh queria que eu terminasse a frase.

Pensei em não falar mais nada, mas então olhei para ele, respirei fundo e pensei melhor, se eu não conseguisse nada com ele, teria que dar meu jeito. Para despistar, decidi contar tudo sobre a mulher para Josh, assim ele pensaria que a ideia que tive de ajudá-lo era passageira.

— Eu a vi no dia que você apareceu em casa, foi uma ou duas horas antes. Conversava com Emily pelo telefone quando Sean, aquele meu vizinho super reservado, chegou com uma mulher loira. Achei estranho, não o via há dias em casa e nunca o vi com alguma companhia. Principalmente porque ele é casado, ou era, não sei — falei confusa, mas sem me demorar naquele ponto. — Não sei quanto tempo ela ficou na casa dele, porque logo depois entrei na minha e sai somente quando você chegou e, com aquela quantidade de flores, esqueci completamente de Sean.

Josh comprimiu os lábios para evitar um sorriso e rapidamente voltou a sua feição séria.

— Como é o comportamento de Sean? Essa foi a única vez que você o viu com ela?

— Foi sim, ele é distante de todo mundo. Minha mãe já o chamou algumas vezes para jantar em casa, ele aceitava o convite, mas não era do tipo de conversar, mal respondia as perguntas. Ele também fica alguns dias na casa e some por vários outros. Nunca achei isso muito estranho, porque o casal Hashimoto, avós dele, também eram reservados, apesar de serem um tipo diferente... não sei explicar bem essa diferença, é algo mais de percepção, sabe?

Josh balançou positivamente a cabeça e pegou uma folha e caneta.

— Preciso que você escreva tudo o que me disse, se possível com mais detalhes, e assine logo embaixo. Assim não ficaremos sempre atrás de você para saber de mais alguma coisa.

Fiz o que ele pediu e em dez minutos entreguei meu depoimento.

— Vou levar isso para o juiz e pedir um mandado para ver se existe algo que ligue Sean às vítimas.

Josh levantou e pegou os papéis que estavam em sua mesa, desde o envelope amarelo até o que a mulher ruiva entregou.

— Quer carona até em casa? Se estiver indo para lá, claro.

Assenti e levantei. Tentando alcançar seus passos, perguntei tentando soar como alguém sem muito interesse:

— Quem era aquela mulher?

— Elizabeth, é a profiler do caso.

— Ah... — senti uma pontada de ciúmes, mas preferi ignorar. Josh pareceu não se importar com a pergunta, então por mim estava tudo bem.

Caminhamos até a saída sem trocar muitas palavras, ele aproveitou o tempo para ler o papel que recebeu. Perto da porta, vi que a repórter Rachel Rooney estava com um cinegrafista esperando que qualquer pessoa que pudesse falar sobre o caso surgisse, notei que outros jornalistas chegavam. Cutuquei Josh e ele me olhou, apontei para o lado de fora, preocupada, e ao seguir o olhar para a direção que eu mostrava, o escutei respirar fundo e seu rosto fechou.

— Vamos tentar passar reto, sem falar uma palavra.

Respondi um *ok* e continuamos a caminhar. Ele abriu a porta e todos que estava ali foram para cima de Josh – e, consecutivamente, de mim. Várias perguntas eram feitas ao mesmo tempo, eu não conseguia identificar todas elas, mas sabia que eram sobre a vítima e o Maníaco do Pântano. Sentia

Josh tentando me puxar para irmos embora logo, mas a cada passo que dávamos, os repórteres davam também, até que ele falou:

— Não temos nada de concreto ainda!

Segurou de maneira firme a minha mão e nos fez sair rapidamente da roda que começou a me sufocar.

— Ande rápido e não olhe para trás — disse para mim de um jeito que mal abria a boca.

Entramos no carro e só me senti segura ao ter duas quadras nos separando deles. Tentei manter meus pensamentos o mais leve possível, então foquei no meu emprego, contei para Josh sobre a conversa que tive com minha mãe e ele deu total apoio para a ideia. Evitei falar que planejava mandar currículo para algumas galerias e museus de outras cidades. Queria trabalhar como curadora e aqui em Forest Hill não existia lugares ideias para isso.

Também comecei a pensar na minha especialização, ainda tinha que decidir se faria em História da Arte ou Estética. O carro parou e percebi que chegamos em casa. Entrelacei meus dedos nos de Josh.

— Vai dar tudo certo.

Ele sorriu e beijou minha testa, fechei meus olhos e suspirei. Nos despedimos e desci do carro, entrei em casa somente quando o vi virar a esquina. Mal entrei em casa e escutei vozes preocupadas, fui até a cozinha e vi minha mãe conversando com Patty em volta do balcão. A conversa estava acompanhada por bolo e café, elas não pararam o assunto quando perceberam que eu tinha entrado.

Me aproximei e cortei um pedaço de bolo, não me importei de pegar um prato como elas usavam e escutei em silêncio a conversa.

— Ainda acho um absurdo isso — minha mãe disse.

— Pois é! — Patty respondeu e olhou para mim: — Ah, oi, Sophie. Sua mãe e eu estamos conversando sobre a menina que encontraram. Aposto que é o Maníaco que conseguiu despistar a polícia anos atrás.

— Começo a achar isso também... — respondi pensativa.

— Está vindo de lá? — minha mãe perguntou.

— Estou sim.

— E como está na polícia? — foi a vez de Patty.

— Vários repórteres na porta enchendo de perguntas qualquer um que passe por ali. Ânimos exaltados... o clichê de uma história em que o serial

killer está à solta... — tentei colocar algum humor na minha fala, mas logo que fechei a boca, percebi que falhei miseravelmente.

— E ouviu alguma coisa lá? — perguntou novamente.

— Não me deixam saber de nada, também pudera, mas isso não me impede, a investigação deles pode ser secreta, já que a minha também é — disse em um tom convencido.

As duas me olharam desentendidas, dei um sorriso superior ao pensar em como Josh estava enganado a meu respeito. Uma onda de desejo para ser reconhecida pelo que estava fazendo me invadiu, ser colocada de lado intensificou o sentimento, então precisava mostrar para alguém meu trabalho. Me aproximei do balcão e falei em um sussurro, como se alguém estivesse nos espiando e eu não poderia deixar essa pessoa escutar.

— Quero mostrar algo para vocês.

Elas trocaram um olhar desentendido e falei que não iria explicar antes delas verem. Pedi para que me seguissem e, enquanto íamos ao meu quarto, as fiz prometer que não me julgariam, não pediriam para que eu parasse e, acima de tudo, nunca contariam para ninguém. Sem terem ideia do que veriam e movidas pela curiosidade, concordaram com tudo sem pestanejar.

Meu estômago se contorcia de ansiedade conforme nos aproximávamos do quarto, em momento algum parei para pensar em como elas reagiriam. Para mim, se elas prometeram que não iriam exagerar e nem reagir de maneira extrema, eu acreditava. Abri a porta do quarto e retirei o pano que improvisei para esconder o painel que fiz na parede. Olhava para ele com um sorriso orgulhoso enquanto as duas ficavam de boca aberta tentando entender o que viam.

— Filha...

— Isso são informações dos assassinatos? — Patty perguntou em voz alta o que passava pela cabeça da minha mãe.

— São sim, estou fazendo minha própria investigação secreta — tentei conter o orgulho que sentia, principalmente porque minha mãe ainda estava incrédula com o que via.

— E descobriu alguma coisa? — a instrutora de música perguntou.

Ela andou até o lado da cama para ver melhor as anotações. Eram reações bem distintas entre as duas. Claro que preferi a da Patty e fiquei mal pela da minha mãe.

— Ainda não — fiz um bico triste, eu tinha levantado algumas questões, mas como eram secretas, não falaria o que já observei no painel. — O

assassino é mestre no que faz.

Patty concordou com a cabeça e minha mãe continuou em silêncio. Droga! Será que mostrar para ela foi o certo? Ela era o tipo de mãe que protegia de tudo. Que pergunta idiota a minha, é claro que eu deveria ter ficado quieta.

— Mãe... fica tranquila, não vou fazer nada arriscado. Isso não vai sair desse quarto, não vou me pendurar no pescoço do perigo para conseguir algo.

— Filha... — ela colocou uma mão na frente da boca e finalmente tirou o olhar do painel e se voltou para mim: — Não tenho mais autoridade para falar o que você pode fazer ou não, mas peço para contar ao Josh, por favor.

Assenti mesmo tendo a certeza de que não diria uma única palavra para ele. Minha mãe se virou e saiu do quarto, Patty apertou meu ombro ao passar por mim e a acompanhou. Só isso. Revirei os olhos. É, não foi uma boa ideia mostrar a investigação para elas.

Olhei em volta e me vi sozinha no quarto, dei de ombros e fechei a porta. Me posicionei na frente do painel e cruzei os braços, ainda tentava conectar as vítimas – sem sucesso. Elas permaneciam com características distintas de vidas, somente a aparência as ligavam. Não me restava outra opção a não ser pegar os papéis de Josh e descobrir mais sobre a oitava vítima.



CAPÍTULO 23

— *Hey Jude, don't make it bad, take a sad song and make it better!*

Senti um polegar colando algo no meio da minha testa e, lentamente, notei que era a voz de Chloe que me acordava. Ainda muito sonolenta e sem saber direito o que estava acontecendo, retirei o papel que minha irmã colocou no meu rosto e murmurei um *sai daqui* que, apesar de ter sido ouvido, não foi obedecido.

— Anda, acorda! Quero te pedir um favor.

Esfreguei os olhos e bocejei, sabia que se não fizesse o que ela pedia, a próxima música seria *Yellow Submarine*. Ao recostar na cama, li o papel. Era um panfleto de uma casa de show que abriria em uma semana, um convite para que bandas locais tocassem. As inscrições finalizaram há pouco tempo.

— E? — perguntei sem emoção, o sono ainda me controlava.

— E que minha banda foi uma das escolhidas! Nós vamos tocar! — ela ameaçou pular na cama de tanta alegria, mas a segurei e balancei negativamente a cabeça. — Enfim — Chloe continuou —, só nós temos um carro e mamãe disse que não vai conseguir levar por terminar muito tarde, ela acorda de madrugada pra trabalhar...

— Quer dizer que ela não vai ver a apresentação também? — a interrompi.

— Não, ela vai, mas só para me ver e já vai embora depois. Enfim, precisamos de alguém que dirija para nos levar e trazer de volta. Quanto aos equipamentos, fique tranquila, são poucos e vamos alugar uma carretinha para colocar as coisas e levar junto.

— Seus amigos não têm pais? E nem habilitação? Você já tem dezesseis anos, por que ainda não tirou?

Chloe se fez de chocada e começou seu drama:

— Uau, Sophie! Não sabia que você se tornou esse tipo de pessoa. Te peço um favor na boa e você se esquiva. Uau. Eu estava disposta a retornar o favor algum dia, mas agora não tem como...

Franzi o cenho e entortei os lábios ao assistir a cena que ela fazia, minha irmã não era uma boa atriz, mas toda essa atuação me lembrou que ela me dever favores era algo que calhava, afinal, eu pretendia saber, de modo clandestino, quais informações a polícia tinha.

Abafei uma risada com a imagem de mulher perigosa que se formou na minha cabeça.

— Espere! — falei antes que ela se levantasse. — O favor pode ser pago a qualquer momento?

— Pode.

— Então tudo bem, vou precisar dele ainda hoje.

Os olhos de Chloe quase saltaram de seu rosto ao me escutar.

— Como assim hoje? Minha apresentação é só daqui a sete dias!

— Fica como se eu te devesse um favor e vou pagar te levando na apresentação.

— Tanto faz — Chloe deu de ombro e se levantou. — Da próxima vez vou estabelecer um tempo mínimo. Isso que você está fazendo é um abuso — revirou os olhos.

Esperei ela sair do quarto e pulei da cama. Meu estômago já começava a congelar, eu pretendia fazer algo arriscado: invadir os arquivos da polícia. Já me sentia como em um filme.

Pensei em ligar para Emily, mas não estávamos nos falando muito ultimamente, ela estava intensa nos estudos para que não houvesse possibilidade de sua família dar qualquer tipo de opinião, então decidiu excluir todas as distrações de sua vida – eu a entendia e apoiava. Definitivamente não contaria para minha mãe, Patty e Josh, era somente eu e meu nervosismo.

Lavei o rosto e troquei de roupa. Meu estômago já resmungava faminto. Na cozinha, Chloe comia cereal direto na caixa.

— Ei! — gritei e peguei de sua mão, sentando em um dos bancos do balcão.

Chloe olhou assustada.

— Não coma tudo sozinha — continuei a falar enquanto pegava um punhado de cereal.

Ela rolou os olhos e perguntou qual era o favor que eu tinha em mente.

— Então, Chloe, quero que se lembre de todos os favores que já fiz para você. Toda a ajuda prestada. E acrescente a ideia de ter adrenalina correndo pelo seu corpo.

— Tá, para de dar voltar e fala logo o que é.

Curta como sempre, essa era minha irmã mais nova.

— Preciso que você fique de vigia para mim na polícia.

— Como assim? — ela não tinha ideia do que eu dizia e ainda pegou de volta a caixa de cereal.

— Preciso ver uns documentos que estão na sala de arquivos e não posso ser pega.

— Você enlouqueceu?! — exclamou se levantando do banco, sua expressão era confusa e parecia que aguardava uma dupla de homens entrar na cozinha para me levar embora em uma camisa de força.

— Não, não. É melhor você não saber de detalhes, mas é muito importante para mim, ainda mais com tudo o que anda acontecendo na minha vida...

É, joguei baixo, joguei sujo. Utilizei dos acontecimentos recentes para que ela topasse me ajudar. Chloe colocou a caixa na mesa e voltou a sentar. Ela parecia pensar no que falei, seu rosto estava sério e os olhos alternavam entre o balcão e eu. Será que ela estava lembrando dos problemas que tive com Josh? Dos conselhos que dei sobre Paul? Eu aceitaria qualquer memória dessas se isso significasse sua ajuda. Ela cruzou os braços e finalmente disse alguma coisa:

— Você definitivamente está louca. Invadir dessa maneira o Departamento de Polícia com certeza caracteriza algum crime. Fuçar os arquivos deles? Sophie... e se nos pegarem?

— Por isso preciso de você lá, assim essa possibilidade não vai existir. Sei que parece loucura, mas eu realmente preciso fazer isso. Um dia saberá o motivo, mas não agora.

— E Josh?

Suspirei e mordisquei meu lábio inferior. O que aconteceria se Josh descobrisse o que eu iria fazer? Do jeito que ele não quer um dedo meu nas investigações, capaz de pedir para minha mãe me trancar em uma casa cheia de fechaduras e cadeados. Além de mandar metade dos oficiais fazerem turnos para que me cuidassem.

— Josh não sabe e nem poderá saber.

Os minutos que Chloe demorou para responder me deram a impressão de ter sido horas, até que ela se manifestou:

— Ok, vou te ajudar, mas se alguém nos pegar, você me deverá favores durante o resto dessa sua adorável vida. Estamos entendidas?

— Estamos. Agora deixa eu te contar o plano.

Chloe concordou com tudo o que eu propus, afirmou que existia a chance de que tudo ocorresse bem e viu vantagem ao perceber que colocaria à prova todo seu talento na atuação. Esperamos o pôr do sol chegar para ir até a polícia. Escolhi um vestido floral amarelo e um par de sandália gladiadora, Chloe optou pelo jeans e All Star.

— Um erro e você me deverá favores para sempre — ela reforçou antes de entrarmos. Revirei os olhos e concordei com a cabeça.

Acenei para Ryan e alguns outros policiais que passavam por nós. Senti a respiração pesada de Chloe, era difícil não achar graça do medo que ela sentia – só esperava que ninguém percebesse também.

— Relaxa — falei entre dentes, somente para ela escutar e entender. — Só vou deixar algumas coisas para Josh na mesa dele e vou embora, não precisa se preocupar — informei Ryan ao perceber que ele se aproximava para, provavelmente, falar que Josh não estava no prédio.

Em vez de seguirmos na direção que nos levaria até o local em que os detetives ficavam, conduzi Chloe para a sala de arquivos. Quem cuidava dela era um policial que aparentava ter trinta e cinco anos, tinha cabelo grisalho e parecia ser dedicado em seu serviço. Antes de entrar, perguntei para minha irmã se ela estava preparada e recebi um aceno positivo como resposta. Ela respirou fundo e entrou com sua expressão mais inocente.

— Boa noite, sou a Chloe. E você?

O policial a olhou e respondeu:

— Oficial Selleck. Precisa de ajuda?

— Hm... não, não. Estou esperando a minha irmã — disse com um tom descompromissado. — Ok, estou indo. Até mais.

Assim que se virou para ir embora, o teatro começou: Chloe tossiu e gesticulou com as mãos, debatia no ar em desespero e apontava o dedo para a garganta. O policial perguntou o que estava acontecendo e, com uma voz difícil de sair, ela respondeu que tinha asma. Minha irmã caiu de joelhos e fez com que parecesse que nenhum ar estava passando pela garganta.

Ele a sentou e retirou sua jaqueta. O policial procurava a bombinha que, segundo Chloe, era para estar no bolso da peça de roupa. A encenação era tão boa que até mesmo seu rosto começou a ficar vermelho e Selleck pediu para que ela tentasse respirar pelo nariz e expirar pela boca, a inclinando para frente para que facilitasse a entrada de ar nos pulmões.

Sem que ninguém percebesse, entrei na sala de arquivos e me concentrei em achar o que precisava, deixei o teatro somente com minha irmã. Procurei pelo ano de 2013 para encontrar a pasta do Maníaco, demorei mais tempo do que o imaginado, mas achei. Sentei no chão e folheei, vi detalhes da vida pessoal de cada uma das garotas que não apareceram nos jornais na época, isso com certeza ajudaria, melhor dizendo: teria que me ajudar.

Tirei fotos do que achei necessário e escutei a chegada de mais policiais para ajudar minha irmã. Me senti mal por tê-la arrastado para a situação, provavelmente ela estava desejando várias coisas ruina para mim, então, para a situação não piorar, guardei todos os papéis. Minha saída foi mais fácil do que a entrada, já que não tinha mais ninguém na região.



CAPÍTULO 24

— Josh, Sophie apareceu aqui com a irmã dela. Acho que ainda não foram embora — Ryan me avisou assim que cheguei.

Agradeci e fui para minha mesa, elas deveriam estar me esperando nela, mas no caminho notei uma movimentação no lado contrário. Vi Selleck e mais dois policiais, não mais do que isso, por isso fui na direção deles para saber o que estava acontecendo.

— Josh! Josh! Ela está passando mal. Precisa de um médico, está sem a bombinha — Selleck disse quando me viu.

Não acreditei nos meus olhos. Era Chloe. Sem Sophie. Ela não tinha asma, então o que todo mundo estava assistindo era apenas uma grande encenação, uma invenção. A grande pergunta era: por qual motivo?

Os olhos da menina arregalaram ao me ver, parecia criança quando é pega fazendo travessura, mas eles não foram acompanhados por um sorriso falso e descarado, Chloe decidiu continuar com o teatro.

— Vamos, vou te levar para o hospital. Lá terá inúmeros inaladores para você — fiz com que um de seus braços passasse pelos meus ombros e a ajudei a levantar e andar. Não fingi preocupação, mas também não acabei com a farsa, com certeza não foi ideia dela fazer isso.

O caminho até meu carro foi em silêncio, ela sabia que tinha sido pega. A coloquei no banco de trás e sentei no do motorista, joguei minha cabeça para trás e expirei lentamente. Chloe manteve a cabeça baixa o tempo todo. Escutei seu celular tocar, era um curto de mensagem, ela pigarreou e entendi que era Sophie. Só podia ser.

— Fala para ela onde você está — chutei que ela estava perguntando o paradeiro da irmã.

Chloe não falou comigo e eu também não disse mais palavra alguma. Demorou cinco minutos até que Sophie surgisse na porta do DPFH, talvez a demora tenha sido por ela não saber se falaria comigo ou se iria para casa.

Ela definitivamente não escuta o que falo. A vontade de fazer apenas o que acredita é algo que admiro nela, mas que não me faz feliz quando se trata de algo que é contra ao que acredito ser o mais seguro.

Sophie endireitou a coluna e ergueu a cabeça, uma tentativa de mostrar orgulho mesmo sabendo que nada muito bom estava por vir. Caminhou lentamente até nós e meu lado irritado estava em uma briga intensa com o bobão-apaixonado-que-está-quase-babando-pela-namorada.

Destranquei a porta para que ela abrisse.

— Josh — falou sem emoção e quase sem olhar para mim.

— Você já sabe o que te espera — Chloe surgiu no meio de nós dois, mas virada para a irmã.

Não entendi se ela se referiu a algum discurso meu ou se era algo delas. Caso fosse a primeira opção, estava totalmente certa. Viajamos em silêncio, somente com o barulho dos dedos de Chloe na tela *touch* do celular. Eu estava inquieto, queria saber o motivo para a encenação, o que Sophie precisava a ponto de pedir esse tipo de ajuda para a irmã.

Minha mão passou pelo meu cabeço mais vezes do que o normal, minha perna esquerda balançava toda vez que parávamos em um sinal vermelho. Recebi uma mensagem. Era Selleck perguntando se estava tudo bem com a menina. Olhei para trás e balancei negativamente a cabeça, respondi o oficial com um: sim, ela está bem.

Comprimi os lábios e funguei.

Volta e meia o caso de Daniella invadia meus pensamentos. Seus amigos e familiares tinham álibis e não tinham motivos. Uma amiga confirmou que ela tinha um *affair* com Sean Lee, mas terminaram dois dias antes do sumiço. O juiz expediu um mandado de busca na casa de Sean, mas nada foi encontrado. Nada mesmo. Mal existiam pertences pessoais, mas suas roupas ainda estavam na casa, o que indicava que ele não tinha fugido. Independente, foi encaminhada uma intimação para Sean, uma hora ele iria aparecer.

Minha cabeça estava a mil. Estacionei o carro na frente da casa da Fields.

— Por favor, Chloe, desça — não precisei insistir, ela rapidamente obedeceu e entrou na casa sem nem olhar para trás.

Silêncio. O silêncio era estressante.

— O que você foi fazer de tão importante que foi necessário pedir para sua irmã fazer esse papelão? — não consegui olhar para Sophie e segurei

forte o volante, como se ele fosse cair caso não fizesse isso.

Olhei para ela e a vi mordendo o lábio inferior ao encarar suas mãos que não paravam quietas.

— Sophie — peguei levemente seu queixo e a fiz olhar para mim —, o que você foi fazer? — perguntei mais calmo para mostrar a ela que estava tudo bem conversar comigo.

Ela entortou os lábios e abriu a boca duas vezes antes de responder.

— Precisava entrar... eu...

— Precisava entrar onde, Sophie? — tentei soar compreensivo, apesar de estar explicitamente chateado.

Por mais que eu estivesse bravo, também estava confuso. Sabia que ela estava envergonhada e que se eu usasse um tom agressivo, era capaz dela abrir a porta e sair correndo sem me explicar coisa alguma – seria mais uma semana tentando falar com ela. É, era ela a errada, mas eu que corria atrás.

— Precisava entrar na sala de arquivos.

Virei minha cabeça para o lado esquerdo, fechei os olhos e respirei fundo. Tentava de todas as maneiras deixá-la longe do perigo, mas ela insistia em entrar no meio. Não precisava perguntar o que ela queria na sala, Sophie já tinha pedido para ajudar no caso de Daniella, ela queria se envolver no caso do Maníaco do Pântano. Mais do que as próprias circunstâncias a envolviam.

Olhei para ela, não sabia o que falar, mas sabia que não adiantaria dizer qualquer coisa. Não a repreenderia porque isso faria mal para nós dois e não pediria para que ela parasse, pois sei que não iria. Já estava muito cansado de tentar manter Sophie longe de tudo isso, estava esgotado em ideias e palavras.

— Enquanto você estiver obstinada, não posso fazer nada por você — falei de maneira franca com os olhos fixos nos dela.

— Eu sei — ela sussurrou em resposta.

Puxei a cabeça dela até mim e beijei o topo, afagando-a ao mesmo tempo.

— Acho que vai ser assim até que tudo se resolva, né?

Ela assentiu. Senti um mal-estar. Ninguém estava dizendo as exatas palavras, mas ambos entendíamos o que a situação significava.

— Adeus.

— Tchau.

Ela saiu do carro, deu quatro passos e olhou para mim. Mantive meu semblante neutro, por mais que internamente ainda tentava entender para onde iriamos. Sophie voltou a caminhar e entrou em casa. Fechou a porta.

Eu não tinha ideia de quando a veria novamente.



CAPÍTULO 25

Fechei a porta e encostei no olho mágico para ver se ele ainda estava em frente de casa. Não estava, já tinha partido. Tentei conter o choro que estava travado na garganta por causa da conversa que tivemos. Não sabia o que tinha acontecido, mas a maneira que ele falou... estava chateado com o que fiz, seu tom não deixava dúvida. Encostei na porta e decidi não deixar a tristeza tomar conta. Talvez tivéssemos dado um tempo, ou sei lá – aceitaria qualquer coisa que indicasse que em breve voltaríamos ao normal.

Josh deveria entender, eu não tinha intenção de parar me meter na investigação, era eu que estava envolvida mais do que qualquer outro policial que auxiliava no caso. Eu encontrei o corpo. Eu vi Sean com a última vítima. Era eu, não tinha como negar. As pessoas podem achar loucura, que é sem sentido, mas eu precisava saber de tudo. Estava com muito medo. Minhas características eram as prediletas do serial killer. Eu deveria descobrir quem ele era, não tinha como deixar somente nas mãos da polícia. Ele já escapou uma vez, me sentia na obrigação de não dar oportunidade de existir uma segunda.

Ai meu deus!

Será que estou mesmo ficando louca?

Não, não.

Não estou.

Não devo.

Ou estou?

Tinha pedido para minha irmã fingir um ataque de asma no Departamento de Polícia!

Passei as mãos pelo cabelo e quis gritar. Olhei para elas e as vi tremer. Comecei a inspirar e expirar profundamente, dez vezes seguidas. Encarei os fatos: pode não lidar com a situação de Josh no momento, então iria mexer

com o que fez ela ficar assim. Peguei meu celular e vi as fotos que tirei. Pelo menos poderia encher minha cabeça com outro assunto.

Subi para meu quarto. Pensei em falar com Chloe antes, mas ela provavelmente não queria me ver nem se eu estivesse com o melhor presente em mãos. Bom, ela abriria a porta, pegaria o presente e a fecharia novamente. Também lidaria com ela outra hora. Fiz o que deveria para manter a cabeça longe de perguntas e situações que eu não tinha controle: peguei o notebook e passei as fotos para ele, seria muito melhor procurar por detalhes em uma tela maior. Estalei os dedos e pescoço, estava pronta para ver o tudo o que conseguiria.

Dei zoom, tirei zoom, li, reli, mas não vi nada que eu entendia ou achasse relevante, apesar de serem informações novas. Eu precisava de informações sobre a vida das meninas, não somente laudos e observações. Observações... isso! Precisava saber da vida pessoal, então a melhor coisa a se fazer era checar as redes sociais. Geralmente elas falam muito mais sobre a pessoa do que seus próprios pais.

Com certeza a polícia já verificou, mas mesmo assim iria procurar, não custava nada tentar. Abri minha conta e procurei por Daniella Enos. Era privada. Pedi para uma amiga dela me adicionar, talvez eu encontrasse algo que ela decidiu compartilhar com amigos de amigos. Estranhei a família não ter pedido para que o perfil fosse deletado – talvez não desejassem apagar a memória da filha, poderia enxergar o perfil como um pedaço dela que ainda existia. Senti um arrepio com esse pensamento.

A amiga de Daniella não puxou assunto comigo, não me importei e, honestamente, não saberia o que responder. Ao entrar no perfil da vítima, algumas coisas apareceram, como fotos em que foi marcada, alguns vídeos e publicações. Dei uma olhada em tudo e não achei nada muito relevante, o máximo que caberia na seção “suspeita” era uma foto com Sean, mas era a única e outras pessoas estavam na imagem – foi tirada em um bar e a data era de três dias antes de a ver entrando na casa de Lee.

Foto com golfinho, com amigos da faculdade, com a família, com um bebê fofo, tocando piano... Todas as fotos eram de uma pessoa normal que vivia com pessoas normais. Apenas para não passar batido, anotei em alguns papéis adesivos coisas que observei nas fotos, como: gosta de bebês, toca piano, vai sempre no bar esportivo do centro da cidade e não tem tatuagens visíveis.

Pelo que pesquisei sobre seriais killers, qualquer tipo de padrão poderia ser utilizado por eles. Quero dizer, qualquer tipo para nós, porque para eles o padrão era decorrente de algum trauma de infância, humilhação sofrida ou até mesmo por gosto particular. Por isso um profiler era importante, ele analisa o modo de agir do assassino e isso resultava na descoberta de características e costumes dele, até mesmo o tipo de psicopatia. Já tinha tentado fazer algo parecido, li alguns artigos e assisti a alguns documentários para conseguir um norte, mas é complicado saber como uma pessoa é sem nunca ter visto ela. Espero que aquela Elizabeth consiga ajudar mais do que o outro profiler que trabalhou no caso em 2013.

Notei que já era tarde, possivelmente minha mãe já estava dormindo e Chloe imersa em seus fones de ouvido. Eu realmente não estava bem: brigada com Josh e com minha irmã, e sem muitos avanços nas minhas buscas, eu teria que pensar em outras formas de melhorar pelo menos uma área da minha vida. De preferência não a que envolvesse pessoas vivas.

Aparentemente, não tinha mais o que descobrir de Daniella pelas redes sociais, então aproveitei para procurar mais sobre Katherine, mas nada apareceu ao digitar seu nome – provavelmente a família solicitou a exclusão do perfil. Frustrada, tentei encontrar algum parente, por isso apaguei o nome e pesquisei somente pelo sobrenome, abri os cinco primeiros resultados e vi que um deles, o de um homem chamado Ben e que tinha por volta dos trinta anos, era de Forest Hill. Não custava arriscar.

Enviei uma solicitação de amizade e em menos de cinco minutos fui aceita. Utilizei de toda a simpatia que existia em mim na conversa de apresentação, cheguei a flertar em alguns momentos, precisava me aproximar dele, ainda mais ao descobrir que ele era irmão de Katherine. O que me deixou surpresa, eles não eram nada parecidos, Ben tinha pele e traços indígenas, o cabelo castanho emoldurava o rosto enquanto Katherine era o estereótipo de *queridinha da América*. Combinamos de nos encontrar no dia seguinte em um bar.

A realidade caiu em mim como uma bigorna caía em cima dos desenhos animados. Foi somente na manhã seguinte que processei todas as consequências dos meus atos. Era como uma ressaca sem álcool. Não consegui olhar para Chloe e ela não fazia questão disso. Também não conseguia parar de encarar o número de Josh no meu celular.

Tenho certeza de que minha mãe percebeu o ar pesado instalado na casa e agradeci internamente por ela não ter perguntado nada a respeito. Não

comentei sobre os assuntos com Louise e Emily, sabia que iria escutar coisas que não queria ouvir – até mesmo de Ems, a pessoa que deu a ideia para que eu começasse isso. Acho que ela esqueceu o quão intensa eu poderia ser.

O dia não foi proveitoso, eu estava chateada e ansiosa, dois sentimentos que não têm uma boa combinação. Cada hora que passava, pareciam ser quinze. Foi sufocante e horrível.

A noite finalmente chegou e eu poderia me ocupar novamente com a investigação. Era a única opção que me restava no momento. Coloquei um vestido azul-marinho que era um pouco rodado e tinha a manga curta, fiz uma trança lateral no cabelo e coloquei um salto doze. Eu estava me distraindo do que estava acontecendo na minha vida, era bom.

O bar, que também era restaurante, tinha um ar moderno com leves toques de elegância, todos que estavam nele pareciam ser personagens daquelas séries em após um longo dia no escritório de advocacia, iam para o *happy hour* tomar margueritas e paquerar com olhos e sorridos. Me senti uma estranha, uma intrusa. Mas não por muito tempo, logo vi Ben, que estava sentado me esperando. Eu estava atrasada como sempre. Ele era mais alto do que parecia ser, pelo menos o salto foi uma boa escolha. O cumprimentei e sentamos próximos ao balcão de bebidas.

— Não é sempre que conheço alguém pela internet em um dia e no seguinte já encontro pessoalmente — falei com um sorriso no rosto e soando despreocupada.

— É, comigo também não. Mas ultimamente tem acontecido tanta coisa inimaginável, que decidi tomar decisões baseadas no *por que não?* — Ben riu, mas não do tipo que fazemos o mesmo quando acontece, mas sim o tipo em que curvamos os lábios para cima e sentimos que algo estava errado.

E por que não estaria? Ele perdeu a irmã!

Aliás, até agora ele não comentou sobre esse assunto, só citou que tinha uma irmã, mas não se aprofundou.

— É uma boa maneira de ver a vida — meu deus, como é difícil fingir que não sabe sobre um assunto importante.

— E a que me resta... — ele olhou para a mesa por dois segundos, depois voltou sua atenção para mim. Seu rosto forçava uma normalidade que claramente não existia.

— Está tudo bem? Se não estiver, tudo bem ir embora — demonstrei preocupação e coloquei minha mãe em cima da dele para demonstrar

proximidade.

Meu coração pesava ao flertar com alguém enquanto Josh estava mal pela gente em algum lugar.

Ben sorriu de maneira triste:

— Estou passando por uma fase difícil, não sou a melhor companhia. Marquei esse encontro para ver se eu conseguia voltar ao normal, mas é complicado. Desculpa — mal finalizou a frase e já se levantou.

Segurei a mão dele.

— Espera — ele olhou para mim. — Não estou aqui somente para brilhos e tutti-frutti — falei descontraída, mas logo voltei para a seriedade: — Falei que queria conhecer mais pessoas. Se isso significa escutar seus problemas, *por que não?* — finalizei parafraseando-o.

Ben me encarou por cinco segundos antes de voltar a sentar, fiquei apreensiva durante esse tempo, tinha medo de que ele fosse embora. Não tinha muitas ideias sobrando.

— Perdi minha irmã há pouco tempo, é difícil aceitar isso. Ainda mais sabendo o quanto ela sofreu antes de partir. Quem fez isso com ela não tem escrúpulos, é revoltante.

Comprimi os lábios e apertei a mão dele, conversar com quem sofreu a perda era muito mais impactante. Uma coisa é ler os depoimentos e declarações, outra totalmente diferente era ouvi-las.

— Encontraram quem fez isso?

— Não, e penso que não irão. Não conseguiram da primeira vez, não acredito que agora vai ser diferente.

Simulando hesitação e surpresa, perguntei:

— Espera, você está falando que sua irmã é uma das vítimas desse cara que estão falando ser o Maníaco do Pântano.

Ele assentiu.

— Que história... — sussurrei.

— Por isso é tão complicado, tenho que lidar com isso, com o meu luto e ainda com o que minha mãe que está devastada. Desculpe por me abrir tão facilmente, deve ser estranho. Deve não, definitivamente é.

— Tudo bem, às vezes é bom conversar com alguém fora do seu círculo de convivência. Acredite.

Quando se perde alguém, a dor é compartilhada com quem está a sua volta, mas nem sempre é o suficiente para as pessoas. Pode ser que conversar com quem não tem nada a ver com sua vida, ajude. Os

sentimentos podem ser mais sinceros e a dor pode ser sentida de maneira mais intensa.

Simpatizei com Ben, minha consciência começou a pesar, a intenção inicial era apenas descobrir mais sobre sua irmã, mas fiquei mexida com a história. Definitivamente não nasci para ser da polícia.

— Daqui alguns dias uma casa de show vai ser inaugurada, eles escolheram bandas locais para tocar. A de Katherine vai se apresentar, quero dizer, agora é formada só pelas amigas dela. É promissora — ele sorriu de canto, parecia se recordar de alguma apresentação.

— Você vai? — me surpreendi, era o mesmo evento que Chloe tocaria e que me comprometi a ir. Coincidência?

— Claro, será a primeira apresentação sem Katherine. Elas vão homenageá-la. Além do mais, quero ver se a nova baixista é tão boa como minha irmã.

Talvez estivesse abusando da sensatez, mas não perderia a oportunidade de conhecer as amigas de Katherine. Estava mal por usar Ben em um momento tão frágil, mas era necessário, eu estava atrás de quem matou sua irmã. Ele iria entender se soubesse. Era como eu tentava me convencer.

Fiz um sinal com o dedo indicador para que ele esperasse na cadeira, fui até o bar e pedi duas cervejas long neck. Voltei e dei uma para ele, levantei minha garrafa e falei:

— Que você consiga encontrar a paz antes do que imagina — sorri e dei um gole na bebida, ele retribuiu o sorriso e fez o mesmo.

Mudei de assunto e conversamos sobre coisas aleatórias, digo, realmente sem ligação alguma. Falamos sobre viagens, teorias bizarras, universo e ursos polares. A noite foi agradável, devo admitir. Bem era extrovertido e parecia confiável.

Percebi que suas intenções mudaram, isso me fez perceber que já estava na hora de voltar para casa, era impensável a ideia de deixar levar. Ben era bacana, mas não era Josh. Inventei uma desculpa esfarrapada que envolvia lavanderia e me despedi.

Caminhei até certo ponto, as ruas não estavam vazias, vez e outra alguém passava por mim. Meu salto começou a incomodar, então encostei uma das mãos na parede de uma loja e desapertei a sandália. Era melhor pegar um táxi, tinha que chegar o quanto antes em casa para anotar todos os pontos importantes da conversa, o que não foi muita coisa, ela tinha sido

algo instrumental, pois achava que descobriria mais com as amigas de Katherine.

Enquanto pensava e mexia na sandália, alguém trombou em mim, foi tão forte que caí sentada no chão. Olhei para trás a fim de reclamar, mas não tinha mais ninguém. Bufei e me levantei, limpando a roupa em seguida.

Odiava demonstrações gratuitas de falta de educação. Fui até o meio-fio e fiz sinal para o táxi parar, entrei e falei o endereço. Meu corpo ainda doía pelo tombo. O taxista não parava de me olhar, parecia tentar enxergar algo, comecei a me sentir desconfortável, passei a mão no meu ombro esquerdo e percebi que tinha um pequeno pedaço de papel grudado. Ele estava dobrado. Foi a coisa mais esquisita que aconteceu até o momento. Até o momento.

Desdobrei o papel e não acreditei no que li. Poucos minutos antes eu não sabia como minha vida poderia ficar pior do que já estava. Quem dera. Durante o caminho até em casa, não consegui desviar os olhos do papel.

BOOM!



CAPÍTULO 26

Respire profundamente. Expire até o final. Respire profundamente. Expire até o final. Respire profundamente. Expire até o final.

Porcaria! Não estava funcionando!

Minhas mãos tremiam e sentia uma ânsia de vômito absurda. Estava sentada em um lado da cama e o bilhete no outro. Não conseguia ficar perto dele. Eu tinha sido marcada. O psicopata estava atrás de mim.

Coloquei uma das mãos na boca para segurar o choro e não vomitar no carpete. O Maníaco sabia que eu estava atrás dele? Ou percebeu que eu estava relacionada com a investigação da polícia?

O medo quase tinha tomado forma física no meu quarto. Eu deveria parar? Continuar? Contar para minha mãe? Para Josh? Não, era capaz deles me colocarem dentro de uma sala trancada e cheia de policiais em volta. Mas se não aceitasse esse tratamento, significava que eu não prezava pela minha vida?

Sorte que Chloe e nossa mãe já estavam dormindo, ou pelo menos em seus quartos. Não saberia explicar meu semblante de quem viu a lenda do Cavaleiro Sem Cabeça se tornar realidade. Eu não iria conseguir dormir. E se o Maníaco estivesse me observando?

A ideia de abandonar a investigação era forte, mas o pensamento de que eu tinha chegado tão longe me inundava e fazia com que esquecesse a ideia de parar com as pesquisas.

Eu estava mesmo ficando louca.

Tirei a roupa e tomei banho para esfriar a cabeça. Talvez isso me ajudasse a tomar a melhor decisão. Não queria passar a noite em claro, de jeito algum, então procurei no armário qualquer remédio que me fizesse dormir feito uma criança após um dia inteiro de brincadeiras. Tomei um pouco mais do que o necessário – só para ter certeza de que ele faria efeito.



CAPÍTULO 27

— Sophie, vamos! Esqueceu que tenho horário?!

Escutava os gritos constantes de Chloe, que estava no pé da escada e desesperada para que eu terminasse de me arrumar. Eu já estava pronta, mas não conseguia descer. Era como se eu estivesse presa na cadeira, encarando meu reflexo no espelho, mas sem me enxergar. Imersa em pensamentos. Estava assim desde o dia que recebi o bilhete. Não consegui falar sobre o assunto com minha mãe, Emily e nem Josh, quanto mais eu pensava sobre, maior era a sensação de irrealidade.

Parecia que tudo era um sonho, ou melhor, um pesadelo que tomava forma. Eu tinha que escolher se continuava ou não com minhas perguntas para as pessoas – só de pensar em largar, a palavra covarde aparecia em *caps lock* na minha cabeça. Mas não seria muito pior se continuasse e algo acontecesse comigo? Não era egoísmo continuar com essa história? Eu poderia conviver com isso, mas não toleraria a ideia de desistir e aparecer um corpo em seguida.

Mas e se ele fosse o meu?

Será que o Doctor não poderia emprestar sua TARDIS para que eu descobrisse qual era o final de tudo isso?

Droga.

— Sophie!

Bufei ao ver que não poderia enrolar mais. Decidi que continuaria com a investigação. Talvez tenha sido a pior decisão, mas não sabia sobre o futuro, então tinha que arriscar. Me senti como uma daquelas heroínas burras que sempre criticamos.

Desci a escada e Chloe revirou os olhos ao bater palmas de maneira irônica, ela reclamou algo que não fiz questão de entender e caminhamos até o carro. Durante o trajeto, Chloe repetia o setlist, minha mãe dirigia e eu mentalizava as perguntas que faria para as meninas da banda de Katherine.

Esperava não encontrar Ben, meu humor não estava bom e não estava com vontade de fingir.

Estacionamos o carro um pouco distante da casa de show, ela tinha acabado de abrir as portas, mas uma fila gigante de pessoas já esperava no lado de fora. Entramos pela porta lateral, exclusiva para quem iria se apresentar. Vários adolescentes estavam ali, todos ansiosos e tentando conter o nervosismo. Vi Ben com um grupo de garotas, cada uma delas o abraçava, logo me dei conta de que eram a banda de Katherine. Esperei que ele saísse de perto, o que não demorou muito.

— Vou procurar algum lugar — falei para minha mãe e irmã, no caminho iria aproveitar para falar com aquelas meninas.

Me aproximei da que parecia ser a vocalista:

— Oi, sou Sophie — me apresentei e a chamei com a mão.

— Theresa... — me respondeu sem entender o motivo que me fez querer falar com ela.

— Conheci Katherine e...

— Ah — ela interrompeu, seus olhos abaixaram e os lábios curvaram levemente para baixo.

— Eram muito próximas?

— Éramos muito unidas — falou ainda cabisbaixa.

— É mesmo?

— Começamos a banda do zero, ela era a única que tocava alguma coisa, então nos ajudava muito durante as aulas.

— Ela ensinava vocês?

— Não, ela era como um reforço, sabe? Tínhamos aulas particulares com uma mulher, não sei se já a viu na televisão, provavelmente sim, Patty Williams.

Parece que Forest Hill não é tão grande como aparenta.

— Claro, ela dá aula para minha irmã. Ótima instrutura — por um breve momento fiquei brava com Patty, ela não tinha comentado que conhecia Katherine.

— Verdade — Theresa sorriu de canto e seu nome foi chamado: — Bom, tenho que ir. Espero que goste do nosso som, Katherine queria muito uma apresentação nesse nível.

Acenei um tchau para ela e a observei ir até seu grupo com um humor melhor. Não consegui nenhuma informação, o tempo foi muito curto, teria que esperar a apresentação terminar para voltar a falar com ela e as outras

meninas. Enquanto isso não acontecia, fui até o bar, pedi uma cerveja e, sentada, observei a casa de show lotar.

— Se começar a beber agora, não terá condições de levar sua irmã depois.

Assustei com a voz masculina atrás de mim, me virei e vi Ben com seu sorriso estilo *apareci aqui como quem não quer nada*.

— Como sabe que é minha irmã? — indaguei surpresa e tomei um pouco da bebida em seguida.

— Está literalmente na cara — ele respondeu e sentou ao meu lado. — Te vi no camarim e fiquei um pouco sentido por você ter virado o rosto no momento em que olhei na sua direção e por não ter dito que sua irmã também se apresentaria hoje.

Dei um sorriso forçado, fiquei sem jeito com o que escutei, não tinha uma desculpa boa o suficiente.

— Desculpa? — falei entortando os lábios e fazendo uma careta.

Ele deu de ombros e terminou a bebida que estava no copo em sua mão.

— Vou ficar na frente do quarto, a banda da minha irmã vai ser a primeira a tocar, se quiser vir junto, fique à vontade. Sem pressão — Ben tocou no meu ombro e sumiu na multidão.

Pensei e não vi mal em fazer companhia para ele, então o segui.

Um homem, na casa dos trinta anos, recepcionou o público, se apresentou como dono do lugar e fez o típico discurso sobre *sonho de empreendimento, planos futuros e agradecimentos*. Chamou a primeira banda para tocar, Theresa chegou com um sorriso enorme no rosto e as meninas a seguiam, cumprimentaram a plateia e começaram com a música.

Elas eram muito boas, Ben estava certo quando disse que eram promissoras. A banda tinha uma pegada Avril Lavigne no início da carreira. Pulei e cantei os refrões, que eram muito fáceis de decorar, Ben me acompanhava, estávamos nos divertindo, sentíamos que nossos problemas tinham sumido. Seis músicas depois, a banda disse que iria se despedir, mas antes faria uma homenagem para uma integrante fundadora que faleceu há pouco tempo.

Ben ficou sério e seus olhos fixaram no palco, minha atenção se dividia entre ele e a banda. Algumas meninas entraram no palco carregando uma faixa com o nome de Katherine, sua data de nascimento e morte. Todas as luzes foram apagadas, menos a que iluminava Theresa e a faixa. A garota

começou a cantar *a cappella* e as pessoas ficaram emocionadas conforme ouviam:

Prometi para mim mesma que seria forte,
Prometi para mim mesma que seguiria em frente.
Você sempre foi assim tão difícil,
Difícil de lidar,
Difícil de entender,
Difícil de ignorar,
Mais ainda difícil de esquecer.
Por que você se foi?
Por que me abandonou?
Sinto sua falta.

A voz de Theresa começou a falhar, Ben cruzou os braços e seu maxilar trincou, meu coração se contorcia dentro do peito, assim como meus lábios tentavam conter um choro.

Ainda tenho medo
De você não aparecer em nossa porta
De você não voltar.
Eu sinto medo.

A menina abaixou a cabeça e colocou uma mão no rosto, se entregou ao choro e recebeu auxílio de uma das integrantes da banda e as luzes que ainda estavam acesas foram apagadas. Ante de isso acontecer, olhei para Ben e seu semblante estava indecifrável. Quando as luzes voltaram, o apresentador estava de volta no palco, mas Ben tinha sumido, olhei em volta e não o encontrei. Fiquei com pena, mas não o procurei, talvez quisesse um momento sozinho ou foi até a banda para algum abraço coletivo ou algo parecido.

Chamaram a banda da minha irmã para tocar. Elas começaram tímidas, mas se soltaram na segunda música, estavam muito melhores do que nos ensaios. O clima delas fazia com que eu esquecesse por um pouco a triste cena que tinha acontecido.

Quando Chloe me viu na plateia, acenou com a cabeça, ergui minha garrafa como resposta e dancei até elas terminarem a apresentação. Cheguei a me perguntar onde minha mãe estaria, mas logo imaginei a jovem senhora pulando, cantando e dançando nos bastidores ao lado do palco. Quem diria

que minha irmã tinha se empenhado em algo e era boa nisso. Senti orgulho da pequena Fields.

Voltei para o bar, queria sentar um pouco para descansar. O *apresentador-proprietário-animador* disse que as apresentações dariam uma pausa, mas logo retornariam. Balançava minha cabeça no ritmo da música eletrônica que o DJ tocava. Esperaria Chloe ali, provavelmente demoraria mais do que as outras meninas, já que nossa mãe certamente a encheria de beijos, abraços e frases como “estou tão orgulhosa de você”. Terminei a cerveja e vi um papel no balcão quando me virei para pedir uma água. Olhei em volta e ninguém parecia se importar com aquilo. Estranhei, mas mesmo assim abri o papel para ver o que era.

BOOM!



CAPÍTULO 28

Andava de um lado para o outro nos bastidores daquele lugar, já nem lembrava o nome de tão nervosa que fiquei. Minha mãe já tinha ido embora de táxi, Chloe e suas amigas assistiam o restante das apresentações e eu esperava por Emily. Por mais que o rostinho angelical se transformasse por completo quando eu contasse o que estava acontecendo, o pesadelo que vivia era pior do que qualquer outra coisa.

Eu esbravejava e olhava feio para qualquer um que aparecia na minha frente. Não encontrei Ben e, sinceramente, não queria vê-lo. Decidi sentar em uma cadeira e afundei o rosto em minhas mãos, eu sentia o caroço na garganta. A vontade de gritar. O desespero. É, eu estava bem assustada.

Pulei da cadeira quando senti uma mão no ombro. Era a segunda vez na mesma noite que isso acontecia. Estava tão nervosa que quase gritei com quem fez isso, mas ao perceber que era Emily, minha reação foi levantar em um átimo e a abraçar. Fiz isso tão forte que consegui escutar sua dificuldade em respirar.

— Ok Sophie — tentou me afastar —, eu entendi — sua voz falhava pela falta de ar. — Agora, por favor, Sophie.

Parei de abraçá-la e dei um passo para trás, cruzando os braços. Eu estava inquieta e Emily percebeu que alguma coisa muito errada estava acontecendo, pegou meus braços e olhou nos meus olhos:

— É Josh? Você o encontrou com alguém aqui? Ele te encontrou com alguém? Aquele moleque da sua irmã voltou? O que aconteceu?

Nada. Três chutes e nenhum chegou perto. Não falaria sobre o bilhete naquele lugar cheio de gente. E se quem o deixou ainda me observava? Se eu deixar aparente que contei para Emily e ele, sei lá, começasse a mandar para ela também?

— Veio de carro? — perguntei sem responder suas perguntas.

— Não, de ônibus. O que foi? — ao reparar em seu cenho franzido e olhar preocupado, me arrependi de ter decidido contar para ela.

Não consigo imaginar como Emily reagiria ao saber dos bilhetes. Mas ela precisava. Alguém tinha que ter conhecimento deles.

— Posso dormir na sua casa hoje?

As mãos que estavam em meus braços caíram e minha amiga arqueou as sobrancelhas.

— Pode — ela me respondeu de maneira lenta, como se desconfiasse de algo.

Avisei que precisaria deixar Chloe em casa e sai para procurá-la. A verdade é que eu ainda reunia coragem para contar.

Foi minha irmã que me fez sair desse oceano interno de preocupações, mesmo que por um curto período. Ela estava tão feliz com sua apresentação e banda, não parou de falar um minuto. No carro, ela contou e recontou diversas vezes o que aconteceu entre o dia que soube que se apresentaria naquela casa de show e o momento em que desceu do palco. Emily e eu rimos quando Chloe exagerava nos gestos e palavras, também quando ela descreveu como seria seu tratamento de rockstar na escola. Coisa de adolescente sonhadora.

— Não vai descer? — ela perguntou ao perceber que permaneci no carro ao chegarmos em casa.

— Vou dormir na Emily — respondi com um pequeno sorriso no rosto para disfarçar todos os pensamentos desencadeados com uma simples pergunta.

— A mamãe não vai querer o carro?

— Só um dia não vai fazer mal. Agora vai — minhas mãos mexiam no ar para que Chloe entrasse logo em casa.

— Nooossa, ok. Só não vou agradecer a carona porque você sabe muito bem o que me fez passar, né maninha — Chloe disse com um pingo de maldade para me provocar.

Sorri de maneira falsa enquanto fazia gestos com uma mão para que Emily ligasse o carro para irmos embora. Ela entendeu o sinal e fez o que eu queria. Enquanto o carro afastava, assistia Chloe pelo retrovisor, ela balançou negativamente a cabeça e se virou para entrar em casa. Encostei um pouco desconfortável no banco.

— Agora você pode falar? — Emily perguntou impaciente. Era estranho ver aquela mulher com cara de menina falando de maneira curta. Não

combinava.

— Só quando estivermos sozinhas no seu quarto — afirmei sem dar espaço para que ela rebatesse.

O que restou para minha amiga foi apenas bufar e fazer o trajeto em silêncio até sua casa. Ela estacionou o carro na frente da garagem e pediu para que não fizesse barulho ao entrar, não sabia se seus pais já tinham ido dormir ou se estavam assistindo televisão no quarto. Ao ver a cama macia de Emily, não evitei e me joguei nela, mas logo senti meu braço ser puxado e eu forçada a sentar.

— Vai, agora fala tudo.

Fiz uma careta que enrugou meu nariz enquanto Emily fazia uma que formava linhas finas ao lado se seus olhos. Respirei fundo e contei a história desde o começo. Minha coleta de novas informações, a ida até a polícia, o motivo de Chloe ter agido daquela maneira ao nos despedirmos... falei sobre a profiler e meus desentendimentos com Josh. Hesitei no momento de contar sobre meu encontro com Ben, afinal, também teria que falar sobre o bilhete e naquela altura, Emily já não acreditava no que eu tinha feito. Sem muita alternativa, contei sobre os dois bilhetes.

Ao terminar de contar, minha amiga não disse nada, apenas olhou incrédula para mim e andou de um lado para o outro no quarto com os olhos arregalados e braços cruzados. Eu tinha medo com o que poderia ouvir dela.

— Me deixa ver esse bilhete — ela praticamente ordenou.

O retirei do bolso e estendi a mãe para ela pegar. Emily encarou o pedaço de papel com letras garrafais retiradas de revistas. Ela me devolveu o bilhete como se um animal nojento estivesse nele, sentou na cama e colocou o rosto entre as mãos. Apesar de não ver choro algum, sabia que estava emocionada, por isso passei meu braço nela, como se a envolvesse.

— Não vê que eu é que tenho que te consolar, não o contrário? — olhou para mim, seu rosto estava vermelho e a voz embargada. Não soube o que responder. — Sabe o que vou falar, não é mesmo? — ela perguntou ao perceber que eu não falaria coisa alguma.

Emily me olhava fixamente, parecia querer enxergar dentro de mim, como se não me deixasse fugir. Me senti intimidada.

— Devo mesmo contar para Josh?

— Se deve? Sophie! Desde quando é idiota? Ele deveria saber sobre isso desde quando recebeu o primeiro aviso! — sua voz estava totalmente alterada, o choro passou para raiva e revolta.

Emily era sensível, isso a tornava volátil. Eu, por mais que também estivesse com medo, raiva e triste, não consegui demonstrar isso. Era horrível.

— E se não for o Maníaco? — tentei aliviar, mesmo sabendo que as chances eram iguais a zero.

Ela bufou e me fulminou com o olhar. Se levantou e olhou para a foto em família que estava na cômoda.

— Obrigada por me criarem em um lar onde a paciência é ensinada desde cedo. Onde o autodomínio é uma virtude cultivada — voltou a olhar para mim: — Maldita hora em que apoiei essa ideia de você investigar por conta própria. Era para ser algo sem futuro, descompromissado! — ela se sentia culpada, ajoelhou na minha frente e pegou na minha mão. — E se algo realmente acontecer com você, Sophie? Não vou suportar a dor de ter sido sua *cúmplice* e não ter impedido isso logo no começo

Comprimi os lábios e coloquei uma mão em cima da dela, não tinha ideia do que falaria, mas eu a tinha procurado porque não aguentava mais guardar tudo aquilo só para mim, queria que alguém me disse o que deveria fazer, mesmo sendo óbvio.

— Calma Ems, não vai acontecer nada. Vou conversar com Josh, prometo.

Ela se levantou e me puxou junto.

— Não acredito em você, vamos agora para a polícia. Vou te levar para que realmente fale com ele.

Fiz uma careta que não alterou o plano dela. Tentei usar seus pais como desculpa, mas Emily estava firme, me respondeu que arranjaria uma boa desculpa caso eles percebessem que ela não estava em casa. Enquanto me dizia essas coisas, me puxava e me colocava dentro do carro. Não conversamos durante o trajeto, usei o tempo para formular maneiras de contar tudo para Josh.

Era irônica toda a situação. Ele passou todo esse tempo tentando me proteger, fazendo nosso relacionamento quase desmoronar, e mesmo assim comecei a receber bilhetes por ter mexido com um assunto que não era meu. Cheguei a considerar que alguém da própria polícia deixou meu nome escapar, mas não mantive meu foco nisso, eu estava absorta, imaginando como seria quando eu encontrasse com ele.

Josh não iria reagir bem, certeza. A ideia de que ele me colocaria em uma sala trancada com vários policiais cuidando de mim parecia mais real a

cada minuto que passava e a cada metro que nos aproximávamos do Departamento de Polícia.

Emily pigarreou algumas vezes, querendo saber no que eu tanto pensava, mas ignorei. Não por maldade, eu realmente estava concentrada nos meus pensamentos.

— Mesmo se achar que não vai conseguir falar hoje, pelo menos tente — ela parou o carro e segurou minha mão, era como se estivesse lendo meus pensamentos.

Assenti e desci do carro. Andei sem graça entre os policiais, alguns me cumprimentaram com um sorriso e sorri forçado como resposta. Não me sentia bem. Perguntei para um deles em qual lugar encontraria Josh e ele se prontificou a chamá-lo para mim. Sentei em um banco, entre duas mulheres, uma delas mastigava chiclete de boca aberta, o que me fez fechar os olhos e respirar fundo. O barulho seria capaz de me fazer perder o equilíbrio que tanto esforçava em manter.

Alguns minutos depois ele apareceu na minha frente, escutei meu nome e olhei em sua direção. Não consegui fazer com que som algum saísse da minha boca. Não é sempre que sua ex-namorada-na-verdade-estamos-dando-um-tempo aparece no meio da noite para falar com você, ainda mais com uma aparência tão destruída como a que eu estava.

— Josh — finalmente falei algo depois de passar um tempo o encarando.

— Aconteceu alguma coisa?

Abri a boca para falar, mas olhei para o lado e vi que a mulher do chiclete me encarava com nojo. Me abracei e esfreguei as mãos em meus braços, como se estivesse com frio. Josh percebeu meu desconforto e perguntou se eu queria ir até sua mesa, assenti e ele me ajudou a levantar, me amparou até ela. Ao pensar na impressão que estava passando, não gostei. Não iria conseguir falar com ele, isso já estava certo. Sentei na cadeira de frente a dele.

— Então? — me perguntou preocupado, mas ao mesmo tempo analisava meu semblante em busca de algum indício do motivo que me fez aparecer ali.

Engoli seco. Imaginei sua reação ao escutar o que eu tinha para dizer. Josh me olharia com indignação, mas também com medo e angústia. Não estamos em um ótimo momento na nossa relação, mas ele ainda gosta de mim assim como gosto dele. Me subia um enjoo só de pensar nele passando

por situações negativas por minha causa, esse era o lado ruim de se relacionar com alguém. Mas e se Josh já previa isso? Afinal, mesmo sem bancar a detetive, eu já estava estritamente ligada, tanto que me deram um telefone para emergência.

Não, não poderia arriscar. Estava decidido: não contaria nada para ele. Era isso.

Esperaria para ver o que iria acontecer mais a frente, caso algo ficar sério, então ele saberia o que estava acontecendo comigo.

— Está melhor? — como não iria falar nada para ele, achei melhor arranjar um assunto convincente para uma visita como essa.

E qual melhor do que nossa última briga? A que fez com que déssemos um tempo na relação?

— Na medida do possível — respondeu sem emoção, mas notei um resquício de mágoa em sua voz.

Seja por isso, pelos bilhetes ou tudo junto, senti uma lágrima surgir e logo descer. A limpei rapidamente e balancei a cabeça, balbuciei um pedido de desculpas e levantei de supetão da cadeira. Josh não entendia nada do que presenciava e eu tampouco me dispus a explicar. Me despedi e saí correndo. Entrei quase como um borrão no carro e comecei a chorar de verdade. Afundei meu rosto no ombro de Emily, ela afagou minha cabeça e disse palavras para me confortar.

— Não consegui. Eu estava na frente dele e não consegui — minha voz estava falha e meu rosto borrado e molhado.

Emily me olhava com ternura, o que fazia com que eu me odiasse ainda mais. Eu não presto nem mesmo para contar a verdade para Josh. Estava completamente perdida. Aqueles bilhetes tinham mexido com meu psicológico e a receita para resolver isso era saindo da cidade.

Isso. Sair da cidade era minha melhor decisão em dias.

Respirei fundo e concentrei minhas forças na tarefa de conter o choro. Me afastei de Emily e limpei o molhado do rosto com a barra da minha camisa.

— Quero ir para casa — pedi entre uma fungada e outra.

Minha amiga me olhou tristemente e ligou o carro. Olhei para a porta do Departamento no momento em que ela dava o balão para ir embora e vi Josh parado, olhando diretamente para mim. Me perguntei se ele viu meu choro. Esperava que não.

— Tem certeza que não quer que eu faça companhia?

— Estou melhor, pode ir. Não quero arranjar problemas para você, já basta o que arrumo para mim — tentei rir, mas forçar o humor não melhorou o clima.

— Amanhã te ligo, então — Emily disse ao desligar o carro e abrir a porta para descer.

— Obrigada — agradeci e passei para o banco do motorista.

No caminho, no meio do quintal, ela se virou mandou um beijo no ar para mim, fiz a mesma coisa e a esperei entrar em casa. Olhei para o celular e vi o horário. Me sentia um pouco melhor, por isso a ideia de voltar para casa não era agradável: não queria encarar a parede com todas as anotações e informações. Vi a notificação de mensagem no aparelho, provavelmente ela chegou enquanto estava com Emily no carro:

Foi parar em que lugar? Enfim, uma galera que foi nas apresentações agora está no bar aqui perto.
Te vejo lá?

Era Ben. Respirei fundo e pensei sobre isso por um breve segundo. Aconteceu tanta coisa nas últimas horas que a apresentação das meninas parecia uma memória distante. Decidi não usar outro segundo para pensar e fui para onde ele convidou. Qual o melhor lugar para não se sentir sozinha, com seus demônios te atormentando, do que um bar com pessoas alegres e cheias de conversas? Em um pulo cheguei lá. Mandei uma mensagem perguntando onde ele estava, facilmente o encontrei quando me disse.

— Voltei para onde você estava e não te vi mais. Perguntei para algumas pessoas nos bastidores e elas disseram que te viram ir embora com mais duas outras garotas — ele finalizou a frase imitando um segurança, provavelmente foi quem disse isso para ele.

Sorri com a graça feita. Já que eu quis ir ao bar, faria o máximo para aparentar que estava tudo bem.

— A banda da minha irmã terminou a apresentação e fui embora com ela e uma amiga, só isso — respondi de maneira que ele entendesse que esse não era um assunto que faria a conversa fluir.

— Ela apresentou logo após a de Katherine, né? Estava agradecendo as meninas enquanto sua irmã tocava. Dê meus parabéns para ela, são muito boas!

Chloe realmente era, desenvolveu muito com as aulas que teve com Patty. Falando na professora...

— Conversei com uma das meninas, não lembro o nome dela, mas me disseram que Katherine as ajudou bastante nas aulas que tiveram com Patty. A professora de música é a mesma da minha irmã.

— Sério? Que coincidência! Não tem como negar o dom daquela mulher. Consegue lapidar estrelas — ele disse e tomou um gole de cerveja em seguida.

— Vou pegar uma para mim — levantei do banco alto e fiz o pedido no balcão.

— Olha se não é a sumida Sophie Fields.

Arregalei os olhos ao ver Louise com alguns copos de tequila vazios em sua frente.

— O que está fazendo aqui? — perguntei surpresa, ela estava totalmente imersa em seus estudos, por isso não a via há dias.

— Shhhhhh! — colocou seu dedo indicador em cima dos meus lábios. — Hoje tive uma prova horrorosa e estou aqui para desestressar! De onde está vindo? — apontou para a mesa em que Ben estava. — Uau! Que bonitão! Josh já é passado?

Puxei ar para negar o que ela pensava, mas quando percebi, Louise já tinha pegado minha cerveja e me puxava até a mesa.

— Olá sr. “amigo” — ela fez no ar o sinal de aspas — de Sophie. Prazer, sou Louise, o melhor tipo de amiga que a Fields aqui pode encontrar.

— Na verdade, a Emi...

— Shhhh! — Louise voltou a me interromper. — Só me fale o nome dele.

— Ben — disse com dificuldade, já que o dedo dela pressionava contra meus lábios.

— Prazer, Louise — ele ergueu a garrafa em cumprimento.

Finalmente tirei o dedo de cima da minha boca e falei:

— Ele é meu amigo. Isso mesmo, sem aspas quando falo, viu? — gesticulei de modo exagerado.

Louise sentou no banco e sorriu.

— Curso direito, entrei nesse semestre, e você? Faz o quê? — ela dizia de um jeito arrastado.

Em poucos minutos me vi totalmente excluída da conversa. Eles engataram uma sessão de perguntas e resposta em que eu não me encaixava em nenhum tópico. Ao perceber que não iria conseguir interagir com os

dois, sai de fininho – mesmo sabendo que eles não prestariam atenção nem se eu fizesse um alarde.

Ao chegar em casa, tomei um banho demorado para lavar toda e qualquer sensação horrível causada pelo dia que tive. Enrolada na toalha e encarando a parede, colei uma foto minha com as das vítimas – o que me deu um frio na espinha e uma falta de ar que nunca senti antes. Eu estava apavorada, mas não negava o que estava diante dos meus olhos. Colei perto da minha foto os dois bilhetes que recebi. Deitei na cama em posição fetal e fechei fortemente os olhos.

Queria contar até dez e não me ver junto com as vítimas, mas tudo o que consegui foi imaginar meu corpo sendo encontrado no pântano. Dei três socos na cama e decidi que era hora de me afastar de tudo. Quem sabe, se eu der um tempo, tudo isso se acalme e magicamente eu receba um bilhete do tipo: *desculpa, foi engano*.

Mandei alguns e-mails e fui tentar dormir. Demorei muito, mas consegui.

Logo pela manhã, arrastei Chloe de seu quarto até a cozinha. Tinha deixado um bilhete para que minha mãe passasse em casa às oito da manhã, ainda bem que ela acatou o pedido e já estava me esperando.

Chloe, que estava sonolenta e esfregando os olhos com as costas da mão, perguntou:

— O que aconteceu para você ter a ousadia em me tirar do meu sono maravilhoso? Tem que ser, tipo, o maior anúncio do século.

— Não é o maior do século — *chegaria a ser, caso contasse sobre os bilhetes*, pensei sarcástica. Percebi o que passou pela minha cabeça, por isso a sacudi.

— Louca — Chloe sussurrou em um volume quase inaudível.

— Escutei — reclamei.

— Parem as duas e fala logo, Sophie. Estou ficando nervosa.

— Pensei muito e, bem, devido tudo o que está acontecendo comigo agora — claro que omito o drama do Maníaco —, decidi passar uma semana em Tallahassee. Vou encontrar com ex-colegas de sala, professores, enfim... ver o que posso fazer de útil.

— Já era tempo — Chloe murmurou, recebendo o apoio de nossa mãe.



CAPÍTULO 29

A população novamente se une para cobrar da polícia as investigações sobre o caso que está assustando a cidade. Os corpos de duas jovens foram encontrados nessas últimas semanas e até o momento ninguém foi preso. Recebemos a notícia de que a DPFH no momento se recusa a aceitar a ajuda de outros departamentos, eles insistem em deixar isso como assunto local.

Nós podemos ver, Liam, por favor, filme atrás de mim, então, nós podemos ver que há uma boa quantidade de pessoas protestando aqui em frente ao Departamento. A polícia ainda não confirmou se esses dois casos estão ligados ao Maníaco do Pântano, mas segundo uma fonte interna, eles não descartam a possibilidade, inclusive, é com ela que estão trabalhando. Se a câmera filmar ali na frente, é possível ver Patty Williams, a cidadã que é considerada uma das líderes do protesto.

Volto quando tiver mais notícias. Rachel Rooney para o Forest Notícias.

— Cheguei! — escutei desligarem a televisão no momento em que abri a porta.

Não avisei minha mãe e irmã quando meu ônibus chegaria, minha intenção era surpreender ao aparecer em casa. Passar uma semana longe de Forest Hill era o que precisava. Reencontrar amigos que ficaram na capital e conversa com os professores que tanto me apoiaram foi a receita certa para que eu esquecesse o emaranhado que minha vida estava virando.

Não tinha preço acordar e ver que meu maior problema era decidir com quem tomaria café da manhã. Mas um dia minha estadia em Tallahassee tinha que terminar, infelizmente. Não mantive muito contato com meus amigos de Forest Hill, tenho a lei interna de que se estou em uma viagem de lazer, devo me desprender de tudo o que me liga ao local que moro. Isso acontecia muito na época da faculdade, não importava o lugar em que eu

estava, o que era de Tallahassee ficava em Tallahassee. É uma ótima maneira de aproveitar por completo o descanso.

— Filha! — minha mãe me abraçou com uma força parecida com a que recebi ao voltar para cá depois de terminar a faculdade.

— Oi — Chloe disse, ela estava perto das escadas segurando qualquer animação. Se estivesse sentindo alguma.

— Você deveria ter avisado que horas iria chegar, a gente te buscaria na rodoviária.

— E estragar a surpresa? — disse jocosa.

— Deixa disso, menina. Vamos, te ajudo com as malas.

O que minha mãe disse sobre ajudar com as malas era, na realidade, pegar as duas ao mesmo tempo e tentar subir as escadas sem ajuda. Se eu tentasse oferecer, ela citava inúmeras coisas impossíveis que já tinha feito na vida. Ela nunca esquecia quantas escadas já subiu e desceu enquanto carregava na barriga um bebê de quatro quilos – hoje conhecido como Chloe Fields.

Colocando as malas em um canto do meu quarto, minha mãe pediu para que eu contasse tudo o que fiz durante os dias em que fiquei fora. Sorri, tinha algo importante para falar. Peguei na mão dela e falei que Chloe também precisava saber, então em poucos segundos nós três estávamos na sala.

— Ok, vocês já devem saber que fui em museus, parques, bares e em todos os lugares que enviei fotos de quando morava por lá. Então o que eu tenho a dizer é realmente importante.

— Conta logo, estou ansiosa. Você não pode ficar fazendo isso — minha mãe fingiu ficar chateada.

— Ok, ok. Então, conversei com alguns professores e um deles contou que estão construindo um museu de arte, e melhora: é privado e ele conhece a mulher que está conduzindo tudo. Adivinha para quem foi oferecido um emprego?

Chloe disfarçou um sorriso e nossa mãe arregalou os olhos, na verdade foi mais do que isso: ela levantou do sofá e sentou ao meu lado, me abraçou e encheu meu rosto de beijos.

— Mãe — falei com um pouco de dificuldade. — Mãe, para — tentei me afastar, mas era impossível, então comecei a rir, ainda mais ao escutar a gargalhada de Chloe.

— Estou tão orgulhosa — ela por fim parou e me abraçou.

— Ainda vai demorar algum tempo — avisei. — O prédio ainda está sendo construído, mas assim que estiver quase pronto, tenho que voltar para lá.

De repente, a felicidade que estampava o rosto da minha mãe se desfez o deu lugar a um semblante triste.

— Não tinha pensado nessa parte... novamente vou ficar longe de você... e dessa vez é definitivo.

— Eu posso pegar um ônibus ou avião sempre que der — afirmei tentando não deixar o clima pra baixo.

— Tallahassee é longe, nós estamos quase no sul do estado. Se na época da faculdade era difícil você vir, imagina quando trabalhar. Eu ficaria mais tranquila se fosse em Fort Myers, por exemplo.

— Então podemos nos encontrar no meio do caminho... uma viagem em família para Orlando, que tal?

— Escutei Disney? — Chloe entrou na conversa. Ela estava tão quieta que por um momento esqueci da sua presença.

— Acho que falei parque da Universal, não? — fingi desentendimento em um tom de brincadeira.

Minha irmã jogou uma almofada em mim como resposta.

— Enfim, acho que é uma boa ideia — afirmei.

— É... pode ser — minha mãe respondeu menos triste. — Vou ao mercado agora, querem alguma coisa de lá?

— Vou com você — Chloe respondeu antes mesmo da pergunta ser direcionada a ela, troquei olhares com minha mãe e estranhamos, mas não falamos nada.

Se Chloe queria ser social além de seu grupo de amigos, não questionaríamos. Esperei as duas saírem para voltar correndo ao meu quarto. Coloquei uma das malas em cima da cama e liguei o notebook. Enquanto ele estava nesse processo, retirei as roupas das malas e as coloquei em um canto da cama. Assim ele ligou por completo, minha atenção foi para sua tela, abri o contato de Emily e fiz uma ligação por vídeo. Alguns toques depois ela surgiu:

— Sophie! Já está em casa? — ela perguntou empolgada.

Quis brincar e olhei em volta como se estivesse tentando reconhecer o local que eu estava.

— Acho que sim — o tom que usei era como se estivesse falando algo recém-descoberto.

— Idiota! — Emily disse no meio de uma risada. — Me conta como foi.

— Foi bem legal. Revi pessoas que não mantive contato desde a formatura e recebi uma ótima proposta de emprego...

— Como é? Qual proposta? Vou ter que você morar de novo no outro lado do estado?

— Infelizmente sim, daqui algum tempo um museu de arte vai abrir e um dos meus professores me indicou para trabalhar nele.

— Ah que bacana! Estou muito feliz por você, Sophie — seus olhos estavam brilhando, o que me fez querer apertar suas bochechas imediatamente.

— Obrigada, Ems! — mandei um beijo para ela. — Só Chloe que fingiu não se importar.

— E como ela está? Superou todo aquele drama com o menino? A banda recebeu alguma proposta de show?

— Parece que superou sim, nossas conversas infinitas deram resultado. Ela continua sendo a adolescente de sempre, mas agora a gente sabe que é ela mesma, não alguma influência. Elas tocaram na escola semana passada.

— Ela ainda está fazendo aulas de música?

— Não vai parar tão cedo. Ela viu que foi bom pra ela e está mais empenhada do que nunca.

Emily balançou a cabeça e ficou em silêncio por um tempo. A conhecia muito bem para saber que ela queria falar algo e não sabia como. Rolei os olhos e suspirei.

— Pode falar.

Ela arregalou os olhos.

— Falar o quê?

Sorri como se estivesse pegando-a no flagra.

— Conheço você, Emily Moore. Quer perguntar algo.

Ela sorriu timidamente e questionou:

— Não queria entrar nesse assunto, já que parece que não pensa nisso há uma semana, mas... você sabe por onde anda Sean?

Fiz um bico com a pergunta, realmente não pensei nisso em todo esse tempo, não lembro nem mesmo quando foi a última vez que ouvi falar dele. O vi só quando estava acompanhado pela última vítima. Como era mesmo o nome? Daniella. Isso, Daniella.

— Não faço ideia, não conversei sobre o assunto com a minha mãe, muito menos com Josh. Mas ouvi dizer que o intimara, mas não duvido que

tenha voltado para o Japão ou qualquer outra cidade que passou por esses últimos anos.

— Josh... — minha amiga voltou a ficar pensativa.

— Josh... — acompanhei sua maneira de falar.

— Ele conversou com você nessa semana que esteve fora?

Mordisquei meu lábio inferior e suspirei.

— Acho que ele nem sabe que viajei, a minha decisão foi de última hora, você sabe. Também quase não deixei meu celular ligado, sabe, aquilo de se desligar de tudo durante uma viagem.

— Aquilo de se desligar de tudo durante uma viagem – ela disse no mesmo momento que eu.

Bateram na porta de casa, o que me fez rolar na cama e grunhir, não queria sair do quarto.

— Vai lá, preguiçosa. Depois passo na sua casa pra pegar minha lembrança de Tallahassee.

Ri com o que ela disse, já que não trouxe presente algum. Mas ela iria descobrir somente quando chegasse aqui. Desliguei a chamada e desci para atender a porta, apesar de não estarem mais batendo nela. Olhei pelo olho mágico e vi Joe. Não somente ele, mas minha mãe também se aproximava – sem Chloe. Mesmo sendo costume de pessoa enxerida, também sou filha de uma, então fiquei escutando pela porta a conversa dos dois.

— Escuta, vim aqui me explicar — ele disse de maneira calma.

— Explicar o quê? Você não tem que explicar nada para mim, apenas para a polícia e voltar para o Colorado — minha mãe falou em um tom de descaso, mas eu sentia que ela estava incomodada com a situação.

— Não nego que tenho um problema com minha ex-mulher, mas não sou o cara ruim que andam pintando por aí. Você sabe. Você foi uma das poucas pessoas que me conheceram de verdade.

Ela ficou em silêncio, eu estava morrendo de vontade de abrir a porta e expulsar Joe da frente de casa, mas minha mãe era uma mulher bem crescida e sabia o que deveria fazer.

— Olha, Joe, está tudo muito conturbado na vida de todo mundo. Eu não quero mais problema do que os que já existem na minha. Por favor, suma aqui e se resolva com a polícia.

Ele tentou convencer minha mãe do contrário, mas ela não o deixou dizer uma única palavra.

— Agora me deixe entrar em casa. E prefiro que você fique longe — disse decidida e passando por Joe sem alterar seu semblante.

Subi as escadas correndo e voltei a descer ao escutar a porta bater.

— Mãe? — perguntei como se não soubesse quem tinha chegado e muito menos sobre a conversa com Joe.

Sem me responder, ela foi direto para a cozinha, colocou as poucas compras no balcão e sentou no banco. Me aproximei, passei meu braço pelos seus ombros e beijei o topo de sua cabeça. Não perguntei e nem falei nada, ela também não.

Não me importei se ela ficou na dúvida se eu tinha ou não ouvido algo, sabia o quanto minha mãe estava vulnerável nesse momento. Ela já estava considerando Joe como amigo da família, talvez até mesmo começando a sentir algo por ele, então emergiu da escuridão toda essa história dele com a família e sei lá mais o que com a polícia.

Fui até a pia e fiz um chá. Revirei suas compras e vi um pacote de biscoito, abri e, por um tempo, nós duas tínhamos regredido no tempo e voltamos a ser apenas mãe e filha passando alguns minutos juntas, com Chloe na casa de alguma amiga que encontrou no caminho. Foi como se não tivéssemos nenhum problema maior.



CAPÍTULO 30

— Aqui sua porção de frango frito — falei ao colocar a cesta no meio da mesa.

— Wow cara, valeu! — Thomas respondeu com olhos glutões em cima da carne cheia de molho apimentado, devorando não muito tempo depois de eu ter tirado minha mão dali. — Mas continuando o que estávamos conversando — Thomas e eu estávamos de folga e decidimos comer na lanchonete que é conhecida por seus frangos fritos. Um pouco antes de buscar a porção, começamos a conversar sobre o caso do Maníaco, acho que esse era basicamente o único assunto que pairava na polícia inteira —, vocês não conseguiram fazer nenhuma outra ligação?

— Nenhuma, estamos presos — respondi passando minha mão nos cabelos, lembrar disso me deixava nervoso, era como se um grande letreiro neon fosse jogado na minha cara. Doía muito.

— Sabe, estou muito revoltado com isso tudo. Estive envolvido com a investigação do desaparecimento dessas duas meninas e não encontrei nada, e daí as duas surgem da maneira que surgiram. Estou começando a duvidar do meu distintivo — Thomas já não olhava mais com gosto para a comida.

— Mas você nunca as encontraria, sabemos o quanto o Maníaco é metódico e cuidadoso, ele não deixa rastros, a partir do momento em que as meninas sumiram, era quase impossível reverter a situação.

— Mas é o meu trabalho, Josh, você sabe o quanto odeio quando essas porcarias saem do controle!

Thomas tinha um humor volátil. Ele que há pouco tempo estava tão tranquilo, agora já era possível ver seu rosto ficar vermelho e uma veia saltar na lateral de sua testa. Então que lembrei o que meu pai disse há pouco tempo. Me ajeitei na cadeira e me posicionei de maneira que passasse confiança do que estava prestes a dizer:

— Uma vez meu pai disse que isso acontece na vida de qualquer um que trabalha no ramo. Às vezes ganhamos, mas como também acontece de perder. Não temos controle de nada que está em nossa volta, o máximo que podemos fazer é evitar que algo aconteça e tentar remediar quando acontece.

— Zachary sempre foi tão inteligente, DPFH perdeu muito com a aposentadoria dele.

— Mas tem horas que esqueço que ele não trabalha mais lá, do tanto que é chamado e também por aparecer por conta própria — comentei tentando restabelecer o humor entre nós.

— Vamos deixar de lado essa angústia interna — Thomas voltou a comer o frango e falou como se até então não estivesse a ponto de explodir por causa de suas falhas. — E Sophie? Falou com ela? Hoje que ela ia voltar, não é?

Voltar?

Arqueei uma das sobrancelhas, não entendia nada o que ele falava.

— Voltar de onde?

— Não estava sabendo? Ela passou a última semana em Tallahassee, foi aquela loira do cabelo curtinho que disse. Perguntei quando que Sophie voltaria a fazer as entregas no Departamento e ela me respondeu que não sabia, ainda mais com a menina viajando.

— Mas qual o motivo para você querer saber quando que Sophie vai voltar com as entregas?

— Para comer alguns cookies enquanto assisto de camarote vocês se esbarrarem. Um encontro desajeitado entre ex-namorados sempre é uma cena boa de assistir.

Não sabia como lidar com o que tinha escutado. Se começava a rir com a idiotice que Thomas acabara de falar ou se o corrigia dizendo que ainda não éramos ex, apesar de não saber exatamente em que ponto estamos. Na dúvida, soltei um "*palhaço*" para ele e bebi o refrigerante.

Um homem, na casa dos quarenta anos passava no lado de fora da lanchonete, nos viu pelo vidro e bateu nele. Thomas e eu olhamos na direção e acenamos com a cabeça, mas como não fosse suficiente, o homem entrou e foi até nossa mesa. Ele cheirava a cerveja.

— Ei! Eu conheço você! — ele disse de maneira embolada e apontou o dedo para mim. — Você é aquele detetive que sempre está com a cara na televisão durante as filmagens do jornal.

— Pois não? — perguntei atento a qualquer coisa que ele fizesse.

O homem riu a ponto de jogar sua cabeça para trás, isso atraiu alguns olhares para nós.

— Vocês são um bando de incompetentes! Querem fazer a cidade de boba, achando que conseguem esconder o quão incapazes são de protegê-la! — ele tomou um ar agressivo e de soslaio vi Thomas pegar ar. — Acho melhor vocês todos sumirem do mapa, não vão fazer uma maldita diferença!

— Escuta aqui, isso é desacato! Posso dar voz de prisão ao senhor! — Thomas se levantou e estufou o peito para cima do homem.

— Mas nem estão em serviço! Opa! Acho que não faz diferença, não é mesmo? — o homem riu sarcasticamente.

— O desacato ocorreu em razão da função!

Levantei imediatamente e fiquei entre os dois. Olhei sério para o homem:

— Se não quer ter um registro na polícia, é melhor o senhor voltar para casa e tomar um banho frio. Eu realmente não estou no ânimo de ter que repetir isso para o senhor.

O homem olhou com repulsa para nós dois e foi embora. Thomas me empurrou e socou a mesa da lanchonete.

— Você é idiota ou se faz? Aquele homem acha que pode sair falando o que quiser para alguém da polícia?! — os olhos de Thomas estavam vorazes, ele tinha saído do controle.

— Não vou discutir com você, mas aconselho também ir para casa e tomar um banho de água fria para se tranquilizar. Não faz sentido você descontar em um homem bêbado uma falha que é nossa.

Peguei minha carteira e joguei algumas cédulas em cima da mesa.

— Quando estiver mais tranquilo, volte a falar comigo.

Me virei para ir embora e, com os olhos, pedi desculpas para todos que estavam ali presentes e que haviam testemunhado o ocorrido. O máximo que eu poderia fazer para descarregar a tensão que se instalou em mim era me afundar no trabalho, pelo menos ali eu sentia que o alívio chegaria mais cedo ou mais tarde. Entrei no carro e telefonei para Eve.

— Que — ela atendeu com uma voz arrastada, mas mesmo assim ríspida.

— Está fazendo o que na sua folga?

— Olhando para o teto — Eve respondeu categórica, sem espaço para rebater, o que me fez achar que ela estava conversando com a mãe ou pensando nela.

— Vamos para ao Departamento, precisamos recapitular tudo o que aconteceu até o momento para tentar pescar algum detalhe que não prendeu nossa atenção antes.

— Você é bem inconveniente — afirmou.

— Como se eu fosse o único — retruquei.

Sentei em minha mesa e esperei por Eve durante mais de quinze minutos. A detetive apareceu vestida de terno e com um coque na cabeça, seu andar duro mostrava o quanto não queria estar no Departamento.

— Eu trabalho igual uma condenada para cima e para baixo, e no meu dia de folga você me chama para cá?

— Não tente me enganar, Eve, sei que você está animada para rever o caso.

Ela ficou em silêncio, mas seus olhos me encaravam secamente. Eu tinha certeza de que Eve pensava em maneiras de me fazer sofrer – por saber muito bem que ela não achava de todo ruim trabalhar na folga. Sentou na cadeira em frente de minha mesa e empilhou vários papéis em um canto para dar espaço para os do caso.

— Eu conduzo — como de costume, ela dominou a situação. — Primeiro vamos falar das vítimas de agora.

Peguei um papel que estava na base da pilha e o puxei com cuidado, li e fiz um resumo em voz alta:

— Katherine Rice, 18 anos. Estava no último ano da escola e foi encontrada no pântano por Sophie Fields — senti meu estômago embolar, em um segundo tudo o que aconteceu naquela época passou na minha cabeça, mas mantive o profissionalismo e continuei: — Tinha um diário que relatava uma perseguição e que também falava sobre os bilhetes de aviso. Ela tinha um irmão mais velho e também participava de uma banda. Somente essas coisas que sabemos que são relevantes? — perguntei ao colocar o papel separado na mesa.

— Ela tinha um ex-namorado, Jake Martin, o álibi do cara confere — Eve disse, se acomodando na cadeira e pegando o relatório da necropsia. — Segundo Archibald, ela tinha marcas nos tornozelos, significando que a prenderam. Cortes e queimaduras feitos em vida, cada um totalizando vinte e cinco. *Causa mortis* foi asfixia e seu corpo foi posicionado para simular

que ela mesma se estrangulava, além de ter as fitas coloridas, o “x” na barriga e estar sem as pálpebras. Exatamente o mesmo *modus operandi* do Maníaco do Pântano.

Arqueei as sobrancelhas e respirei fundo. Rever os casos causava uma sensação tão ruim que até Eve era afetada. É questão de tempo até que as outras seis vítimas sejam mencionadas no assunto. Lidar com serial killer é prova de fogo para a polícia, traz um sentimento de incapacidade e miserabilidade impossível de descrever. Conforme os corpos aparecem, a urgência para resolver logo o crime quase te enlouquece. Peguei outra folha, ela falava sobre a última vítima, até o momento.

— Daniella Enos, 26 anos. Trabalhava na administração de uma logística. Tinha alguns desafetos, mas de acordo com nossas investigações, nenhum tem chance de ser o responsável. Sofreu exatamente o mesmo método que Katherine, inclusive recebeu os bilhetes. Tinha uma melhor amiga, Nina, que estava viajando para se apresentar em um luau na época. Sophie Fields — o nome que não para de aparecer — reconheceu a vítima e disse que, pouco dias antes da morte, a viu entrar na casa de Sean Lee.

— Não esqueça que a mensagem “BOOOOMMM! EU VOLTEI” estava próxima ao corpo — Eve lembrou.

Assenti e perguntei:

— Temos dois suspeitos até o momento, correto?

— Sim. Joe Sherman, dono de mercearia. Recentemente a polícia do Colorado nos enviou informações sobre ele devido uma intimação. Tem um passado violento: devido ao uso de bebidas alcoólicas, bateu na esposa uma vez. Foi ele que encontrou o corpo de Daniella. A minha teoria é de que ele matou essas meninas e “encontrou” — ela fez aspas com os dedos — o corpo de uma delas para nos despistar. Mehra disse que seriais killers muitas vezes recorrem ao álcool, então talvez ele já sinta vontade de matar desde quando morava no Colorado, por isso se embebedava. Talvez não tenha matado a esposa por consideração pelo filho ou por ela não ter as mesmas características das outras meninas. Ele decidiu ir embora do estado para libertar sua vontade, matando as vítimas de 2013 e voltando agora.

A teoria de Eve tinha sentido. Joe deveria permanecer na lista de suspeitos até encontrarmos algo que o culpe ou o inocente.

— O nome dele não surgiu em 2013.

— Não, mas os outros nomes que chegamos a considerar também não.

Eve estava séria e atenta, ela não deixava a raiva transparecer, mas já tinha deixado claro para todos que Joe não era alguém que tinha caído no seu gosto.

— O segundo suspeito é Sean Lee. Não encontramos nada que o incrimine, mas ele não apareceu desde que o corpo de Daniella foi encontrado.

— Eles terminaram poucos dias antes, não? — perguntei.

— Sim, mas isso não o inocenta. Sean morava em Forest Hill na primeira onda de assassinatos, ele era casado e se mudou um pouco antes do último corpo ser encontrado. Refizemos seus passos e descobrimos que ele estava na cidade para uma curta estadia a fim de terminar de ver os detalhes da mudança.

— E ele voltou novamente para a cidade um pouco antes de Katherine ser encontrada. Descobriram o paradeiro dele?

— Ainda não, ele é discreto e não usa muito o cartão de crédito. O que o torna muito suspeito.

Esfreguei os olhos e passei a mão na cabeça. Procurar pessoas e resolver quebra-cabeças eram as coisas que mais me atraíam no que eu fazia, mas tinha muita coisa passando pela minha cabeça, não conseguia manejar muito bem.

— É melhor não irmos por esse caminho da discrição ser um indício. Os seriais killers muitas vezes são pessoas agradáveis com a capacidade de cativas outras. Lembra do caso do Ted Bundy? Ele era considerado uma pessoa sincera e comunicativa. Essas pessoas vestem uma máscara social, não se deixe enganar — Eve afirmava com propriedade, me peguei olhando bobo para ela. A Rickenter tinha herdado a perspicácia dos pais. Ao contrário de mim, que ainda me achava um tolo comparado ao meu pai.

— Temos Sean e Joe, então devemos procurar mais suspeitos. Onde está o documento que Mehra enviou?

— Aqui — após uma breve busca, Eve encontrou o papel e me entregou.

— Ela analisou bem o cenário e as condições em que as vítimas foram encontradas. Ela é uma profiler melhor que o de 2013.

— Mehra tem um jeito próprio, mas é competente. O que diz aí mesmo?

Olhei para Eve e sorri com o comentário. A detetive de comportamento estranho tinha estranhado o comportamento de outra pessoa. Evitei rir, voltei meu foco para a folha, não queria escutar reclamação da Rickenter.

— As oito vítimas não sofreram abuso sexual, então não conseguimos definir o sexo do assassino a partir disso. Mas é possível confirmar que, pela maneira agressiva que elas foram tratadas, com cortes e machucados, é possível afirmar que o Maníaco odeia mulheres, especificamente o estereótipo de *Queridinha da América*: bonita, rosto angelical, bem quista e loira. Devemos prestar atenção no número vinte e cinco, ele não é aleatório, representa algo. Bom, seguindo a linha do ódio ao estereótipo, a retirada das pálpebras pode significar que ele deseja que o mundo veja que as pessoas não são quem aparentam ser, ele quer que busquem a verdade e abram os olhos. A falta de roupas mostra como as pessoas são desprotegidas. O *x* é usado comumente para indicar alvos, nelas é como se mais um tivesse sido abatido. O Maníaco é alguém calmo, sagaz, que vê e dá importância para as significações das coisas.

— Que horror... — Eve sussurrou e eu concordei com a cabeça. — E as mensagens para o Departamento?

— Um aviso de que foi ele que causou a morte de Katherine e Daniella. Seriais killers não gostam de ver outros receberem créditos pelos seus trabalhos.

— Realmente...

— Bom, temos que analisar as outras seis vítimas, juntar todas e ver se elas têm mais algo em comum, além da aparência. Na idade, todas estão entre dezoito e vinte e nove anos, o Maníaco não vai fugir disso caso tenha outra vítima — minha voz estava pesarosa, mas tínhamos que encarar a verdade: enquanto não o encontrarmos, mais mulheres mortas iriam aparecer, um serial killer nunca para por conta própria de maneira definitiva.

— Ele não vai parar até o pegarmos — Eve disse em um tom mais baixo e olhando para o vazio. Depois de alguns segundos sem falar, ela deve ter percebido seu estado e voltou ao normal. — Josh, você acha que o Maníaco foi o assassino de Robert?

Evitei transparecer tristeza ao escutar a pergunta, ela ainda se recusava a chamá-lo de pai durante as investigações. Eu tinha certeza de que ela estava devastada com a morte não esclarecida, mas turrona do jeito que era, não deixaria que outros enxergassem isso.

— Sinceridade? As chances são enormes. Mas o motivo ainda não está claro, talvez seja rancor pela investigação de 2013 — se fosse, eu teria que

pedir para o meu pai viajar sem data para voltar —, ou ele queria voltar a praticar suas atividades no pântano sem que existisse alguém por perto.

— Devemos então calcular um raio para o local que o Maníaco usa, não deve ficar tão longe.

Um oficial se aproximou da mesa e disse:

— O capitão marcou uma coletiva de imprensa de última hora. Ela começa daqui duas horas.

Esfreguei minha testa e respirei fundo. Era só o que faltava. Vários jornalistas, um querendo fazer a melhor pergunta que o outro, mas todos só querendo falar o que acham para, de certa forma, menosprezar a dedicação da polícia. Olhei para minha parceira e a vi aborrecida, tinha a sensação de que a qualquer momento ela se levantaria enquanto empurrava a cadeira para longe, mas acabamos indo até a sala do capitão. Ele nos instruiu como se comportar e o que deveríamos ou não falar.

Esperar pelo início da coletiva foi uma dura prova de paciência. Ver os jornalistas chegando, procurando os melhores lugares para as filmagens e fotografias faziam com que Eve e eu quiséssemos que o tempo passasse em um piscar de olhos. Apesar de estarmos preparados para que não nos massacrassem, caso isso acontecesse, a população não se sentiria segura e entraria em alarde, talvez até mesmo querendo fazer justiça com as próprias mãos. O que não era desejado por todos nós.

Quando todos já estavam em seus lugares, o porta-voz da polícia iniciou a apresentação e os agradecimentos pela presença da imprensa. Em seguida, Eve, o capitão e eu entramos e sentamos na mesa de frente para a pequena multidão, microfones e copos de água repousavam nela. Senti minha mão suar de nervosismo e Eve comprimia os lábios, evitando olhar para o grupo cheio de câmeras, gravadores, celulares e blocos de papel. Após a fala do capitão, foi aberto espaço para as perguntas, quem daria a oportunidade era o capitão.

— Você — ele disse ao apontar para um homem de quarenta anos que usava óculos de armação grossa.

— Boa tarde, sou Travis McNeal do canal 8. Gostaria de perguntar para os detetives do caso se a polícia já tem suspeitos.

— Em cima da minha mesa tem uma pilha cheia de nomes — respondi —, o que nós estamos fazendo agora é procurar pelo o certo.

— Você de terno branco — o capitão disse, interrompendo qualquer segunda pergunta que o repórter do canal 8 se preparava para fazer.

— Rachel Rooney do canal 4. Detetives, nossa emissora acompanha a investigação desde o vazamento da informação do primeiro corpo e, até o momento, não surgiu nenhum nome forte. O que vocês têm a dizer sobre isso? É o despreparo da polícia? Vai repetir o que aconteceu em 2013?

Olhei de soslaio para Eve e a vi fechar os punhos de tanta raiva que sentiu com o menosprezo. A puxei para perto de mim e sussurrei em seu ouvido:

— Calma, o trabalho dela é esse. Deixa que eu falo.

Eve olhou para mim e bebeu um gole enorme de água, tombou a cabeça para outro lado e entendi que era a minha deixa para falar. Puxei a cadeira mais para frente, a fim de me ajeitar e disse:

— Rachel Rooney, certo? — ela assentiu com a cabeça. — Posso afirmar que houve mesmo certo despreparo da parte da polícia em 2013. Nunca antes na história da nossa cidade e na das vizinhas, aconteceu um caso de serial killer. Tentar alcançar um exige muito e é isso que nós estamos fazendo agora. O DPFH está completamente focado em capturar o Maníaco antes que ele possa fazer mais outras seis vítimas. Estamos mais aptos hoje em dia, nossa visão mudou. Mas você também tem ideia de como estamos em situações totalmente diferentes? Quero dizer, a polícia e o Maníaco. Nós agimos sob pressão da mídia e da população, como por exemplo agora, em vez de caçarmos o criminoso, estamos gastando nosso tempo respondendo perguntas que vocês já têm a resposta. Sei que é dever do jornalista e da população cobrar o que estamos fazendo, mas não posso negar o fato. Já o Maníaco, em sua cabeça pensa que não deve explicação a ninguém, por isso age da maneira que quer: no escuro, sozinho, ninguém sabe e ninguém viu. Isso torna nosso trabalho muito mais complicado.

O capitão olhou feio para mim, encolhi levemente os ombros, de uma maneira que somente ele entendesse meu pedido de desculpas por ter sido direto demais com a repórter.

— A última pergunta, por favor. Você que está com essa caneta verde.

— Taissa Gardner, jornal Forest Time. Vocês poderiam dar mais algum detalhe do caso?

Dessa vez Eve tomou a frente e, com seu jeito particular, respondeu:

— Evitamos divulgar detalhes para evitar copiadores — balançou a cabeça para cima e para baixo, se levantou e saiu.

Olhei para o capitão e ele acenou positivamente. Levantei para ir embora e aqueles jornalistas começaram a falar um em cima do outro, não entendia

nada, mas não me esforcei. Tudo o que eu queria era ficar no silêncio.



CAPÍTULO 31

Emily terminou de comer o biscoito se jogou na minha cama, fingi não perceber que ela tentava disfarçar olhares para a parede com informações do caso. Sentei em uma ponta e ela se esparramou, pegando um dos meus travesseiros para abraçar.

— Viu Josh na televisão? — perguntou tentando parecer distraída, mas a conhecia muito bem para saber que ela estava se corroendo por dentro para saber o que eu pensava sobre isso.

— Vi sim — fui curta para que a curiosidade dela ficasse mais aparente.

— E? — ela agiu como eu esperava. Sentou e encostou na cabeceira da cama, seus olhos estavam arregalados e fixos nos meus.

Suspirei e apoiei minha cabeça em suas pernas, estiquei as minhas e fechei os olhos ao sentir o cafuné em minha cabeça.

— Quando ele falou com aquela jornalista, a Rooney, senti o quanto está sobrecarregado, exausto e decepcionado consigo.

— Você viu tudo isso? Só percebi um detetive meio grosso.

— Eu o conheço. Sei que não agiu daquela maneira porque quis. Ele precisa de algo, alguma resolução, não sei — involuntariamente defendi Josh enquanto ajeitava minha cabeça no colo de Emily.

— Ei! Não dorme! Estamos conversando — ela protestou ao perceber minha intenção. A verdade era que eu me sentia mal quando falava sobre esse assunto, então fazia o possível para fugir dele. — Continuando... acho que a senhorita tem que falar com ele. Sabe-se lá o que pode acontecer com você... estou falando sério, Sophie. Você passou uma semana no outro lado do estado, mas agora voltou para Forest Hill, lugar que você recebeu dois malditos bilhetes. Se não falar com Josh, eu falo.

Levantei de imediato e olhei para ela um pouco assustada.

— Você não ousaria!

— Isso aqui é sério, Sophie! — ela apontou para a minha investigação. — Você recebeu dois bilhetes, isso significa que o Maníaco-louco-pirado está atrás de você. Já viu alguma sobrevivente dele? Isso mesmo, não existe!

As palavras de Emily eram como patadas no meu rosto, elas doíam, mas se doíam, era porque ela dizia a verdade. Uma verdade que eu teimava em não querer entender.

— Mas... — tentei rebater, porém fui interrompida.

— Mas nada! Você o viu falando que a polícia está mais preparada e, mesmo se não estivesse, eles são a polícia! É trabalho deles proteger! Além do mais, você entendeu tudo errado a minha história de você mesma pegar seu cobertor.

Estreitei os olhos com o que Emily disse, mas não contradisse, lembro que ela não aceitou a ideia no começo, mas agora já era tarde demais. Me afastei e deitei na cama.

— Ele vai enlouquecer. Isso era o que ele mais temia.

Virei para o lado dela e coloquei uma das mãos no rosto, Emily a retirou e me fez olhar para ela.

— Temer algo não significa que não vai acontecer em algum momento. Vocês devem encarar isso. Ainda não está tão tarde, liga para ele e combinem de se encontrar ainda hoje, não espere mais. Eu entendi quando não quis falar na última vez, você ainda estava assustada, mas agora não há mais motivo para fugir — seu tom de voz era impossível de ignorar, coloquei meu rosto no travesseiro e meu grito saiu abafado.

Enviei uma mensagem para ele e, enquanto esperava pela resposta, pensei em perguntar para Emily como estavam os estudos, se estava confiante quanto a entrar em uma universidade no próximo semestre, mas decidi não falar nada, achei que não seria um assunto apropriado depois de todo a conversa sobre *você-foi-marcada-para-morrer*. Fechei os olhos e tentei cochilar, mas logo senti a mão da minha amiga em meu braço, ela avisou que chegou uma resposta. Josh estava em casa e disse que estava livre, respondi que em alguns minutos chegaria.

— Sabe que pode ficar aqui quanto tempo quiser — comentei ao pegar uma jaqueta e os bilhetes.

— Vou sair com você, tenho matéria para revisar — ela levantou da cama e, antes de se despedir, reforçou o conselho de não adiar a informação sobre os bilhetes.

Coloquei a jaqueta e passei pelo quarto de Chloe, ela estava escutando música e mexendo no celular. Sei que mal me ouviu avisar que iria sair, mas mesmo assim concordou. Minha mãe provavelmente estava na casa de Margot com o *clubinho das mulheres* para fofocar e comentar sobre a coletiva de imprensa.

Assim como prometi, em poucos minutos já estava batendo na porta de Josh. Ele atendeu meio sem jeito, estava com uma calça moletom e camiseta branca, uma mecha de seu cabelo caía entre os olhos e essa visão fez meu mundo parar por um milésimo de segundo.

— Entra — convidou, isso me fez voltar para a realidade.

— Licença — entrei e notei que tudo continuava a mesma coisa desde a última vez que estive na casa dele.

De verdade. Tenho certeza que o casaco branco estava exatamente na mesma poltrona e que o par de tênis estava no canto da sala, atrás do abajur. Organização de casa não era o forte de Josh, o que é estranho, já que ele era zeloso no trabalho. Ele me acompanhou até o sofá e perguntou se eu queria beber algo, recusei e agradeci. Josh foi até a cozinha, voltou com uma garrafa de cerveja e olhou para mim, me esperando falar algo – mas eu ainda tentava encontrar a maneira certa de falar.

— O que tenho a dizer é algo que você não quer ouvir, mas sei que tenho que falar.

Eu estava desconfortável. Sabia o quanto ele estava chateado comigo, tudo o que eu queria era que voltássemos a ser como antes, mas não era mais possível. Basta que algo quebre apenas uma vez para que a marca permaneça sempre ali. Josh e eu não poderíamos voltar a ser o casal feliz que um dia fomos, eu tinha que aceitar que na minha frente estava Josh Sanders, detetive do Departamento de Polícia de Forest Hill, não o cara que eu namorava e por quem ainda tinha sentimentos.

— Por favor, fale logo — seus olhos estavam inundados em preocupação, até tinha esquecido de beber a cerveja. Mil coisas deveriam estar passando pela sua cabeça no momento.

— Sabe o quanto estou envolvida no caso, não é mesmo? Encontrei o primeiro corpo, vi a segunda vítima e tudo mais...

— Sim — seu tom era do tipo *fale logo, não sei mais o que de ruim posso imaginar*.

— Algum tempo atrás, umas duas ou três semanas, comecei a receber isso — coloquei a mão no bolso da jaqueta, retirei os dois bilhetes e

entreguei para Josh. — Na primeira vez, alguém esbarrou em mim e deixou na minha roupa. A segunda aconteceu na inauguração de uma casa de show, deixaram perto de mim no balcão do bar.

Josh colocou uma das mãos na frente da boca enquanto olhava os bilhetes, consegui ver seu maxilar trincar. Não olhou para mim em momento algum. Estava decepcionada comigo mesma, ainda não sabia se o que acontecia era minha culpa ou se de qualquer maneira eu já estava na lista do Maníaco.

— Foi por isso que decidi ir para Tallahassee de última hora, queria saber se era alguém brincando comigo ou se eu estava imaginando demais. O Maníaco mandou bilhetes assim para as vítimas, né? Para o Departamento também — relembrei o dia que achei o papel com a onomatopeia.

— Você deveria ter ido direto para a polícia. Eu em casa não posso fazer nada — apesar de estar sério, eu sentia raiva e medo em sua voz.

O que ele estava pensando? Talvez estivesse me repreendendo ou reclamando que havia pedido para que eu ficasse longe e, na minha teimosia, não o escutei. Talvez estivesse praguejando por não ter solucionado o mistério anos antes ou logo quando Katherine apareceu. Mas também poderia ser as duas possibilidades. Eu não tinha ideia.

— Mas confio em você, Josh. Queria que soubesse primeiro... — abaixei o olhar e encarei minhas mãos que não paravam de mexer.

— Mais alguém sabe sobre isso? — ele balançou os bilhetes no ar.

— Apenas Emily — decidi deixar de fora a informação de que tinha sido ela quem me obrigou a falar com ele sobre o assunto.

— Era isso que queria falar quando foi ao Departamento? — apesar de ser em tom de pergunta, ele já sabia a resposta, por isso não o respondi.

Josh me devolveu os bilhetes e se levantou. Andou de um lado para o outro e esfregou o rosto. Eu não sabia qual seria sua reação, todos os meus chutes sobre como seria esse momento estavam errados. Ele não reclamou, não disse que tinha pedido para que eu ficasse longe... nada. Seu controle estava perfeito, conseguia esconder o que realmente queria dizer. Isso me surpreendeu.

Josh sentou ao meu lado e pegou minhas mãos:

— Sophie, isso é sério. De verdade. Esses bilhetes vão além de qualquer aviso que eu já dei para você. Quero que vá amanhã ao Departamento e procure por mim ou por Eve para tomarmos medidas para te proteger e

também para obter mais informações sobre como você os recebeu — ele passou a mão no contorno do meu rosto e disse de maneira doce e protetora: — Não vamos deixar que o terceiro bilhete te encontre.

Ao ouvir o que ele disse, não me controlei e me joguei em seus braços. Algumas lágrimas rolaram dos meus olhos e o abracei fortemente.

— Me desculpe, Josh. Não queria que nada disso acontecesse.

Ele me abraçou de volta e passou a mão em minha cabeça.

— Eu também não, mas temos que focar em encontrar quem está fazendo isso.

Sem pensar direito, minha mão procurou a de Josh, quando as entrelacei, senti seus músculos do braço enrijecerem, foi então que percebi o que estava fazendo. Rapidamente me afastei e sequei as lágrimas ao murmurar mais um pedido de desculpas.

— Nós decidimos que seria melhor mantermos uma distância nesse sentido, lembra? — ele disse de maneira triste.

— Lembro, foi sem querer — cocei a cabeça e me levantei. — Preciso ir agora — voltei a guardar os bilhetes no bolso e fechei mais a jaqueta, cruzando os braços em seguida.

— Você sempre pode vir falar comigo — ele também se levantouo.

— Ok — falei baixinho e fui até a porta.

Abri e parei.

— Amanhã apareço para fazer as coisas formalmente.

— Espero.

Olhei para ele por mais alguns curtos segundos e sai, fechando a porta atrás de mim. Parei por um instante e assustei ao escutar Josh socando a parede. Levei a mão até a boca para conter um choro e corri até o carro. Não me ajeitei direito, apenas liguei o motor e corri para casa.

Quando cheguei em casa, já tinha voltado ao meu normal. Não completamente, minha cabeça pesava. Mas nada que uma noite de descanso não melhorasse. Minha mãe ainda não tinha voltado para casa e tudo estava escuro. Deixei as chaves em cima da mesa, perto da porta, e subi as escadas com cautela. Alguma coisa não estava certa, Chloe deveria ao menos ter deixado acesas as luzes da frente de casa. Pela fresta da porta de seu quarto, pude ver que ela ainda estava trancada nele. Sentia que alguma coisa tinha acontecido com ela, então joguei minha cabeça para trás e estralei o pescoço, era hora de esquecer todos os meus problemas e dedicar minha atenção a ela. Me aproximei da porta e bati duas vezes.

— Chloe? — perguntei com o rosto colado na madeira.

Sem resposta.

Bati outras duas vezes.

— Chloe? Abre a porta, por favor.

Escutei ela destrancar e dei um curto passo para trás. Chloe me olhou, seu rosto estava inchado, os olhos vermelhos e ela fungava muito. Fiquei preocupada e entrei no quarto. Minha irmã foi até a cama e abraçou seu urso de pelúcia.

— Não conte para mamãe — sua voz estava embargada.

Sentei ao seu lado e a abracei.

— O que aconteceu?

Parece que as duas tiraram a noite para se sentirem mal.

— Promete? — insistiu.

— Prometo, claro — o que seria esse problema ao comprar com os bilhetes que escondi de nossa mãe?

— Paul apareceu aqui, não tem nem cinco minutos que foi embora — ela soluçava e eu fiquei aflita com o que aquele moleque poderia ter dito para ela. Apertei seu ombro no abraço para que ela se sentisse segura para contar o que fosse preciso. — Até hoje ele não aceita que o rejeitei. Na escola ele fica me zoando na frente dos amigos, mas veio aqui em casa para pedir desculpas. Ele entrou e conversamos na sala.

Aos poucos ela controlava o choro, por isso limpei as lágrimas que ainda estavam em sua bochecha.

— Ele disse um monte de coisa bonita, foi difícil não cair na lábia dele. Paul sabe muito bem administrar as palavras. Ele se declarou para mim, falou que eu não estava pensando direito quando terminei com ele, ainda prometeu que ficaríamos juntos para sempre. Inclusive, sugeriu que fugíssemos — os olhos de Chloe estavam marejados, mas ela não deixou que nenhuma outra lágrima caísse. — Recusei de cara essa idiotice, lembrei do nosso pai e como a mamãe ficou arrasada quando ele foi embora com aquela outra mulher. Eu não queria que ela ficasse assim de novo por minha causa. Paul disse que não era mais para eu olhar para a cara dele, gritou muitas coisas que me machucaram e saiu bravo.

Puxei Chloe para mais perto de mim e beijei sua cabeça. As dores do primeiro amor sempre vêm e voltam. Como um sentimento tão bonito faz com que as pessoas se sintam tão infelizes?

— O pior é que eu estava bem antes disso, sabe? Estava seguindo em frente, tinha conseguido encerrar o assunto. Aí ele aparece e faz uma palhaçada dessa?

— Garotos como Paul são assim, Chloe, infelizmente esse tipo de gente existe. Você tem que se manter forte e firmar na decisão que tomou. Sabe muito bem que ele é uma péssima pessoa e você mesma decidiu ficar longe dele, qualquer coisa que ele falar, só deixe entrar em um ouvido e sair pelo outro. É difícil, eu sei, mas é necessário. Você é incrível demais para deixar que alguém como ele te afete.

Ela me abraçou e agradeceu por eu não fazer julgamentos e nem brigar por Paul ter entrado. Disse que estava se sentindo sozinha e pediu para que eu dormisse com ela. Claro que concordei. Precisei somente deixar os bilhetes no meu quarto e trocar de roupa. Na volta, deitei ao lado de Chloe e cantei até que ela pegasse no sono, como nos velhos tempos. O que ela não sabia é que esse nosso momento também estava me fazendo sentir melhor.

Chloe já tinha levantado da cama quando acordei, então menos de oito da manhã não era. Esfreguei os olhos e bocejei ao me espreguiçar. Rolei os olhos ao lembrar que teria que ir ao Departamento para falar sobre os bilhetes. Saber que eu passaria novamente por todo o processo de sentar em uma cadeira e passar as horas seguintes contando sobre algo não me motivava a sair da cama. Tomei banho e desci para comer algo. Pensei na minha irmã. Ela precisava de uma companhia nova. De todas as pessoas que conheço, somente uma voltava a todo momento em minha cabeça. Era a pessoa perfeita!

Louise Torv, a ex-nômade, a mulher que conseguiu superar seus demônios pessoais envolvendo drogas e bebidas e se tornou um ser humano melhor. Quem a vê dedicada nos estudos e dividindo seu tempo com o trabalho na padaria, não acreditaria na Louise das histórias contadas pela própria. Ela era a melhor companhia para Chloe. Seria de grande ajuda, minha irmã enxergaria o potencial que carrega e evitaria desperdiçá-lo com quem não merece. Liguei para ela e após três toques fui atendida.

— Bom dia, Louise! Espero não atrapalhar seus estudos — na verdade, não tinha decorado o horário dela e nem sabia direito qual acordo ela e minha mãe fizeram, então ela poderia estar estudando ou na padaria.

— Bom dia, Sophie. Que isso, o professor não apareceu, então vim na padaria ajudar Bonnie.

— Ah que bom — fiquei aliviada por não ter interrompido seus estudos. — Quero te pedir algo.

— Depois que conheci Ben por causa de você, a senhorita pode pedir tudo.

Ri baixinho ao lembrar do dia no bar, Louise tinha se apresentado praticamente sozinha para ele.

— Chloe não está em uma boa fase, ela precisa de amigos que possam ajudar e você é a melhor pessoa para isso.

— Fico agradecida por você pensar assim. Claro, vou sair com ela sim. Sempre achei sua irmã fofinha demais, mesmo com o rosto sempre fechado — respondeu animada, o que me deixou contente.

— Obrigada, Louise! Vou passar o número dela para você, mas ela não sabe que estou pedindo isso, ok? Marca alguma coisa como se estivesse partindo de você.

— Tudo certo. Tenho que ir agora, beijos!

— Até depois — me despedi e, assim que desliguei a ligação, passei o número de Chloe por mensagem. Deseja muito que isso desse certo.

Uma semana passou e a polícia não conseguiu nada de relevante com relação aos bilhetes que recebi. Inclusive, eles ficaram no Departamento, os detetives disseram que eram parte da investigação, então contra a minha vontade, tive que os deixar. Pedi para Josh me manter informada de maneira extraoficial, assim ficaria mais tranquila, e ele concordou, mas passaria somente o básico, nada muito profundo do que investigavam. Como não tinha nenhuma outra alternativa, tive que ficar com essa.

As filmagens do dia em que recebi o primeiro bilhete não mostravam muita coisa, existiam somente duas câmeras na região, então logo a polícia perdeu de vista o suspeito. As da casa de show ainda não estavam funcionando, parece que aconteceu algum problema com elas ou algo parecido, não sei. Minhas descrições e as filmagens não ajudaram muito, Eve reforçou o uso do celular que me deu na outra vez que falei com eles, bastava estar ligado para que eles soubessem minha localização. Ele já andava comigo, mas depois que isso tudo aconteceu, se tornou um acessório indispensável.

Rolei na cama e encarei a parede com informações. Depois que voltei de Tallahassee, não mexi muito nela, estava com medo. Ainda tinha dúvidas se o Maníaco sabia que eu estava mais envolvida do que aparentava, mas li algumas histórias e percebi que em muitas delas, o serial killer era alguém

que tinha olhos e ouvidos em todos os lugares. Uma onda fria sempre passa por mim quando lembro isso.

Quem não ficaria medroso em uma situação como a minha? Não suporto deixar algo inacabado, eu estava dividida entre largar tudo para me esconder nos cobertores e continuar o que eu estava fazendo, afinal, não tem como remediar quando o estrago já está feito.

Fiquei de joelhos na cama e me aproximei da parede, olhei para tudo o que tinha conseguido: o *modus operandi* do criminoso, o nome e resumo da vida das seis vítimas de 2013, minha dúvida em relação ao número vinte e cindo, as coisas que a profiler escreveu no relatório e também informações das últimas duas vítimas. Sabia um pouco mais de Katherine: estava terminando a escola, tinha um irmão mais velho e participava de uma banda – banda que continuou ativa após sua morte e prestou uma linda homenagem em uma apresentação.

Daniella teve um *affair* com Sean, o vizinho que sumiu. Minha cabeça doía ao tentar ligar todas as vítimas, além da aparência, não encontrei o que elas tinham em comum. O que nós temos em comum. Às vezes a resposta está na nossa frente, mas não conseguimos ver a tempo, só quando já é tarde demais. E se existia uma coisa que eu não queria, era descobrir a verdade quando não tivesse mais tempo.

Pelo menos alguma coisa deu certo, a amizade de Chloe e Louise parecia que estava engatinhando. Não vi mais minha irmã triste, anda até mesmo sorridente, isso fez com que meus pensamentos se tornassem mais leves.

Prestes a me render a mais um dia sem ter ideia do que faria com minha vida, se abraçava o risco ou corria dele, escutei Chloe gritando para eu abrir a porta de casa. Ela estava no meio de uma aula com Patty, então não conseguiria atender. Desci a escada e vi quem era: Louise. Ela mal me viu e já se jogou em cima de mim com um abraçado, mesmo sem entender o motivo, a abracei também. Ela explicou quando nos afastamos:

— Isso é para mostrar o quanto estou feliz!

— Sério? — fiz um gesto para irmos até a sala e sentamos no sofá.

— Sim! Vir para Forest Hill foi a melhor decisão que tomei na vida! Estou limpa, sua mãe acreditou em mim quando me empregou, tive a oportunidade de conhecer a família maravilhosa dela, entrei na faculdade de direito e, de quebra, tenho quase certeza de que Ben e eu estamos sérios.

Conforme ela relatava as mudanças em sua vida, sua voz embargava e os olhos marejavam de felicidade. Senti meu coração pular de alegria, ela tinha crescido muito como pessoa e escutar isso vindo da própria era muito bom.

— Não tem ideia do quanto estou orgulhosa. Você é muito especial.

— Ah, Sophie, para! — ela não se aguentou e me abraçou novamente.

Chloe interrompeu com um pigarro.

— Não se preocupe, Chloe, tem abraço para você também, se quiser — Louise fingiu que iria até ela para abraçá-la.

— O departamento de abraços e momentos melosos fica bem ali — minha irmã apontou o dedo na minha direção.

Fingi indignação, levantei do sofá e caminhei até a divisa entre a sala e o hall de entrada.

— Com licença, então — soei afetada.

Mas não fui embora, fiquei espiando a conversa das três. Chloe e Louise se davam muito bem e Patty também participava no assunto. Por um momento, desejei que tudo fosse tão simples como a cena que eu assistia. Seria muito melhor se nossa única preocupação fosse contar uma história interessante ou uma piada engraçada.

Fechei os olhos e respirei fundo, eu ainda tinha que decidir o que faria com a investigação amadora.



CAPÍTULO 32

BENRICE: Sophie?

FEE-FEE: Oi

BENRICE: O celular de Louise estragou?

FEE-FEE: Não sei, por quê?

BENRICE: Tem alguns dias que quero falar com ela, mas não atende. Fui até mesmo até a padaria, mas sua mãe disse que ela pediu alguns dias de folga. Não faço ideia em que lugar ela pode estar.

FEE-FEE: Ah, verdade, minha mãe comentou mesmo sobre essa folga. Fica tranquilo, ela já deve voltar.

BENRICE: Sophie, fico inquieto quando penso onde que ela pode estar. Estou muito preocupado, ela não deu um sinal sequer. Você era mais amiga dela, sabe pra onde ela pode ter ido?

Roí minha unha ao ler o que Ben escreveu, ele queria mesmo querendo saber onde Louise estava e o sumiço dela começou a me incomodar também.

FEE-FEE: Preciso ir agora, chegou visita em casa. Mas vou procurar saber e te falo assim que tiver algo.

BENRICE: Ok, irei esperar.

FEE-FEE se desconectou

Abaixei a tela do notebook e peguei o celular. Realmente, Louise não atendia, todas as quatro chamadas foram para a caixa-postal. E, parando para pensar, não tive nenhuma notícia sobre ela nas últimas duas semanas, nem Chloe comentou sobre. Franzi o cenho e senti um tremelique passar pelo meu corpo.

Desci para a cozinha que vi que Margot tinha chegado, a cumprimentei e fui até minha mãe.

— Sabe que diz Louise volta?

Ela encostou na bancava e colocou o pano de prato em um dos ombros. Olhou para o nada por alguns instantes, provavelmente fazia alguma conta.

— Louise me pediu dez dias de folga.

Passei a mão na cabeça, fiquei preocupada.

— Ela não dá notícias há quinze dias — falei de maneira séria.

Margot, que até então estava com sua atenção voltada para um punhado de amendoins, comentou:

— Vai ver ela quis alongar a estadia no lugar que está. Ou quis voltar para antigos hábitos.

Respirei profundamente quando escutei ela falar. Louise não queria voltar para *antigos hábitos*. Na última conversa que tivemos, ela disse que estava muito feliz com suas conquistas e que não abandonaria tudo para voltar a viver na mesma maneira que antes. Minha mãe foi mais rápida que eu e rebateu Margot:

— Claro que não! Aquela menina é ouro, fiz certo ao dar um voto de confiança. Ela é determinada e forte. Alguma coisa deve ter acontecido para ela ainda não ter voltado.

— Não está mais aqui quem falou — Margot levantou os braços, como se estivesse se livrando da culpa ao perceber que falou besteira, e voltou a prestar atenção nos amendoins.

— Já ligou para ela? — minha mãe se virou para mim.

— Já. Quatro vezes. Nem Ben tem notícias dela — escutamos batidas na porta e minha irmã, que estava na sala, disse que atenderia. — Chloe não falou nada?

— Não.

Minha irmã entrou na cozinha, seguida por Patty.

— Hoje tem aula? — Margot perguntou.

— Oficialmente não, mas Patty tem que repor uma aula. Com o quanto gasto com ela, acho até que deveria ter todos os dias — o humor ácido de Chloe logo se mostrou presente e eu tive que segurar uma risada.

— Chloe — a chamei antes que sumisse para a aula.

— Que foi?

— Tem falado com Louise?

— Não. A última vez foi uns dois dias depois que ela pegou as folgas, depois não tive mais tempo. Época de provas, apresentações com a banda, essas coisas. Por quê?

Eu não queria criar ideias na cabeça dos outros enquanto não soubesse o que estava acontecendo, então me esforcei para soar despreocupada.

— Nada, Ben perguntou por ela. Só isso.

— Ah — ela disse e se virou logo em seguida.

— Parabéns pelo proteste. Ele fez com que a polícia chamasse os jornalistas para a coletiva — Margot gritou para Patty escutar.

— Também acho isso — minha mãe disse, voltando a ficar perto da bancada.

— Ok, vamos voltar a falar de Louise — não estava com humor para ter Josh na minha cabeça —, você sabe se alguém foi no apartamento dela? — perguntei para minha mãe, ela piscou duas vezes seguidas e puxou o pano de prato do ombro.

— Não...

Assenti e fiquei mais preocupada.

— Vou lá — avisei e caminhei direto até a chave do carro.

Sentia a tensão aumentar a cada quadra que passava, apertava as mãos no volante e não sabia ao certo qual era o motivo para que eu estivesse tão apreensiva. Louise estava cinco dias sem dar notícias? Sim. Mas o que tem que anormal? Ela poderia ter espichado sua estadia. Não atendia o celular? Bom, eu também não ficava grudada nele quando viajava. Talvez meu medo estivesse me cegando nessa situação. Eu tinha que manter a calma.

Estacionei na frente do prédio e prendi meu cabelo em um coque. Receava descobrir qualquer notícia negativa. Subi até o terceiro andar e bati na porta. Ninguém atendeu.

— Louise? — chamei ao bater pela segunda vez. Novamente sem retorno.

Olhei para os lados e decidi perguntar para algum vizinho. Um homem na casa dos cinquenta anos e com uma xícara de chá na mão atendeu:

— Que foi? — perguntou ríspido, coçando a barba falha e por fazer.

— Olá, você conhece a moça que mora aqui ao lado? — ignorei a maneira que ele falou comigo.

— A loirinha que estava deixando o cabelo crescer? Sei sim, moça simpática, mas quase não parava em casa — ele colocou a cabeça para fora de seu apartamento e olhou para a porta de Louise. — Acho que trabalhava e estudava, vivia de uniforme e também sempre carregava livros.

— Ela apareceu nos últimos dias? — perguntei com a esperança de ter uma resposta positiva.

— Olha... — ele deu uma longa pausa. — Tem um tempo que ela entrou e não saiu mais. Esses dias escutei uns barulhos no corredor, mas como era meio da noite e eu não confio nesse bairro, nem me arrisquei para saber o que era — o senhor tomou um gole do chá, seus olhos que antes estavam desconfiados, agora não demonstravam emoção.

— Nem pelo olho mágico? — perguntei descrente.

— Minha filha, a senhorita acha que vou arriscar ficar perto da porta?

Esfreguei minha testa como resposta para a falta de atitude do homem e bufei.

— E os outros vizinhos?

— Os outros apartamentos estão vazios, a situação está complicada, o senhorio está pensando em vender o prédio.

Fiz um bico e agradeci o homem, ele meneou a cabeça e se virou, fechando a porta. Andei no corredor de um lado para o outro com as mãos na cintura. Ultrapassei o limite de tensão e preocupação que sentia até aquele momento. Eu tinha que reportar para a polícia o desaparecimento de Louise. E torcer para ela voltar logo.

Quando fui ao Departamento falar sobre o desaparecimento de Louise, encontrei Josh e praticamente o obriguei a me ligar caso eles tivessem alguma notícia dela. Por isso fiz plantão em volta do meu celular por cinco dias.

Durante esse tempo, foi impossível manter a naturalidade para Chloe. No dia que fui ao aparamento de Louise, contei para minha mãe o que o senho tinha dito e ela, assim como eu, ficou muito preocupada. Minha irmã percebeu nosso comportamento e tivemos que contar para ela o que sabíamos. Tive que aguentar o que estava sentindo ao mesmo tempo em que lidava com a tristeza da minha irmã. A incerteza que vivíamos era agonizante.

Chloe ia e voltava da escola em silêncio, nós sabíamos que ela estava em um estado de preparação para qualquer notícia. Eu me esforçava para não pensar no pior, mas era mais difícil a cada dia que passava sem notícia de Louise. Minha mãe contratou um temporário para ficar no lugar de Torv, já que ainda tinha esperança dela voltar.

Meu celular tocou e vi o nome de Josh no identificador. Peguei, mas soltei como se estivesse recebido um choque. Segurei ele pela segunda vez e encarei a tela. Meu estômago estava revirando de nervosismo. Para não

amarelar novamente, arrastei de uma vez o ícone que atendia a chama e levei o aparelho até minha orelha.

— Sophie?

Engoli seco.

— O-Oi Josh — gaguejei, a voz que ele tinha dito meu nome não estava nem um pouco animadora.

Josh não me respondeu de imediato, escutei barulho de folhas, parecia que ele estava andando. Automaticamente levei minha mãe até a boca e senti que não sabia mais como respirar. Soube de imediato de qual lugar ele fazia a ligação.

— Você pediu para que eu repassasse informações de Louise, estou fazendo isso só porque é *você* — ele frisou bem a palavra — que pediu — ele pausou para que eu falasse algo, mas sentia um bolo na minha garganta que não deixava palavra alguma sair. — Acabamos de receber uma chamada sobre um corpo encontrado no pântano — ele disse ao perceber que eu não falaria. Conseguia sentir o quanto Josh estava mal. — E é ela, Sophie. Encontramos o corpo de Louise.

— Não, não, não! — comecei a chorar assim que Josh falou o que eu não queria escutar, mas era como se eu já estivesse fazendo isso internamente há dias e só estava esperando as palavras exatas para externalizar.

Encostei na parede e deixei meu corpo escorregar até o chão. Escutei Josh me chamar algumas vezes, mas eu não conseguia responder. Afundei o rosto no meio das pernas e chorei de soluçar. Chloe surgiu na minha frente em pouco tempo, ela perguntava o que tinha acontecido, mas não conseguia sair daquele estado para falar algo, então apenas mostrei o visor do celular com o nome do Josh e ela entendeu na hora.

Minha irmã colocou as costas da mão no nariz, como se a impedisse de sentir a notícia. Fechou fortemente os olhos e tentou, em vão, engolir o choro. Alguns segundos depois, minha irmã também estava chorando como eu.

— Desculpa Josh. Não vou conseguir falar nada — desliguei a chamada e abracei Chloe.



CAPÍTULO 33

Se alguém dissesse que se sentia mais fracassado e inútil do que eu, com certeza eu afirmaria que isso era um grande engano. Não acreditava que um terceiro corpo tinha sido encontrado. Que era uma amiga de Sophie. E em quanta repulsa eu sentia.

Enfiei de qualquer jeito o celular no bolso da calça e voltei para o lugar em que Eve e alguns policiais forenses estavam. Eles tiravam fotos e Archibald analisava o corpo, enquanto nós, os detetives, encarávamos Louise como mais uma falha nossa.

O cabelo da vítima estava sujo e estava na altura das orelhas, a terra entre os fios indicava que o Maníaco deixou o corpo cair enquanto o posicionava. Ela estava sentada em toco de árvore, as mãos agarradas ao pescoço, fitas coloridas, ausência das pálpebras... tudo como nos outros oito corpos.

Agora eram nove.

Nove corpos.

A porcaria do Maníaco sentiria a justiça agir sem perceber a tempo o que estava acontecendo com ele.

— Ela deve estar aqui há pelo menos dois dias — Archibald se levantou e caminhou até Eve e eu. — Não preciso repetir nada, certo?

— Não — Eve respondeu e foi até o corpo.

— Detetive Sanders, não sei até quando o capitão vai negar ajuda, mas se isso não for solucionado, pode ser o fim da carreira de todos vocês. Não quero parecer insensível, mas já são nove corpos — um tom cansado foi usado pelo legista, ele bateu duas vezes no meu ombro e se afastou.

Fiquei parado e pensando no que ele disse. Archibald estava certo. Não resolver o caso era um problema tanto para meu psicológico como para minha carreira. Apesar de ter uma equipe no caso, Eve e eu éramos os responsáveis, eram nossas carreiras que estavam em jogo.

Me sentia como um apostador entre a falência emocional e o orgulho de sua competência. Cruzei os braços e deixei que o mundo funcionasse em seu tempo enquanto eu ficava recluso no meu particular – mesmo que por um pouco.

Eu estava em um dos piores momentos da carreira e não conseguia parar de pensar em Sophie. Louise era amiga dela. Sophie recebeu dois avisos do Maníaco. Queria tanto colocar ela em um pote de vidro para carregar comigo e manter sua segurança, assim, nenhum psicopata a colocaria em perigo.

— Josh? Josh? — Eve estalava os dedos na minha frente para que eu voltasse a prestar atenção. — Estão levando o corpo agora. Archibald vai realizar a necropsia e preciso que chame algum parente da vítima para o reconhecimento.

Assenti e fiz o caminho até o carro, pedi para que Eve dirigisse, eu não estava bem para manter o foco na estrada.

— ... e eles não encontraram nada na área, assim como nos outros — Eve falava alguma coisa, mas não prestei atenção em tudo, era como se fosse apenas um barulho, uma voz ao fundo. — Vamos na casa da vítima para procurar pistas e... — eu deixei minha visão voltar a se perder na estrada. — Josh? — Eve estava me chamando? Não conseguia entender. — Josh? — olhei para ela e a detetive estacionou o carro no acostamento.

Ela retirou o cinto de segurança, se virou para mim e moveu minha cabeça para que eu olhasse para ela.

— Eu estava com você quando Sophie foi registrar o desaparecimento da vítima. Percebi o quanto a garota se importava, e o mais importante: sei que Sophie recebeu bilhetes do Maníaco. Posso ser essa pessoa dura e grossa, coisa que não me importo, mas não sou fria e insensível, eu *sei* o perigo que a Fields corre, eu *sei* que você se sente em uma corrida contra o tempo. Tenho minhas ansiedades também, quero respostas para minhas perguntas, mas enquanto não as encontramos, temos que manter o equilíbrio. Ele é essencial para mantermos a sanidade.

Bufei e joguei três vezes minha cabeça contra o encosto do banco. Passei as mãos no rosto e organizei meu pensamento.

— O Maníaco deve dar gargalhadas ao assistir com pipoca a nossa incompetência e nossos caminhos que dão em becos sem saída. Essa pessoa é um gênio do mal. Um psicopata insano. Onde ele está nesse momento? Observando a próxima vítima? Sophie? Outra garota? Se vangloriando?

— Onde ele estão não importa, já que não conseguimos adivinhar para evitar tragédias. Onde nós estamos e onde queremos chegar é que conta, Josh — Eve estava segura nas palavras e todas eram verdadeiras.

— Você está certa — abaixei a cabeça e a balancei levemente —, tenho que voltar a ser centrado, algo que era até hoje mais cedo. Isso que aconteceu me fez sair do controle.

E não estava exagerando. Enquanto trabalhava no caso, eu estava completamente mergulhado nele, nas vezes em que encontrei com Sophie, permaneci o mais longe possível de qualquer sentimento que pudesse interferir na investigação. Por mais que eu odiasse admitir, ela estava muito envolvida na investigação e insistia em querer fazer mais parte ainda, então manter essa distância me fazia sentir menos pressão. Se é que é possível sentir menos pressão no caso do Maníaco do Pântano.

— Vamos, temos um apartamento para vasculhar — falei, já sentia o controle voltar.

Ela me encarou por mais alguns segundos até ter certeza das minhas ações. Se endireitou no banco, colocou o cinto e ligou o carro. O ciclo recomeçou.



CAPÍTULO 34

Olhei para o lado e vi minha mãe abraçando Chloe, ela passava a mão de maneira delicada no braço da minha irmã, que tinha encostado a cabeça no ombro dela e fechado os olhos. O clima era pesado. Eu me envolvi nos meus braços enquanto esperava alguém nos chamar para reconhecer o corpo de Louise – tudo mera formalidade, já que Josh a reconheceu no local em que foi entrada. Ainda estávamos absorvendo a informação, como se a realidade nos afetaria somente quando o corpo inerte de Louise estivesse em nossa frente.

Josh chegou e foi até mim, me surpreendi com sua presença. Levantei e franzi o cenho quando o encarei.

— Não posso ficar, passei só para checar como vocês estão.

— Ainda não nos chamaram e... — escutei meu nome e interrompi o que estava falando. Sorri amarelo par Josh e sussurrei um agradecimento para ele.

Segui o homem até uma sala, paramos na frente de um vidro e recebi instruções para caso o corpo ser ou não de quem eu estava procurando. O homem perguntou se eu já estava pronta e respondi que sim. Voltei a me abraçar e dei um passo para frente, a pedido dele. Acenderam a luz. Vi um corpo deitado e corpo com um tecido que parecia lençol, uma mulher se aproximou dele. Comprimi os lábios, não queria ver o que estava prestes a ser mostrado.

Ela retirou o tecido e lágrimas inundaram meus olhos na mesma hora. Toquei no vidro e tentei fazer com que nenhuma delas caíssem. Olhei para o homem e acenei positivamente, a mulher voltou a cobrir Louise e fui acompanhada até a sala em que minha família estava.

Ao ver as duas, as abracei de imediato e chorei. Confirmei que era mesmo Louise Torv, isso as fez chorar também. O choro da minha mãe era contido, mas Chloe chorava de maneira doída. Josh não estava mais com

elas, supus que ele foi embora assim que entrei para fazer o reconhecimento.

No caminho para casa e durante todo o preparativo para o velório, foi como se eu estivesse transportada para outra realidade. A imagem de Louise sem vida estava grudada na minha cabeça. Seu semblante tão pacífico não entregava o sofrimento que passou com o Maníaco. Não conseguia imaginar o medo que ela sentiu.

Como se algo estivesse caído em mim, lembrei dos bilhetes e como fiquei assustada com eles. E se Louise recebeu os três e ficou tão assustada como eu? Se ela não tinha ideia do que estava acontecendo e decidiu manter para si? E se ela pensou que era alguém do seu passado a ameaçando? Isso tudo fazia sentido. Por isso ela deve ter pedido os dias de folga para minha mãe, talvez pensou que se sumisse de vista por um tempo, as coisas acalmariam. Como eu fiz.

"*Tem um tempo que ela entrou e não saiu mais. Esses dias escutei uns barulhos no corredor*", lembrei das palavras do vizinho dela. E se Louise nunca estivesse saído por conta própria de seu apartamento? O Maníaco deve ter ido até ela, por isso o barulho no corredor. Essas ideias que surgiam me deixavam, de certa forma, animada. Não de feliz, eu ainda estava em choque, mas sim uma animação para voltar às investigações.

Foi isso que me deu força para chegar ao velório. Louise não tinha parentes na cidade e, apesar de procurarmos fora, não encontramos. Ela dizia que chegou da Inglaterra com seus pais no começo da adolescência e foram para Tallahassee. É bem provável que nos últimos trezes anos, eles possam ter mudado de cidade, estado ou até mesmo voltado para o país natal.

No local tinha mais pessoas do que eu imaginava. Eram amigos em comum, clientes da padaria, alunos e professores da universidade. Cheguei com minha mãe e irmã logo no início, iriamos passar a noite, era o mínimo que poderíamos fazer por ela, já que mesmo ao nosso lado, ela foi uma vítima.

Caminhamos até o corpo de Louise, metade do caixão estava fechado e suas mãos foram posicionadas uma em cima da outra. Pedimos para que a maquiagem fosse a mesma que sempre usava: batom vermelho e delineador nos olhos. Não tenho ideia como a funerária fez para que minha amiga voltasse a ter pálpebras. Deixei minha mãe e Chloe se despedirem primeiro,

não fiquei perto para não escutar o que elas disseram, era o momento privado delas.

Ao chegar minha vez, não contive a lágrima que caiu quando passei a mão em sua cabeça. Tentei sorrir, não queria que o momento fosse completamente negativo. Louise foi uma grata surpresa em nossa família, nós a ajudamos a crescer e ela nos mostrou o que é espírito livre, nos ajudando a mudar também. Sempre seremos agradecidas por ela ter sido quem foi, assim como ela deixava claro que era recíproco.

— Muito obrigada, e me perdoe — me abaixei para ficar com o rosto próximo ao dela.

Olhei para trás e notei que Ben aguardava para se despedir. O abracei fortemente, ele perdeu a irmã para o Maníaco e agora a namorada. A vida das pessoas em Forest Hill não estava em seu melhor momento. Lentamente me desfiz do abraço e sentei no local que minha família estava. Nos demos as mãos e ficamos em silêncio. Observamos todos passarem pelo caixão, alguns choravam, outros ficavam emocionados e não tinha uma pessoa sequer que estava indiferente. Louise era muito querida.

Margot chegou e abraçou cada uma de nós, ela conhecia pouco Louise, mas mesmo assim prestou condolência. Eu já não tinha mais lágrimas para chorar, o que restou em mim era um pesar, como se algo estivesse em cima do meu coração. A amiga da minha mãe sentou ao lado de Chloe e permaneceu abraçada com ela. Eu me perguntava como minha irmã iria se comportar daqui para frente. Pedi para Louise ser amiga dela para que ela não se sentisse sozinha, mas no velório era o momento em que ela mais se sentia dessa maneira.

É estranho você ter que lidar com o seu luto e ajudar o próximo a encarar o dele. Muito pior de quando eu tive que lidar com somente a tristeza.

Algumas horas depois, Patty chegou e nos confortou, disse que apesar de ter conversado por com Louise, percebeu que era uma boa menina. Pediu licença e foi até o caixão. Levantei e segui para o púlpito, deveria falar algo sobre minha amiga e abrir espaço para que outros falassem. Patty terminou de se despedir e encarou o grande quadro que continha a foto de Louise.

— Sophie — ela me chamou.

Desviei meu caminho e fui até a instrutora, notei que seu rosto estava torto, como surpresa. Ela perguntou:

— De quando é essa foto?

Olhei para o quadro e Louise estava linda. Era cômico o quanto ela ficava assim com qualquer visual. Na foto ela usava seu batom vermelho, delineador nos olhos e um chapéu preto que cobria parte de sua cabeça, seu longo cabelo castanho e ondulado caía com graça pelos seus ombros e braços. Seu olhar estava confiante, uma de suas características mais marcantes.

— É um pouco antiga, mas era uma das preferidas dela. Foi tirada antes dela decidir mudar radicalmente, cortando *joãozinho* e mudando para loiro — olhei para o caixão. — Ela estava querendo voltar para o cabelo longo.

— Ah sim — uma crise de tosse atingiu Patty. — Desculpe — disse desconcertada ao ver que estava atraindo olhares. — Preciso ir, tenho outros compromissos.

Curvei meus lábios para baixo, assenti e me despedi. Voltei ao púlpito e chamei atenção de todos pedindo para que sentassem.

— Boa noite — cumprimentei. — Todos os presentes conheciam a pessoa maravilhosa que Louise foi. Sejam amigos próximos, clientes do trabalho ou professores e colegas do curso. Sabemos que uma pessoa muito querida e valente se foi e não estará presente nos nossos dias daqui pra frente — pausei para controlar a emoção. — Louise era uma das pessoas que eu mais admirava, ela me contou sua história e, quem a escutasse, poderia ter certeza de que a personagem principal estaria nesse momento em algum beco e sem perspectiva de futuro. Muito diferente do que sabemos de Louise. Ela venceu a adicção que começou na adolescência e decidiu que em Forest Hill recomeçaria sua vida. E ela foi bem sucedida nisso. Louise estava empregada, tinha vários amigos e — me esforcei para não chorar, minha voz estava embargada — cursava direito na universidade. Nunca deixou sua luta aparente, sempre nos mostrou que viver era fácil e é isso que vamos carregar para sempre — Josh entrou na sala e sentou no lugar que eu estava sentada antes, ao lado da minha mãe. — É importante se sentir segura para ver a leveza da vida, mesmo se estivermos passando por alguma dificuldade. Na última conversa que tivemos, ela me agradeceu por termos acolhido ela sem nem a conhecermos, mas nós que devemos encher Louise de agradecimento. Ela nos deu a oportunidade de fazer isso por ela e a honra de ter sido nossa amiga.

Ainda com a voz emocionada, informei que o púlpito estava aberto para quem desejasse falar algo sobre Louise. Desci e fui até minha família, Josh passou para o lado e sentei entre ele e minha mãe. Sanders balançou

levemente a cabeça para mostrar que estava ali por mim e passou o braço pelos meus ombros, encostei minha cabeça nele e segurei a mão da minha mãe.

O sr. McBrian me surpreendeu ao ser o primeiro a falar sobre Louise, achei uma graça quando ele subiu para o púlpito com seu jeitinho Carl Fredericksen. Ele falou sobre *a moça simpática da padaria* que e o incentivou a falar com a mulher que ele gostava, nesse momento, olhei para a direção de seu olhar e vi a senhora Martinez com um lenço nas mãos. Louise o ajudou a finalmente falar com a Martinez? Como ela não me disse antes? De qualquer modo, fiquei muito feliz, sorri ao imaginar McBrian puxando assunto pela primeira vez com Martinez e Louise ao fundo não o deixando desistir.

Depois dele, outras pessoas dispuseram a falar. Quanto mais escutava suas homenagens e depoimentos, menos vontade de chorar sentia. Me parecia errado ficar triste em um dia em que todos revelavam o quão especial minha amiga tinha sido. Notei que o olhar de Chloe estava vago, mas não tinha sinal de choro em seu rosto, suspirei e pedi para minha mãe a abraçar. A essa altura, Margot já tinha ido embora.

— Preciso ir agora — Josh sussurrou para mim —, mas te encontro no enterro amanhã de manhã — ele retirou uma mecha de cabelo do meu rosto, colocou-a atrás orelha e beijou minha testa.

Me afastei para ele se levantar e murmurei um *até depois*. Procurei não pensar em nossa relação bagunça onde não estávamos juntos, mas havia momentos que me davam a sensação de que ainda namorávamos. Esperei alguns minutos para ir até as garrafas térmicas pegar um pouco de café. De soslaio, percebi que alguém me acompanhou.

— Não sei se vou conseguir ir ao enterro — Ben comentou ao se aproximar.

— Por quê? — Peguei um copo e enchi de café.

Ele suspirou.

— Ainda sinto muito a morte da minha irmã, não consigo lidar com outro enterro. Só vim ao velório porque Louise estava me ajudando a viver apesar da perda de Katherine.

Era possível ver a tristeza nos olhos dele, principalmente ao falar da irmã.

— Vocês eram bem diferentes, né?

Ele sorriu discretamente e passou a mão no cabelo.

— Questões genéticas.

— Pais diferentes? — perguntei para confirmar o motivo que imaginei. Nunca tinha perguntado o motivo da diferença, era um assunto pessoal dele.

— Nesse caso, os dois são diferentes. Os Rice me adotaram e um par de anos depois, Katherine nasceu. Crescemos com tratamento igual, por isso nunca toquei no assunto. Para mim, ter o sangue diferente nunca me fez sentir diferente na família.

Sorri e apertei seu braço enquanto terminava o café. Não tinha pensado na possibilidade de adoção, mas para ser sincera, mal parei para pensar na diferença deles. A ligação que eles tinham me chamava mais atenção.

— Se você não vai se sentir bem, então tudo bem não ir — falei na tentativa de tranquilizá-lo.

Bem me abraçou por um bom tempo e foi embora. Caminhei de volta para o lugar que estava sentada e olhei em volta. Seria uma grande noite.

Durante a madrugada, Chloe não segurou o sono e deitou em um dos bancos que ficava ao fundo, minha mãe e eu conversamos com algumas pessoas presentes, elas chegavam e iam embora. No final somente nós fomos as únicas que ficamos todo o tempo com Louise. A manhã finalmente chegou e aos poucos o local enchia novamente, era hora de levar o corpo para o cemitério.

A realidade me atingiu em cheio quando fecharam o caixão, foi como se finalmente caiu a ficha de que ela tinha ido embora para sempre. Nos abraçamos e andamos juntas até o carro. No cemitério, vi que Josh e Eve já estavam em pé nos esperando, como a detetive estava presente, imaginei que estavam em horário de serviço.

Nos posicionamos perto da cova e Josh foi até mim, Eve ficou distante ao fundo, não interagiu com ninguém e, como usava óculos escuro, não sabia o que seu rosto transmitia. Minha mãe, Chloe e eu nos demos as mãos enquanto desciam o caixão. Josh ficou atrás de mim sem invadir o espaço que nossa família criou. As lágrimas que pensei terem acabado na noite anterior, voltaram com tudo. Agora era pra valer: Louise se foi.

Jogamos rosas brancas em cima do caixão e nos afastamos, não queríamos ficar até o final e ver nossa amiga ser enterrada por completo. Alguns metros adiante, paramos e nos abraçamos, lágrimas e fungadas se confundiam no momento único que compartilhávamos. Pedi para que elas me esperassem no carro, eu iria conversar com Josh, e então tomamos rumos opostos.

Ele estava escorado em uma árvore com as mãos no bolso, olhei para trás e vi Eve sentada no capô do carro, ela mexia no celular. Eu ainda limpava as lágrimas quando me aproximei de Josh, ele colocou as mãos na minha cabeça e a levantou suavemente para o olhar.

— Me desculpe, Sophie — sua voz estava amargurada, eu não sabia o que fazer ou falar, então o abracei fortemente.

— Não se desculpe por nada, Josh, apenas não falhe na investigação, por favor — o abracei, agora eu temia muito por mim. — Encontrou algo no apartamento de Louise? — sai do abraço e permaneci olhando para ele.

Ele olhou na direção de Eve e voltou para mim.

— O celular dela estava descarregado e encontramos os três bilhetes. Dois estavam rasgados no lixo e o outro foi guardado em uma gaveta do quarto.

— Eu deveria ter prestado atenção quando ela pediu folga, deveria ter colado nela — quanto mais eu falava, mais culpa sentia.

— Hey, você não é responsável pelo que aconteceu — ele tentou aliviar o que eu sentia, mas era impossível.

— E se o Maníaco foi atrás dela por causa de mim?

Josh respirou fundo e me colocou de volta em seus braços. Eu não iria deixar o Maníaco nos vencer, antes eu estava em dúvida se continuava com a investigação, mas agora era claro o que deveria ser feito: era minha obrigação caçar o maldito. E eu ia encontrá-lo. Mesmo que isso significasse receber o terceiro bilhete.



CAPÍTULO 35

Me tranquei no quarto por dois dias, minha mãe e Chloe estão tentando voltar a normalidade. Eu não. Deveria ter voltado a trabalhar na padaria até minha mãe encontrar alguém para substituir Louise em definitivo, mas não quis. Sabia que minha mãe precisava de ajuda, mas minha determinação em descobrir algo era maior do que minha vontade de voltar para *a vida real*. Estou sem emprego e ficando louca dentro do meu próprio quarto. Que coisa.

Emily não parou me enviar mensagens pedindo perdão por não ter ido ao velório e enterro. Ela viajou com os pais poucos dias antes de encontrarem o corpo de Louise e estava mal por ter ficado longe de mim durante os dias delicados e também por não ter prestado homenagem para ela. Reafirmava que estava tudo bem, às vezes isso ajudava, às vezes não.

Liguei o ar-condicionado e prendi o cabelo, me recusava abrir porta e janela, ficaria presa até encontrar algo que faria a diferença. Fiquei em pé na cama para ver melhor a parede com as anotações. A sexta vítima era a que mais me chamava atenção devido as condições em que foi encontrada. O Maníaco tinha colocado um gorro de natal, a considerou como um presente. Isso me causava repulsa.

Ele planejou matar *apenas* seis garotas em sua primeira onda, a primeira e última vítima foram encontradas na data vinte e cinco. A sexta vítima chamava Samantha Moretti, tinha vinte e cinco anos, meu palpite era de que a idade influenciou na escolha do assassino, e ela trabalhava como cantora em um bar karaokê.

Coloquei as mãos na continua e movi meu corpo de um lado para o outro. O que eu estava deixando passar? Existia algo que eu não estava enxergando, e era tão evidente que não conseguia perceber.

Peguei o notebook e vasculhei mais a vida de Daniella, apesar de não ter encontrado muita coisa na primeira vez, agora minha visão era diferente. Se

elas em si não tinham nada que as ligassem, alguma coisa em volta delas fazia esse papel. Revi todas as fotos e publicações que estavam disponíveis para mim e percebi que uma mulher em especial aparecia com frequência, seu nome era Nina.

Entrei no perfil e vi que era público, o que foi bom, poupou o tempo que eu usaria para enviar solicitação de amizade e esperar ela aceitar – ou não. Nina tinha publicações de diversos assuntos, falavam sobre animais, conscientização sobre o aquecimento global e vídeos de violão. Nas suas fotos, entre tantos álbuns, existia um somente de vídeos. Entrei e vi que todos eram dela tocando violão. Nina tocava violão.

Isso me congelou.

Katherine tinha uma banda. Samantha era cantora. A melhor amiga de Daniella tocava violão.

Ainda não fazia muito sentido para mim, mas era a única ligação que eu tinha conseguido fazer. Já era algo importante. Deveria descobrir se as outras vítimas também tinham algum envolvimento com a música ou se conheciam quem tinha. Procurei por Rebecca Collins, li todas as notas que saíram sobre ela na época que seu corpo foi encontrado, como foi o primeiro corpo, não tinha muitas notícias, até aquele momento era considerado um assassinato comum. Não encontrei nada que casasse com a minha procura, nem em perfis de familiares e amigos.

Mudei a pesquisa para Jess Reynolds, a segunda vítima. Ela era a segunda vítima mais nova, atrás somente de Katherine, tinha apenas vinte e um anos. Foi mais fácil encontrar informações, mesmo com seu perfil deletado na rede social que eu estava priorizando. Com as habilidades de stalker que aprender com Emily, descobri outras duas redes sociais que ela participava. Arrepiei. Entrar nos perfis sabendo que a usuária faleceu dois anos antes era bizarro. Poucas fotos foram postadas, mas notei que Jess usava um uniforme em duas delas. Ampliei a foto e li o nome da empresa: Phillis. Joguei a palavra no site de buscas e uma loja de instrumentos musicais da cidade foi um dos primeiros resultados. Não acreditei. Sem hesitar, peguei meu celular e liguei para a loja.

— Phillis Instrumentos Musicais. No que posso ajudar? — uma voz feminina atendeu.

— É... oi. Fui na loja um tempo atrás — menti — e uma menina muito simpática me atendeu. Ela ainda trabalha aí? Gostaria que ela me atendesse novamente — e que mentira horrorosa!

— Qual o nome dela?

— Deixa eu pegar o cartão — fingi que mexi em algo antes de continuar a falar. — Jess Reynolds.

— Desculpe, mas não temos nenhuma vendedora com esse nome.

— Tem como você ver quando ela saiu? Tenho certeza de que ela trabalhava aí — desconfiei que a atendente fosse uma pessoa contratada após a morte de Jess.

— Um momento — não escutei o que ela dizia fora do telefone, parece que tinha chamado o gerente e eles conversaram um pouco, logo voltaram a falar comigo.

— Olá, sou Tony Scarsi, gerente da loja. A senhora está procurando por Jess Reynolds?

— Estou sim.

— Lamento informar, mas ela não está conosco há dois anos. Jess faleceu, a loja perdeu uma ótima funcionária.

— Oh... desculpa — fiz uma voz assustada, mas na verdade não precisei fingir muito. — Não tinha ideia. Meus pêsames.

— Agradecemos. Mas saiba que sempre que vier será bem atendida.

— Muito obrigada — e desliguei.

Dividi em quatro partes uma folha e escrevi em cada uma delas:

Katherine tinha uma banda.

Samantha era cantora.

A melhor amiga de Daniella tocava violão.

Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais.

Ao sentir que minhas vistas faziam força para enxergar, olhei pela janela e vi que o dia já estava terminando e, como eu estava longe de dar ele como encerrado, acendi a luz e continuei minha busca. A sensação de saber exatamente o que está procurando era ótima. Manter minha cabeça ocupada com a investigação estava sendo a melhor saída para que eu não pensasse nas outras coisas que aconteciam.

Não encontrei muita coisa de Dulce e Savi, terceira e quarta vítima. Seus perfis também tinham sido deletados e não encontrei nenhum amigo e familiar que tinha relação com o mundo da música. Me senti frustrada.

Antes de ir para quinta vítima, Henriquetta Jackson, colei os pedaços de papéis na parede, cada um em seu lugar. Sentei na cama e olhei para a foto de Henriquetta que saiu no jornal. Ela estava sorrindo e alguém passou o braço pelo seu ombro. Encarei a foto e imaginei como ela estaria hoje se a

tragédia não tivesse acontecido. Ao perceber que estava desviando o foco e que precisava começar a procurar sobre sua vida, vi algo interessante.

Me aproximei da foto e notei que, além de outras coisas, um violão estava apoiado na parede. Analisei o lugar em que ela foi feita. Pela parede e cômoda, era em um quarto, parecia ser de um menino já que outros objetos ao fundo remetiam ao universo masculino. E se o dono do quarto era a ligação que eu procurava? Como poderia descobrir quem ele era? Ligaria para família? Seria sincera?

Tantas perguntas passaram pela minha cabeça que comecei sentir ela pesar. Decidi tomar um banho para relaxar.

— Trouxe comida — escutei minha mãe chegar e gritar pela casa. Tinha acabado de sair do banho e estava sem fome.

Gritei de volta um *não, obrigada* e voltei a me trancar no quarto. Decidi que iria ligar para a família e ser sincera. A pior coisa que poderiam fazer é não falarem nada. Pensando bem, seria muito ruim para mim se eles negassem. Tentei ligar no número que divulgaram quando Henriquetta desapareceu, dificilmente as pessoas mudam de número fixo, então torci para que fosse o mesmo.

— Alô? — uma mulher de meia idade atendeu.

— Olá. Sou Sophie Fields e gostaria de falar com algum familiar de Henriquetta Jackson — eu estava nervosa.

— Sou a mãe dela — a mulher parecia desconfiada.

— Ah, oi. Não sei como começar o assunto... — me enrolei nas palavras, estava com medo dela não acreditar em mim e achar que era uma brincadeira ou algo do tipo. — Bom, perdi uma amiga há pouco tempo, saiu nos jornais... ela chamava Louise Torv.

— E o que você quer? — senti urgência no tom utilizado por ela, tinha certeza de que ela sabia qual era o assunto da ligação.

— Quero descobrir quem fez isso — admiti. — E para isso, preciso muito da sua ajuda.

— Olha menina, já disse tudo para os policiais quando encontraram minha filha. Não tem nada que você possa saber que eles já não sabem — ela estava brava e eu aflita.

— Na verdade tem sim — a ansiedade não me deixava parar de estralar os dedos.

— E o que é?

— A foto que foi publicada nos jornais noticiando que encontraram Henriquetta... onde ela foi tirada?

— No quarto do meu menino mais novo — as alterações de humor na voz da mulher eram tantas que eu mal conseguia acompanhar. Agora ela parecia estar sem entender nada.

— Ele toca violão?

— Sim.

— Ele tinha acabado de comprar na época? — me perguntei se a loja de instrumentos estava envolvida, alguém que trabalhava lá ou algo parecido.

— Não, era do meu marido. Ele deu para nosso filho e isso o fez querer aprender a tocar — é, minha teoria estava afundando.

Não sabendo mais pelo que esperar, perguntei:

— Ele fazia as aulas em qual lugar?

— Não lembro. É importante isso? — ela estava curiosa.

— Acredito que toda informação é importante — respondi direta.

— Vou ver com meu filho quando ele chegar e te ligo amanhã, pode ser?

— Por favor, não esqueça — supliquei e passei o número do meu celular.

— Não vou — respondeu e desligou a chamada.

Encarei o celular por um tempo. A mãe de Henriquetta tinha colaborado. Não sabia o que passava na cabeça dela, mas significava que ela tinha me dado um voto de confiança. Anotei em um papel que o irmão dela tinha aulas de música e colei perto de sua foto. Não iria ficar parada esperando pelo retorno da mãe da vítima. Se a ligação era musical, conversaria com quem entendia sobre o assunto: Patty Williams. Ela já sabia sobre a investigação, então entenderia o motivo para minhas perguntas. Sai do quarto e fui ao de Chloe, a porta estava encostada, dei uma batida e abri vagarosamente.

— Chloe? — Ela estava estudando, parou o que estava fazendo e me olhou. — Quando será sua próxima aula com Patty?

— Amanhã de manhã. Por quê?

— Queria falar com ela. Já vai voltar para a escola? — estava preocupada em como ela se sentia.

— Vida que segue — me respondeu sem emoção na voz.

— Sabe que estou aqui, certo?

Ela assentiu e voltou a ler, ao perceber que não falaria mais nada, encostei a porta e desci até onde minha mãe estava. Queria comer o que ela

tinha trazido, estava faminta.

— Vai ficar trancada no quarto até quando? — ela perguntou sem rodeios enquanto guardava as compras que fez.

— Até descobrir alguma coisa — respondi enquanto atacava a lasanha de micro ondas. — Ouch! — reclamei ao queimar a boca.

— Cuidado, está quente.

— Obrigada por me avisar antes que eu colocasse na boca sem cuidado algum — falei sarcástica e ri em seguida.

Aos poucos, bem aos poucos, estávamos voltando ao normal, os ânimos já estavam controlados, mas ainda era possível ver o luto por Louise quase materializado ao nosso lado.

— Filha, não quero que fique mexendo com isso, por favor. Não suporto a ideia de você ficar na mira desse louco — ela se aproximou de mim e colocou a mão sobre a minha. Olhei para baixo e fiquei quieta, não tinha coragem de falar coisa alguma, ainda mais por eu já ter recebido dois bilhetes. — Vê se Emily voltou de viagem e saia com ela. Já que não quer mais trabalhar na padaria, veja também sobre o emprego em Tallahassee.

Não queria mentir para minha mãe, mas também não cogitava falar a verdade. Acabei fazendo uma careta para a distrair e mudar de assunto. Deu certo. Ela disse que subiria por estar cansada, demos boa noite e terminei de comer a lasanha. A casa ficou em total silêncio. Entre uma garfada e outra, olhei para os lados e percebi o quanto me sentia sozinha.

Foi complicado dormir a noite. Assim que acordei, peguei meu celular para ver que horas eram e vi uma mensagem de Josh. Era perguntando como eu estava, ele me monitorava, não sabia se eram por motivos pessoais ou somente profissionais, ando muito confusa quando o assunto é nós dois. A mensagem tinha sido enviada na noite anterior, mas eu já estava dormindo. Meu olhar foi para o pinguim e todas as memórias relacionadas a ele vieram à tona. O dia do parque de diversão e a surpresa que fez para mim no quintal. Não, eu não estava bem. Queria algo estável no meio dessa bagunça, mas não consegui ter isso com Josh.

Obviamente menti ao responder. Escrevi que estava tudo bem e que as coisas estavam voltando ao normal. Ri debochada e sem humor ao colocar o celular na cômoda. Tomei uma ducha e desci para o café da manhã. Chloe estava entretida com a televisão e comia seu cereal, eu queria comer qualquer coisa menos isso. Encontrei alguns biscoitos e comi com um copo de leite, me senti de volta aos quinze anos.

Chloe e eu não conversamos, ela queria reencontrar sozinha o seu normal. Não forcei. Ela terminou de comer e subiu para se arrumar, Patty viria pela manhã. Não vi o tempo passar enquanto arrumava a casa. Limpei a sala, cozinha e quintal, Patty chegou nesse meio tempo. Eu terminava a varanda quando ela saiu para ir embora.

— Patty, espera só um pouco — chamei sua atenção e ela parou. Fui até o corrimão da escadinha e coloquei minhas luvas de limpeza nele. — Lembra que eu estava juntando as informações sobre o Maníaco?

— Lembro sim. Você ainda está fazendo isso?

— Eu tinha parado, mas a morte de Louise me fez voltar.

— Louise... — Patty ficou pensativa.

— Queria que você me ajuda com uma coisa. Notei que as vítimas tinham ligação com a música, pelo menos as que consegui descobrir algo. Você é instrutura, deve conhecer outras pessoas que ensinam também, né? Escolas, lojas, coisas do tipo. Já tinha visto alguma das vítimas? — encostei no pilar da varanda.

Ela olhou para o lado e pensou por pouco tempo.

— Não que eu lembre. Quero dizer, conhecia Louise.

— Tem certeza? — Ela realmente não poderia forçar mais a memória?

— Tenho sim — respondeu firme. — Mas olha, quer um conselho? Eu faço manifestação, mas não me meto com o trabalho da polícia e acho melhor você não se intrometer também. Não se preocupe com isso, deixe que eles se esforcem para pegar a pessoa culpada.

Se não segui o que Emily disse, imagina se farei isso com Patty. Não respondi, apenas agradeci a ajuda. Ela se despediu e eu juntei os produtos de limpeza para guardar. Mas uma coisa me incomodava: Katherine e Patty se conheciam.

Me joguei no sofá da sala e descansei enquanto esperava pela ligação da mãe de Henriquetta. A manhã já estava terminando, provavelmente não demoraria para ela me retornar contato. Pensei no que Joe e Sean poderiam estar fazendo. Joe com certeza estava na mercearia lendo alguma revista sobre carros e tentando superar o fora que minha mãe deu enquanto resolve suas pendências judiciais. Na minha cabeça, se alguém está gostando mesmo da minha mãe, fica difícil virar a página. Quem consegue superar Bonnie Fields?

Era mais difícil de imaginar Sean. Ele provavelmente tinha se divorciado da esposa e, para ter sumido, já deve ter resolvido a história da

herança. Até eu encontrar a ligação musical, ele era alguém bem suspeito para mim. Espero que a polícia siga minha linha investigativa.

Mordisquei o lábio ao lembrar que deveria avisar Josh da descoberta. Mas não agora. Primeiro eu deveria ter certeza do caminho que estava seguindo. Não que eu não estivesse certa da direção que tomava, mas deveria ter provas concretas antes. Quem sabe até mesmo encontrar um nome. Só então contaria para ele. Não queria estar errada, minha credibilidade seria destruída.

Meu celular tocou e bufei ao lembrar que tinha o deixado no quarto. Levantei e fui correndo até ele. Era um número desconhecido, queria muito que fosse a mãe de Henriquetta.

— Alô — atendi um pouco apreensiva.

— Sophie Fields? — reconheci a voz da mãe de Henriquetta e respirei aliviada.

— Sou eu.

— Sou a mãe de Henriquetta. Conversei com meu filho. Demorou um pouco para ele lembrar o nome, mas conseguiu?

— E quem é?

Ela disse e eu pedi para repetir, não tinha certeza de escutei direito. Assim ela fez e vi que entendi corretamente na primeira vez. Balbuciei um agradecimento e joguei meu celular na cama. Não acreditava no que tinha escutado. Não poderia ser real. Impossível. Uma voz dentro de mim começou a falar o quanto eu estava cega, que era para que eu pesquisasse direito.

Encarei a parede e senti ânsia de vômito. Não somente ânsia, ao pensar nas vítimas sendo atacadas e mortas, corri para o banheiro e vomitei. Chloe me seguiu e perguntou se eu estava bem, olhei para ela e senti um turbilhão. Levantei do chão, enxaguei a boca e escovei os dentes, ela me olhava preocupada. A abracei e murmurei que estava tudo bem. Era mentira.

Antes do pânico intensificar, tentei me concentrar e focar na pesquisa que ainda faltava. Peguei os papéis das vítimas que consegui relacionar:

Katherine tinha uma banda.

Samantha era cantora.

A melhor amiga de Daniella tocava violão.

Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais.

O irmão de Henriquetta tocava violão.

Entrei em contato com a amiga de Daniella, Nina, na internet e perguntei sobre o violão dela, a conversa levou a outra, que levou a outra e que levou ao nome que mais aparecia até o momento. Liguei para o bar de karaokê fingindo que era uma parente desesperada e perguntei se a pessoa era assídua no local, depois de muito insistir, responderam que sim. Não consegui ligar o nome de Jess, mas a essa altura, se encaixava perfeitamente ela ser uma vítima.

Tranquei a porta do quarto e encarei a parede com todas as informações. Eu estava aterrorizada. Nunca iria imaginar. Nunca. Samantha, Henriquetta, Katherine, Daniella, Louise e eu. Todas nós tínhamos uma única pessoa que nos ligava: Patty Williams.



CAPÍTULO 36

Fiquei catatônica foi alguns minutos, não tenho ideia de quantos. Não queria acreditar. Era surreal. Patty sempre estava em casa, não só para as aulas de Chloe, mas ela virou amiga da minha mãe. Acho que ela tem problema ao arranjar amizades: Joe, Sean e agora Patty.

Meus olhos estavam vidrados na parede, mas eu não estava ali, só meu corpo. Era difícil aceitar que Patty estava por trás de todos os assassinatos. Ela fazia manifestações para a polícia prender o serial killer? Como queria isso sendo que *ela* era ele? Aprendi que eles são manipuladores, mas a esse ponto? Só sendo psicopata mesmo.

Ela dava aulas para Chloe, conhecia Emily, Louise e eu... essa casa era um mar de tentação para ela? Por isso ela se aproximou de todas nós? Pensar nisso fazia minha cabeça doer, era uma dor de arrependimento, de me achar burra o suficiente para nunca ter desconfiado de nada. Seriais killers eram os perfeitos mentirosos, mas eu deveria saber. Deveria. Se eu desconfiasse minimamente, poderia ter ajudado Louise.

Era por isso que vez e outra Patty adiava as aulas de Chloe? Quando ela faltava, era porque estava com uma vítima? Meu estômago embrulhou quando lembrei da aula cancelada por Patty poucos dias antes do corpo de Louise ser encontrado. Chloe e eu aproveitamos para ir ao shopping. Enquanto tomávamos sorvete, paquerávamos as vitrines e fazíamos piadas sobre as pessoas que ali frequentavam, Louise estava sofrendo em seus últimos minutos de vida. Fechei os olhos com toda a força que tinha. Sentia uma raiva crescer dentro de mim, mas não sabia quem era a maior culpada pelo sentimento: Patty ou eu.

Me joguei para trás na cama para deitar e esfreguei meu rosto sem parar. Quis gritar, mas isso chamaria a atenção de Chloe. Me perguntei se ela planejava matar Louise antes do dia que as duas e minha irmã conversaram em casa. Antes disso, Patty interagiu pouco com Louise. Será que a

conversa tinha despertado o desejo na Maníaca? Se sim, me culpava por isso também. Se eu tivesse enrolado minha amiga até Patty ir embora, talvez a instrutora não se importaria com ela. Eu era inútil, não era?

Pelo menos passei a entender o motivo que fez Patty agir estranho no velório e quando toquei no nome de Louise mais cedo. Ela tinha se desestabilizado? No final das contas, minha amiga não era loira, não se encaixava no padrão das vítimas. Era questão de tempo até Patty cometer um erro. Era o que eu esperava – apesar de saber que seu jeito meticuloso nunca deixaria que nada a entregasse.

A conversa que tive com ela mais cedo. Minha respiração ficou curta, senti a falta de ventilação do quarto. Abri a janela e coloquei metade do meu corpo para fora. Que estúpida!

Mostrei para ela minha investigação e perguntei se conhecia as vítimas! Patty sabia praticamente tudo o que descobri. E o que ela não sabia, com certeza desconfiava. Os bilhetes. Como não liguei isso? Comecei a recebê-los depois que ela teve conhecimento da minha investigação!

Eles foram para amedrontar e me fazer parar de dar atenção ao assunto ou ela realmente pretendia me fazer sua vítima?

Lembrei de Samantha, a última vítima da primeira onda. Ela foi encontrada no dia vinte e cinco e tinha vinte e cinco anos. Em breve eu teria essa idade também.

Será? Ou eu já estava pirando e acreditando em qualquer coisa que surgisse na minha mente?

Ainda não tinha nada concreto para entregar ao Josh. Mas mais concreto do que a relação que todas as vítimas (e eu) têm?

Sentia medo de mostrar essa ideia e ser vista como obcecada e neurótica. E se eles não acreditassem?

Respirei fundo e me virei para ficar de barriga pra baixo, coloquei as mãos no rosto e tentei raciocinar como uma pessoa normal. Deveria falar com a polícia, eles talvez conseguiriam fazer as ligações das vítimas que faltam e então teriam algo concreto. Voltei a deitar como estava antes e encarei o teto. Respirei longamente de novo e expirei vagarosamente por várias vezes até me sentir menos agitada.

Iria ligar para Josh e falar sobre minha descoberta. Não tinha planejado o que faria em seguida. Contaria para Chloe? Falaria para minha mãe? Não, não. Minha vontade era de ir atrás de mais informações, maldita curiosidade. Eu queria ir ao apartamento de Patty. Estava perdendo a

cabeça. Qual é! Eu não poderia ser uma garota com problemas comuns? Claro que não, tinha que ter um serial killer por perto que fez de vítima minha amiga. Claro.

Levantei e andei de um lado para o outro, tentava encontrar a melhor maneira de falar sobre tudo isso para Josh.

— Oi Josh, sei que você não queria que me envolvesse mais do que as circunstâncias obrigaram, mas olha... — não. Não queria ficar me desculpando.

— Oi Josh. Descobri quem é o Maníaco — não, assim era direto demais.

— Josh, espero que não tenha levado as manifestações a sério e que também não tenha feito aulas de música — fazer piada? Absolutamente não!

Coloquei o travesseiro no rosto para abafar um grunhido. Não tinha ideia de como falaria com ele, mas sabia que ele deveria ter conhecimento de tudo. Peguei o celular que Eve me deu e liguei para ele. Ao ver que eu não estava usando o meu particular, ele poderia entender que era algo importante, não as minhas usuais pedindo atualizações do caso de Louise – e do meu também.

Chamou até cair nas quatro vezes que liguei. O celular de Josh sempre estava desligado ou descarregado nas vezes que o assunto que eu tinha para tratar era importante. Inacreditável. Na quinta vez, deixei um recado no correio de voz: *Josh, por favor, me retorne. Descobri um nome forte*. Roi minhas unhas sem parar. Eu não queria ficar parada dentro do quarto, não conseguiria me segurar aqui.

Eu tinha que ir até o apartamento de Patty para tentar encontrar alguma prova física de que ela era a Maníaca, a responsável pelas mortes do pântano. Eu precisava *ver*. Ela tinha o costume de almoçar em um restaurante no centro da cidade, não correria perigo se fosse agora para lá. Era isso. A decisão foi tomada. Antes de ir, coloquei no bolso o celular que me deram e passei no quarto de Chloe.

— Vai ficar o dia inteiro em casa?

— Não, vou para a escola depois do almoço — ela folheava um livro, não identifiquei se era didático ou literário.

— Vou sair para almoçar. Tudo bem? Consegue se virar? — eu estava desesperada para alertar Chloe.

— Tudo certo — ela finalmente olhou para mim, e deve ter notado meu semblante alerta: — Você está bem? Não sai mais do quarto e está com uma

cara horrorosa. Ainda pensa em Louise? — ela olhou triste para baixo ao falar o nome.

Engoli seco.

— Tudo é muito recente, é normal ficar mal — tentei parecer segura e acolhedora.

— Enfim.

Chloe voltou sua atenção para o livro. Essa atitude dela em querer seguir em frente me incomodava, não acho que deveríamos ficar em luto para sempre, mas enterramos Louise já poucos dias. Tudo bem demonstrar descontentamento e tristeza.

Fechei a porta de seu quarto e encostei na parede. Me perguntei pela milésima vez como tudo isso acabaria. Balancei a cabeça para afastar qualquer pensamento que me fizesse desistir. Queria muito conversar com alguém sobre isso. Deveria contar para Emily para onde estava indo? Melhor não. Se não encontrasse nada, teria que lidar com uma Bonnie furiosa e uma Emily indignada ao voltar para casa. Além de que, Patty saberia através da minha o que eu tinha feito.

Fui de ônibus até o prédio. Estralei os dedos e balancei a perna durante a viagem inteira, alguns passageiros olharam para mim devido ao meu comportamento, mas não me importei. Não eram eles que estavam a caminho de bisbilhotar o apartamento da suposta Maníaca do Pântano. Eu estava atordoada. O ponto era a uma quadra do prédio, andei até ele e parei na porta. Por mais uma vez pensei se deveria fazer isso. Ah, deveria sim!

Sabia o endereço de Patty porque uma vez ela pediu para que a deixássemos em casa. Meu desafio era encontrar seu apartamento. Olhei para cima e vi que não seria problema: o prédio não era grande, tinha o térreo e três andares. Ao entrar, constatei que cada andar acomodava quatro apartamentos. Com a pequena quantidade de moradores, as chances de se conhecerem eram grandes. Bati na primeira porta e uma mulher jovem atendeu:

— Olá, estou procurando o apartamento de Patty Williams, você sabe qual é?

Se alguma pessoa decidir contar para Patty que alguém procurava pelo seu apartamento, espero que ao menos eu tenha conseguido encontrar uma prova para impedi-la de ir atrás de mim.

— Nunca ouvi falar — a mulher me respondeu com desinteresse.

— Você conhece seus três vizinhos? — perguntei para poupar tempo, dependendo da resposta, não bateria nas portas.

— Não de nome, mas sei que um apartamento está vazio, em um mora uma mulher com uma criança insuportável que não para de gritar o dia inteiro e no outro é um cara sozinho.

Patty não tinha filhos, então não era ali que ela morava.

— Obrigada — agradeci e virei, subi direto para o primeiro andar.

Ninguém me atendeu em dois dos apartamentos, talvez estavam trabalhando ou algum era de Patty. Uma melhor com seus trinta e cinco anos abriu na terceira porta que bati.

— Olá, estou procurando o apartamento de Patty Williams, você a conhece? – repeti a pergunta que fiz para a outra menina.

— É uma mulher de cabelo preto que aparece na televisão?

Me animei ao ver que ela sabia quem era.

— Ela mesma!

— Mora no andar de cima, apartamento trinta e dois.

— Muito obrigada! — agradeci aliviada pela minha busca não ter demorado.

Subi no andar de cima e procurei pelo apartamento. Bati na porta para me certificar de que não tinha ninguém. Girei a maçaneta mesmo sabendo que estaria trancado. Droga. Para encontrar a chave reserva, tirei o tapete do lugar, mexi em um vaso e coloquei a mão dentro de uma luminária de parede. Tinha que pensar em como entraria, em momento algum cogitei como entraria no apartamento.

Durante minha vida, assisti vários vídeos que ensinavam a arrombar portas com grampos, clipes e cartões bancários, mas sabia que nunca conseguiria fazer esse tipo de coisa, além disso, poderia chamar atenção dos vizinhos caso algum esteja em casa. Não conhecia o horário de Patty, mas não perderia viagem. Desci até a calçada, atravessei a rua e procurei algum lugar para vigiar a entrada do prédio sem que fosse vista.

Esperei por quarenta minutos sozinha e pensando o que poderia encontrar dentro da casa da professora. Talvez fosse um apartamento normal, talvez fosse macabro. Vi Patty entrar no prédio e esperei por volta de dois minutos antes de atravessar a rua e ir para seu apartamento. Meu plano era entrar, me esconder e esperar que ela saísse para que eu vasculhasse em busca de pistas. Coloquei o celular no silencioso e encostei

a cabeça na porta para tentar escutar algum barulho que indicasse o que ela estava fazendo.

A televisão estava desligada, então talvez não estivesse na sala. Ao chegar em casa, geralmente vamos para o banheiro ou quarto, supus que ela seguisse o costume e girei lentamente a maçaneta e abri uma fresta. Não tinha ninguém. Entrei no apartamento e estava tão silencioso que pude escutar o barulho do chuveiro. Aproveitaria para procurar alguma coisa e, assim que fosse desligado, me esconderia. Andei até o rack para ver o que ela colocava em suas gavetas.

Me senti desconfortável ao notar que a casa tinha menos pertences pessoais do que a de Sean. Eram apenas móveis. Patty não tinha fotografias e nem objetivos de decoração, era tudo muito simples. O que é muito estranho para alguém que afirmava gostar de arte. Abri a primeira gaveta e não encontrei nada além de uma chave de fenda. Dois pedaços de papel estavam guardados na segunda. Muito aleatório.

Conclui que a busca seria mais difícil do que eu imaginava.

Na estante, Patty guardava livros e enciclopédias, mas nada que a comprometesse. Que tola eu era! Até parece que ela deixaria no apartamento alguma pista. Eu tinha que ir embora antes dela terminar o banho e torcer para que nenhum vizinho comentasse com ela sobre minha presença.

Minha única saída era procurar outra maneira de provar o envolvimento da *instrutora de música*. Andei até a porta e.



CAPÍTULO 37

Minha cabeça estava doendo muito, por isso demorei para abrir os olhos. Meu corpo estava dormente e aos poucos foi voltando para mim. Meus pés formigavam. Murmurei grunhidos, só então senti uma grande bola de tecido dentro da minha boca que impedia movimentos da língua e a fala, fazendo com que ela ficasse levemente aberta. O ar estava úmido e abafado, tinha que forçar mais para respirar. Foi então que abri os olhos.

A visão desembaçou aos poucos, vi o teto de madeira e tentei virar a cabeça, mas algo em minha testa impedia o menor movimento. Meu coração acelerou e a respiração ficou curta. Tentei mexer mãos e pés, mas estavam amarrados. Não conseguia ver muita coisa, estava completamente imobilizada.

Tentei lembrar o que aconteceu, mas minha cabeça doía muito. Lembrei que estava caminhando até a porta do apartamento de Patty para ir embora, e então acordei naquele local estranho. Senti a realidade bater em mim como um soco do estômago. Patty me enganou? Fingiu que estava no banho só para me surpreender? Senti as lágrimas rolarem dos meus olhos, passarem pelas bochechas e pararem no cabeço. Tentei me debater, mas era inútil.

— A morte perfeita foi arruinada — senti uma mão gelada na canela, ela subia conforme proferia a frase até parar no joelho. — Eu estava com uma sequência maravilhosa de garotas perfeitas. Até que aquela defeituosa me enganou ao mostrar um cabelo loiro perfeito quando, na verdade, era dona de um castanho normal — Patty andou lentamente e parou ao lado do meu pescoço, passou sua mão por ele e simulou uma esganadura, mas retirou-a em seguida. — Você é uma das perfeitas. Te observo desde quando voltou para a cidade. Sua pele, cabelo e juventude... foram essas virtudes que despertaram novamente o desejo em mim. Você é igual a Samantha: tem a idade perfeita, aparência perfeita e, assim como ela, seria meu final perfeito.

Outro presente meu para Forest Hill — ela mexeu no meu cabelo e meu olhar a acompanhou até onde era possível. Arregalar os olhos era a única maneira que eu conseguia demonstrar o quão estava apavorada, por mais que tentasse, não conseguia aumentá-los ainda mais.

Nunca me senti dessa maneira. Lembro das vezes que fiquei assustada, com medo e até pânico, e nenhuma delas se comparava ao que sentia naquele momento. Tudo tinha sido uma bobagem ao comparar com minha situação naquela hora. Não conseguia o real significado das palavras até isso acontecer.

Suas mãos apoiaram em minha barriga e só então percebi que estava sem roupa.

— Calma, shhh... — a voz de Patty beirava o doentio. — As roupas confeccionadas pela indústria são muito grosseiras, não combinam com a arte e a delicadeza de bonecas americanas. Fitas coloridas remetem a inocência e ao valor, são dignas. Escolhi a turquesa para você, a fita supre a cor que falta em seus olhos — meu estômago congelou quando ela comentou sobre meus olhos. — Mas não se preocupe, em breve o mundo verá a beleza. A verdadeira e passageira beleza — sua mão passou em meu rosto e o dedo indicador acariciou um dos meus olhos. Imediatamente tentei me soltar, queria aquelas mãos asquerosas longe de mim. Queria aquela mulher longe de mim. — Infelizmente tive que adiantar os planos, queria esperar mais algumas semanas para que você completasse vinte e cinco anos — por mais estranho que pareça, sua voz doentia também era carinhosa, mas em seguida ficou cheia de raiva ao citar minha idade. Vinte e cinco realmente tinha um grande significado para ela. — Sua irmã é perfeita também, sabia? Mas não era a hora dela, talvez no meu próximo lote de arte ela esteja presente — senti repulsa ao escutar a comparação de vítimas com *lotes de arte*. — Aquela sua amiga Emily é quase perfeita: maculou a perfeição ao pintar de castanho a parte inferior do cabelo. Mesmo que ela já esteja com a cor natural agora, a perfeição nunca é restabelecida, ela nunca alcançará esse nível novamente. Entende o motivo de ser tão grave o que Louise me fez fazer? Eu perdi a linha da perfeição. Contaminei meu histórico. Apesar de não conseguir voltar no tempo, você vale a pena. Por isso você foi destinada a ser o *grand finale* quando decidi voltar aos trabalhos. Assim como Samantha — ela começou a se repetir e eu fiquei cada vez mais nervosa. Patty era louca, era insana. — Tive que te acertar com um bastão, o sangue sujou seu cabelo, não quero deixá-lo como

tive que fazer com Louise. Por isso que preciso que você volte a dormir, tenho que limpar.

Patty se afastou e, ao voltar no meu campo de visão, estava segurando um vidro marrom e um pano. A cada centímetro que ela se aproximava, eu tentava gritar mais e mais para me livrar daquilo tudo. O que ela pretendia fazer comigo? Me debatia, mas sem efeito, ela me prendeu muito bem e quanto mais eu tentava me soltar, mais sentia a corda apertando meus pulsos e tornozelos.

Ela embebedou o pano com o que tinha naquele frasco e em seguida o colocou em meu rosto, mais precisamente em meu nariz enquanto tampava minha boca com o resto do pano. Tentei mexer minha cabeça para tirar aquela mão imunda do meu rosto. Demorou para que eu começasse a me sentir fraca como se tudo estivesse apagando, mas após algum tempo finalmente me entreguei para a escuridão.



CAPÍTULO 38

Acordei e, a princípio, parecia que não existia nada de incomum, mas logo a dor de cabeça, junto com a realidade, me atingiu e me ambientei. Não sentia nada mais limitando o movimento de minha cabeça, então a virei para o lado. Aos poucos retomei a consciência do resto de meu corpo e isso foi acompanhado de dores nas minhas coxas, como pontadas, mas mais doloridas.

A boca de tecido não estava mais em minha boca, mas ela estava tão seca que não consegui falar uma única palavra. Queria muito um pouco de água. Tentei olhar para trás, mas minha cabeça não virou o tanto que eu queria, o machucado que estava nela era um limitante. Senti meu cabelo grudar na minha pele.

Tentei ignorar a dor, mas fui vencida. Levantei um pouco a cabeça para descobrir sua origem, mas não enxerguei muita coisa, apenas sangue. O suficiente para me assustar. Comecei a chorar pelo pavor que senti.

Não tinha ideia de onde Patty estava, o silêncio imperava no local, mas bastou que meu choro começasse para que ela surgisse ao meu lado. Colocou sua mão em meu antebraço e sorriu de maneira odiosa.

— Sophie, minha bonequinha, isso é apenas o começo — e saiu mais uma vez.

Como o tecido estava fora da minha boca, sabia que tinha que me esforçar para conseguir que palavras saíssem e, dessa maneira, descobrir qual a verdadeira razão de Patty fazer tudo o que fez – além de sua insanidade.

— Por quê? — a pergunta saiu quase sem som e arranhou por completo minha garganta, mas sabia que ela tinha escutado quando a vi parar de se mover.

Se virou e notei que o sorriso abominável desapareceu de seu rosto, seu semblante estava furioso.

— Você não prestou atenção no que falei? O único trabalho que você tem é de ficar parada escutando e mesmo assim não consegue fazer isso direito? — a olhei assustada. Patty fechou os olhos e esfregou as temporadas com as pontas dos dedos, saiu do meu campo de visão e voltou com uma faca. Fez cortes no meu braço enquanto falava: — Eu quero a perfeição, Sophie — os machucados doíam muito, mas não conseguia gritar. Não conseguir extravasar a dor era agonizante. Ela continuou com os cortes: — Quero que o mundo veja a perfeição que existe em garotas como você. E a melhor maneira de fazer isso é interrompendo o processo que enche de rugas e marcas do tempo no rosto, quero deixá-las no auge. Serem perfeitas para sempre.

Não prestei atenção no que ela disse, as dores na coxa e braço estavam latejantes e isso estava me deixando impaciente. Perfeição? Que loucura era essa? Suas palavras me deixaram em pânico. Temia que a qualquer momento ela me finalizasse e que, daqui algumas horas, eu me tornasse uma estátua humana de sua coleção. As lágrimas rolavam uma atrás da outra, elas eram as únicas coisas que explicitavam o que eu sentia no momento. Patty deu a volta e encostou seu corpo no local que eu estava deitada, cruzou os braços e continuou a falar:

— Tudo me conduziu até você, Sophie. Não era minha intenção te deixar envolvida, mas é engraçado, não é mesmo? Sabia que você e Josh estavam fazendo encontrinhos perto do pântano, mas saber que você iria encontrar Katherine? — Patty deu de ombros. — Talvez tenha passado pela minha cabeça, confesso. Mas você ter visto Daniella me surpreendeu e, bom, foi uma ótima oportunidade para a polícia gastar tempo atrás daquele seu vizinho Sean. Saber que você conhecia aquele velho? Não sabia, mas te afetou muito? Não, né? Se até mesmo a filha dele mal pareceu se importar... mas é, aquela detetive é fechada, nem mesmo eu consigo descobrir o que passa na cabeça dela. Ok, o que fiz com Louise era impossível não se relacionar com você, mas enfim, se eu acreditasse em tal coisa como destino, diria que esse realmente é o seu — como se um raio de felicidade tivesse atingido Patty, ela animou a voz e continuou com sua fala podre: — Lembra quando falei sobre Louise? Ah, fiquei muito brava... ela não deveria morrer. Não era digna. A perfeição que mostrava era fabricada. Algo fabricado é tão sem valor! Não chega aos pés do natural, esse sim mostra quanta excelência existe na natureza — passou a mão em meu rosto. — Mas pelo menos você me fará diminuir esse erro. Adiantei meu plano

em semanas? Adiantei. Não poderia te deixar solta por aí, não depois de todas aquelas perguntas e investigações. Você não será mais meu segundo presente de natal e poupou a vida de pelo menos mais duas garotas. Tudo bem, já estou procurando meu próximo *grand finale* para o terceiro lote, esse tomarei cuidado para que siga o plano. Talvez seja sua irmã — riu de uma forma que me fez querer vomitar e se abaixou, seu rosto ficou a um palmo do meu e perguntou curiosa: — Me diga, aqueles policiais tolos estão há dois anos me procurando e não conseguiram chegar perto. O que me entregou para você?

Se eu tivesse saliva suficiente, teria aproveitado a oportunidade para demonstrar todo meu nojo e raiva com um cuspe, mas eu mal tinha para mim mesma, imagina se gastaria à toa. *Uma questão de sorte*, pensei respondendo ao que ela perguntou. E tinha sido mesmo. Se eu não tivesse conhecido Ben ao entrar em sua vida pessoal, nunca entenderia que todas as vítimas estavam relacionadas com a música, muito menos saberia que era Patty a responsável.

Ao perceber que eu não falaria nada, seu rosto fechou e ela passou mais uma vez a lâmina da faca em mim, se levantou e saiu de perto. Me esforcei para erguer a cabeça a fim de ver para onde a maldita estava indo, mas minha perna estava no meu campo de visão e eu não conseguia ignorar o estado em que ela estava. Me sentia impotente e a dor não ajudava em nada.

Deitei a cabeça e esperei Patty falar alguma coisa quando voltou com meu celular em mãos. O celular que Eve me deu, para ser exata. Foi ele que carreguei para ir ao apartamento da assassina.

— Sabe do que gosto? Não está ligado ao meu desejo da perfeição, mas me dá um prazer inexplicável — seu tom era sádico e ela balançava o aparelho no ar. — Gosto de ver o desespero e o choro das minhas bonequinhas quando escutam as mensagens de voz desesperadas de seus relativos e as chamadas que nunca serão atendidas — ela suspirou olhando para o teto e abraçando o celular, me lembrou pose de uma pessoa apaixonada, o que me fez sentir ânsia. — Vamos ver o que tem por aqui?

Ela sentou ao meu lado e colocou no viva-voz:

Sophie?

Era Josh. Senti meu estômago revirar.

Forte nome? Do que está falando? Me retorne.

Silêncio.

— Oh, chegou mais uma! — Patty exclamou como se descobrisse um presente escondido.

Sophie, você não me retornou ontem

Josh falou “ontem”? Eu estava desaparecida há quanto tempo? Não tinha noção de horário, achei que tinha passado apenas algumas horas, mas não o suficiente para a troca de dia.

e fiquei preocupado. Espero que não tenha feito nenhuma besteira. Se der, passe no Departamento hoje, tenho algo para te perguntar.

A mensagem foi finalizada. Patty colocou ao meu lado o celular e perguntou cínica:

— O que será que o ex-pombinho quer te perguntar? Ele sabe daquela sua parede? Você tem consciência de que farei qualquer coisa para não descobrirem sobre mim? Estou pensando em até mesmo visitar sua mãe... imagine só, acredita que a filha mais velha dela não passou a noite em casa? — fingiu um tom de voz surpreso e alarmado. Franzi o cenho, meus lábios tremiam de desespero e raiva. — Bom, vou deixar o celular em cima da mesa para você escutar ele tocar enquanto se retorce para sair daqui e se afogue em lágrimas por não conseguir contar para ninguém o local em que você está.

Patty deu uma risada que me causou um bolo na garganta. Eu não queria desistir, mas não tinha outra saída.

— Vou ficar algumas horas fora, afinal, tenho uma vida de mentira para sustentar — ela continuou. — Sabe como é horrível ver todos aqueles defeituosos em sua volta, querendo ser seu amigo, te tocando e tudo mais? — se tremeu de nojo — Ainda tenho que aturar um namorado idiota, mas muito útil, e também fazer manifestações estúpidas.

Ela revirou os olhos e a próxima coisa que escutei foi a porta abrir e fechar. Assim que pude, tentei tirar meus pulsos das amarras pela centésima vez, mas era impossível. Lembrei dos filmes onde os protagonistas ficam igualmente presos com cordas, mas dão um jeito de sair – seja deslocando o osso ou sei lá o quê. Dei uma risada que se transformou em choro. É, eu não vou conseguir sair daqui viva.

Chloe veio em minha cabeça. Se eu morresse, iria existir um terceiro lote, falando exatamente como Patty disse. Se ela decidisse esperar mais

dois anos, Chloe teria a idade de Katherine. Ou seja: minha irmã seria mesmo uma escolha daquela psicopata. Patty já pensava nisso. Só não pegou minha irmã por ser nova demais. Não cabia em mim a ideia de Chloe passar pelo mesmo que eu estava passando. Alguma coisa tinha que acontecer para deter a maníaca.

Senti algo endurecer e pinicar nas coxas, provavelmente era o sangue secando. O local era úmido, então significava que eu estava presa há um bom tempo. Ainda sentia o sangue do braço escorrer em filetes. Esperava, por tudo o que acredito, que minha mão não mexesse no meu quarto para não ver minhas anotações. E se comentasse algo com Patty? "*Você tem consciência de que farei qualquer coisa para não descobrirem sobre mim, não é mesmo?*" ela disse e a ideia de minha mãe se enquadrar nisso me fazia querer sair correndo para salvar todo mundo.

Fechei os olhos e tentei dormir.

Mas não conseguia.

Ao fechar os olhos, vários "*e se*" rondavam minha cabeça.

E se eu não tivesse comprado a ideia de descobrir quem era o Maníaco? Eu estaria com Josh, não sei se Patty teria passado algum tempo com Louise, então não faço ideia se ela estaria viva ou morta. Mas de qualquer jeito eu estaria nessa situação. A única diferença é que seria daqui dois meses.

E se na minha chamada para Josh, eu tivesse falado o nome de Patty em vez de apenas dizer que tinha um nome forte?

Esse pensamento me deixou amargamente arrependida.

Bastava Patty chegar na cidade para que Josh a colocasse sob custódia até juntar as peças, e a essa altura ele estaria a caminho do meu resgate. No pior cenário, ele teria dito algo "Patty? Como assim ela é o Maníaco? Você precisar vir ao Departamento para se explicar" e ao escutar isso, ela decidiria por terminar logo com seu trabalho.

Nada que passava pela minha cabeça era algo que me dava esperança ou tranquilidade. Tudo era propício para que eu enlouquecesse e temesse mais pela vida das pessoas próximas a mim do que pela minha. Afinal, eu já tinha sido pega, era questão de tempo para Patty fazer o que queria fazer. Mas eles não faziam ideia do que estava acontecendo, ainda continuavam normalmente com suas vidas. Será que os últimos pensamentos de Louise foram no quanto nós estávamos em perigo ao ter Patty ao nosso lado?

Fechei os olhos com força e quis muito gritar, mas minha garganta incomodava só de engolir ar, não queria pensar o que aconteceria com ela se eu realmente gritasse.

O telefone tocou. Nesse momento, desejei muito que fosse meu celular pessoal, pelo toque da chamada, saberia quem estava ligando. A pessoa tentou mais duas vezes. Provavelmente era Josh.

Eu queria tanto atender!

Olhei para um lado e para o outro, não me importei com movimentos bruscos, meu pânico era tão grande quanto a dor que eles causavam. Precisava entender qual a minha localização e, pela primeira vez, eu estava consciente e sozinha, então poderia fazer isso sem me preocupar com a louca em minha volta. As paredes eram de madeiras, as frestas existentes mostravam que eram antigas, não conseguia enxergar por elas, mas era suficiente para que luz passasse. Acho que ela usou esse lugar em todas as outras vezes, inclusive em 2013, pois pelo que conhecia do pântano, não sabia de muitas cabanas.

Olhei para o outro lado e vi uma porta, julguei ser um banheiro. Na única janela era impossível ver algo, Patty pregou algumas madeiras. Não existiam muitos móveis pelo que consegui ver: uma cadeira, mesa e bancada, todos com uma aparência de muito antigos. Voltei a olhar para o teto e suspirei longamente. Era isso. Era assim que eu iria acabar. Fechei os olhos e comecei a chorar. Em todos os cenários que um dia imaginei de como morreria, ser vítima de uma serial killer nunca esteva entre eles.

Queria ver minha família e Josh mais uma vez.

Só isso.



CAPÍTULO 39

— Oh, Josh! Ainda bem que você chegou!

Bonnie atendeu assim que bati na porta, ela estava com uma aparência cansada, seu rosto estava pálido e parecia que nem se importou em arrumar o cabelo. Fiquei surpreso com a ligação dela e mais surpreso ainda com seu ar preocupado.

Ela andou rapidamente até a sala, eu não entendi o que estava acontecendo, então fechei a porta e a segui. Parei abruptamente ao ver Chloe, Margot e Emily. Todas estavam com semblantes sérios e preocupados. O nome Sophie me veio à mente. Andei até o sofá e, ainda com a expressão de desentendimento, perguntei:

— O que aconteceu?

Bonnie mordia as pontas dos dedos enquanto andava de um lado para o outro com a outra mão na cintura, ela não parecia apta para explicar a situação. Margot se levantou e encostou uma das mãos no meu ombro, me levando até a janela mais próxima.

— Sabemos que devemos registrar o desaparecimento de alguém somente após vinte e quatro horas, ainda mais Sophie já sendo adulta, fica mais complicado para registrar que foi um desaparecimento e não que ela sumiu porque quis e...

— Margot, me diga direito o que aconteceu — interrompi impaciente no momento em que ela citou desaparecimento, senti um mal estar, mas permaneci firme, me virando completamente para ela e colocando minhas mãos em seus ombros.

Ela abriu a boca algumas vezes, parecia tentar encontrar a maneira certa de contar a situação, até que enfim descobriu:

— Ontem, quase nesse mesmo horário, ela disse para Chloe que almoçaria fora, depois não apareceu mais. Você conhece a Sophie, não é mesmo? Sabe que ela não é do tipo de pessoa que foge ou que nunca avisa

onde está. Ela desapareceu de verdade — Margot estava abalada, mas pelo que observei por cima de seu ombro, Chloe e Bonnie se encontravam em uma situação pior. — Você pode fazer alguma coisa?

Cocei a cabeça e me concentrei para ser o mais racional possível.

— Vou conversar com as duas e pedir para que registrem o desaparecimento.

Margot, que estava com os braços cruzados, meio encolhida, assentiu e deu um passo para o lado para que eu fosse até as Fields. Primeiro fui até Chloe, que estava paralisada e com um olhar perdido.

— Chloe... Chloe — a chamei, balançando de leve seu ombro.

Ela fechou os olhos e meneou a cabeça, olhou para mim e tentou focar no que via.

— Oi — ela disse sem emoção.

Pigarreei e continuei:

— Preciso que me diga, em detalhes, o que aconteceu na última vez que viu Sophie.

— Ela estava no quarto dela e eu no meu lendo um livro que ganhei... Sophie entrou de repente e perguntou o que eu iria fazer no resto do dia, percebi que ela estava estranha. Bom, ela *realmente* — Chloe frisou — estava estranha desde o funeral de Louise, saía do quarto apenas para a cozinha e banheiro, mas ontem ela havia superado, senti sua voz esquisita e percebi que ela não estava normal. Perguntei se era Louise que a deixava assim, vi que ela ia começar com aquela conversa sentimental de apoio que ama fazer, então parei de prestar atenção nela. E então foi embora — Chloe olhou para baixo e ficou em silêncio por alguns segundos, ela queria falar mais alguma coisa, por isso esperei. — Josh — levantou seus olhos até mim —, Sophie teria sumido se eu tivesse parado para escutar ela?

Comprimi os lábios e não soube o que responder. Se fosse premeditado, isso aconteceria de qualquer jeito, mas se fosse o contrário, existia a chance de nada acontecer com ela. Mas obviamente não falaria para Chloe se houvesse um cenário em que seria possível o não desaparecimento de Sophie, a mais nova das Fields iria lamentar mais ainda.

Em vez de responder a pergunta feita, apenas comentei que era impossível saber de algo. Me levantei e fui até Bonnie que encarava o celular como se uma ligação fosse surgir a qualquer momento.

— Bonnie — me aproximei com todo o cuidado —, você tem certeza que Sophie desapareceu? Ela não fez alguma viagem de última hora para

Tallahassee? O celular dela está desligado?

— Josh, ele está aqui em casa, minha Sophie não é assim. Sempre quando vai para longe, ela avisa. Nunca me deixou sem saber o paradeiro dela, até mesmo quando estava na universidade, se decidisse ficar fora da cidade por alguns dias, ela me ligava para avisar — seus olhos clamavam para ter alguma ideia de onde sua filha estava. — Emily também não sabe onde Sophie está, ela chegou de viagem nessa madrugada.

Olhei para trás e vi a jovem sentada na poltrona e se abraçando, ela parecia que estava com o pensamento bem distante, assim como Chloe. Fui até ela e me agachei.

— Emily? — ela respondeu rápido ao meu chamado e olhou para mim quase no mesmo instante em que falei seu nome. — Você sabe de alguma coisa que pode ajudar a encontrar Sophie? — Ela mordeu o lábio inferior e olhou para baixo. — Pode confiar em mim — coloquei uma das mãos em suas costas para lhe garantir segurança.

— Você sabe que ela estava super interessada no caso e que recebeu aqueles bilhetes medonhos, não é? — Emily disse de maneira que somente eu escutasse, assenti e ela continuou: — Sophie tem uma parede cheia de informações sobre o caso — seus olhos marejaram e comecei a ficar ansioso, sentia que não iria gostar de escutar nada do que ela estava prestes a dizer. — É sério Josh, ela tem muita coisa. Sophie não estava em uma de suas melhores fases. Chloe me disse que ela se trancou no quarto depois do funeral de Louise, achei que era minha culpa por não estar com ela na hora, então a fiquei enchendo de mensagem. Mas esse desaparecimento... tenho certeza que foi ele. Foi ele, Josh — ela apertou minha mão que estava apoiada no braço da poltrona, minha cabeça ainda processava a parte sobre Sophie ter uma parede cheia de informações sobre o caso.

Me aproximei de Emily e perguntei em um sussurro:

— O que ela sabia sobre isso?

Nunca parei para pensar o que Sophie realmente fazia com as informações que conseguia sobre o caso, sempre pensei que era algo amador e sem futuro. Claro que após o papelão que fez Chloe passar e os bilhetes, me preocupei mais com o que ela estava procurando do que com o que estava mexendo.

Mas uma parede cheia de informações? Isso era obsessivo.

Foi então que lembrei da mensagem de voz. Ela tinha um nome importante para o caso. Essa pessoa era a responsável pelo

desaparecimento?

Emily levantou e me puxou pela mão, passamos por Chloe que voltara a seu estado desconectado e por Margot, que estava ao lado de uma Bonnie de olhos fixos no celular. Perto da escada, ela soltou minha mão e subiu ao meu lado, em nenhum momento deixou de falar baixinho:

— Eu era contra isso, mas você sabe como ela é. Se coloca algo na cabeça, nada tira. Ai que raiva!

Era possível sentir as mudanças em seu tom de voz, como se fosse uma dura batalha se manter da maneira que ela se apresentava. Sempre soube que Emily era mais sensível do que o comum, nem imagino as coisas que pensava no momento. Talvez assim como Chloe, ela achava que tinha uma parcela de culpa. Chegamos na porta do quarto de Sophie, Emily se virou antes de girar a maçaneta e disse:

— Não demonstre nenhuma reação extrema — abriu a porta.

A princípio me pareceu um quarto comum, nada que chamasse a atenção. Então Moore foi até a cama e pude ver papéis brancos e linhas coloridas, à primeira vista parecia uma escolha duvidosa de decoração, mas Emily pediu para que eu ajudasse a afastar a cama até que um vão onde cabíamos fosse aberto. Entramos ali.

— Ela sempre vira essas coisas para que ninguém "*não autorizado*" veja o que estava fazendo — enquanto falava, Emily ia virando todos aqueles papéis e a ajudei para que terminasse logo.

Não acreditei quando vi. Cheguei a sentar na cama para observar melhor. Ela tinha tudo ali. Tudo o que saiu na imprensa e que ela foi atrás. Eu estava extremamente dividido entre praguejar e sentir orgulho dela, ou era muita inteligência ou muita burrice. Uma situação de ou oito ou oitenta.

— Quem sabe disso? — perguntei alarmado.

— Não sei direito, acho que Bonnie sabe, mas pelo que conheço Sophie, a mãe dela já acha que ela parou com isso.

— Mas Sophie nunca para — murmurei ainda surpreso com o que estava em minha frente.

— Sophie nunca para — escutei Emily repetir, ela sentou ao meu lado e praticamente implorou: — Agora você tem noção do motivo para achá-la logo? Ela me contou que vocês se separaram por causa desse caso. E agora, por causa desse caso, ela pode estar em perigo.

Esfreguei meu rosto com a palma da mão e respirei fundo. Eu estava conseguindo deixar que meu lado racional e profissional prevalecesse, e

planejava continuar dessa maneira. Já sabia o quanto considerar o emocional ou então misturá-lo com o racional é prejudicial ao meu trabalho, então dessa vez eu estava focado em não deixar a notícia me afetar como aconteceu anteriormente. Era o que precisava ser feito. Levantei da cama e caminhei até a porta.

— Não deixe ninguém entrar nesse quarto. Ninguém. Nem mesmo Chloe e Bonnie. Vou levar a mãe de Sophie para registrar o desaparecimento. Isso daqui — apontei para a parede — é nosso segredo até eu voltar como detetive Sanders, junto com Eve, para começarmos a investigar e descobrir se há mesmo relação com o Maníaco do Pântano.

Emily, com seus olhos arregalados, apenas concordou com a cabeça. Sai do quarto e ela veio em seguida. Escutei mais vozes do que antes, ao descer as escadas, vi Patty Williams na porta, ela parecia preocupada com Bonnie. Só faltava ela descobrir sobre o desaparecimento de Sophie e voltar a fazer seus típicos estardalhaços, isso não nos ajudaria em absolutamente nada. Me aproximei das duas e pedi no ouvido de Bonnie:

— Senhora Fields, me acompanhe até o Departamento para que faça o registro do desaparecimento.

— Ah sim, vamos sim — ela parecia um pouco mais tranquila ao sentir que finalmente algo estava sendo feito para encontrar sua filha.

— Depois nós nos falamos, tenho que ir. Mas por favor, me avise qualquer coisa — Patty disse com um tom de preocupação, ela me olhou e acenou com a cabeça.

— Senhora Williams — respondi o cumprimento.

Nós três saímos da casa, nos dividindo ao chegar na calçada, Patty foi para seu carro e Bonnie e eu caminhamos para o meu. Entramos, dei partida no carro e fomos para o Departamento. Queria saber como puxaria o assunto da parede com Bonnie, procurava pelas palavras corretas, mas como sabia que pensar demais não funcionaria, decidir falar da maneira que vinha na mente

— O que a senhora sabe sobre a parede no quarto de Sophie?

Bonnie começou a mexer com o tecido de sua roupa, ela ficou nervosa e logo desatou um choro:

— Ela mostrou para mim e para Patty. Não gostei, sabe, deixa com a polícia o trabalho da polícia. Mas Sophie já é uma mulher feita, não posso falar o que ela deve ou não fazer, no máximo aconselhar. Depois daquele

dia, ela não falou mais nada, achei que tinha deixado de lado essa ideia maluca, mas não foi isso que Emily te mostrou lá em cima, não é?

— Não — respondi de maneira curta, Bonnie tinha essa sagacidade que tornava impossível dizer nada mais do que palavras simples.

Fizemos o resto do trajeto em silêncio, a levei para o lugar em que os registros eram feitos e fui até o lugar de Eve procurar por ela. Sentia que estava começando a encostar no meu limite. Rickenter não estava em sua mesa, então fui para a minha e tentei me concentrar. Sophie estava em algum lugar, talvez amarrada, talvez inconsciente. Sofrendo? Bom, se o Maníaco foi quem realmente a levou, seu *ritual* já tinha sido iniciado. Eu estava em uma corrida contra o tempo. Era minha obrigação pessoal e profissional resgatá-la. Ela não deveria ser o próximo corpo a ser encontrado, se isso acontecesse, nunca iria me perdoar.

Meus batimentos estavam acelerados e o suor se formou na testa. O barulho em minha volta virou zumbido e todo mundo me parecia irritante. Balançava minha perna direita sem parar, isso chamou a atenção de alguns colegas de trabalho, olhei para eles e tentei disfarçar, me remexendo um pouco na cadeira. Minha vontade era de levantar e jogar no chão, com as mãos, tudo o que estava em cima da minha mesa. Mas não, eu tinha que me manter no controle. Vi Elizabeth chegando com seu andar sério, já fechei os olhos e respirei longamente, ela nos deu interpretações e traços de personalidade muito importantes, mas eram quase inúteis sem que tivéssemos algum suspeito para comparar.

Ela passou direto, não sabia se isso era algo bom ou não. Elizabeth pode até ter apontado algumas informações que auxiliam na investigação, mas conhecia meu temperamento e sabia que teria falado com ela de modo curto. Thomas surgiu logo após, carregava um sorriso no rosto. Como alguém pode encontrar motivo para alegria enquanto passamos por uma crise como essa?

— Fala, Josh! — ele sentou na ponta da minha mesa e brincou com uma caneta. — Estou um pouco atrasado para o almoço, mas queria dar uma declaração oficial: estou amarrado na minha garota!

Seu entusiasmo fez minha cabeça ferver.

— Isso, Thomas. Vai almoçar e ficar *amarrado na sua garota* — o remendei — enquanto o Departamento inteiro está atrás do serial killer — levantei da cadeira e bati duas vezes o dedo indicador na mesa enquanto

meus olhos permaneciam fixos nos dele. — Enquanto *eu* estou atrás de Sophie. Que aliás, desapareceu!

Thomas ficou assustado, balançou levemente a cabeça e retribuiu minha grosseria:

— Ainda bem que não fiquei com o caso dela, então.

Soquei a mesa com a lateral das mãos e retruquei:

— Ainda bem!

Eve interrompeu nosso embate:

— Thomas, é melhor ir embora — disse como se não tivesse notado nossos ânimos. — Josh, vem aqui — ela sentou em sua cadeira e colocou um pedaço de papel ao lado do telefone. Ao notar que Thomas e eu não fizemos o que ela ordenou, Eve insistiu: — Vocês dois, façam agora o que mandei — seu modo ranzinza fez com que obedecêssemos.

Sente na cadeira em frente a dela. Rickenter pegou o papel e mostrou para mim:

— Ontem a mãe de Henriquetta nos ligou. Disse que Sophie entrou em contato com ela e...

— E qual o motivo para que saibamos disso somente hoje? — a interrompi indignado.

— Não estávamos aqui no Departamento quando isso aconteceu. Nesse meio tempo, fizeram uma confusão de papeis com os oficiais e este estava no meio, o encontraram hoje e me deram assim que coloquei os pés aqui — uma confusão? Ainda não sabia o que Sophie perguntou para a senhora Jackson, mas qualquer que tenha sido a informação, poderia ter nos ajudado a impedir o sumiço dela. — Soube também que a senhora Fields veio com você registrar o desaparecimento de Sophie.

— Sim, hoje mais cedo ela me chamou e queria minha ajuda como Josh, não somente como detetive.

Eve assentiu pensativa e voltou a falar:

— Qualquer coisa que Sophie tenha perguntado para a senhora Jackson pode nos ajudar a saber onde ela está agora ou então nos indicar o que aconteceu. Por isso peço para que se mantenha concentrado, não quero atritos ou que isso se torne pessoal demais — sua fala era cuidadosa, algo raro.

Ao ver que achei óbvio o que ela disse, Eve revirou os olhos e se absteve de comentários. Teclou o número do papel em seu telefone e esperou poucos segundos para ser atendida.

— É a senhora Jackson? — Cruzei os braços quando ela foi atendida, eu estava ansioso para saber o que Sophie perguntou. — Aqui é a detetive Rickenter — pausa para a mulher do outro lado da linha falar. — Sim, sim — queria muito saber o que elas conversavam, por isso pedi somente com os movimentos dos lábios para que Eve colocasse no viva-voz e assim foi feito.

— Vocês demoraram pra ligar, achei que não se importaram — a senhora Jackson disse aliviada.

— Pedimos desculpas por isso. O que aconteceu exatamente? — Eve alternava o olhar entre o telefone e eu.

— A menina me ligou duas noites atrás, disse que uma amiga dela, é... — ela parecia tentar lembrar o nome de Louise. — Não lembro o nome... então, ela falou que essa amiga faleceu e queria descobrir quem fez isso.

— E então? — Eve queria que a mãe de Henriquetta concluísse logo a fala.

— Ela perguntou de quem era o quarto que minha filha estava quando a foto foi tirada, aquela que apareceu nos jornais. Falei que era do meu filho mais novo, então ela começou a perguntar sobre o violão da foto e por fim questionou quem dava aulas para ele. Não sabia, fiquei de perguntar para ele e depois retornaria a ligação... fiquei com isso na cabeça e vi que era bom a polícia saber também. Não sei se vai ajudar em algo, mas se a moça disse que era super importante, então vocês devem achar isso também.

Eve e eu nos olhamos na mesma hora. O que Sophie tinha descoberto? Qual era sua linha de raciocínio para querer saber tanto de um violão?

— E quem fava a aula, senhora Jackson? — ela perguntou pronta para agir.

— O nome da instrutora é Patty Williams, detetive.

Patty Williams? O que ela tem a ver com isso?

— Muito obrigada, senhora Jackson.

— Detetive, antes de desligar, por favor, encontre quem está fazendo isso. Sofro há dois anos pela morte da minha filha, sei que essa ferida nunca vai cicatrizar, mas saber que quem fez isso está solto por aí, faz com que ela fique muito mais dolorida.

— Estamos fazendo nosso melhor. Garanto para a senhora que esse cara não ficará livre por muito mais tempo.

— Assim espero — com uma voz triste, a senhora Jackson desligou a chamada.

— Patty Williams? Qual a ligação? — Eve perguntou confusa.

Permaneci em silêncio e continuei pensando. Além de organizar manifestações, ela também dava aulas para Chloe. Precisava entender o que acontecia e, para isso, tinha que mostrar a parede para Eve.

— Você precisa ver algo — levantei subitamente da cadeira.

Ela não entendeu nada, apenas balancei a cabeça e pedi para que me seguisse. No carro, continuei a falar:

— Como já tinha comentado, Sophie queria saber sobre a investigação, mas eu não tinha ideia do quão obcecada ela estava — desviei rapidamente a atenção do trânsito ao olhar para minha parceira — Eve, ela reuniu muita coisa!

— Como assim?

— Você vai ver.

Não falei mais nada, queria que ela descobrisse tudo com os próprios olhos. Ao chegar na cada das Fields, Bonnie nos atendeu, ela ainda estava muito abatida. Chloe e Margot continuavam apreensivas e querendo respostas o mais rápido possível. Cumprimentamos todas e pedi permissão para subir até o quarto de Sophie, Bonnie assentiu e nos seguiu até ele. Eve foi na frente, ela queria ver logo o que comentei.

Assim que entrou no quarto, a detetive viu a parede e ficou imóvel. Olhou para trás e me viu curvando a boca para baixo, eu queria que ela se aproximasse das anotações para ler tudo o que Sophie escreveu e assim foi feito. Incrédula, Rickenter tocava nos papeis ao ler cada um deles e, ao final, perguntou:

— Ela conseguiu reunir tudo isso?

— Isso, você percebe a relação com o que a senhora Jackson falou?

— Percebo... — ela respondeu com os olhos vazios, estava tão confusa quanto eu.

Escutamos o choro de Bonnie vindo do corredor, fui até ela e a abracei, ela correspondeu com força, parecia não querer parar de chorar. Passei a mãe em seus cabelos e tentei confortá-la:

— Nós vamos encontrar Sophie, prometo.

— E quem garante que quando isso acontecer não vai ser como próximo corpo?

— Dou a minha palavra, não vou deixar isso acontecer com nossa Sophie.

Bonnie se afastou para olhar para mim, seu rosto estava molhado pelas lágrimas.

— Você ainda gosta dela?

Soltei uma risada curta e triste.

— Não imagino um dia em que não gostarei.

— Por favor, encontre-a — implorou.

— Encontrarei.

Eve me chamou para ir embora, precisávamos voltar imediatamente para o Departamento.

— Tirei fotos das anotações, podemos comparar com o que já temos e ver se descobrimos mais coisas — a detetive comentou no carro.

Nossos passos eram acelerados até a mesa de Eve, ao chegar, colocamos na tudo o que tínhamos. Deixamos o capitão de sobreaviso a respeito do surgimento de pistas importantes e ele garantiu que liberaria toda a força policial necessária quando descobríssemos algo, isso nos deixou mais confiantes e seguros.

— Como não vimos isso antes? Elas têm sim algo em comum, mas não é necessariamente relacionado a todas elas — Eve comentou abismada ao olhar para as fotos anotações conforme eram impressas.

— Esse deve ter sido o grande ponto, Eve, estávamos olhando de maneira errada o caso. Procurávamos algo sobre elas, quando na verdade, comportamentos de amigos e parentes também estavam relacionados.

Ela colocou na mesa todas as impressões feitas.

— Olha o que Sophie escreveu sobre as vítimas: Katherine tinha uma banda, Samantha era cantora, a melhor amiga de Daniella tocava violão, Jess trabalhava em uma loja de instrumentos musicais e o irmão de Henriquetta tocava violão. Sabemos que a instrutora do irmão de Henriquetta era Patty, falta descobrir a relação das outras vítimas e encaixar também Rebecca Collins, Dulce Díaz e Savi Morgan — apontava para as pastas de cada uma das vítimas quando as citava.

Isso era como uma injeção de adrenalina, eu estava empolgado e ansioso com tudo isso que acontecia. Sentia que algo estava realmente mudando.

— Eu fico com as vítimas das anotações de Sophie e você descobre algo das três que ela não conseguiu — Eve disse categórica.

Na minha mesa, reli o arquivo com todas as informações de Rebecca. Fiz minha rota para conversar com os familiares das três mulheres. Como seguiria a ordem em que foram encontradas, minha primeira parada era a

casa dos Collins. Pedi para que o detetive O'Neal me acompanhasse, ele era um dos que auxiliavam Eve e eu no caso, por isso estava a par do que acontecia. Detetive há seis anos, ele era responsável e diligente, sua pele não entregava a idade, porém, seus anos de vida eram aparentes pelos cabelos brancos que começavam a crescer e tomar o espaço que os fios pretos ocupavam.

Ele bateu na porta e um senhor robusto atendeu, o home arqueou uma das sobrancelhas ao perguntar quem éramos.

— Somos detetives — O'Neal e eu mostramos nossos distintivos na mesma hora — e estamos novamente investigando a morte de sua filha.

O rosto do senhor Collins era um daqueles difíceis de esquecer. Não é todo dia que presenciamos um homem do porte que ele tinha sentar no chão e chorar desconsoladamente. Eu estava perto quando informaram que encontraram sua filha e também quando precisou fazer o reconhecimento do corpo. Vê-lo destruído foi marcante para todos que presenciaram a cena, se tornou um símbolo de dor.

— Entre — ele foi para o lado para nos dar espaço.

— Seremos breves. Surgiram pistas importantes para o caso, acreditamos que quem quer que tenha feito isso, está relacionado ao mundo musical. Por isso queremos saber se Rebecca em algum momento comprou um instrumento, cantava em algum lugar, teve aula de música ou se algum amigo ou parente fazia essas coisas.

O homem olhou para o chão antes de responder.

— Rebecca nunca teve instrumentos musicais, muito menos fez aula. Nossos parentes também não mexem com isso. E quanto a amigos, também acho que não, mas é melhor vocês mesmo confirmarem isso. Vou dar o nome da melhor amiga dela, espera aí.

Ele entrou em um cômodo, O'Neal e eu nos entreolhamos e pensávamos a mesma coisa: tinha que ser isso. O senhor Collins voltou com um papel na mão:

— Aqui o nome dela, só não sei onde mora. Mas espero mesmo que ajude vocês.

— Nós agradecemos — O'Neal respondeu.

Assim que entramos no carro, o detetive comunicou com a central e pediu para descobrirem o endereço de Amanda Hogan. Estacionei o carro duas quadras após a casa do senhor Collins e esperamos a resposta com o endereço. Cinco minutos depois já estávamos seguindo o caminho indicado.

Paramos em frente a uma casa relativamente simples e de quintal pequeno. Batemos na porta e uma mulher negra de cabelo solto e cacheado nos atendeu:

— Amanda Hogan? — perguntei.

— Sim.

— Somos detetives — novamente levantamento e mostramos nossos distintivos. — Voltamos a investigar o caso de Rebecca Collins.

Amanda respirou fundo e perguntou o que queríamos, pude notar um pesar em sua voz.

— Você ou outro amigo de Rebecca em algum momento antes do desaparecimento dela fizeram aulas de música, cantaram em algum lugar ou compraram instrumentos musicais?

Ela não entendeu o que pretendíamos com tudo aquilo, desencostou da porta e cruzou os braços.

— Não, nunca me interessei por essas coisas, nem nossos amigos. Gostamos de músicas, claro, mas nada relacionado comprar algo ou querer aprender.

Então Rebecca Collins não tinha nada a ver com isso? Rogava em pensamento para que essa informação não quebrasse a linha de raciocínio que havia sido criada. Agradecemos Amanda e pedimos para que nos ligasse caso lembrasse de algo sobre o assunto. Ela concordou.

— Tem que ter alguma coisa aí — falei para O'Neal enquanto dirigia até a casa dos Díaz.

— E tem sim, Sanders, mais cedo ou mais tarde isso vai aparecer — ele garantiu.

A casa dos Díaz era grande, lembro de ver muitas pessoas da família durante as investigações, eles pareciam ser pessoas bem ligadas umas as outras. Bati na porta e um rapaz nos atendeu:

— Olá, nós gostaríamos de falar com o senhor ou senhora Díaz — O'Neal disse para ele.

O rapaz, por sua vez, se virou e começou a gritar por “tia”. Logo a senhora Díaz apareceu na porta.

— *Hola*! — ela nos cumprimentou em espanhol enquanto secava a mão em um pano de prato, só então senti o cheiro de comida vindo de dentro da casa.

Pela terceira vez falamos que éramos detetives, mostramos os distintivos e comentamos sobre a investição perguntando sobre Dulce fazer ou

conhecer alguém que seja relacionado a uma das alternativas.

— Hmm, acho que não, detetives — ela tinha um forte sotaque. — *Permítame* perguntar ao meu marido.

Ela entrou na casa e voltou com um senhor que aparentava ser pelo menos dez anos mais velho que ela. Repetimos a pergunta e ele nos respondeu:

— Dulce nunca fez aula, mas gostava muito de música — o senhor Díaz não tinha sotaque, pelo que me recordo da história deles, ele foi ao México a trabalho, conheceu a esposa e depois vieram morar aqui, fazendo com que aos poucos o resto da família se mudasse também. — Às vezes ia até a casa de Gloria, sobrinha de minha esposa, para ouvi-la tocar flauta.

Isso despertou nossa atenção.

— Gloria sempre tocou flauta?

— *No, no*, ela *tenía* aula, *no me acuerdo mucho* de quem ensinava ela, *pero era muy amable*.

Eu apenas não estava sem entender o que ela dizia por causa de Thomas, às vezes ele ensinava palavras em espanhol, olhei para o lado e vi pelo semblante de O'Neal que ele não entendeu nada do que a senhora falou.

— Desculpem, detetives, mas quando minha esposa fica muito nervosa ou ansiosa, começa com o espanhol e fica muito difícil separar os dois idiomas. Ela disse que Gloria tinha aula, não lembra quem era, apenas lembra que a pessoa era muito agradável.

— Qual o endereço de Gloria? — O'Neal perguntou e o senhor Díaz nos passou. Não era muito longe.

Novamente entramos no carro, fizemos o percurso e chegamos na casa de Gloria. Ela nos atendeu e sua aparência era o oposto de Dulce, a vítima puxou a família do pai, enquanto Gloria permaneceu com as características da tia.

— Fiz aula por um tempo, mas não sei se lembro o nome de todos os professores que tive — ela disse com uma medida de humor, mas sem conseguir rir devido ao assunto que trouxemos para ela.

— Quantos teve na época em que Dulce desapareceu?

— Se me lembro bem, estava em transição. Infelizmente não faço ideia do nome do instrutor que foi trocado, mas o da instrutora não tem como esquecer, já que vez e outra ela aparece na televisão. Vocês provavelmente a conhecem, é a Patty das manifestações — seu sotaque não era tão acentuado quanto o de sua tia.

— Patty Williams? — perguntei confirmando.

— Essa mesma — confirmou.

— Obrigado senhorita — O'Neal agradeceu a colaboração antes de ir embora.

Dei partida no carro, absorto no caso. A ideia de ser Patty Williams era impossível. Aquela mulher era quem nos pressionava para encontrar o Maníaco. Não fazia sentido.

— Já é a segunda vez que o nome de Williams surge — murmurei.

— Parece que é assim mesmo: não temos nada em vista por um tempo, mas assim que algo surge, parece que deslancha tudo — o detetive comentou e eu concordei.

Faltava a família Morgan, me perguntava se ouviria novamente o nome de Patty. Refiz toda a apresentação quando a amiga que Savi dividia a casa nos atendeu, Laura Joss, ela era ruiva e provavelmente nasceu na mesma época que Savi.

— Savi era muito ativa — relembrou saudosa —, era aquele tipo de pessoa que quando se encantava por algo, se jogava naquilo, mas também não durava muito, logo queria outra coisa. Se não me engano, ela teve sim um interesse por música durante pouco tempo. Até briguei com ela quando decidiu parar com a aula de violão, Savi pagou caro nele, achava loucura ela deixá-lo encostado. Insisti muito para que vendesse o violão, mas ela sumiu antes que a fizesse mudar de ideia.

— Você lembra quem deu aula? — perguntei.

— Desculpa, a pessoa veio aqui umas quatro vezes apenas, é pouco tempo para eu conseguir decorar o nome, ainda mais de dois anos atrás.

— Você poderia descrever? Caso se lembre da aparência dela.

— Claro — Laura fez uma expressão que mostrava o quanto estava se esforçando para lembrar, então começou a falar: — Ela tinha um rosto muito marcante, cabelos pretos, não lembro o comprimento, e uma pele muito branca, não lembro a cor dos olhos nem o formato do rosto.

Peguei meu celular e procurei por uma foto de Patty na internet, facilmente encontrei em uma matéria de um site local falando sobre as manifestações. Mostrei para Laura:

— Saberia dizer se é essa mulher?

Ela olhou bem para a tela e respondeu:

— Não posso afirmar com total certeza, mas ela parece muito.

Agradecemos a cooperação dela e pedimos para que ligasse para a polícia caso lembrasse de algo. Voltamos para o Departamento, já estava anoitecendo. Tinha certeza de que passaríamos a noite em claro. Enquanto fazia o caminho até a mesa de Eve, um policial chamou O'Neal para resolver algum problema, o qual não prestei atenção. Mal parei na frente de Eve e ela olhou para mim incrédula:

— Sabe o que todas as vítimas têm em comum?

— Patty Williams — falamos em uníssono.

— Falei com todos e o nome dela sempre aparecia! Mas assim como Sophie, não consegui ligar Jess, mas como ela trabalhava em uma loja de instrumento musical e foi uma das primeiras vítimas, acredito que Patty a conheceu quando foi comprar algo lá. Pagou em dinheiro vivo e ainda por cima levou a vendedora em algum momento.

— Não consegui nada relacionado com Rebecca, mas encontrei essa mesma relação com Dulce e Savi. Dulce tinha uma prima que fez aula com Patty e Savi fez aula com ela por um breve período, parece que se viram umas três ou quatro vezes.

— Isso pode ter despertado a atenção de Patty — Eve disse pensativa.

— Alguém já sabe dessa nossa suspeita?

— Além do capitão e de O'Neal? Não. Se for ela mesma, não queremos que a notícia vaze e a motive a fugir.

Ficamos poucos minutos encarando um ao outro, estávamos perplexos. Patty sempre esteve em nossa frente puxando manifestações. Isso tudo foi arquitetado por ela? Ela tinha uma mente diabólica. Patty frequentava a casa de Sophie! Ela tinha ido hoje pela manhã para lá! Foi consolar uma mãe que estava desesperada por causa da filha que ela raptou? Precisávamos pegá-la para que Williams coloque todos os pingos nos *i's*. Isso ainda não parecia real.

— Os livros e especialistas estavam certos, um serial killer tem a capacidade de se comportar de maneira que não levante suspeita alguma para que, caso o nome surja na investigação, se torne algo tão inacreditável que é logo descartado.

— Um lobo em pele de cordeiro.

— Exatamente — Eve olhou para a mesa de Thomas e o chamou. Ele estava conversando no celular e veio até a gente sem desligar o aparelho, apenas o afastou da orelha. — Preciso que você junte a força policial, peça

para que eles estejam preparados porque a qualquer momento vamos atrás do Maníaco.

— Ok — respondeu Eve, mal olhando para mim, se virou e pude escutar sua conversa: — *Baby*, preciso desligar. Parece que a cidade finalmente vai tirar o peso do Maníaco das costas, e você também.

Um oficial se aproximou e falou com a detetive:

— Conseguimos localizar o local em que o celular está e pelo que vimos, Sophie está no pântano, aqui as coordenadas exatas — ele deu um papel para ela.

O sentido de urgência cresceu em todos nós. Sophie foi rastreada! Era isso. Agora era possível salvá-la e, de quebra, encontrar o, ou melhor, a Maníaca. Levantamos imediatamente da cadeira e pedimos para que detetives e policiais fossem até a sala de reunião, atualizamos o capitão e, vinte minutos depois, ele discursou para todos na sala:

— A mulher desaparecida, Sophie Fields, de vinte e quatro anos, foi localizada pelo rastreador do celular dado pelos detetives. Ela está no meio do pântano. Estamos em uma operação arriscada, essa é a nossa maior chance desde a primeira vez que o serial killer atacou dois anos atrás. Por isso peço para que todos façam o seu melhor. O grupo 1 vai acompanhar Sanders e Rickenter no resgate, metade do grupo 2 irá junto com os detetives O'Neal e Edge até o apartamento da suspeita Patty Williams. A outra metade vai se dividir entre o terminal rodoviário e o aeroporto. Já pedi para que as saídas da cidade sejam fechadas. Nós estamos nos minutos finais dessa história. É dever dos senhores terminarem de escrevê-la.

A sala inteira bateu palmas, todos estavam sérios, mas era possível ver alívio e determinação em seus rostos. Não dei atenção para fato de que Thomas não estava mais na sala, eu estava ansioso demais para encontrar Sophie viva. Só desejava que ainda desse tempo.



CAPÍTULO 40

Eve conduziu o carro que liderava o grupo de policiais. A noite já havia começado há algum tempo. Fiquei no banco do passageiro me comunicando com os outros grupos espalhados pelo capitão. Queria acompanhar todos os detalhes da operação. Precisava que Patty fosse presa e Sophie encontrada. Com sorte, a Maníaca seria pega de surpresa. O local rastreado era longe de onde o corpo de Katherine fora encontrado, por isso os policiais não conseguiram encontrar nada quando subiram o rio. Na realidade, durante o trajeto, peguei um mapa e circulei todos os pontos que as vítimas foram encontradas. Até mesmo a casa dos Rickenter.

As marcações não estavam na mesma distância uma da outra e muito menos formava alguma espécie de símbolo ou forma. Eram aleatórias. O ponto mais distante era o local em que Sophie estava. Nunca encontramos marcas de pneus, isso indica que Patty sempre deixava na estrada e carregava o corpo daquelas mulheres. Apesar de todas terem o mesmo tipo físico, ainda sim precisaria de força para que Williams conseguisse carregar. Ou então Patty tinha mais do que aparentava.

Fomos de carro até o ponto mais próximo possível. Teríamos que fazer a pé o resto do caminho. O cuidado no momento era essencial. O silêncio deveria ser preservado. Ainda mais porque já chamávamos atenção com nossas lanternas. Após alguns minutos de caminhada, avistamos uma cabana antiga, meu coração acelerou, olhei para Eve e ela assentiu, também sabia que era ali que Sophie estava.

Chegamos até ela por um caminho feito com velhas tábuas de madeira. Olhei para trás e fiz um sinal com o dedo, dividindo o reforço policial em dois, cada um indo de um lado da cabana para cercá-la. Eve, eu e mais um policial fomos até a porta. Bati três vezes:

— DPFH! Abra a porta!

Esperamos alguns segundos e nada aconteceu. Somente movendo os lábios, Eve disse “vá” e me joguei duas vezes contra a porta para conseguir abri-la.

— Ande! Ande! Ande! — ordenei para que os policiais entrassem logo atrás de mim.

Assim que abri a porta já foi possível ver Sophie deitada em uma mesa. Corri até ela enquanto um dos policiais abriu a única porta que tinha ali dentro, pelo que olhei de relance, era um banheiro. Olhei para o corpo de Sophie e senti como se estivesse sido acertado por um peso enorme: seus braços e coxas estavam com marcas, assim como os das outras vítimas. Passei a mão em seu rosto, a respiração dela estava muito fraca. Eu estava apavorado e com muito medo de perdê-la a qualquer momento.

Seus olhos abriram bem pouco, senti um nó na garganta e tentei conter um choro, mas algumas lágrimas foram mais ágeis e desceram pelo meu rosto.

— Sophie.

Seus lábios extremamente ressecados tentavam falar meu nome, mas não conseguiam.

— Não há ninguém aqui e nem na região. Já liguei para a emergência — Eve sussurrou para mim.

— Peça para colocarem de cabeça para baixo esse lugar. Chame a equipe forense e retire digital de cada centímetro dessa cabana — ordenei.

Peguei um pedaço de pano para limpar o sangue em seu corpo, mas já estava seco. Então o coloquei sobre ela e peguei uma faca para cortar as cordas de seus tornozelos e pulsos. Eu ainda estava em choque, tentando processar tudo o que presenciava e evitar pensamentos horrorosos.

A enrolei no pano e chamei um policial para me guiar até o carro. Esperaríamos a ambulância lá. A volta foi mais demorada, como eu carregava Sophie em meus braços, o cuidado que eu tinha era redobrado. Chegamos ao carro e sentei, ainda com ela no colo. Notei que os movimentos do meu andar fizeram alguns dos machucados dela voltarem a sangrar, eles eram profundos.

Sophie voltou a abrir os olhos quando a ajeitei, com certa dificuldade colocou um braço em volta do meu pescoço, percebi que ela queria que eu abaixasse um pouco a cabeça, talvez quisesse falar alguma coisa, apesar de aparentemente conseguir apenas sussurrar. Porém, senti apenas seus lábios em minha bochecha, seguido do seu braço voltando para onde estava. Ela

me agradeceu? Olhei em seus olhos e sorri emocionado, passei a mão em seu rosto e esperamos a ambulância chegar.

Escutei o som e mesmo que ainda estivesse muito longe, fiquei alerta. Chamei o policial que me acompanhou e pedi para que avisasse Eve que eu iria para o hospital com Sophie. Logo em seguida a ambulância estacionou e os paramédicos desceram correndo até mim. A colocaram na maca e fizeram os primeiros socorros. Entrei na ambulância e somente quando um dos paramédicos disse que dali em diante somente no hospital poderia fazer mais alguma coisa por ela, é que consegui reparar em tudo a minha volta. Vi que havia pingado um pouco de sangue em minha calça, mas não me importei.

O cheiro da ambulância era estranho e o barulho que os instrumentos faziam em suas caixas me causavam agonia. Voltei a olhar para Sophie. Tão frágil. Ainda mais assim, desacordada. A ideia de não ter conseguido encontrá-la a tempo me assustava. Não sei se conseguiria lidar com um quadro em que Patty finalizasse seu ato. Eu quase perdi.

Fechei os olhos e joguei minha cabeça para baixo. Depois de dois anos e dez vítimas, finalmente o Maníaco foi desmascarado. Tenho consciência de que a única coisa que me resta é esperar pela notícia de captura e pelo que o médico falará sobre o estado clínico de Sophie. Eu não queria me afastar dela.

Voltei a olhar para ela. Seu rosto tinha uma expressão serena, mas entregava que o que passou nas quarenta horas anteriores não foi fácil. Senti culpa, pena e raiva. De soslaio percebi que o paramédico estranhava meu comportamento perto dela, então tentei me controlar. Mas era difícil.



CAPÍTULO 41

De braços cruzados, olhava atentamente pelo lado de fora do quarto. Pelo vidro conseguia ver Bonnie e Chloe chorando de felicidade por ver Sophie se recuperando. Ainda não tinha falado com o médico, ele estava tão ocupado indo de um lado para o outro e não deixando que burburinhos surgissem sobre quem era *a moça que chegou*, que mal pude conversar.

Patty também não tinha sido encontrada. Thomas estava sendo interrogado por Eve, rastreamos o telefone de Williams e descobrimos as inúmeras chamadas entre eles. Mas não queria pensar nele ou no que a detetive estaria descobrindo. Eu tinha que focar em um problema só e escolhi Sophie.

Puxei o médico quando o vi se aproximar, não deixaria passar a oportunidade de saber como que ela realmente estava.

— Qual o estado de Sophie? — perguntei soando um pouco mais preocupado do que pensei que pareceria.

— Ela ficou muitas horas sem água e comida, precisa ficar por mais um tempo aqui no hospital de repouso para se recuperar e também em observação. Suturamos todos os cortes. Quando a liberarmos, ela precisará usar cadeira de rodas para não estourar os pontos. Usará somente até a retirada deles. Mas não há nada de muito grave com a paciente, vocês chegaram na hora certa.

O médico deu leves tapas em meu ombro e entrou no quarto, Bonnie e Chloe se afastaram um pouco da cama para que ele conversasse com Sophie, fez algumas anotações em sua prancheta e saiu da sala. Chloe olhou para minha direção e fez um sinal para que eu entrasse, evitei fazer isso antes porque não queria interromper o momento em que as Fields estavam, mas com o pedido, entrei. Bonnie limpou as lágrimas de seu rosto, se levantou da cadeira e foi até a mim, ela não disse nada, somente me abraçou fortemente e, mais do que gratidão, senti naquele abraço o amor de mãe.

Amor que não sentia desde quando a minha falecera, isso me emocionou e tive que me esforçar muito para que nenhuma lágrima caísse.

— Vamos — Bonnie estendeu a mão para Chloe. — Não comemos nada desde que chegamos.

Estava a cerca de três passos de distância da cama de Sophie. Sorri de canto enquanto ela me encarava de modo envergonhado e feliz. Me aproximei e sentei na beira da cama, peguei sua mão e suspirei. Eu estava sem acreditar que ela havia sido pega por Patty, que a consegui salvar e que ela estava bem. Sophie olhou para seus braços:

— Acho que agora dá para eu ser cosplay de Sally, a garota do O Estranho Mundo de Jack — sua voz ainda não tinha voltado ao normal, mas isso não a impediu de tentar amenizar a tensão. Demos risadas, mas elas foram curtas, logo o silêncio voltou a nos rodear. — Me desculpa — Sophie disse e chorou em seguida.

Sempre fui contra sua intromissão no caso do pântano, era muito perigoso, como se comprovou ser. Mas nas últimas horas pensei muito sobre isso. Se Sophie não estivesse feito o que fez, ela nunca teria encontrado a relação entre as vítimas e nós da polícia certamente teríamos demorado um pouco mais para solucionar o caso. Pensei muito e a pergunta que mais me afligia era: e se eu não estivesse ocupado na hora que Sophie ligou?

Teria atendido sua ligação, ela teria me contado, não teria se exposto e sofrido. Eu tentava não me culpar, afinal, estava trabalhando na hora, de qualquer maneira não teria como atender qualquer ligação. Mas mesmo assim não conseguia parar de pensar nessa possibilidade.

— Não tenho o que te desculpar, Sophie. Sua teimosia nos ajudou, e muito. Não foi certo o que fez, mas acabou sendo indispensável — acariciei sua mão enquanto falava. — Agora pode ficar tranquila, a polícia inteira está atrás de Patty, vamos capturá-la e ela ficará nas mãos da justiça. Prometo que Patty nunca mais vai fazer nenhuma outra vítima.

— Ela me disse que eu seria a última de seu *lote*, mas ao descobrir que eu estava indo atrás da pessoa que estava cometendo essa monstruosidade, decidiu adiantar seus planos — seus olhos começaram a transmitir pavor e Sophie se remexia na cama, sua agitação piorava.

Comecei a gritar por ajuda e algumas enfermeiras apareceram, me afastei para que elas conseguissem acalmar Sophie. Não aguentei ver aquilo, coloquei meu braço no rosto e me virei, meu coração acelerou e

perguntei para mim mesmo se ela conseguiria superar isso. Queria que sim. Ela era forte. Eu confiava em Sophie.

De longe a vi fechando os olhos, uma das enfermeiras se aproximou de mim e disse:

— Nós a sedamos para que tranquilizasse. Cuidamos da saúde física dela, mas infelizmente não está em nossas mãos cuidar da mental, recomendo que a família procure ajuda para auxiliar a paciente nesse sentido.

Assenti. Sophie precisaria de um profissional para conversar e conseguir passar por isso. Não tinha do que Patty disse para ela e qual era o teor do terror psicológico aplicado pela psicopata. Passei incessantemente a mão em minha cabeça enquanto ia até a sala de espera, onde Bonnie e Chloe estavam, mas Eve interrompeu meu caminho, pegando em meu ombro para que eu parasse de andar, e assim fiz. Virei e por mais que pareça estranho, consegui ver um alívio e alegria em seus olhos quando informou:

— Vamos voltar, conseguiram pegar Patty Williams.

Antes de ir embora, expliquei o que os enfermeiros fizeram com Sophie, sua família ficou preocupada e decidiu ficar ao lado dela até que acordasse. Eve foi dirigindo enquanto eu a enchia de perguntas, a felicidade que sentia por finalmente Patty ter sido capturada era uma das maiores que senti na vida. Era o mais importante passo para deixar Forest Hill tranquila, levar ela para julgamento era questão de mera formalidade, em seu rosto estava estampada a culpa, não havia como negar a forte relação que tinha com as vítimas. Essa tentativa de fuga apenas reforçava tudo isso.

— Onde ela estava? — perguntei para Eve.

— Escondida no prédio que mora, em um dos apartamentos vazios – me respondeu sem tirar a atenção no trânsito.

— Nem mesmo chegou a sair do local?

— Não teve tempo, assim que descobrimos, foi pedido que saídas da cidade ficassem vigilantes e no aeroporto e rodoviária reforçamos o patrulhamento. Para onde mais iria?

— Como ela sabia que iríamos atrás dela?

— Isso quem nos contou foi Thomas, lembra da ligação que ele estava logo depois que pedimos para ele deixar de prontidão os policiais? Era Patty, ele contou para ela que estava ocupado porque o caso do Maníaco tinha dado importantes avanços.

Senti repulsa quando Eve falou, como ela poderia estar em seu normal quando nosso amigo, quando *meu* amigo de anos ajudou a Maníaca? Eu estava irado.

— Ele foi mesmo cúmplice? — cuspi com nojo essas palavras, não estava pronto para saber o quanto ele tinha sido desumano.

Chegamos ao Departamento quando fiz a pergunta, Eve olhou por alguns segundos para mim, fazendo uma careta séria enquanto puxava o freio de mão do carro. Voltou a recostar no banco:

— Ele diz que não, mas sabe que não podemos ter certeza de nada até que tudo se comprove.

Engoli seco e balancei positivamente a cabeça, sai do carro e bati com força a porta. Não esperei por Eve, segui de maneira séria para nossas mesas, ignorando todo e qualquer cumprimento contente pela prisão de Patty. Passei pela mesa de Thomas e parei, ela estava inteiramente revirada, me aproximei e vi que as gavetas estavam escancaradas e tudo havia sido colocado para fora. Me perguntei se aquilo era obra dele, dos policiais ou de ambos. Rickenter me alcançou e informou que terminaram de interrogar Thomas, ele estava sob custódia até sua inocência ou culpa forem comprovadas.

— Como ele se relacionou com alguém que comete essas atrocidades?

Era difícil acreditar que a tal namorada secreta dele era a Williams. As vezes que cobri seu serviço para que ele saísse com ela, que o incentivei para que se permanecesse nessa fase... eu estava querendo que ele permanecesse com a culpada pela grande desgraça da cidade! Tudo o que aconteceu nesses últimos dias eram coisas difíceis de digerir.

— O tempo todo ele disse que não fazia ideia de quem Patty realmente era. Thomas falou que a conheceu em uma das manifestações, ela se aproximou dele, aconteceu *a química* e eles começaram a sair. Ele repetia toda hora que ela nunca deu motivos para que ele desconfiasse de nada.

— Ela o usou... — pensei em voz alta.

— Isso podemos descobrir agora — Eve disse, pegou no meu braço e me direcionou para a sala em que Patty estava.

Alguns policiais estavam na porta da sala que eram feitas as interrogações e outros na sala de observação, incluindo meu pai, entrei para dar um abraço nele, somente depois vi Thomas em um canto e ao seu lado estavam dois policiais cuidando dele, um dos detetives comentou que ele implorou para assistir ao interrogatório. Santiago olhou para mim como se

tentasse dizer que era inocente, mas não esbocei qualquer reação, apenas me virei e fui para onde Patty estava. Não sabia como lidar com ele.

Eve estava sentada na cadeira quando entrei e fechei a porta. A câmera estava ligada e Patty Williams mostrava um sorriso de superioridade. Lembrei do bastão encontrado na caçamba de lixo ao lado do prédio dela, o exame forense mostrou que havia resquício de sangue nele, sangue de Sophie, com certeza foi usado para desacordá-la e levá-la inconsciente até o casebre.

Eu precisava manter o autocontrole, mas ver o rosto daquela mulher era tão humilhante. Ela nos fez de tolos por dois anos, movimentava protestos para que prendêssemos o Maníaco quando na realidade ela era a Maníaca, nos culpava e guiava a opinião da população para ser contra a maneira em que agíamos. Ela estava em um nível muito alto da manipulação. O cinismo era seu companheiro.

— Finalmente — disse de maneira firme ao sentar do lado de Eve.

Patty cruzou os braços e os apoiou na mesa.

— Demorou — ela arqueou uma das sobrancelhas —, mas parece que finalmente vocês conseguiram. Pensei em enrolar mais um pouco, mas então percebi que outro poderia ficar com a glória. Não queremos isso, não é mesmo? Ainda mais após o trabalho que tive, apesar de não ter achado nem um pouco pesado. Bom, já falei para a rabugenta aqui que não precisarei de advogado, as pessoas são muito incompetentes — Patty sorriu e acenou para o vidro. — Não consigo ver nada que há depois desse vidro, mas aposto que tenho uma plateia e que meu *amor* está ali também — ela disse e mandou um beijo no ar.

— Você acha que Thomas Santiago está observando essa sua encenação? — Eve perguntou taxativa. — Que tal você prestar atenção em nós dois aqui?

Patty rolou os olhos e respirou fundo, fiquei observando sua insensibilidade, parecia que nada que dissermos a deixaria afetada. Decidi começar perguntando pelo mais simples para ela:

— O que Thomas tem a ver com tudo isso?

Patty moveu seu maxilar como se não estivesse dando a mínima para o assunto.

— Ele foi um bônus para mim. Coração apaixonado é idiota, foi fácil saber o andamento das investigações dessa vez. Precisei de menos esforços do que da primeira.

— Como assim? — Eve perguntou voraz.

Sinalizei para ela amenizar a reação e Patty respondeu ainda no mesmo tom que estava utilizando até então:

— Calma, detetive. Vocês querem que eu fale tudo, não é mesmo? Que graça teria se eu não contasse de uma maneira que os fizesse ficar atentos a mim? De maneira em que ninguém reparasse na minha astúcia? Meu trabalho foi digno, detetives, quero todo o mérito por ele.

Essa mulher era doente. Isso. Era totalmente doente. Ficava explícito mais e mais a cada momento. Mas devíamos manter o comportamento inalterado, ela não deveria ter a certeza de que estava tomando o controle da situação. Tínhamos que exterminar toda e qualquer oportunidade dela fazer algum jogo mental.

— Você pode ficar segura de que todos os holofotes estarão em você. Tudo o que fez será creditado somente a você. Seus... *lotes*? Bom, seus lotes são inteiramente de sua autoria. Mas somente se contar para nós exatamente tudo.

— Ugh! — ela fez cara de nojo. — Vocês e essa necessidade de detalhes, mas contarei sim. Quero que saibam o quanto me dediquei a esse trabalho.

— Então nos fale sobre Thomas — Rickenter praticamente mandou.

Patty rolou os olhos.

— Ele tem toda essa volatilidade no comportamento, mas é totalmente maleável, claro que teve coisas que eu nunca consegui descobrir, mas várias outras soube por ele. Pareciam comentários sem importância de como foi o dia de trabalho, mas para mim, eram informações necessárias para que eu soubesse como agir.

Me aproximei e perguntei:

— Você sabotou as investigações dele?

Essa pergunta veio ao lembrar que Thomas não solucionou os casos de mulheres desaparecidas que mais tarde descobrimos serem vítimas de Patty Williams. Ela caiu na risada, mas logo tampou a boca para abafar e respondeu:

— Será que sabotei as investigações? O que você acha? Vou deixar esse seu cérebro descobrir sozinho.

Esfreguei minhas têmporas e olhei para o relógio em meu pulso. Ficaríamos por muito mais tempo na sala. Patty queria brincar conosco. Ela não se importava com o que aconteceria. Isso me fazia ter asco.

— Por que produziu todas aquelas manifestações?

Patty olhou e sorriu de modo debochado, ela estava totalmente segura nessa situação:

— Eu sou o gato, vocês são os ratos. Brinquei, e muito, com vocês — ela deu de ombros. — Conquistar as pessoas patéticas foi um ganho durante o caminho. Aposto que tem um grupo na frente desse prédio fazendo protestos a favor da minha inocência e falando que a polícia está inventando desculpas para prender a *mulher que apenas sempre quis que os oficiais fizessem direito o trabalho deles* — ela fez um semblante de pena e logo mudou para um sorriso cínico, aquilo me fez estreitar os olhos e imaginar o quanto queria colocá-la em uma solitária o mais depressa possível.

Mas ela tinha razão, o policial que estava cuidando da porta assentiu, afirmando que o que Patty disse era verdade. Seu nome foi vazado e um grupo de moradores estava na frente do DPFH indignados por Patty ser apontada como a possível responsável pelas mortes das mulheres. A hora seguinte passou lentamente, Patty contou sobre o sentimento que tinha quando percebia o quanto a multidão acreditava nela, era impossível não deixar no rosto pelo menos um traço de raiva, a maneira como ela dizia tudo isso era como se nada a afetasse, a falta de empatia era notada tão facilmente que custava acreditar que Patty era um ser humano. E ela conseguiu esconder todo esse seu lado por tanto tempo!

Eu me sentia um tolo derrotado.

— Ver o pavor das meninas quando recebiam meus recados, aahh, era muito bom — disse saudosista. — “Oh, quem é o louco que está me seguindo?”, “Será que conto para alguém?”, “Vou pedir uma ordem de restrição para meu ex, só pode ser ele” — Patty imitava as vítimas, Eve e eu trocamos olhares, nós dois queríamos que ela calasse logo a boca e confessasse os crimes. — Sabe qual foi um dos maiores erros de vocês e de todas as outras vítimas? — Ela se aproximou da mesa, jogando toda a parte superior do corpo ali em cima e batendo continuamente seu dedo no móvel. — Pensar que quem estava por trás disso tudo era um homem. Vamos lá, por que nunca passou na cabeça de ninguém que poderia ser uma mulher? Ops, quase ninguém! — Williams deu uma risada como se estivesse escondendo um segredo, a deixaria terminar seu discurso e voltaria para esse ponto do “quase ninguém”. — O Maníaco pra lá, o serial killer pra cá, o ex-namorado, o conhecido e *bláblábla*. Mas essa estupidez de vocês me deu mais algum tempo, pelo menos.

— Espere um pouco — comecei a falar antes que Patty se vangloriasse em mais alguma outra coisa. — O que você quis dizer com *quase ninguém*?

Patty soltou uma risada e encarou Eve de uma maneira muito esquisita.

— Nós temos as mesmas características — ela começou a falar. — Pele branca, cabelo preto e olhos claros, a não ser o formato do rosto, o meu é mais fino enquanto o seu é redondo.

— O que isso tem a ver com o que o Josh perguntou? — Eve perguntou.

— Nada — ela deu de ombros. — Você não se parece muito com o pai, mas sim com a mãe. Na aparência, claro. Eles se gostavam muito, não é mesmo?

Eu definitivamente não estava gostando nada do rumo que a conversa tomava. Impressão minha ou Patty confessaria a qualquer momento que matou o pai de Eve? Senti todo o meu corpo tensionar, não conseguia ter ideia de qual reação a detetive teria. Ela era um enigma, poderia fazer os dois extremos: tanto jogar a cadeira longe e avançar em Patty ou fingir que nada do que foi dito a afetou.

— Fala logo o que quer falar — Eve cuspiu cheia de raiva as palavras, ela não era boba, o que passava em sua cabeça certamente era o que passava pela minha.

— Você sabia que ele implorou para deixar a esposa dele viva porque nunca contou nada para ela?

Engoli seco.

— Robert Rickenter sabia que você era a pessoa por trás de tudo isso? — perguntei antes que Eve fizesse.

— Até eu aparecer na casa dele, não. Quero dizer, foi por pouco. Vocês acreditam que por isso daqui — fez um gesto com os dedos que expressava quantidade pequena — ele não chegou ao meu nome? Ele notou que três vítimas tinham a música em comum e chegou a conversar com um conhecido meu que também leciona. Claro que não poderia deixar ele seguir esse caminho, então fiz com que um cliente do bar de karaokê de Samantha parecesse suspeito, vocês foram atrás dele, mas algum tempo depois pararam de investigar. Como eu queria voltar, obviamente não deixaria que seu pai lembrasse da relação que havia feito. Então removi o problema — Patty relatou sem sensibilidade alguma, deu a impressão de que o Rickenter era apenas uma pedra em seu caminho e que chutando-a, liberava a passagem.

Existia ódio no olhar de Eve. Ela fechou o punho e direcionei meu olhar para o policial da porta, a fim de que ele também ficasse atento a qualquer movimento da detetive. Eve, por sua vez, levantou abruptamente, fazendo com que o policial desse um passo para frente, ela olhou para ele e levantou sua mão em um sinal de pare, depois se virou para mim e falou:

— Pode continuar — e saiu da sala.

Patty riu e balançou a cabeça. Cruzei meus braços e recostei na cadeira. Agora eu estava só. Isso era exaustivo, passaram horas e ainda não tínhamos começado a falar das vítimas. Um oficial entrou e me entregou algumas folhas, o agradeci e comecei a ler. Desde o momento que descobrimos que Patty Williams era o nome da Maníaca, começamos a investigar sua vida. Quem ficou encarregado disso não parou por um segundo, e agora em minhas mãos estava a vida inteira de:

— Selena Moriarty. É esse seu verdadeiro nome, não?

Perguntei como se tivesse um trunfo em minhas mãos, apesar da reação de Patty, ou melhor, Selena, ter sido bem diferente do que eu desejava que fosse.

— Imagino o que vocês tiveram que fazer para descobrir isso. Mas me fala detetive, o que mais encontraram?

— Você nunca morou em Tallahassee, apesar de ter nascido aqui na Flórida, na cidade de Clermont. Cresceu em um lar dividido, vizinhos sempre denunciavam para a polícia discussões fortíssimas que seus pais tinham entre si. Seu pai era um homem agressivo, não é? Você vivia nesse inferno até a assistência social aparecer na sua casa e te tirar de lá. Devia ter o que, doze, treze anos? Infelizmente a taxa de adoção de crianças dessa idade é muito pequena, por isso permaneceu sob a tutela do Estado até ficar maior de idade. Pelo seu perfil, você não deve ter tido muita sorte na escola, não é mesmo? — eu usava um tom para que atingisse alguma coisa nela, mas ela não se abalava.

— No fim do dia, quando me colocava na cama, após as brigas que teve, aquela mulher descontava sua frustração em mim, perguntava qual era o motivo para que eu não fosse loira, dizia que era essa a beleza ideal, assim ela me colocaria em concursos de beleza pelo país e viveria longe de meu pai. Ela tentava colocar alguma culpa em mim. Quando pensei que tudo aquilo tinha acabado, a escola me mostrou que não. Sabe o que é ser forçada a ficar com a cabeça embaixo de uma torneira por vinte e cinco segundos todo o dia, todo mês? Ser humilhada pelas perfeitas e populares

da escola? — Patty olhava para mim, mas seus olhos estavam distantes, provavelmente revivia em sua cabeça alguma cena de quando era criança. — Por anos fiquei escutando qual era a beleza máxima, no quanto ela deveria ser eternizada e em como as mulheres deveriam ser feitas de bonecas pela perfeição. Pessoas assim realmente tem tudo na vida. Tudo o que faltou para mim. Eu vi aquelas meninas crescerem e se tornarem velhas, plástica alguma consegue retomar a pureza de quando se é nova. Então é isso que estou fazendo, detetive. As mulheres ideais estão paradas no tempo. Estou eternizando a perfeição. A beleza se perde com o tempo, mas há uma maneira de fazê-la permanecer para sempre. Estou dando para elas algo que eu não tive e algo que foi tirado de quem era assim no passado.

— Como você as escolhia?

— Elas vinham até a mim — Selena riu. — Sério, nem mesmo a primeira tive que ir atrás.

Eu estava muito intrigado com a pessoa que Patty/Selena se mostrava ser. Certamente muitos psiquiatras gostariam de estar no meu lugar.

— Como tudo aconteceu?

— Eu frequentava o bar de karaokê, estava querendo um emprego que tivesse horários flexíveis e sentia um incomodo enorme dentro de mim, eu não sabia o que era na época, mas ele existia e não me deixava viver como as outras pessoas. Então Rebecca se aproximou e começamos a conversar, em algum ponto do assunto ela deu a ideia para que eu oferecesse aulas de música. Vou confessar para você que não prestei atenção na maior parte da conversa, ela era exatamente a beleza que eu ansiava. Comecei a sentir um negócio dentro de mim que me fazia ficar desesperada. Então certa noite me deixei levar e ela se tornou minha primeira *eternizada*. Depois veio Jess que trabalhava na loja em que comprei os instrumentos para lecionar e o resto você já pode deduzir — ela dizia com uma voz de vitória e orgulho. Inacreditável. — As noves meninas me deram a melhor sensação que eu poderia sentir, fizeram esse incomodo interior se dissipar e ainda se tornaram eternizadas. Tive muito trabalho, quero meu nome em todas as capas. Todos vão se lembrar de mim. Eu sou especial.

Não aguentei mais escutar nenhuma outra palavra dessa mulher. Levantei e fui até o policial:

— Prenda-a. Já temos o que precisamos, vamos indiciá-la.

E saí da sala sentindo o maior alívio da minha vida.



CAPÍTULO 42

Duas semanas se passaram, mas eu ainda não acreditava. As memórias permaneceram vivas em meu pensamento e acredito que continuariam por muito mais tempo. Comecei a fazer terapia para que meu trauma diminuísse, provavelmente deve já estar funcionando, meus pesadelos, ainda que frequentes, se tornaram a ser menos impactantes. O terapeuta ainda tinha muito trabalho. Ainda não conseguia dormir no meu quarto, Chloe passou a deixar um colchão no seu para mim. Sair na rua, quando conseguia, me deixava com o coração na boca, tinha medo de ser reconhecida como a sobrevivente e reviver os momentos na minha cabeça quando alguém me parava a fim de demonstrar pena. Tinha medo de estar sendo observada.

Emily não saiu da minha casa, fez da minha sala sua moradia e também a de seus livros. Em pouco tempo saberia se passou ou não em alguma universidade. Acreditava que sim, ela se esforçou bastante. Retirei os pontos, mas ainda precisava tomar muito cuidado para não forçar coxas e braços, até cicatrizar completamente o médico disse que ainda existia risco dos machucados abrirem novamente, apesar de baixo. E eu não estava com ânimo de ver mais algum médico ou enfermeira na minha frente. Por isso tomava todos os cuidados possíveis, passava pomada todos os dias, evitava ficar andando e quando precisava subir alguma escada, alguém sempre me auxiliava.

— Aqui — Josh disse, reforçando meu braço em sua nuca, eram poucos degraus, mas era uma escada.

Caminhava mais lento que o normal, ainda mais sendo necessária ajuda de outra pessoa, mas pelo menos consegui ficar livre da cadeira de rodas que me colocaram logo quando meus machucados foram fechados e fui liberada do hospital. Ainda não acreditava que estávamos indo para o

julgamento de Patty. Quero dizer, Selena. Depois de tanto tempo, em que eu achava que a conhecia, era difícil chamar por outro nome.

Josh me disse que não seria um julgamento comum, devido a periculosidade de Selena e a cobertura em massa da mídia, o judiciário decidiu processar rapidamente o caso. E ela era sua própria advogada, esperava que isso facilitasse a decisão óbvia que tinham que tomar.

Mesmo sendo estranhos, fiquei contente que Sean e Joe não eram culpados. Sentia muita consideração pelos avós de Sean, e mesmo depois tudo, Sean Lee continuava sendo um grande mistério. Não sabia qual tinha seu final, nunca mais vi e nem ouvi falarem dele, com tudo o que aconteceu, nem tive cabeça para pensar nele. Talvez quando tudo se acalmasse, perguntaria para Josh.

Joe voltou para o Colorado, pelo que escutei Margot falar, ele finalmente foi resolver as pendências que tinha com a ex-mulher e também visitar seu filho. Por mais que Stone chegasse cheia de notícias sobre ele, minha mãe nunca mais falou o nome de Joe, ela apenas fingia escutar a tagarelice da amiga. Queria que um dia minha mãe encontrasse alguém, mas ficaria bem mais tranquila com ela tendo somente a gente, isso significava que homens como Joe e meu pai não estariam em sua vida. Torcia para um dia ela encontrasse alguém bacana.

Chloe interrompeu meus pensamentos, pediu para esperar por ela, disse que não tinha ideia de qual seria a duração do julgamento, por isso não arriscaria sentir vontade de ir ao banheiro na hora. Sentia um orgulho que não conseguia descrever com palavras, ela virou definitivamente a página de Paul, ele mudou de escola e não procurou mais por ela, isso me deixou satisfeita. Conseguimos uma nova instrutora de música, dessa vez conferimos o passado inteiro dela e nos certificamos de que Caroline não era alguma outra psicopata camuflada.

A banda de Chloe conseguiu seu nome definitivo, *As (Im)Perfeitas*. De início achei de mau gosto, mas elas me explicaram que foi a forma que encontraram como musicistas para homenagear as vítimas de Patty. Demorou alguns dias, mas passei a entender e aceitar a decisão que tomaram. Em breve ela terminaria a escola, mas já presenciava as primeiras discussões de Bonnie e Chloe sobre fazer faculdade ou continuar com a banda. Pelo que conhecia de sua teimosia, Chloe escolheria o curso de Música, o que contentaria nossa mãe, mas a deixaria suspirando de tristeza

por minha irmã não escolher um curso que garante “uma profissão que tenha um futuro confiável”, palavras da própria Bonnie Fields.

Ben e eu conversávamos às vezes, nossa amizade baqueou após a morte de Louise, mas ao ficar sabendo o que aconteceu comigo, foi ao hospital me visitar e passou em casa duas vezes. Tínhamos muito em comum, a tragédia que invadiu nossas vidas fez com que compartilhássemos um pouco mais da vida um do outro, era grata por ter um amigo como ele.

Olhei para Josh e tantas coisas passaram pela minha cabeça. Primeiro me veio Thomas, a amizade entre os dois foi outra que estremeceu, Josh estava magoado com Santiago. Thomas ficou livre, a polícia não encontrou nada que o incriminasse, então o capitão decidiu deixá-lo de fora de quaisquer acusações. Pelo que Josh disse, Santiago vai trocar de seção, o clima não voltou a ser agradável mesmo com a inocência, o ar de traição continuava pairando, Thomas foi redesignado para a Roubos e Furtos.

Eve foi uma das pessoas que me visitaram tanto no hospital como em casa, e não somente para recolher depoimento e avisar que iriam pedir para eu testemunhar contra Selena no julgamento, mas sim também para conferir minha melhora. Foi uma visita meio *Eve de ser*, mas gostei de ter acontecido. Não imaginava qual era sua sensação em descobrir quem matou seu pai, já que ela demonstrou ter sentimentos negativos a respeito dele. Mas pensava que ninguém nunca saberia o que de fato acontece na cabeça de Eve Rickenter...

Encostei minha cabeça no ombro de Josh, sentir o cheiro dele apertava meu coração, não sabia para onde nossa relação iria, apenas vivíamos o presente.

— Em poucas semanas vou me mudar para Tallahassee, para meu novo emprego — disse no segundo em que nossas gargalhadas cessaram.

Não sabia se esse era o momento certo, mas estava cansada de esperar.

— Já é certeza? — ele perguntou tentando disfarçar sua entonação triste.

— Sim — respondi mordiscando meu lábio.

— O que você quer fazer? — claramente ele se referia a nós.

Pensei muito sobre isso. Agora que toda essa confusão e terror acabou, Josh e eu finalmente poderíamos ser namorados “normais”. Apesar de saber que o termo normal nunca iria se aplicar em nós: passamos por

coisas em que a maioria dos casais normais nunca passariam. Entrelacei minha mão na dele.

— Se tem uma coisa que eu só penso no momento, é de querer saber o que estou fazendo agora — tentei rir para amenizar o clima, Josh tentou soltar alguma risada também. — Podemos passar essas semanas tentando descobrir o que faremos depois delas ou passarmos sem pensar nisso e descobrir somente no futuro o que fazer.

— Você é muito sábia, Sophie Fields — Josh disse pronto para começar a fazer cócegas em mim.

— Os pontos! — gritei antes que começasse.

Ele ficou frustrado e disse que por um segundo esqueceu, estreitei meus olhos para ele e olhei para onde eu estava sentada.

— Desculpa? — Josh disse meio risonho, meio sem-graça e puxou a cadeira de rodas para mais perto dele.

Tremi ao lembrar da cadeira de rodas, Josh perguntou o que tinha acontecido e balancei negativamente a cabeça, ele passou a mão nela e escutamos a voz de Chloe dizendo para entrarmos logo. Fizemos o trajeto em silêncio, eu estava muito nervosa, além de ver novamente a Maníaca, eu iria depor, ou seja, reviver em voz alta tudo o que aconteceu comigo. Isso fazia com que meu coração saltasse pela boca.

Chegamos e paramos na frente da porta que dava para a sala de julgamento, senti minha mãe entrelaçando sua mão na minha, isso me deu um pouco de confiança. Ter uma família ao meu lado em tudo era o que me ajudava. Josh abriu a porta, algumas pessoas já estavam ali, vi os pais de Emily, que assentiram para mim, observei alguns clientes da padaria e colegas da escola. O pessoal da faculdade não fazia ideia da situação até meu nome circular como a única sobrevivente da Maníaca do Pântano, desde então meu celular não parava de receber mensagens e ligações. Engraçado como conhecemos tantas pessoas e nem nos damos conta disso até que algo aconteça conosco.

Sentamos bem na frente, no lado da promotoria, olhei para o promotor e ele me olhou de volta cheio de confiança. Me virei para minha mãe e Chloe e sussurrei que as amava, olhei para trás e Emily fazia sinal de positivo com os dedões das mãos. Mesmo nesse momento de tensão ela conseguia transmitir certa leveza. Era uma garota de ouro. A juíza entrou, não tinha como negar sua imponência. Era negra, mulher e juíza, isso já me

acalentou, deveria ser uma mulher de muita garra e que não desistia até conseguir o que quer e o que acha que é o correto. Selena não teria chances. Olhei para o júri e alguns deles me olhavam com pena, me sentia mal com esse tipo de reação, mas tinha que me acostumar com isso. Todos eles passaram pelo *voir dire*, o processo em que quem fará parte do júri é escolhido, a origem, gostos pessoais, medos e ambições fazem parte disso.

— O povo contra Selena Moriarty. Mande a réu entrar — a juíza Dorsey disse.

Todos ficaram apreensivos quando a porta foi aberta. Engoli seco ao ver Selena. Comecei a entrar em pânico e tentei me controlar. Minhas mãos suavam e tremiam. Sentia meu coração mais rápido do que qualquer outra coisa. Era a primeira vez que a via pessoalmente desde a cabana abandonada. Queria vomitar enquanto nosso último encontro rodava em minha cabeça como um filme sem fim. O sorriso em seu rosto era insano e seu olhar orgulhoso era nojento.

Mesmo com suas mãos e tornozelos algemados, ainda sentia muito medo dela, era mais do que medo, era pavor. Nem mesmo eu conseguia entender direito o que estava acontecendo comigo. Acho que meus sentimentos estavam muito transparentes, senti a mão de Josh e de minha mãe segurando as minhas. Comprimi os lábios. Selena chegou até a mesa da defesa e se virou para a juíza, sem sentar.

— Selena Moriarty, sob as acusações de sequestro, tortura e assassinato, como a senhora se declara?

Minha mãe e Josh apertaram minha mão, como se sentissem o quão nervosa eu estava naquele momento. Para perceber isso nem mesmo precisava me conhecer, qualquer um que estava dentro daquela sala sentia isso. Selena olhou para mim e disse, apenas com os lábios, a palavra “Cuidado”, logo em seguida voltou seu corpo para a direção da juíza. Senti o vômito em minha garganta e uma vontade de chorar. Ela balançou seus ombros e finalmente disse:

— Culpada.



O FINAL

Quando acordei nessa manhã, pensei que seria um dia comum de trabalho. Quero dizer, ainda estávamos no frenesi de ter capturado a serial killer que foi a causa de dor na cidade e por ela ter sido levada à justiça, então nosso significado da palavra *comum* não era bem o usual nesse momento. Eu tentava colocar minha vida nos trilhos, as turbulências na minha vida pessoal e profissional me fizeram perder um pouco de mim mesma e agora lutava para me recompor. Aprendi a lidar sozinha com meus próprios problemas, não sentia a necessidade de recorrer a outras pessoas, mas mesmo que nunca admitisse isso em voz alta, estar cercada por gente que conheço há muito tempo trazia um pouco da estabilidade que eu tanto procurava restabelecer.

— Eve? — Josh me tirou do devaneio.

Olhei para ele e arqueei uma das sobrancelhas. Durante os últimos dias só o via focando no trabalho, não o ouvi em momento algum contar sobre sua vida pessoal. Não que eu ansiasse por saber, mas esse era o jeito dele, Josh era muito transparente, eu o lia facilmente. Mas ultimamente não conseguia fazer isso.

— Recebi uma mensagem de Archibald, ele está nos chamando imediatamente.

Estranhei, o velho legista não costumava a fazer esse tipo de chamada. Assenti para Josh e coloquei no meu bolso o distintivo enquanto levantava para segui-lo. Dentro de poucos minutos chegamos na porta da sala de necropsia. Entramos e vimos o legista de costas, mexendo em um corpo.

— Nos chamou? — Josh perguntou.

Assim que ouviu, Archibald se afastou do cadáver e se virou para nós. Não acreditei no que vi. Assim como Josh, que me olhou tão surpreso quanto. Apressamos o passo e paramos ao lado do corpo.

— Selena — falei em um sussurro.

— Ela foi encontrada hoje pela manhã pela agente penitenciária. Acabei de receber o corpo. Não houve alarde, a penitenciária quer sigilo absoluto. Todos querem. Ainda não posso afirmar se foi suicídio ou se alguém lá dentro fez isso com ela.

— Selena estava sozinha em uma cela, a entrada e saída de agentes era controlada e há câmeras. Seja qualquer uma das opções, houve planejamento.

Ainda escutando a conversa dos dois, andei até a mesa em que os pertences encontrados com as vítimas eram colocados. Vi que um papel estava dentro de um saco plástico. Peguei-o e tanto meu nome como o de Josh estavam escritos à mão. Me virei para Archibald:

— O que é isso? — perguntei.

— Foi encontrado com ela. Parece uma carta de suicídio, mas como vocês sabem, nunca dá para confirmar nada antes que as provas apontem. Pode abrir, ela é para vocês dois, ninguém leu ainda.

Josh foi ao meu lado e pediu para que eu lesse em voz alta. Então comecei:

Saudações meus detetives prediletos!

Nosso tempo junto foi muito bom enquanto durou. Pude prolongar a beleza no mundo enquanto os mantinha ocupados. Que belo tempo gasto. Mas pessoas como eu têm um prazo de validade, não é mesmo? Seja por nossa própria decisão ou de outrem. Ainda estou surpresa que Sophie conseguiu falar tão bem no tribunal. Mas devo confessar que durante o depoimento dela lamentei o trabalho não finalizado. Vocês sabem que o tempo não perdoa nem mesmo as mais perfeitas, né?

Não fiquei surpresa com o que a tal justiça fez comigo. Vocês não me compreendem, apesar de que nunca esperei que compreendessem. Mas sabe o que esses dias aqui na cela me ensinaram? Que talvez haja mesmo uma esperança. Vocês não fazem ideia de quantas cartas e visitas recebi. Claro que muitas foram retidas pelas pessoas que trabalham nesse sistema de mau funcionamento, mas pude perceber que o mundo enxerga muito mais arte do que eu imaginava.

Como me disseram um dia: Patty Williams sempre consegue estremecer Forest Hill.

Sabiam que há por aí mais pessoas como eu? Pessoas que através da minha visão tiveram seu senso de arte e excelência despertados. Fico mais

tranquila ao saber que meu trabalho perdurará. Não haverá um novo lote, mas não estranharia se em mais dias ou menos dias, uma nova coleção surgisse.

Descobri que na morte somos todos imortalizados. Então corri até ela. Assim como todas minhas bonecas, fui gravada na memória do tempo.

Me despeço magistralmente e com a sensação de dever cumprido,
Selena Moriarty

CARTA DA AUTORA

Olá!

Quero agradecer por confiar em mim. Afinal, tirar um tempo para ler um livro com tantas páginas exige confiança. Espero que tenha gostado, (Im)Perfeições além de ser meu primeiro livro, é sobre um dos meus assuntos favoritos, saibam que fiquei muito apreensiva e ansiosa enquanto o escrevia. Minhas palavras aqui serão breves, sei que há outros livros para serem lidos por vocês. Além de agradecer a confiança, preciso dizer que assim como eu, vocês precisam acreditar no que desejam. E correr atrás.

Sempre quis escrever um livro, apesar de várias tentativas anteriores, foi somente com Sophie e Josh que isso finalmente aconteceu. Vocês podem encontrar algumas pedras no caminho (e como!), mas por favor, sempre deem um jeito de chutá-las para longe!

Sem mais, convido para conhecerem outros textos meus e acompanhar novas histórias – planejar livros é algo constante.

Novamente, obrigada!

Helena Souza
@escrevahelena na sua rede social favorita